

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOÃO FRANCISCO MIRÓ MEDEIROS NOGUEIRA

HISTORICIDADE E SIGNIFICADO NAS PAISAGENS DOS SISTEMAS
TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE NA BACIA DO ALTO IGUAÇU,
SUL DO PARANÁ

PONTA GROSSA
2021

JOÃO FRANCISCO MIRÓ MEDEIROS NOGUEIRA

HISTORICIDADE E SIGNIFICADO NAS PAISAGENS DOS SISTEMAS
TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE NA BACIA DO ALTO IGUAÇU,
SUL DO PARANÁ

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre
em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa, linha
de pesquisa discursos, representações: produções de sentido.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Izabel de Carvalho
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Evelyn Roberta Nimmo

PONTA GROSSA
2021

N778

Nogueira, João Francisco Miró Medeiros

Historicidade e significado nas paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate na bacia do Alto Iguaçu, sul do Paraná / João Francisco Miró Medeiros Nogueira. Ponta Grossa, 2021.
270 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Izabel de Carvalho.

Coorientadora: Profa. Dra. Evelyn Roberta Nimmo.

1. Erva-mate. 2. Floresta ombrófila mista. 3. Paisagem. 4. História ambiental. I. Carvalho, Alessandra Izabel de. II. Nimmo, Evelyn Roberta. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. IV.T.

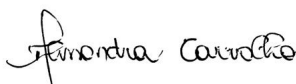
CDD: 981.62

TERMO DE APROVAÇÃO

João Francisco Miró Medeiros Nogueira

HISTORICIDADE E SIGNIFICADO NAS PAISAGENS DOS SISTEMAS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE NA BACIA DO ALTO IGUAÇU, SUL DO PARANÁ

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 25 de março de 2021, pela seguinte banca examinadora:



Prof.^a Dr.^a ALESSANDRA IZABEL DE CARVALHO (UEPG)
(Orientadora)



Prof.^a Dr.^a EVELYN ROBERTA NIMMO (UEPG)
(Coorientadora)



Prof. Dr. MARCOS GERHARDT (UPF)



Prof. Dr. ANÉSIO DA CUNHA MARQUES (ICMBio)

Ponta Grossa, 25 de março de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, pelo apoio incondicional em todas as empreitadas às quais a vida me conduziu até aqui. Sem seu incentivo e influência, talvez nunca tivesse avançado meus interesses em direção à natureza, às culturas tradicionais e às alternativas não convencionais. Ao meu pai, que mesmo sem saber exatamente o que eu estou fazendo, sempre me apoiou e demonstrou cumplicidade com meus interesses. À minha companheira Jessika, cuja união resulta também desta pesquisa, por me inspirar com suas ideias e sua constante disponibilidade em discutir, questionar e propor mudanças de perspectiva, o que me faz estar sempre motivado. À minha avó por seus sinceros e preocupados conselhos e também por me abrir os olhos para a História. À minha prima Manoela, pelo ideal comum que compartilhamos. Ao Ronaldo, à Iohana (*in memoriam*) e à Melânia pelo carinho e afeto oferecido em todo momento.

Às minhas orientadoras Eve Nimmo e Alessandra Carvalho, por sempre estarem abertas ao diálogo, mesmo segurando montanhas com as próprias costas. Ao meu colega e amigo de erva-mate e furacão Ricardo Luiz. Agradeço ao André Lacerda e à Maria Izabel Radomski (*in memoriam*) por terem me convencido a fazer esta pesquisa, depois de uma conversa na EMBRAPA Florestas, há quatro anos atrás. Agradeço aos Professores Robson Laverdi, e Wolf Dietrich Sahr pelas conversas proporcionadas que influenciaram decisões tomadas durante a pesquisa. Ao Centro de Desenvolvimento e Educação dos Sistemas Tradicionais de Erva-mate (CEDerva), pela grande oportunidade que me vem sendo oferecida, e ao Museu Paranaense (MUPA), pois foi nesta instituição que a pesquisa deu seus primeiros passos.

Aos camaradas de jornada pelos Sistemas tradicionais de produção de erva-mate: Ednilson do IAPAR e Demerval Pessin “Zé Carioca” de Farias. Às famílias que me receberam dentro de suas casas, acreditaram e colaboraram muito com a pesquisa: família Oliva (Elpídio, Sylvana, Rosa, Jéssica, Juliano e Verônica), Belarmino Silveira, família Hupalo (Salette e Esequiel), família Antunes (Paulo e Zília) e família Kosloski e Silva (João Negir, João Carlos e Lucélia).

Agradeço ao apoio dado pela família Carpen (Beto e Vera), pela equipe da Emater de Antônio Olinto e ao historiador Homero Schwartz, ao me orientarem naquele município. Assim como agradeço ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Triunfo, por me oferecerem apoio local à pesquisa.

Ao Prof. Dr. Marcos Gerhardt (UFP) e a Anésio da Cunha Marques (ICMBio), pelas orientações e disponibilidade de colaboração, ao comporem a banca de qualificação e de defesa deste trabalho.

Aos Bróderes do Surfe, pela liberdade que me oferecem para compartilhar meus pensamentos e diálogo sempre franco. Aos irmãos Marcus, pela ajuda no desenvolvimento, e Dumba, pela ajuda na execução. Aos colegas do Programa de pós-graduação em História – especialmente ao pessoal do padrão Maringá –, e do Laboratório de Memória, Cultura e Natureza.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa, à Biblioteca Pública do Paraná (BPP) e ao Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná (SiBi/UFPR), pela prestação de serviços públicos, de qualidade e sem os quais esta pesquisa seria somente projeto. Agradeço também à rede FLEdGE, que, em associação ao Conselho de pesquisas em ciências humanas do Canadá, financiou parte dos custos desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação propõe, através da interpretação da trajetória histórica e formas de organização do espaço, discutir e compreender os fenômenos que se estabelecem como vínculos de coesão entre as famílias agricultoras e a Floresta Ombrófila Mista a partir das interações com o meio, mediadas pelo manejo da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) em sistemas tradicionais. Para tal, foram realizadas seis atividades de campo em propriedades relacionadas aos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, e, a partir do levantamento de dados – tais como levantamento historiográfico, gravação de entrevistas e detalhamento da morfologia organizacional das paisagens destas propriedades –, foram desenvolvidos croquis das paisagens em questão. Este material buscou representar as sobreposições de camadas de historicidade materializadas no espaço, resultantes dos processos de interação socioecológica acumulados por gerações de vivência familiar nas propriedades rurais e em ativa relação com a cultura da erva-mate sombreada, mantida em sistemas tradicionais. Por fim, importantes elementos que constituem uma identidade ambiental comum na relação entre as famílias e a floresta foram identificados. Estes elementos podem ser passíveis de ações políticas públicas que visem a proteção das práticas agrícolas mantidas nos sistemas tradicionais de erva-mate, que acumulam traços culturais históricos e formas de produção agrícola associados ao manejo da floresta viva, conservando, portanto, a agrobiodiversidade na bacia hidrográfica do Alto Iguaçu, região onde ocorreu o presente levantamento.

Palavras-chave: Erva-mate, Floresta Ombrófila Mista, Paisagem, História Ambiental.

ABSTRACT

Through the interpretation of historical spatial management, this dissertation seeks to understand the phenomena that connect small-scale agricultural families to the Ombrophilous Mixed Forest environment. These ties are mainly linked to the cultural practice of cultivating yerba mate (*Ilex paraguariensis*) in traditional agroforestry systems. To achieve this, the research included visits and data collection at six properties where the above-mentioned system occurs. Considering historical data, interviews and an analysis of landscape morphology, sketches of the properties were developed as interpretative sources. These sketches contain representations of overlapping historical landscape management practices that result from the socioecological interaction experienced over decades of yerba mate cultivation in traditional systems within family properties. Ultimately, elements that constitute the establishment of an environmental identity through the interaction between small-scale agricultural families and the forest were identified. Such elements can support and engage with public policies and actions that seek to protect the historical cultural practices maintained in traditional yerba mate productive systems. These agricultural practices preserve the rich agrobiodiversity of the Upper Iguassu River valley, as they are implemented in association with the living forest.

Keywords: Yerba mate, Mixed Ombrophilous Forest, Landscape, Environmental History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1	Sobreposição das áreas de ocorrência da FOM e da erva-mate.....	25
Figura 1.2	Perfil esquemático da estrutura de um segmento de FOM.....	26
Figura 1.3	Folhas de erva-mate no erval mantido pela família Kosloski e Silva.....	27
Figura 1.4	Ramos de erva-mate em meio à FOM.....	27
Figura 1.5	Indígena da etnia Xetá prepara folhas de erva-mate.....	29
Figura 1.6	Indígena Xetá tritura as folhas de erva-mate.....	29
Figura 1.7	Manejo da paisagem praticado por imigrantes no início do século XX.....	37
Figura 1.8	Transformação antrópica da FOM.....	38
Figura 1.9	Erveiros posam em frente ao carijo.....	39
Figura 1.10	Caboclos e colonos posam em frente ao carijo.....	40
Figura 2.1	Distribuição das propriedades visitadas ao longo da bacia do Alto Iguaçu e associação ecossistêmica.....	50
Figura 2.2	Imbuia com traços de incêndio no erval manejado pela família Oliva.....	62
Figura 2.3	Erveira brota a partir de toco de árvore cortada.....	63
Figura 2.4	Erveira podada por Paulo Antunes.....	64
Figura 2.5	Erveira com sinais de antigas podas.....	64
Figura 2.6	Erval recentemente manejado pela família Oliva.....	66
Figura 2.7	Erval adensado há 12 anos por Belarmino Silveira.....	67
Figura 2.8	Juliano Oliva em erval de sistema caíva.....	68
Figura 2.9	Mudas de erveiras aludem à reconstrução da memória.....	70
Figura 2.10	Fenda no tronco da canela-guaicá onde há a colmeia de mandaiaias.....	72
Figura 2.11	Folhas de erva-mate mordidas pela lagarta-da-erva-mate.....	72

Figura 2.12	Imbuia ‘geossimbólica’.....	74
Figura 2.13	Imbuia cuja memória remete a gerações passadas.....	74
Figura 2.14	Esequiel Hupalo caminha em direção ao pinheiro plantado por seu pai.....	75
Figura 2.15	Açude dentro do erval da família Kosloski e Silva.....	76
Figura 2.16	Casa construída em madeira pela família Antunes.....	81
Figura 2.17	Casa da família Antunes, construída na década de 2000.....	81
Figura 2.18	Barbaquá construído no período entre 1915 e 1925.....	84
Figura 2.19	Barbaquá desativado da família Hupalo.....	85
Figura 2.20	Antigo barbaquá da Fazenda Roseira.....	86
Figura 1.21	Malhador e separador dentro de antigo barbaquá.....	87
Figura 2.22	Barbaquá desativado da família Iavorski Oliva.....	89
Figura 2.23	Antigo barbaquá da família Kosloski e Silva.....	91
Figura 2.24	Barbaquá construído na década de 2010.....	91
Figura 3.1	Croqui da análise organizacional do espaço local.....	100
Figura 3.2	Croqui da análise organizacional do espaço imediato.....	101
Figura 3.3	Croqui da organização espacial interna.....	102
Figura 3.4	Croqui da análise organizacional do espaço local.....	106
Figura 3.5	Croqui da análise organizacional do espaço imediato.....	107
Figura 3.6	Croqui da organização espacial interna.....	108
Figura 3.7	Croqui da análise organizacional do espaço local.....	115
Figura 3.8	Croqui da análise organizacional do espaço imediato.....	116
Figura 3.9	Croqui da organização espacial interna.....	117
Figura 3.10	Croqui da análise organizacional do espaço local.....	125
Figura 3.11	Croqui da análise organizacional do espaço imediato.....	126
Figura 3.12	Croqui da organização espacial interna.....	127
Figura 3.13	Croqui da análise organizacional do espaço local.....	132
Figura 3.14	Croqui da análise organizacional do espaço imediato.....	135

Figura 3.15	Croqui da organização espacial interna.....	136
Figura 3.16	Croqui da análise organizacional do espaço local.....	143
Figura 3.17	Croqui da análise organizacional do espaço imediato.....	144
Figura 3.18	Croqui da organização espacial interna.....	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDerva	Centro de Desenvolvimento e Educação dos Sistemas Tradicionais de Produção de Erva-mate
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FOM	Floresta Ombrófila Mista
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INM	Instituto Nacional do Mate
ITCG	Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná
SIG	Sistema de Informações Geográficas
SUDERHSA	Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A FLORESTA COM ARAUCÁRIA: RESISTÊNCIAS DO PASSADO COMO SUPORTE PARA O FUTURO.....	19
1.1 A ARAUCÁRIA E A ERVEIRA: SIMBIOSE, ESTÍMULO E HISTORICIDADE.....	21
1.2 EXPLORAÇÃO MADEIREIRA, IMIGRAÇÃO E O MATE: A VIDA DA ERVEIRA EM MEIO AOS INTERESSES ESPECULATIVOS DA VIRADA DO XIX PARA O XX.....	31
1.3 PATRIMÔNIO ECOLÓGICO E CULTURAL: OS SISTEMAS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE.....	41
2 ESPAÇO E HISTORICIDADE: PAISAGEM DA ERVA-MATE E A MEMÓRIA DOS ERVEIROS.....	46
2.1 PENSANDO ATRAVÉS DA PAISAGEM: HISTORICIDADE COMO CRITÉRIO.....	48
2.2 PENSANDO A HISTORICIDADE: A PAISAGEM COMO FONTE.....	53
2.2.1 O erval.....	56
2.2.2 Materialidade socioecológica.....	77
3 O CÍRCULO E OS PONTOS: APROXIMAÇÕES E ESPECIFICIDADES A PARTIR DA ANÁLISE INTERPRETATIVA DAS PROPRIEDADES COM ERVAIS.....	93
3.1 FAMÍLIA OLIVA, ALIANÇA VELHA, SÃO MATEUS DO SUL/PR.....	96
3.2 FAMÍLIA IAVORSKI OLIVA, TRÊS POÇOS, ANTÔNIO OLINTO/PR.....	104
3.3 FAMÍLIA SILVEIRA, SÃO MIGUEL DA ROSEIRA, SÃO MATEUS DO SUL/PR.....	116
3.4 FAMÍLIA HUPALO, ESPIGÃO DOS CARIJOS, ANTÔNIO OLINTO/PR.....	122
3.5 FAMÍLIA ANTUNES, CANUDOS, SÃO JOÃO DO TRIUNFO/PR.....	131
3.6 FAMÍLIA KOSLOSKI E SILVA, BARRA BONITA, SÃO JOÃO DO TRIUNFO/PR.....	140
CONCLUSÕES.....	150
FONTES.....	156
REFERÊNCIAS.....	157
APÊNDICES.....	170
ANEXOS.....	262

INTRODUÇÃO

Às cinco e vinte da manhã o despertador tocou, em um impulso levantei-me. As malas já estavam prontas, tudo preparado para o que fosse acontecer: gravador, câmera, capa de chuva, botas, casaco, chapéu, cadernos de anotações e o mais importante: cabeça preparada e disposição para descobrir mais um novo mundo que existe dentro deste no qual acontecem nossas vidas. Após os acertos dos últimos detalhes antes da partida rumo a São João do Triunfo, saio de casa às seis e quinze. Atravesso a cidade de Curitiba, ainda sem os sinais intensos de seu stress cotidiano, poucos carros transitam pelas ruas da capital e em poucos instantes já estou na estrada.

O caminho entre Curitiba e São João do Triunfo, diferentemente dos grandes obstáculos que carregavam de empecilhos a ligação entre estas duas localidades ao longo do período histórico em que se formavam e consolidavam as práticas de agricultura dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate (*Ilex paraguariensis*), é hoje plenamente fazível em duas horas dentro de um carro. Para isso, é necessário a ida até Palmeira (via BR-277) e depois o acesso à rodovia Prefeito João Batista Distéfano (PR-151). O trajeto entre Palmeira e São João do Triunfo é carregado de informações históricas relevantes: ao longo do caminho, inúmeros vilarejos e pequenos povoados revelam traços do período da navegação do rio Iguaçu, utilizado por décadas como via de transporte para a erva-mate e madeira provenientes das florestas de seu longo e sinuoso vale, exploradas intensamente entre o final do XIX e início do XX.

São João do Triunfo está cercado por grandes – e persistentes – pinheirais e a fundação da cidade situa-se em uma parte relativamente alta em comparação ao nível da estrada. Na rotunda de acesso à cidade, peguei à esquerda e subi a rua até o topo. Estacionei o carro em frente à igreja e busquei me informar sobre as orientações para que conseguisse chegar até a localidade de Canudos, onde me esperava Sr. Paulo. A comunidade de Canudos tem seu acesso mais adiante da entrada da cidade, e a referência dada para encontrar o caminho até lá é a entrada da Fazenda Fiat Lux da empresa sueca Swedish Match, cuja propriedade está influentemente ligada ao estabelecimento de trabalhadores e à criação da comunidade de Canudos. De volta à estrada, o caminho de chão batido logo aparece ao lado direito, e uma grande placa azul indica a direção e a distância de 9 quilômetros até a fazenda. O caminho se cruza com o da comunidade Rio Baio, a maior comunidade rural de São João do Triunfo, e por isso a estrada de chão é bastante movimentada.

Ao atravessar uma densa massa de terras obscurecidas pelo sombreamento de infinitos pinus (*Pinus sp.*), todos com a mesma altura, percebi que os nove quilômetros que me distanciavam da sede da fazenda haviam passado. A partir de então, não demorou para que, após uma grande subida cheia de curvas, contornando uma densa área florestada, um casebre construído em madeira, em que dois homens estavam sentados na frente, fosse avistado: “– Bom dia, estou procurando a casa do Sr. Paulo Antunes!”. Repetindo o nome o homem vira os olhos para cima, como se buscasse uma informação armazenada em algum lugar dentro de sua memória e me aponta “– A primeira à esquerda, e já chega lá, é pertinho”. Agradeço, aliviado por não estar perdido, e contente sigo a minha busca, entrando no local indicado, até a hora que começo a ver uma concentração de casas em ambos os lados da estrada. Algumas mais no alto, outras mais embaixo, estufas de secagem de fumo (*Nicotiana tabacum*) e veículos estacionados. Em uma curva olho para o lado esquerdo e vejo uma mulher na varanda, em uma casa lá no alto. Paro o carro e desço, vou perguntar para ela se conhece Sr. Paulo Antunes. Subo uma escada, ao nível do chão da estrada não tenho mais contato visual com a casa, tampouco com a mulher. Ao alcançar o portão da casa vejo ninguém e me preparo para bater palmas. Neste mesmo segundo surge de dentro da casa um rosto conhecido, que olha para mim e sorri: “– João!”. São 8:50 da manhã, e aqui começa a quinta visita de campo deste trabalho, à propriedade da família Antunes.

Sentamo-nos à varanda, onde Sr. Paulo e Sra. Zília, sua companheira, me explicaram sobre seu recente empenho com a produção de bioenergia e terapias naturais. O ativo envolvimento de Sr. Paulo e sua família com práticas alternativas, que fogem do padrão convencional da fácil aceitabilidade e aderência social, reflete-se não somente nas maneiras de tratarem seus organismos, mas também em como vivem e se relacionam com o ambiente que os circunda. Sr. Paulo é produtor de alimentos orgânicos, abastecendo as cozinhas de escolas locais com verduras e legumes que produz em uma pequena área situada atrás de sua casa, generosa em variedade de plantas e diversidade nutricional.

Os antepassados da família Antunes tiveram suas trajetórias de vida marcadas pela estreita relação que desenvolveram com a floresta com araucárias e isto é muito vivo na formação de sentido da vida do casal: no erval a família continua o histórico manejo de erva-mate sombreada pelas densas copas de pinheiros, imbuías, canelas e inúmeras outras árvores existentes naquele ambiente. A caminhada por esta parte da pequena propriedade rural que habitam resulta em profundos e sinceros aprendizados sobre a floresta. Mas não somente a família Antunes preserva em sua forma de viver a estreita relação com a floresta e a erva-mate: em todas as outras cinco propriedades visitadas ao longo da pesquisa, interessantes

entrelaçamentos históricos aproximam a vida destas famílias ao ambiente em que vivem. A afetividade e a reciprocidade entre os erveiros¹ e o ambiente do erval, seu desenvolvimento histórico e ecológico pode ser interpretado como quebra de paradigmas, pois, ao questionar o estabelecimento de grandezas, unem o que é tido como humano ao que é posto como natural.

Embora ainda não especificamente conceituados pelas pesquisas científicas, os sistemas tradicionais de produção de erva-mate apresentam-se como relevantes focos de conhecimento e práticas ambientais interessantes ao incremento de ações para a conservação dos últimos remanescentes da Floresta Ombrófila Mista (FOM) nos estados do Paraná e Santa Catarina. Estes sistemas produtivos, entretanto, convivem hoje com diversas pressões oriundas de contextos que os circundam, e que constantemente ameaçam a continuidade das práticas de manejo intra-florestal mantidas pelas famílias de agricultores envolvidas com este estilo de agricultura.

Dentre as ameaças que orbitam no entorno dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate podemos citar, como breve exemplo, a imposição das lógicas do agronegócio no manejo da erva-mate, o que inclui os ditos ‘pacotes tecnológicos’ que visam a implantação da *commodificação* da erva-mate – a partir de sistemas de alta produtividade e baixa interação com o meio e com os conhecimentos tradicionais dos agricultores – ou mesmo o estabelecimento de organizações regionais que visam o aumento do lucro industrial da erva-mate ao agregar valor no produto final, excluindo a participação e aplicação do trabalho da agricultura familiar que abastece a cadeia produtiva. Outro fator constante de ameaça aos sistemas tradicionais, à floresta e à permanência das famílias agricultoras no meio rural é a dependência econômica dos sistemas de monocultivo do agronegócio, que impõe, conforme discutiremos mais adiante no texto, dualidades entre manter os sistemas tradicionais e agroecológicos ou aderir às lavouras do agronegócio, que não promovem autonomia mas garantem renda.

Dentre estas dualidades e enfrentamentos inerentes aos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, faz-se necessário mencionar as possibilidades e pontos positivos que estes sistemas promovem, sobremaneira no que diz respeito ao desenvolvimento econômico e social sustentável para grupos de agricultores familiares praticantes deste tipo de manejo agroecológico e tradicional (MARQUES et al., 2019; HANISCH et al., 2019). Neste contexto, uma série de ações tem sido promovidas com o intuito de caracterizá-los como conjunto de práticas e de relações socioecológicas passíveis de proteção e reconhecimento.

Em sua tese de doutorado, Marques classificou alguns tipos de práticas e níveis de manejo e antropização do sub-bosque da Floresta Ombrófila Mista (2014, p. 180). A relação

¹ Palavra utilizada para referir-se a quem maneja e coleta folhas de erva-mate como prática de agricultura. É também um termo que irmaniza agricultores que se identificam com este tipo de atividade.

que estabeleceu entre as práticas culturais e a conservação socioambiental no manejo² da erva-mate serviu como importante avanço em direção à caracterização destes sistemas de agricultura com práticas de conhecimento tradicional aplicados ao manejo ativo tanto da floresta e seu sub-bosque como da configuração de paisagens.

Ao longo da última década, cinco seminários reuniram agricultores, suas respectivas instituições de representação e pesquisadores a fim de discutir os parâmetros de definição de práticas, caracterização produtiva, prestação de serviços ecológicos e diversos outros fluxos de interações que permeiam os sistemas agrícolas relacionados aos manejos tradicionais aplicados à erva-mate³. Dentro das discussões conduzidas nestes encontros, estabeleceu-se a terminologia ‘sistemas tradicionais e agroecológicos de produção de erva-mate’ como aglutinador das variáveis formas de agricultura com relações de reciprocidade entre as necessidades e práticas humanas com o ecossistema e suas dinâmicas próprias, resultantes de afinidades provenientes do manejo da erva-mate histórica e ecologicamente constituídos por incessantes trocas culturais e de experiência relacional vivenciada no ambiente onde esta planta ocorre naturalmente.

Os sistemas tradicionais de produção de erva-mate como um conjunto de práticas agrícolas sustentáveis, com práticas agroecológicas (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 11), cujos conhecimentos de manejo foram transmitidos de geração em geração a partir do contato e interação com a FOM e populações nativas da região da bacia do Alto Iguaçu, no sul do estado do Paraná, são, portanto, o objeto maior dos esforços de estudo propostos por esta pesquisa. Suas formas organizacionais, o manejo do espaço acumulado historicamente na paisagem e suas interfaces e analogias às práticas culturais dos grupos que mantém estes sistemas serão também pontos de enfoque ao longo do texto dissertativo.

² Ao longo desta pesquisa, o termo empregado para as práticas de condução de crescimento, poda, sombreamento, insolação, dentre outras que, oriundas de conhecimentos tradicionais e empíricos, se relacionam ao melhor desenvolvimento das plantas de erva-mate dentro do sub-bosque da Floresta Ombrófila Mista, será *manejo*. Em escala regional, o emprego da palavra *cultivo*, que poderia ser utilizada para referir-se aos cuidados com as plantas de erva-mate pois tem seu significado apontado como “dar condições para o nascimento e crescimento, [...] procurar manter ou conservar” (FERREIRA, 1999, p. 591), refere-se ao plantio de espécies em grande proporção, e não necessariamente seu cultivo em ambientes florestais.

³ Vide: Anais do III Seminário sobre caracterização de sistemas de produção tradicionais e agroecológicos de erva-mate, realizado em 2016; Anais do IV Seminário sobre sistemas de produção tradicionais e agroecológicos de erva-mate, realizado em 2018; Anais do V Seminário sistemas de produção tradicionais e agroecológicos de erva-mate, realizado em 2019.

O acentuado êxodo rural brasileiro⁴, somado às expansões dos interesses do agronegócio e suas práticas não-ecológicas⁵, representam uma das mais proeminentes forças para a promoção da desigualdade no país. A manutenção dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, cuja aplicação de conhecimentos deriva de um elevado grau de experimentação prática e estreita relação com o meio ambiente, pode significar, ao menos em escala regional, uma alternativa para a valorização e reconhecimento do trabalho das famílias de agricultores que decidem por dar continuidade ao tradicional manejo dos ervais.

O presente trabalho enquadra-se neste contexto e é resultado de uma imersão que buscou interpretar as relações permeadas pela historicidade e materializadas na paisagem destes sistemas agrícolas. Dentro destas relações, a conferência de sentido e identidade ambiental vinculadas às relações estabelecidas ao longo do tempo, resultantes das interações socioecológicas promovidas pelas práticas dentro dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, foram discutidas e analisadas a partir das narrativas familiares e ordenamento paisagístico das propriedades envolvidas nesta cultura visitadas ao longo da pesquisa.

A multidisciplinaridade aplicada à interpretação da configuração das paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate que propomos nesta pesquisa provém de três categorias de análise fundamentais para esta finalidade. Da Geografia Cultural trazemos a leitura detalhada do complexo paisagístico, suas camadas de vivência e tomadas de decisão acumuladas nas formas de organização e significação do espaço. A interpretação acerca das práticas e transmissão de conhecimentos e hibridismos culturais na experiência ecológica foi pautada à luz da Antropologia Cultural. Os processos históricos das relações estabelecidas entre os seres humanos e o meio ambiente, assim como as interpretações da relação histórica com o meio e da paisagem como fonte historiográfica derivam das apreciações e considerações da História Ambiental.

A proposta desta pesquisa é, portanto, a de contribuir com o enriquecimento do conhecimento e da produção científica sobre os sistemas tradicionais de produção de erva-mate, buscando trazer à tona a riqueza cultural e de relações históricas e ambientais concentradas nas

⁴ Entre os anos de 1991 e 2010 (período abrangido por três censos demográficos) a população urbana do Brasil cresceu em média 2% ao ano, enquanto a população rural, em um movimento contrário, teve uma diminuição média de 1% ao ano. Na década de 1990, 3,9 milhões de pessoas deixaram de viver no campo, nos anos 2000 foram 2,2 milhões de pessoas. Um estudo publicado por Maia e Buainain (2015), aponta como um dos fatores ocasionadores desta condição o fato da população de jovens rurais representarem um grande contingente de ‘migrantes potenciais’

⁵ O relatório ‘Estado das Florestas no Mundo’ (SOFO, sigla em inglês) divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura – FAO – em 2016, aponta que 70% do desmatamento na América Latina foi gerado por demandas do agronegócio, tais como expansão de áreas de pasto e cultivo intensivo em regiões florestadas.

antigas práticas de manejo que são continuadas e transformadas, geração após geração, dentro das florestas. Somando-se ainda o reconhecimento do importante papel socioecológico que exercem sistemas produtivos, ao contribuir ativamente para a preservação de importantes e escassos remanescentes florestais (LACERDA, 2016), além de promoverem a manutenção de práticas culturais regionais e representarem a viabilidade de fixação de jovens no campo (NIMMO et al., 2020).

Em sintonia ao que se propõe, para a escrita desta dissertação foram visitadas, entre os meses de março e novembro de 2019, seis propriedades rurais que estão histórica e geograficamente relacionadas ao estabelecimento do manejo das árvores de erva-mate – à sombra das copadas de espécies mais altas, dentro do ambiente da FOM – como conjunto de conhecimentos aplicados ao exercício agrícola. Estas propriedades localizam-se em três municípios vizinhos os quais encontram-se semelhantes por dois aspectos principais: situam-se na bacia hidrográfica do Alto Iguaçu, dentro do ecossistema da FOM; estão envolvidos no mesmo processo histórico de estabelecimento a partir da segunda metade do século XIX, sendo eles: São Mateus do Sul, Antônio Olinto e São João do Triunfo, todos na porção territorial sul do estado do Paraná.

As seis propriedades visitadas durante a pesquisa apresentam características essenciais para a compreensão do desenvolvimento e transformações ao longo do tempo dentro dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate. Mesmo sendo uma amostragem relativamente pequena, é significativa por sua representatividade e proposta, ligada à compreensão do sentido e origens das relações de conformação e historicidade dos sistemas agrícolas em questão. Sistemas estes que hoje conferem ao vale do Alto Iguaçu a existência de remanescentes florestais que inspiram estratégias de desenvolvimento e compartilhamento de práticas agrícolas menos agressivas e mais sustentáveis para a continuidade da vida na Terra.

O texto que segue está dividido em três partes. No primeiro capítulo, introduzimos a Floresta Ombrófila Mista, as especificidades e peculiaridades tanto históricas quanto ecológicas deste bioma integrante da Mata Atlântica brasileira. Neste capítulo enfatizamos os processos da ocupação populacional da floresta – com um recorte temporal focado no período abrangido pelas duas últimas décadas do século XIX e as primeiras quatro décadas do século XX – e as interfaces com as conformações e práticas culturais ocorridas neste bioma, fixando nas práticas de manejo, extração, processamento e consumo das folhas de erva-mate o eixo de orientação da análise. Partindo das fontes históricas que se referem ao manejo e consumo indígena desta planta, e caminhando em direção aos impositivos processos e condições do estabelecimento de colônias de imigrantes às margens do rio Iguaçu, o capítulo discute a trajetória ecológica

resultante das relações humanas com este ambiente e como isso configura, contemporaneamente, a condição de existência dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

No segundo capítulo apresentamos a tratativa metodológica das atividades de campo e processamento dos dados. Durante as visitas às propriedades foram realizadas entrevistas com as famílias de agricultores, e a interpretação das narrativas pautou-se pelas estratégias da História Oral (LAVERDI; MASTRÂNGELO, 2013). Intrínseco às atividades de campo, o conhecimento das estruturas das propriedades foi parte central da análise da paisagem, pautando-se nas analogias da experiência humana como constitutiva do significado dos objetos dispostos no espaço (BERQUE, 2000, 2013), além de relevante fonte interpretativa acerca da historicidade das propriedades. Assim, em associação à metodologia, o capítulo discute elementos característicos das paisagens das propriedades que, estabelecidos como marcadores, representam pontos fixos de análise da paisagem que conduzem a apreciação multidisciplinar proposta pelo trabalho.

O terceiro e derradeiro capítulo apresenta os croquis das propriedades visitadas e relaciona suas particularidades históricas, espaciais e sociais. Esta sessão do texto busca confluir os pontos de conexão e semelhanças existentes entre as paisagens das propriedades rurais visando compreender de que forma os processos que conformaram estas paisagens interagem e se comunicam entre si, marcando uma identidade comum a estes sistemas produtivos. Como resultado da sobreposição dos dados levantados, a elaboração de croquis propõe a interpretação detalhada e cruzada acerca da inter-relação entre a história das propriedades e suas práticas em relação ao meio ambiente e com o ordenamento do espaço, a partir das interações humanas com a FOM.

Estimulada pela questão de partida que se indaga acerca da possível existência de uma identidade ambiental regional fundada nas relações históricas e socioecológicas entre pequenos agricultores e a Floresta Ombrófila Mista paranaense, mediadas pelo manejo da erva-mate sombreada, a pesquisa visa refletir como estes traços comuns se manifestam na amostragem das seis propriedades, interpretando a paisagem como fonte historiográfica. Prestando-se, portanto, em suas discussões, a acrescentar ao conhecimento científico e divulgação das práticas culturais de relevante interesse para a preservação da memória histórica e uso sustentável de remanescentes florestais existentes nos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

1 A FLORESTA COM ARAUCÁRIA: RESISTÊNCIAS DO PASSADO COMO SUPORTE PARA O FUTURO

Os sistemas tradicionais de produção de erva-mate, embora ainda não padronizados ou classificados a partir de parâmetros fixos, representam a continuidade de um conjunto de práticas e conhecimentos nascidos de processos de estreita interação entre seres humanos e meio ambiente aplicados ao manejo da Floresta Ombrófila Mista ocorridos há muito mais tempo do que podemos imaginar quando falamos sobre consumo de erva-mate produzida a partir de boas práticas ecológicas. Swyngedouw e Erntson (2019) enfatizam a urgente necessidade do rompimento com o paradigma cartesiano da externalização do natural, onde os humanos são colocados como o agentes condutores e mestres da Natureza (p. 29), em uma relação dualista e de dominância impositiva, propondo, como alternativa, a interpretação das relações socioecológicas a partir de uma ótica de simetria que defende humanos e não-humanos – materiais e organismos – como atores que se inter-relacionam e funcionam em um intricado conjunto⁶ (p. 28).

Buscando a abertura interpretativa para novos horizontes e caminhando em direção aos paradigmas das ciências humanas e ambientais contemporâneas, esta dissertação pretende pautar-se nas interações ecológicas e sociais como partes integrantes do processo de identificação e avivamento do significado e reconhecimento dos traços de historicidade conferidos ao espaço organizado. Tomando o conjunto da paisagem e suas camadas históricas como fontes interpretativas destes processos, a pesquisa propõe-se a identificar e analisar os pontos em comum existentes nas pequenas propriedades rurais nas quais a prática do manejo de erva-mate sombreada consistiu, historicamente, em relevante agência transformadora e de atribuição de significações ao ambiente, às práticas culturais e à constituição da paisagem.

Desta forma, o presente capítulo busca estabelecer as condições históricas e geográficas, aproximando-se da interpretação de como as múltiplas e mútuas interações entre humanos, não-humanos e mais-que-humano⁷ (SWYNGEDOUW; ERNSTSON, 2019, p. 30) materializaram e estabeleceram-se como fruto do acúmulo espacial. Estas interações e seus marcos na historicidade da paisagem, resultantes de uma seletividade estabelecida pelas condições das interações socioculturais e ecossistêmicas dentro da Floresta Ombrófila Mista, configuram as características de organização espacial e histórica de relevância nas regiões do Alto e Médio

⁶ O termo utilizado pelos autores foi “*assembled imbroglios*”.

⁷ No sentido fenomenológico da experiência e sentimentos.

Iguaçu, onde hoje ocorrem e se mantêm os sistemas tradicionais de produção de erva-mate contemporaneamente.

Para tal, propomos uma leitura de aproximação ao contexto no qual o manejo da erva-mate encontrou uma série de condições para que pudesse se desenvolver como um conjunto de práticas agrícolas devidamente estabelecidas, como a encontramos hoje. Assim, o presente capítulo divide-se em três partes que, conforme a proposição de Augustin Berque, compõem o primeiro nível de vida de uma paisagem: as escalas da complexidade ecológica do ambiente, o sentido da relação humana com este meio e a configuração das relações estabelecidas a partir da reciprocidade entre estas duas grandezas (2013, p.7). Em perspectiva histórica, geográfica e ecológica, o capítulo que segue recorre a esta estruturação para avançar na discussão que é proposta.

À ótica da História Ambiental, o conhecimento sobre os processos históricos de transformação das paisagens – florestal, neste estudo de caso – assim como usos e apropriações culturais de elementos disponíveis no ecossistema onde sociedades se desenvolvem são fundamentais como princípios de entendimento e inserção da dimensão biofísica na historiografia contemporânea. Seu grande desafio teórico consiste em pensar o ser humano em sua complexidade biológica e sociocultural, propondo uma quebra com a tradição ‘flutuante’ da historiografia (PÁDUA, 2010, p. 91-2), que separa os acontecimentos históricos de sua ‘terrenidade’, os lugares onde acontecem.

É nesta perspectiva que a presente pesquisa busca discutir e refletir acerca da interdependência de fenômenos históricos e culturais com a disponibilidade de meios ofertados pelo ambiente no qual estes fenômenos se situam. É um estudo sobre as interações socioambientais históricas dentro da floresta, com enfoque na cultura do processamento, beneficiamento e consumo das folhas de erva-mate, árvore nativa da Floresta Ombrófila Mista. Com esta finalidade, a primeira sessão discute os processos biológicos, geológicos e ecossistêmicos que compõem a historicidade desta tipologia florestal, assim como discute as possibilidades de surgimento e dissipação do consumo das folhas da erva-mate em sua área de ocorrência no sul do América do Sul. A segunda sessão discute os processos ocupacionais da região do vale do rio Iguaçu, os interesses da especulação florestal entorno da erva-mate e posteriormente da madeira, as trocas culturais e o surgimento das práticas relacionadas à cultura da erva-mate dentro da floresta a partir do final do século XIX. A terceira sessão deste capítulo introdutório discute as condições contemporâneas de existência dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate e as possibilidades oriundas das interações socioecológicas na Floresta com Araucária como meios de interpretação da historicidade das paisagens rurais da bacia

hidrográfica do Alto Iguaçu. A intenção é introduzirmos à discussão a relevância dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate aliados à urgente necessidade de defesa de boas práticas ecológicas, agricultura sustentável e conservação de biomas.⁸

1.1 A ARAUCÁRIA E A ERVEIRA: SIMBIOSE, ESTÍMULO E HISTORICIDADE

Impossível nos é, de fato, desprendermo-nos das interfaces que permeiam nossa relação com o que se dá ao nosso entorno. Mesmo ao propor uma leitura inicial sobre o ambiente, é inevitável que passemos pelos cruzamentos da floresta com seres humanos, pois neste trabalho, palavras impressas, mapas, fotografias e adjetivações, conjunto de códigos interpretados somente por nós, humanos, são o que classificam, relatam e expressam o que entendemos do mundo. Conceituar e descrever uma floresta, suas dinâmicas e interações não foge do que nos é compreensível.

O exercício consiste em colocarmo-nos presentes, mesmo que por alguns instantes, em um ambiente bastante úmido, cuja baixa luminosidade é creditada às espaçosas copadas de anciões pinheiros-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) que cobrem todo o dossel florestal. A atmosfera, apesar de densa, é bastante fresca, e ao fundo escutamos incontáveis pássaros que, em não raros momentos, são avistados cruzando, entre uma árvore e outra, o ambiente fechado da parte debaixo da floresta. Encontramo-nos envoltos em um ambiente rico e plural em formas de vida, inúmeras espécies arbóreas nos circundam: a imbuia (*Ocotea porosa*), a bracatinga (*Mimosa scabrella*), o pinheiro-bravo (*Podocarpus lambertii*), cedro (*Cedrella fissilis*), ipê-amarelo (*Tabebuia alba*), jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), pitangueira (*Eugenia uniflora*), canela-guaicá (*Ocotea puberula*), pessegueiro-bravo (*Prunus sellowii*) e erva-mate (*Ilex paraguariensis*), em um sistema de associações que foi classificado por Hertel (1962) como Araucaria-Podocarpus-Ilex-Ocotea.

Além destas, ao menos outras 400 espécies de árvores e arvoretas são catalogadas na Floresta com Araucária somente no Paraná (KOCH; CORRÊA, 2010, p. 47). Somadas às espécies vegetais – além de pteridófitas, briófitas e epífitas (RODERJAN et al; 2002; BITTENCOURT et al; 2004) existem ainda grande variedade nativa de insetos (BURG MAYER et al; 2018; RITTER et al; 2011), répteis (BITTENCOURT et al; 2007), aracnídeos

⁸ Conforme aponta o Objetivo 15, da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas: Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020).

(RICETTI, 2014), mamíferos (BROCARDO; CÂNDIDO JR., 2012; PEREIRA et al; 2018), aves (DOS ANJOS; BOÇON, 1999; KAMINSKI; CARRANO, 2006; KOCH; CORRÊA, 2010, p. 65; SCHERER-NETO et al; 2011), anfíbios (CONTE, 2010; LUCAS; MAROCCO, 2011) e relevante biodiversidade fúngica (PIRES et al; 2014).

De acordo com pesquisas desenvolvidas por Dutra e Stranz (2003) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), a área de ocorrência paleogeográfica da Floresta com Araucárias era bastante diferente da atual. Fósseis da família Araucareacea encontrados em sítios juracretácicos (aproximadamente 146 milhões de anos) em isoladas localidades do atual território brasileiro, como no Nordeste e no Sul do país, levam à compreensão de que florestas com a ocorrência desta espécie se espalhavam pela área territorial onde hoje é o Brasil em grande proporção, pois ao longo dos períodos Jurássico e Cretáceo (entre 200 e 66 milhões de anos atrás), de intensa atividade vulcânica nesta região – presumindo-se um massivo despovoamento vegetal – florestas com estas características já existiam (como evidenciam os fósseis), tendo, provavelmente, se dissipado nesta vasta área de abrangência no final da Era Paleozoica e início da Mesozoica (entre 359 e 200 milhões de anos). Portanto, especula-se que, a partir de certos Refúgios Alto-Montanos, onde diversas espécies de plantas encontraram habitat ideal para sua continuidade formados antes mesmo da separação continental, a Floresta com Araucárias – não exatamente a que encontramos hoje, mas sua ascendente – tenha resistido, se transformado e se adaptado às condições e fatores externos, sendo extinta em determinadas localidades, tomando sua forma e distribuição atual a partir do final da última glaciação, sobretudo a partir do Holoceno Médio, há 6 mil anos (ARRUDA, 2016).

A longa jornada de resiliência, adaptação e transformação da Floresta com Araucárias⁹ às condições oferecidas pelo meio contou com diversas alterações em sua composição de espécies e organização ecossistêmica. Entretanto, a mais rápida e acentuada transformação em suas características biológicas foi, definitivamente, quando sua trajetória se entrecruzou com a de uma espécie exótica a este ecossistema: o ser humano (*Homo sapiens*) estabeleceu dentro da Floresta com Araucárias novas formas de relações de interdependência entre as espécies que, ao longo dos últimos dois milênios, conduziram este ecossistema à expansão e também influenciaram em sua morfologia e diversidade biológica (BONOMO et al., 2015; LAUTERJUNG et al., 2018).

⁹ cuja nomenclatura pode ser encontrada como Floresta Ombrófila Mista, Pinheiral (IBGE, 2012, 2014) ou também Matas de Araucária (MAACK, 1981, p. 242)

Estudos demonstram que, através de levantamentos arqueológicos, a *Araucaria angustifolia* sofreu, possivelmente, uma intensa dispersão antropogênica realizada por grupos de caçadores e coletores da Tradição Taquara/Itararé (tronco linguístico Jê¹⁰), que, em práticas de coleta de pinhão e manejo agroecológico desta floresta, influenciaram na disseminação de sementes do pinheiro-do-paraná e o consequente avanço da floresta sobre outros sistemas ecológicos como campos (BITENCOURT; KRAUSPENHAR, 2006). Outro estudo, publicado mais recentemente, se propôs a estabelecer o nível de influência da ação humana na dissipação da espécie *Araucaria angustifolia* e seu bioma, apontando que, somada às transformações e distúrbios provocados pela espécie humana, a intensa mudança climática ocorrida na região sul do Brasil ao longo dos últimos 1400 anos influenciou profundamente na dispersão da Floresta com Araucária (ROBINSON et al; 2018).

Com uma área de abrangência de cobertura vegetal espalhando-se por cerca de 182 mil km² – dos quais somente no estado do Paraná encontram-se cerca de 73 mil km² (MAACK, 2012, p. 258) – a FOM representou uma gama de possibilidades para a subsistência e desenvolvimento cultural de variados grupos humanos ao longo do tempo. Ativa e mutuamente se transformando, as interações estabelecidas dentro deste ecossistema proporcionaram, além da influência na fisionomia e paisagem ecológica desta tipologia florestal (OLIVEIRA, 2007, p. 16), a geração de inúmeras práticas culturais e o surgimento de tipos específicos de manejo da floresta, práticas de agricultura e utilização da flora e fauna como alimento, vestimenta, auxílio na instalação de abrigos e o invento de práticas cerimoniais com usos rituais. Além de possibilidades de adaptações culturais e adequações às ofertas ambientais incomensuráveis (DEAN, 2013, p. 38).

Embora prevaleça, tanto na produção historiográfica quanto no conhecimento antropológico, a existência de uma lacuna quanto à precisa compreensão da trajetória do hábito, especula-se que, provavelmente estabelecido em um processo de trocas culturais ocorridas entre grupos dos troncos linguísticos Tupi-guarani e Jê, o consumo – inicialmente como ritual de comunicação espiritual e posteriormente como estimulante – das folhas da erva-mate por grupos humanos ocorreu dentro de duas tipologias florestais vizinhas: a Floresta Estacional Semidecidual, abrangida pelas bacias hidrográficas dos rios Paraguai e Paraná, e a Floresta Ombrófila Mista, ao longo da bacia do rio Iguaçu (COOPER, 1986, p. 112; BITENCOURT; KRAUSPENHAR, 2006, p. 113). Um artigo recentemente publicado analisou os processos de lida e consumo de erva-mate a partir dos primeiros contatos estabelecidos entre religiosos

¹⁰ Grupo linguístico que originou as etnias Kaingang e Xókleng no estado do Paraná (IBGE, 1981).

europeus e populações sul-americanas que consumiam erva-mate. Ao analisarem a aplicação e semântica do vocabulário referente às práticas culturais e conhecimentos existentes na lida e manejo desta planta em seu ambiente de ocorrência (NIMMO; NOGUEIRA, 2019, p. 5), foi possível especular-se acerca da ancestralidade do consumo desta planta a partir das formas de se expressar da etnia Guaraní ao referirem-se à erva-mate e seu processamento, a partir de uma obra sobre o idioma praticado por esta população no século XVII (MONTTOYA, 1639).

Segundo Worster, “à medida que a vontade humana crescentemente deixa sua marca sobre as florestas, cadeias genéticas e mesmo oceanos, não há uma maneira prática de se distinguir entre o natural e o cultural” (2003, p. 26). A afirmativa deste autor nos conduz à interpretação das relações estabelecidas entre grupos humanos e a Floresta Ombrófila Mista como processo de mútua influência tanto na constituição cultural quanto ecológica dentro desta tipologia florestal. Considerando-se que, ao longo dos últimos 2000 anos, diversos elementos do complexo ecossistêmico da floresta foram valorizados e/ou rejeitados em detrimento de espécies ou elementos com maior afinidade ou utilidade às sociedades, conforme apontou Peres, ao discorrer sobre a utilização das plantas dentro da FOM por grupos indígenas (2014, p. 79-94), interessa-nos, a partir da pesquisa que se propõe, interpretar a trajetória histórica e ambiental destas relações a partir do significado conferido a uma espécie arbórea em específico: a erva¹¹.

Conforme mencionado ao longo da apresentação, a erva-mate é uma planta aquifoliácea constituinte da biodiversidade da Floresta Ombrófila Mista, cuja classificação botânica e nomenclatura *Ilex paraguariensis* foram estabelecidas pelo botânico e pesquisador francês Auguste de Saint-Hilaire após análises comparativas de amostras obtidas ao longo de sua viagem às províncias de São Paulo e Santa Catarina¹², em 1820, e posteriormente apresentadas à Academia Francesa de Botânica (SAINT-HILAIRE, 2011, p. 50). Segundo Reitz et al. (1978, p. 168), a erva-mate pode, quando não manejada por seres humanos, atingir entre 10 e 15 metros de altura, com tronco reto, medindo entre 20 e 40 cm de diâmetro à altura do peito (DAP) e sua frequência mais expressiva ocorre no sub-bosque das florestas com o pinheiro-do-paraná e com a imbuia (INOUE; RODERJAN; KUNYOSHI, 1984, p. 94).

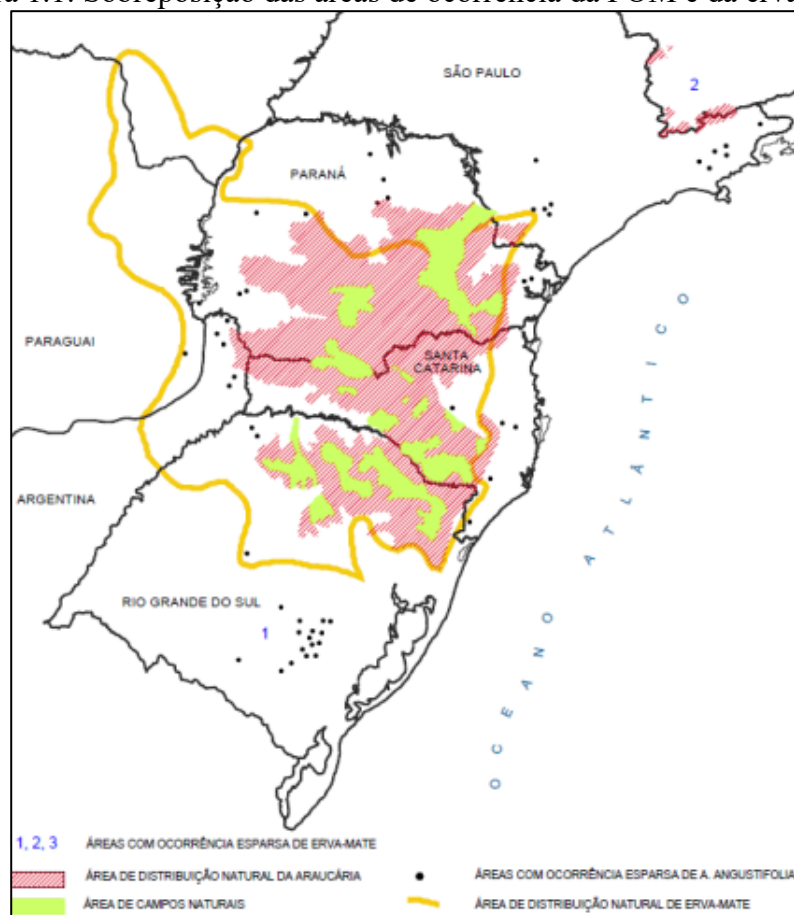
A estreita afinidade entre o pinheiro-do-paraná e a erva-mate fez com que, em uma de suas classificações iniciais, o geólogo e naturalista Reinhard Maack estabelecesse a nomenclatura da tipologia florestal composta por estas duas espécies em simbiose com tantas

¹¹ Erveira é a palavra comumente utilizada para fazer se referir ao pé, ou à árvore de erva-mate.

¹² Cujos relatos de campo foram publicados em obra intitulada “*Viagem à Comarca de Curitiba*”, versão em língua portuguesa publicada em 1964.

outras como Floresta de Erva-mate¹³ (MAACK, 1931). De fato, a área de ocorrência tanto da FOM, quanto da erva-mate e do pinheiro-do-paraná são bastante semelhantes, conforme ilustra a Figura 1.1.

Figura 1.1: Sobreposição das áreas de ocorrência da FOM e da erva-mate



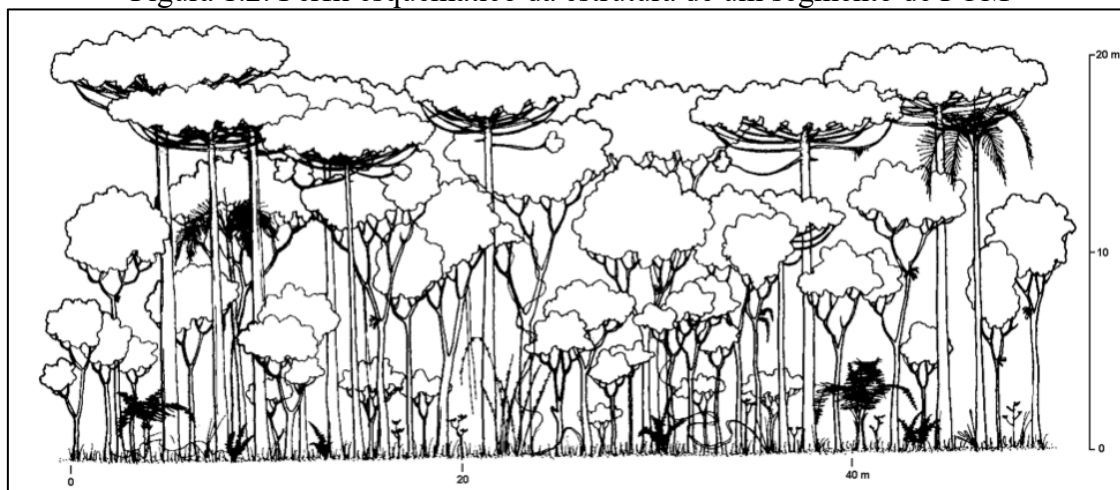
Fonte: OLIVEIRA e ROTTA (1985), ZAMPIER (2001).

A figura a seguir (Fig. 1.2), por sua vez, resume de que forma se estabelece a associação de espécies vegetais dentro da Floresta Ombrófila Mista, com o dossel ocupado pela copada mais ampla dos pinheiros-do-paraná e espécies de maior tamanho, como a imbuia e o jerivá – cuja altura alcança os 20 metros –, acompanhado pela vegetação que se dá a meia-altura dentro da floresta, chamada de sub-bosque, ou estrato arbustivo. É neste nível da floresta em que a

¹³ Ele utilizou o termo *Herva Mate Wald* para descrever a floresta (MAACK, 1931, p. 96).

erva-mate e outras espécies como a pitangueira, o xaxim e o pinheiro-bravo ocorrem (HUECK, 1978, p. 236):

Figura 1.2: Perfil esquemático da estrutura de um segmento de FOM



Fonte: RODERJAN et al. (2002, p. 6).

As folhas da erva-mate contêm cafeína (COSTA, 1989, p. 9), além de uma série de alcaloides que atuam diretamente como estimulante do sistema nervoso central no organismo humano (VASQUEZ et al., 1986; ALKHATIN et al., 2018) e este fato é apontado como um dos principais motivos condutores das ações de manejo, cultivo e consumo das folhas desta planta em forma de bebida por populações pré-colombianas da América do Sul (LÓPEZ, 1974). Garavaglia (2008), ao analisar as fontes historiográficas que relatavam o consumo da erva-mate entre as populações guaranis ao longo do século XVI, afirmou que o uso medicinal se espalhou entre as tribos da região do Paraguai colonial antes mesmo da chegada dos colonizadores europeus e que já na década de 1520 as folhas processadas da árvore eram utilizadas como moeda de troca (p. 36). O povo Kaingang – descendentes do tronco linguístico Jê (DA LUZ, 2011) –, descritos por Koch e Corrêa como os habitantes por excelência da Floresta com Araucárias (2010, p. 80), também coletam e consomem a erva-mate, que chamam de *kògüinh* (HAVERROTH, 1997, p. 50). Para a identificação das folhas em meio à vegetação é necessário conhecimento e treinamento. As figuras a seguir (Figs. 1.3 e 1.4) ilustram a erva-mate e suas características de espécie dentro do ambiente florestal.

Figura 1. 3: Folhas de erva-mate no erval mantido pela família Kosloski e Silva



Fonte: O autor, 2019.

Figura 1.4: Ramos de erva-mate em meio à FOM



Fonte: O autor, 2019.

O conhecimento acerca das possibilidades do consumo e do processamento das folhas de erva-mate cruzou os diversos ambientes onde esta planta ocorre, circulando entre as práticas dentro da Floresta Estacional Semidecidual e da Floresta Ombrófila Mista – onde a concentração de erva-mate no sub-bosque é relativamente mais alta (INOUE et al., 1984, p. 94) – através das trocas culturais existentes entre as culturas indígenas a partir de caminhos pré-coloniais (MAACK, 1981, p. 25). Um conjunto de conhecimentos empíricos acerca da poda,

rebrotar e processamento das folhas de erva-mate foram descritos pelo padre jesuíta Antônio Ruiz de Montoya em sua vivência com Guaranis em 1610 e publicadas em 1639:

O vilarejo encontra-se fundado em pequena área, cercado de imensos morros de árvores silvestres, onde encontram-se manchas de dois, três ou mais léguas de árvores que fazem a erva que chamam do Paraguai. São muito altas, folhosas e grossas. A folha é relativamente grossa, da largura de uma língua; podam estas árvores, fazendo com que, em um período de três anos, de seu tronco rebrotem galhos tão formosos e grandes quanto eram quando foram cortados. Os galhos destas árvores [...] são tostados a fogo manso, e as folhas são moídas com não pouco trabalho dos indígenas. (MONTROYA, 1639, p.8, tradução nossa)

Embora a historiografia ainda não tenha estabelecido exatamente a trajetória da consolidação dos conjuntos de conhecimentos desenvolvidos na relação entre grupos humanos e a Floresta Ombrófila Mista no que diz respeito à erva-mate, possibilidades de trocas e de hibridismos culturais, que, constituídos em relação com esta planta, possibilitaram, ao longo dos séculos, a continuidade e a dissipação do conhecimento sobre a identificação da árvore. O conjunto de práticas que envolvem a poda de suas folhas, os processamentos com fogo, a trituração e o consumo em forma de infusão foram continuados por gerações em interação com a floresta. As imagens a seguir (Figs. 1.5 e 1.6) evidenciam que o processamento e consumo de erva-mate eram praticados por indígenas Xetá¹⁴ na década de 1950. Estes processos de transmissão de conhecimento interessam, pois, a partir de trocas de experiência dadas ao longo do tempo, as formas de lidar com a planta atravessaram demandas geracionais e variadas conjunturas sociais e econômicas que, em confluência, foram constantemente imprimindo camadas históricas e ecológicas à paisagem regional.

¹⁴ Que assim como os Guaranis, eram descendentes do tronco linguístico Tupi-guarani (MUNDURUKU, 2010, p. 22).

Figura 1.5: Indígena da etnia Xetá prepara folhas de erva-mate



Fonte: acervo do Museu Paranaense.

Figura 1.6: Indígena Xetá tritura as folhas de erva-mate



Fonte: acervo do Museu Paranaense.

Ao longo do período colonial da América do Sul, iniciado na região de ocorrência da erva-mate a partir de 1536 (MARKUN, 2009, p. 135-36), os indígenas, detentores dos conhecimentos sobre a utilização das variadas espécies existentes (ELISABETSKY, 1986, p. 135) sofreram constantes abusos e massivo extermínio cultural ao longo de um duradouro processo (MONTEIRO, 1994; RIBEIRO, 1995; CUNHA, 2013). A cultura da erva-mate, relatada desde o início deste período na América do Sul, conforme levantamento histórico de Garavaglia (2008, p. 55-6), em paralelo aos comportamentos sociais e políticos do

estabelecimento da dominação imposta pela lógica colonial, atravessou também diversos momentos e condições de existência acerca de seu consumo (PASTELLS, 1912; MONTOYA, 1985), extrativismo e também plantio – através de práticas agrícolas desenvolvidas em cooperação nas regiões missioneiras no atual estado do Rio Grande do Sul e Paraguai (NIMMO; NOGUEIRA, 2019, p. 9-12) – sobretudo entre os séculos XVII e XVIII.

A questão que nos interessa neste contexto relaciona-se, especificamente, às dinâmicas que permitiram a continuidade e conhecimento relacionado à erva-mate ao longo do território abrangido pelo atual estado do Paraná, mais especificamente na área de ocorrência da Floresta Ombrófila Mista. As dinâmicas de trocas culturais entre os campos e florestas do sul do país, em um contexto periférico, conduzem a um importante agente cultural, figura tipicamente brasileira, surgido às margens do colonialismo: o caboclo (RIBEIRO, 1986, p. 307). Em sua tese de doutoramento sobre a História Ambiental da erva-mate, Marcos Gerhardt afirma que os caboclos exerceram importante papel na absorção e transmissão de um grande conjunto de conhecimentos relacionados a esta planta (2013, p. 77-8).

A partir das primeiras décadas do século XVIII, a política de domínio econômico, social e dos meios praticada pelos luso-brasileiros paulistas inicia o estabelecimento de grandes fazendas para criação de gado na região das estepes de gramíneas baixas do Paraná (MAACK, 1981, p. 313; WACHOWICZ, 2010, p. 95). Paralelamente a este processo, além do fortalecimento político de uma elite fazendeira na região, o sistema econômico baseado no tropeirismo ganha força e o trabalho nas fazendas dos Campos Gerais do Paraná torna-se atrativo. À medida que as fazendas se expandem em direção às suas fronteiras com a FOM – vide o mapa na figura 1.1, em verde estão destacadas as áreas de campos –, um tipo de ocupação territorial e de encontros culturais se conformam. Nas periferias do sistema de fazenda, às bordas dos campos, penetravam, mata adentro, uma série de luso-brasileiros pobres, em busca de áreas que lhe permitissem o cultivo de subsistência. Sem capital ou instrumentos que lhe permitissem a fixação nas vilas e arredores criados, restava-lhes a opção de escolha de um estilo de vida independente (CODESUL, 1976, p. 23). Sobre esta situação, ao discutir acerca do surgimento de um estilo de manejo agrícola em associação com a floresta, Sahr e Cunha afirmam:

Também nesta fase, os índios Kaingang são então gradativamente empurrados para as matas. Nelas sumiram também não poucos vaqueiros, escravos fugidos e aventureiros e talvez também nela se encontrassem o restante da população Guarani e familiares dos Bandeirantes. Assim, forma-se no século XVIII no Sul do Brasil uma população autóctone, os *Caboclos*, que desenvolve na floresta, quase sem referência na Historiografia, um outro tipo de sistema agropecuário, os Faxinais, paralelamente ao desenvolvimento das grandes propriedades dos Campos. A dualidade da paisagem

natural transforma-se, desta forma, numa dualidade também na gênese de povoamento. (SAHR e CUNHA, 2005, p. 93)

Embora ainda limitadamente discutida na Historiografia paranaense, a formação da população cabocla a partir da miscigenação de luso-brasileiros, indígenas e afrodescendentes, representou um importante nicho de conformação cultural e manutenção de práticas tradicionais, sobretudo, neste caso, acerca dos conhecimentos e formas de viver em relação com a floresta. Em um momento posterior, a população cabocla será submetida a um papel preponderante no novo fluxo de exploração social e ecológica imposto pelos interesses capitalistas e colonizatórios. A apropriação de sua mão de obra no extrativismo de erva-mate na Floresta Ombrófila Mista desempenhou atuação essencial na História Ambiental tanto da erva-mate quanto da própria floresta. A sessão seguinte discutirá esta questão.

1.2 EXPLORAÇÃO MADEIREIRA, IMIGRAÇÃO E MATE: A VIDA DA ERVEIRA EM MEIO AOS INTERESSES ESPECULATIVOS NA VIRADA DO XIX PARA O XX

As condições morfológicas e fitogeográficas do Paraná estiveram, a partir da colonização e implementação da lógica governamental eurocêntrica, apropriadas e exploradas pelas elites econômicas e políticas do estado, conforme suas demandas e possibilidades de acúmulo de poder e capital (OLIVEIRA, 2001, p. 37)¹⁵. Até então tida como fronteira limite dos anseios e especulações econômicas das classes dominantes, foi a partir da década de 1820 que a Floresta Ombrófila Mista e seus volumosos ervais passaram a acumular crescente interesse exploratório. A exportação de erva-mate paranaense passou a ganhar representatividade comercial nos grandes mercados consumidores da estimulante infusão elaborada a partir do processamento das folhas desta planta, tais como Argentina, Uruguai e Chile (LINHARES, 1969, p. 75-77; WACHOWICZ, 2010, p. 155; VANALI, 2013, p.15).

Para atender, portanto, à acentuadamente progressiva demanda por extração de erva-mate¹⁶, a tradicional elite paranaense constitui-se em detrimento da exploração das florestas, apropriando-se dos saberes e da mão de obra dos caboclos, “capturando o conjunto de técnicas dominadas pela população livre” (PEREIRA, 1996, p. 48). É neste contexto, em que houve uma acentuada tendência política e econômica da exploração da erva-mate e da mão de obra aplicada na prática de sua coleta – pautado na exploração da planta para fins de consumo não-doméstico

¹⁵ Conforme apresenta o autor na sessão inicial de sua obra intitulada: *‘A posse da terra: o núcleo duro da classe dominante histórica’*.

¹⁶ Segundo Westphalen, durante o período entre 1820 e 1830, 34 engenhos de soque de erva-mate se instalaram no Paraná, e, entre 1826 e 1836 a erva-mate assumiu a representatividade de 85% de todas as exportações da então 5ª Comarca de São Paulo, futuramente Paraná (WESTPHALEN, 1985, p. 144-45).

(LINHARES, 1969, p. 171) –, é que o conhecimento acerca dos tratos com a planta, à sombra da FOM, tornou-se de grande valia tanto para a economia quanto para a sociedade regional.

O desenvolvimento da economia ervateira no estado, assim como suas consequências para a ocupação territorial e formação cultural paranaense foram assuntos bastante discutidos e pesquisados em diversos momentos assim como em plurais perspectivas (MARTINS, 1926, 1937; LEÃO, 1931; BACILLA, 1940; ORREDA, 1968; WACHOWICZ, 1967, 1983; LINHARES, 1969, COSTA, 1981; COSTA, 1989, URBAN, 1990; PEREIRA, 1996; TREVISAN, 1998; VANALI, 2013, etc.).

O conjunto de práticas e conhecimentos acerca do processamento das folhas de erva-mate, obtido através de interações dialéticas estabelecidas com a Floresta Ombrófila Mista e seu sub-bosque tornou-se, portanto, a base do abastecimento da economia de extrativismo florestal que passa a se desenvolver no estado do Paraná, sendo sua principal mercadoria produto do trabalho de pequenos agricultores de subsistência de origem cabocla e também coletada por homens integrantes das tropas (WACHOWICZ, 2010, p. 175). Foi paralelamente a este processo que a imigração europeia encontrou o cenário propício para seu estabelecimento (OLIVEIRA, 2001, p. 123), sendo que a primeira fase de assentamento de imigrantes deu-se entre 1820 e 1850, com a fixação de colônias de alemães na região da Lapa e do Rio Negro no ano de 1829 (CARDOSO; WESTPHALEN, 1981, p. 62; WACHOWICZ, 2010, p. 173).

Esta situação proporcionou os primeiros contatos entre populações caboclas, indígenas e de imigrantes europeus instalados em colônias estrategicamente estabelecidas em áreas florestais (OLIVEIRA, 2001, p. 123). O conhecimento acerca da utilização de elementos componentes do ecossistema da FOM foi apropriado pelos recém-chegados, a começar pelos meios de instalação e construção de abrigo – conforme discutiremos no segundo capítulo – e, sobremaneira, a transmissão de conhecimento acerca da erva-mate, sua ecologia, coleta, processamento, consumo e conseqüente comercialização. Segundo o que afirma Wachowicz, o estabelecimento da primeira colônia de europeus não luso-brasileiros às margens do rio Negro foi uma estratégia utilizada para afastar os indígenas Xókleng do caminho percorrido por tropas comerciais que cruzavam a floresta entre os campos do norte de Santa Catarina e o segundo planalto paranaense (2010, p. 173).

Entre as décadas de 1830 e 1880, paralelamente ao crescimento estatístico da exportação de erva-mate paranaense – que em 1880 atingiu o patamar de 10 milhões de quilos¹⁷ vendidos

¹⁷ De acordo com Jorge Mazuchowski uma erva constantemente podada, em períodos de 3 em 3 ou de 4 em 4 anos, produz em média 15 a 20 quilos de matéria verde, e, após a secagem, o rendimento em produto final é de

somente ao exterior (LINHARES, 1969, p. 129, 369) –, foram estabelecidas no Paraná mais de 20 colônias de imigrantes de descendência não lusitana, com proeminente concentração no período em que a Província do Paraná era governada por Adolpho Lamenha Lins (WACHOWICZ, 2010, p. 173-181). Lins visava a fundação das colônias em áreas florestadas do estado, conforme Relatório do Governador enviado à então Assembleia Provincial em 1875: “é preciso, pois, preparar os colonos para penetrarem nas regiões de matas virgens” (GUÉRIOS, 2012, p. 159).

Ainda no ano de 1857 o Governo da Província lançou uma obra escrita, em formato de cartilha, na qual estipulava-se a padronização processual da erva-mate no território paranaense, visando seu alcance comercial internacional:

Para isso, primeiro, a erva deveria ser cortada de março a setembro, ter pelo menos quatro anos, estar a folha isenta de qualquer orvalho ou umidade, não sendo cortada senão das 9 às 17 horas. No barbaquá, o fogo deveria ser lento, forte e sem fumo durante toda a noite, revolvida a erva continuamente para sair bem igual, até ficar um pouco tostada, o que só seria possível com 15 a 18 horas de fogo. Moída em pilões de madeira, sem sofrer qualquer contágio de água ou umidade. (LINHARES, 1969, p. 130)

Esta padronização das práticas, respaldadas em conhecimentos de execução empírica para o processamento da erva-mate e promovida como política de Estado, representa a necessidade que o governo tinha de defender, sobretudo no mercado externo, a qualidade de seu produto. Mesmo que, de fato, não houvesse a possibilidade de efetivar fiscalização ou averiguação *in loco* nas comunidades produtoras de erva-mate, cujas práticas influenciaram a padronização publicada por cartilha governamental.

A forma de processamento da planta passou a ser integrada como prática também nas colônias recém-instaladas e comunidades que se desenvolveram a partir da consolidação da rede de abastecimento baseada na coleta, processamento e comercialização da *Ilex paraguariensis*. A peculiaridade de adaptação ao trabalho de extrativismo promovido pelas interações culturais entre imigrantes europeus e caboclos, também tidos por camponeses nacionais, acerca das práticas agrícolas relacionadas à erva-mate em associação à Floresta Ombrófila Mista foram discutidas por Schneider (2008, p. 43-44) e Gerhardt, autor que conferiu a esta classe de imigrantes a alcunha de ‘colonos ervateiros’ (2011, 2013, p. 157-224)¹⁸.

cerca de 30% do total coletado (MAZUCHOWSKI, 1989, p. 31). Sem considerar perdas no transporte e produzindo na maior quantidade sempre, estima-se, portanto, que cerca de 1 milhão 650 mil pés de erva-mate em ervais localizados em sub-bosque da Floresta com Araucária eram explorados neste período.

¹⁸ Embora o termo ‘ervateiro’ apresentado por Gerhardt seja utilizado para designar pessoas que praticavam a extração e processamento de sapeco e carijo de erva-mate oriunda do sub-bosque da floresta, contemporaneamente, em nossa área de estudos, verificou-se que este termo se refere a industriais da erva-mate tanto em pequena quanto grande escala. O termo socialmente utilizado para as pessoas que manejam e extraem

A partir de 1882, a navegação fluvial entre as cidades de Porto Amazonas e União da Vitória, feita por barcos movidos a vapor, estabeleceu a conexão entre todo o vale do rio Iguaçu (WACHOWICZ, 2010, p. 181; CARVALHO, 2006, p. 117). Nesta condição, encontrou-se um contexto propício para o estabelecimento de diversas comunidades¹⁹ e colônias às margens do rio Iguaçu, que passara, portanto, a integrar uma grande via de interconectividade entre as florestas do segundo planalto paranaense e o litoral do estado²⁰, por onde as mercadorias provenientes da economia de exploração florestal encontravam maneira para seu escoamento.

Além dos interesses da indústria ervateira no aumento do abastecimento de seu produto fomentador, a até então incipiente exploração madeireira paranaense, cuja organização ocorria, em momentos anteriores, exclusivamente na Floresta Ombrófila Densa do litoral do estado (LAVALLE, 1974, p. 2), passa a assumir um papel de relevância nos negócios da então província²¹. A consolidação das linhas férreas Curitiba – Paranaguá, inaugurada em 1885 e São Paulo – Rio Grande, concluída em 1910, marcaram o início de um importante adendo histórico: a formação de uma indústria madeireira no estado, que, somadas à expansiva economia ervateira e associada à incipiente criação de colônias de imigrantes europeus na região, foi responsável por grande transformação social, econômica e ecológica em todo o território do Paraná, a começar pelo vale do rio Iguaçu (CARVALHO; NODARI, 2008, p. 66).

A historiografia dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate e seus respectivos complexos paisagísticos encontra, neste período, o contexto que influenciou agudamente na ocorrência e configuração das propriedades rurais relacionadas à prática agrícola do manejo de erva-mate sombreada. Entre 1880 e 1940 o vale do Alto Iguaçu²² passou a receber intenso movimento imigratório com o estabelecimento de colônias habitadas por imigrantes provenientes da Europa Central. Determinadas pelo Estado em associação aos interesses

erva-mate das florestas é ‘erveiro’. Este fato foi verificado nas mais de 30 entrevistas aplicadas ao longo do desenvolvimento do projeto Araucária II, da EMBRAPA Florestas, do qual esta pesquisa desmembra.

¹⁹ Algumas derivadas de grandes propriedades fixadas a partir de concessões de terras, que usualmente estabeleceram-se em função do extrativismo dos ervais e pinheirais, além de possuírem área de invernagem e de pasto para gado. É o exemplo da comunidade de São Miguel da Roseira, surgida à periferia da Fazenda Roseira, estabelecida na década de 1850, antes localizada no município da Lapa e hoje em São Mateus do Sul-PR, conforme revelado por Belarmino Silveira (SILVEIRA, 2019).

²⁰ Através do transporte multimodal, estabelecido pela navegação do rio Iguaçu, somada ao transporte, inicialmente exclusivamente terrestre, pela Estrada da Graciosa até Antonina (1876) e posteriormente pela Ferrovia Curitiba-Paranaguá (1885).

²¹ A criação da Companhia Florestal Paranaense, em 1872, representou a primeira tentativa de estabelecimento da exploração dos pinheirais paranaenses com o intuito de exportação madeireira (CARDOSO; WESTPHALEN, 1981, p. 66).

²² Ao longo do primeiro e segundo planaltos paranaenses. O processo de ocupação do vale do rio Iguaçu no terceiro planalto situa-se em outro contexto histórico. Para informações vide Wachowicz (2010, p. 207-217).

classistas paranaenses²³, as colônias se estabeleceram na seguinte cronologia: São Mateus (1890), Água Branca (1891), Santa Bárbara (1891), Palmira (1891), Rio Claro (1891), Eufrosina (1892), Antônio Olinto (1895), Mallet (1896), Cruz Machado (1910)²⁴ (WACHOWICZ, 2010, p. 182).

O estabelecimento de colônias localizadas sob a área de influência do rio Iguaçu constituiu novos arranjos espaciais, sociais e culturais. Com a vinda de outras matrizes culturais para a região e a inserção de novos agentes nas relações com a Floresta Ombrófila Mista, o processo de transformação do conhecimento sobre os métodos de processamento da erva-mate atravessou novos ordenamentos, passando por um processo de hibridização, conforme apontaram Nimmo e Nogueira (2019, p. 15). Os imigrantes, conduzidos como força de trabalho e agência transformadora da paisagem através da agricultura e atividades relacionadas passaram, também, a serem detentores e continuadores dos conhecimentos do manejo da erva-mate. O próprio entendimento sobre a floresta configurou-se como processo de hibridização cultural e ambiental, tendo em vista que a maior parte dos imigrantes era proveniente de áreas florestadas por coníferas entre a Polônia e Ucrânia (BORUSZENKO, 1969; WACHOWICZ, 1970; OLIVEIRA, 2009; TEDESCO; HEINSFELD, 2009; GUÉRIOS, 2012; DVORAK, 2013).

O procedimento de fixação dos colonos, assim como os métodos de adaptação ao lugar e transformação da paisagem a partir de suas necessidades e respaldadas em seu conhecimento empírico de lugar de origem são relativamente bem explorados pela historiografia, como podemos verificar na narrativa do padre Chelmicki, que visitou a recém-instalada colônia de São Mateus no ano de 1891, descrevendo os procedimentos de instalação de colonos poloneses nos terrenos destinados à ocupação e utilização:

Existem dois tipos de terra que estão sendo demarcados para os colonos: o campo, extensão de terra coberta por apenas capim e certo tipo de pequenos arbustos, e a mata virgem. O campo requer, já de saída, um tratamento corretivo, pois existe o preconceito, entre os colonos, de que o campo é estéril. Digo preconceito porque só os italianos os escolhem e instalam vinícolas, que lhes dá um bom lucro, porém conquistado a duras penas. Para o colono polonês, a mata virgem agrada mais, já porque a floresta sempre foi a sua maior tentação, já pelo fato da ideia errônea de que lá encontrará terra muito melhor (p. 254). [...] Ninguém pode ter ideia do que seja uma floresta virgem, ou melhor, uma floresta brasileira, se não viu com os próprios olhos. É uma compacta massa verde. Milhares de cipós entrelaçados envolvendo tanto as árvores menores como as gigantes, centenárias. Do meio dela apenas as folhas e as pontas sobressaem. Do solo despontam milhares de espécies de samambaias e

²³ Em 1891, a relação do então Secretário de Estado de Obras Públicas e inspetor de terras e colonização, responsável, em grande parte, pela determinação da localidade das colônias a serem criadas, Cândido Ferreira de Abreu, de parentesco direto com Agostinho Ermelino de Leão Júnior, talvez o maior ervateiro e madeireiro da primeira metade do século XX (NEGRÃO, 1928, p. 179), indica uma possível união entre os interesses do Estado e da burguesia industrial paranaense, conforme as discussões de OLIVEIRA (2001, p. 198).

²⁴ Esta já situada na bacia do Médio Iguaçu.

arbustos (p. 257). [...] Então, primeiramente começa pelo corte do mato e dos cipós com uma ferramenta apropriada que tem forma de um alfanje curto, a foice, ferramenta desconhecida na Polônia. Assim consegue vencer o primeiro obstáculo, apanha o machado e empenha-se no corte das árvores de menor porte. Em seguida, chega a vez das maiores e por fim as gigantes. (CHELMICKI, 2010, p. 254-59)

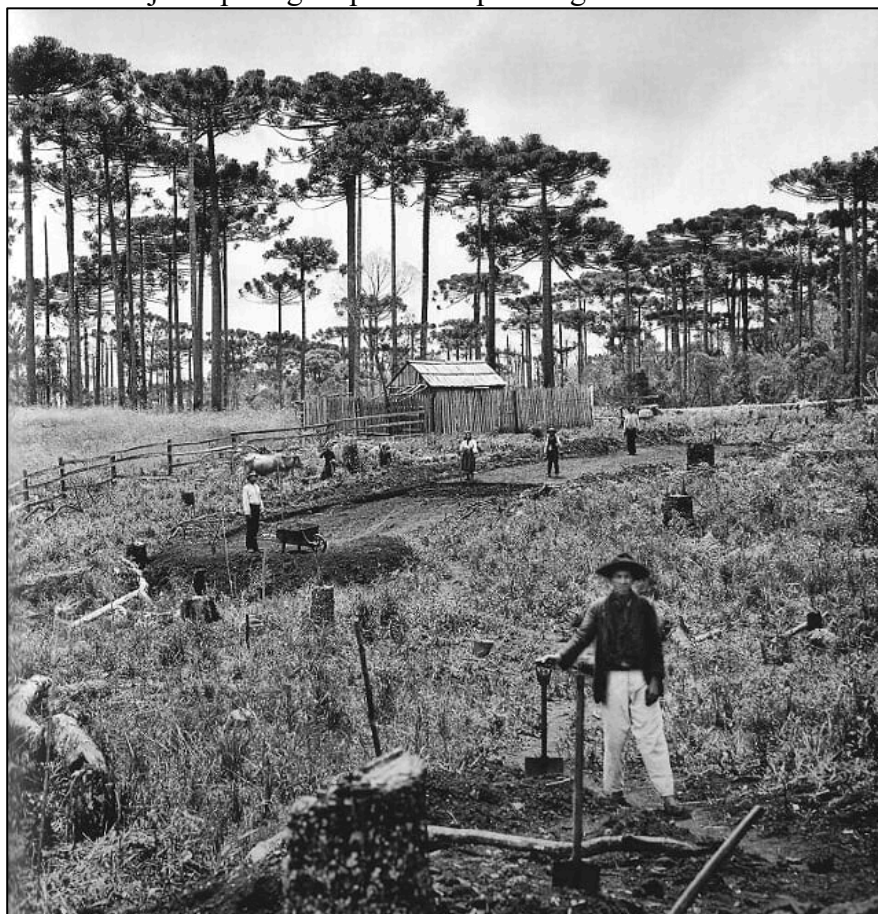
A ativa transformação da paisagem promovida pelo empenho e aplicação de mão de obra dos colonos foi, progressivamente, alterando a configuração da floresta na região e criando uma paisagem cultural bastante específica (WAIBEL, 1979, p. 226), através da implementação de culturas agrícolas trazidas de suas regiões de origem somadas aos conhecimentos estabelecidos com populações locais, conforme afirma Wachowicz (1981, p. 117):

No início, sem orientação alguma, tentou dirigir e trabalhar na sua propriedade, como o fazia na Polônia. Desejava derrubar o mato e arar o terreno. Mas, logo percebeu que tal não podia fazer, devido aos cepos que permaneciam. Adaptou então o método utilizado pelos nativos. Derrubar a mata do trecho escolhido para a cultura, tomando o cuidado de deixar as árvores muito grossas de pé, como Imbuías e Pinheiros, por exemplo. O mato cortado esperava-se secar, ao que era ateadado fogo. Assim, no meio dos tocos carbonizados, plantava milho ou semeava centeio, trigo, etc. Quando os cepos já estavam praticamente erradicados ou apodrecidos, o terreno já podia ser considerado de capoeira, passando então a utilizar-se do arado para revolver a terra. Após um ou dois anos de colheita, deixava o terreno para descanso por alguns anos, em cujo período o mesmo cobria-se de capoeira. Entretanto, a aceitação por parte dos imigrantes do sistema de queimadas, veio prejudicar sobremaneira a terra.

As diversas necessidades e condições que permeavam a vida de uma família de imigrantes refletiam na forma como manejavam e conduziam ativamente a configuração da propriedade rural e seus usos: a criação de vacas leiteiras, a aplicação de madeiras nas construções de abrigos e estruturas da propriedade, a derrubada das matas e o arado na terra. Estes elementos são verificáveis através dos registros fotográficos de Augusto Weiss, realizados nas primeiras décadas do século XX (WEISS, 2017, p. 10). Os registros, conforme averiguamos a seguir (Figs. 1.7, 1.8 e 1.10) retratam o momento pelo qual a região do médio vale do rio Iguaçu atravessava uma importante transição demográfica²⁵, com ressaltantes índices de adensamento populacional, constante chegada de novos imigrantes e fundação de novas colônias.

²⁵ A população do estado do Paraná dobrou entre 1900 e 1920, sobremaneira com o adensamento das colônias instaladas nos Alto e Médio vales do rio Iguaçu, com o direcionamento de ucranianos, poloneses e alemães (CARDOSO; WESTPHALEN, 1981, p. 68-71).

Figura 1.7: Manejo da paisagem praticado por imigrantes no início do século XX



Fonte: WEISS, 2017, p. 19.

Durante a década de 1900, Paul Walle, conselheiro de comércio exterior do Ministério do Comércio da França visitou a região de extrativismo florestal do estado do Paraná, conhecendo pinheirais, ervais, serrarias e barbaquás²⁶. A partir de suas análises acerca das atividades econômicas instaladas à época, podemos extrair relevantes contribuições sobre as condições de existência das florestas e das pessoas que com ela se relacionavam em seus costumes e práticas:

É possível ver lugares habitados por todas as partes: as casas, de estilo polonês bem característico, são construídas em madeira e cobertas por telhas igualmente de madeira, como a maioria das habitações no interior e nas colônias. A madeira é a matéria mais abundante e a menos custosa, desta forma, seu uso é abundantemente empregado, as propriedades são cercadas por pedaços de madeira no lugar de fio de ferro (WALLE, 1910, p. 284, tradução nossa)²⁷.

[...] Por momento, podemos afirmar que os recursos do Paraná são extraídos de suas duas grandes riquezas naturais: os ervais, de onde se retira o mate, que é sua principal exportação; em segundo lugar, suas imensas florestas de pinheiros, *Araucaria*

²⁶ Estrutura montada com o fim específico de secagem da erva-mate. Estrutura cuja finalidade e historicidade é devidamente discutida no segundo capítulo desta dissertação (p. 86).

²⁷ Partout on voit des lieux habité: les maisons, de style polonais bien caractérisé, sont construites en bois et couvertes en tuiles également en bois, comme la grande majorité des habitations dans l'intérieur et les colonies. Le bois est la matière première la plus abondante et la moins coûteuse, aussi on en use et on abuse; des propriétés sont encloses de débris de planches au lieu de fils de fer. (WALLE, 1910, p.284)

brasiliensis (sic). Estas florestas, ou pinheirais, são exclusivas do Paraná²⁸. (WALLE, 1910, p. 296, tradução nossa)

A fotografia de Augusto Weiss a seguir (Fig. 1.8) mostra algumas das práticas de manejo da floresta e transformação cultural e mesmo morfológica da paisagem, impostas pelas instalações das colônias. A derrubada da floresta era a ação fundacional dos pequenos povoados e a apropriação de elementos disponíveis no ambiente da FOM, utilizados em prol da agricultura, assim como as construções em madeira em si, carregam em suas formas testemunhos de um momento de intensos e concentrados distúrbios antrópicos às florestas na região:

Figura 1.8: Transformação antrópica da FOM



Fonte: WEISS, 2017, p. 51.

A intensa exploração de madeira da floresta caracterizou este período histórico. Árvores como a imbuia e o pinheiro-do-paraná (MARTINS, 2004, p. 151-67; HOEHNE, 2014, p. 106-13), foram aplicadas não somente como suporte à organização da vida familiar cotidiana, mas também comercializada e disponibilizada às atividades altamente predatórias impostas pelo

²⁸ Pour l'instant, on peut dire que les ressources du Paraná sont tirées de ses deux grandes richesses naturelles : les herbaes, dont nous allons parler, et d'où il tire le maté qui forme sa principale exportation ; en second lieu, de ses immenses forêts de pins, araucarias brasiliensis. Ces forêts ou pinhaes, sont particulières au Paraná. (WALLE, 1910, p. 296).

funcionamento das serrarias que rapidamente se instalavam na região²⁹. Em meio a este contexto, o manejo da erva-mate seguia ainda antigas práticas da poda cíclica, pautada na rebrota da planta:

A exploração das árvores é feita cortando-se os galhos para utilizar as folhas, as árvores, após terem sido completamente podadas, devem ser deixadas por três anos, tempo necessário para que se recubra novamente em folhagem. Durante este tempo, os hervateiros exploram outras árvores ou se colocam à procura de um erval virgem. (WALLE, 1910, p. 301, tradução nossa)

A coleta das folhas era feita dentro das florestas, situação na qual eram também pesadas e recebiam o processamento da queima inicial, chamado de sapeco³⁰. Fotografias registradas por Augusto Weiss e por Paul Walle (Figs. 1.9 e 1.10), acima mencionados, representam algumas das práticas aplicadas à extração da erva-mate no início do século XX:

Figura 1.9: erveiros posam em frente ao carijo



Fonte: WALLE, 1910, p. 301

²⁹ Paul Walle (1910, p. 296), afirma que no ano em que visitou o Paraná (1909) existiam no estado 120 serrarias. Estatísticas publicadas por Martins (2004, p. 195-96) complementam esta informação, afirmando que em 1896 existiam 64 serrarias no estado. Em 1920, o número já havia alcançado 174, e em 1943 eram 643 serrarias especializadas no processamento da madeira de árvores derrubadas.

³⁰ Palavra de origem Guaraní, derivada do uso do verbo *Hapég*, significando chamuscar. “Ahá caá rapéca, voy a tostar yerua.” (MONTROYA, 1640, p. 142). Ato de secar as folhas da erva-mate, retirando da planta a sua humidade para que não oxide. O sapeco, à época das narrativas citadas, era feito dentro da floresta, pois ali a erva-mate ficaria armazenada por um tempo, até que toda a erva fosse colhida e transportada até o carijo ou barbaquá.

Figura 1.10: caboclos e colonos posam em frente ao carijo



Fonte: WEISS (2017, p. 54).

Nota: Fotografia intitulada “carijo de Herva-matte do cap. Francisco Manoel de Camargo”.

As imagens acima evidenciam, além das etapas práticas de processamento da erva-mate, algumas das relações estabelecidas com a mão de obra de imigrantes e caboclos aplicadas na extração de erva-mate. A coleta das folhas podia se dar tanto em pequenas propriedades, de forma autônoma, como em grandes propriedades com ervais, pagando-se por quantidade de erva-mate processada, conforme averiguado na figura 1.10, cujo carijo de erva-mate da propriedade de Francisco Manoel de Camargo é representado. Geralmente, nestas grandes propriedades, havia também a instalação de serrarias, como verificou-se na propriedade em São Miguel da Roseira, conforme discussão situada no terceiro capítulo deste trabalho.

Paralelamente ao avanço da instalação de núcleos populacionais e a consolidação do *modus operandi* do sistema de exploração madeireiro, a extração de erva-mate de dentro das florestas, assim como seu processamento e consumo pelas comunidades envolvidas na estreita e cotidiana relação com a Floresta Ombrófila Mista, representou transformações, adaptações e hibridismos. Porém, é na continuidade do ato de manejo das árvores de erva-mate em prol da obtenção das folhas processadas para o consumo da bebida em infusão, proveniente de conhecimentos e práticas estabelecidas a longa data dentro da sub-bosque da FOM, encontramos a grande questão que permeia a historicidade dos remanescentes deste estilo produtivo contemporaneamente.

Os diversos contextos históricos pelos quais atravessaram o consumo e processamento da erva-mate – ao longo do tempo e do espaço – são relevantes para compreendermos e localizarmos histórica e ambientalmente as seis propriedades rurais visitadas nesta pesquisa, cujas historicidades estão profundamente enraizadas aos movimentos migratórios e de colonização entre as décadas de 1880 e 1940. Duas destas propriedades estão localizadas no município de Antônio Olinto, antiga colônia de imigrantes ucranianos fundada em 1891, a única situada à margem esquerda do rio Iguaçu (GUÉRIOS, 2012, p. 40). Duas propriedades situadas em São Mateus do Sul, antiga colônia de poloneses (fundada em 1890), onde existiam importantes portos fluviais para o carregamento de madeira e erva-mate (BACH, 2006, p. 33-37). As duas últimas, localizadas em São João do Triunfo, cuja povoação deu-se a partir de 1864 a partir de grandes latifúndios de concessões do Estado, e recebeu imigrantes poloneses a partir do final do século XIX (IBGE Cidades, 2017).

Estas propriedades trazem em sua configuração paisagística traços das trajetórias percorridas ao longo do processo de estabelecimento de propriedades rurais dentro do ambiente florestal, apresentando em suas configurações fortes indícios materiais e afetivos acerca da historicidade do manejo da erva-mate sombreada. Dentre estas seis propriedades, três possuem sua origem no estabelecimento de pequenas propriedades em colônias de imigrantes poloneses; uma se origina de grande latifúndio de exploração ganadeira e florestal; uma descende da fixação de população de origem cabocla e luso-brasileira e outra tem origem no estabelecimento de imigrantes ucranianos.

1.3 PATRIMÔNIO ECOLÓGICO E CULTURAL: OS SISTEMAS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE

Associada ao extrativismo da erva-mate, a atividade de exploração madeireira nas florestas paranaenses consumiu, entre 1911 e 1941, segundo estatísticas oficiais de exportação analisadas por Romário Martins (2005, p. 159), uma média anual de 106.432 toneladas de madeira de pinheiro. Ao considerar que uma *Araucaria angustifolia* produza, em média, 1500 quilos de madeira (MARTINS, 2005, p. 122-123), pode-se afirmar que foram comercializadas para o exterior cerca de 71 mil pinheiros por ano, ao longo de 30 anos. Ou seja, somente durante este período, mais de 2 milhões de pinheiros foram cortados, processados e comercializados para o mercado externo, excluindo-se destes números os dados referentes ao comércio interno e a utilização do pinheiro nas propriedades rurais não contabilizados estatisticamente, assim como a madeira queimada ou simplesmente rejeitada ou mesmo a madeira utilizada como lenha

para a geração de energia de locomoção dos vapores e trens que transportavam as madeiras em direção aos portos de exportação, o que, sem dúvidas, multiplicaria este valor³¹.

Em 1928, o botânico Frederico Carlos Hoehne atravessou a Floresta Ombrófila Mista e em seu relatório de viagem, posteriormente publicado em 1930 sob o título de *Araucarilândia*, ao deparar-se com as condições de transformação da paisagem florestal do Paraná e sua conversão em ‘taperas e desertos’ (HOEHNE, 2014, p. 106), alertou sobre o eminente desaparecimento da cobertura vegetal natural do estado do Paraná. À época, o autor avaliou a exploração florestal na região do vale do rio Negro, maior afluente do rio Iguaçu³²:

Todas as margens do Rio Negro e seus diferentes tributários estão orladas de mattas mixtas em que a ‘Imbuia’ domina ou já dominou. Essas mattas são caracterizadas ainda pela presença do ‘Mate’ e do ‘Pinheiro’. Dentro de alguns decênios, talvez só restará, porém a lembrança dessas florestas. Sobreviverá, certamente o *Ilex paraguariensis*, St. Hilaire, que, além de ser o mais resistente dos três, tem a seu favor o facto de que só é explorável enquanto vivo. (HOEHNE, 2014, p. 51)

O processo de delimitação de áreas florestais com alta concentração de erva-mate em seu sub-bosque possibilitou, conforme apresentam Inoue, Roderjan e Kuniyoshi, com que o uso e as práticas relacionadas à cultura da erva-mate, em certa medida, impedissem o avanço da especulação madeireira em determinadas áreas onde a exploração da erva-mate fosse de maior interesse econômico:

Visando principalmente estas duas espécies (pinheiro-do-paraná e imbuia), as florestas foram intensamente exploradas; na vegetação remanescente, procurava-se normalmente avaliar o potencial da erva-mate – em número de árvores por hectare – para o cultivo; quando constatada certa abundância, as florestas eram então mantidas para este fim. Caso contrário, o restante da vegetação era abatido, dando lugar à agricultura ou pastagens. (INOUE et al., 1984, p. 94)

Contemporaneamente, dos aproximados 73 mil quilômetros quadrados de FOM antes existentes no Paraná, menos de 3% de sua área de cobertura vegetal original continua viva como floresta. Nenhum remanescente da Floresta Ombrófila Mista no Estado do Paraná encontra-se livre dos processos antrópicos, sendo que apenas 0,3% do total de florestas remanescentes podem ser classificadas como floresta secundária avançada ou primária alterada (CASTELLA; BRITEZ, 2004). Com o acúmulo histórico do uso não sustentável de suas ofertas ecológicas, a área de ocorrência de cobertura vegetal da FOM foi violentamente reduzida por intensos processos de alteração da paisagem. Pesquisas defendem que os 16,8 milhões de hectares de

³¹ Para informações mais detalhadas sobre o processo histórico do desmatamento da Floresta Ombrófila Mista no Paraná, recomendamos a leitura do capítulo intitulado ‘O princípio do fim’ (p. 86-101) em Koch; Corrêa (2010). Recomenda-se também a leitura de Carvalho (2006).

³² O rio Negro deságua no rio Iguaçu, na altura do atual município de São Mateus do Sul-PR. Este encontro determina a divisa entre as bacias hidrográficas do Alto e do Médio rio Iguaçu (PARANÁ, 2006).

FOM que se espalhavam pelo Paraná ao final do século XIX, foram transformados em 880 mil hectares no final da década de 1980 (GUBERT FILHO, 1988)³³.

Estudos recentemente publicados mostram que os maiores remanescentes ainda existentes de Floresta Ombrófila Mista no Sul do Brasil raramente ultrapassam a dimensão de 50 hectares, o que representa uma intensa modificação paisagística regional, em que ao longo de um período de pouco mais de um século a extensa e biodiversa FOM foi convertida em uma paisagem fragmentada, repleta de grandes monoculturas e com pequenos remanescentes florestais, geralmente não interconectados entre si (LACERDA, 2016).

A manutenção dos poucos remanescentes da FOM no estado do Paraná está, em relevante proporção, associada às práticas contemporâneas de manejo de erva-mate em ervais cujo sombreamento do dossel da floresta proporciona um produto final com marcas diferenças em relação à erva-mate cultivada no sistema de monocultivo. As práticas de manejo da erva-mate dentro dos remanescentes florestais, de acordo com Radomski et al. (2014, p. 14), representam, além de formas características da agricultura tradicional da região Centro-sul do Paraná, a possibilidade de conservação de remanescentes florestais em associação à produção agrícola e à geração de renda para as famílias agricultoras.

Caminhando em direção à construção de um reconhecimento formal das práticas ecológicas e manutenção do conhecimento histórico e intergeracional existente no trabalho aplicado à manutenção da floresta, do sub-bosque e da própria erva-mate, Chaimsohn e Souza (2013) publicaram uma série de análises e caracterizações de propriedades rurais nas quais as atividades agrícolas relacionadas à erva-mate se dão em sistemas tradicionais. Dentre os resultados publicados por estes autores, destacamos aqui a variedade florística existente nestes sistemas como potenciais indicadores da relevância que a manutenção dos ervais representa à conservação da biodiversidade (CHAIMSOHN; SOUZA, 2013, p. 14).

Acerca dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate e as possibilidades de diálogos com estratégias para a conservação da biodiversidade e valorização dos serviços ecossistêmicos relevantes discussões foram proporcionadas por Lopes (2011, p. 46-57), Mattos (2011, p. 26-31), Marques (2014, p. 285-294) e Luiz (2017, p. 26-41).

Portanto, ao analisar o desenvolvimento da cultura da erva-mate, as transformações, adaptações e especulações pelas quais suas trajetórias ecológica e social atravessaram ao longo do tempo, é possível interpretar a sua jornada em uma perspectiva dual. Se por um lado tanto o estímulo fisiológico como as apropriações culturais desta planta fizeram com que sua busca e

³³ Recomenda-se ainda, para informações acerca das condições contemporâneas e processos de transformações históricas na paisagem da Floresta Ombrófila Mista, a leitura de: KERSTEN et al., 2015, p. 156-182.

coleta nas florestas resultassem em explorações injustas e não sustentáveis, de outro, a maciça presença da erva-mate nos sub-bosques simbolizou, em certa medida, possibilidades de (r)existência e continuidade. Continuidades as quais se manifestam na paisagem, nas práticas e memórias derivadas do conhecimento tradicional dos agricultores que, ao longo do tempo, conviveram, aprenderam e manejaram os ervais ao abrigo e proteção da floresta.

Inseridas no contexto histórico da exploração econômica da Floresta Ombrófila Mista e do estabelecimento de núcleos de colonização e transformação ativa da paisagem florestal em campos de cultura agrícola, as propriedades visitadas pela pesquisa apresentam em seus complexos paisagísticos indicadores de temporalidades e processos socioecológicos que se deram nestas localidades ao longo do período de estabelecimento das mesmas. Aplicando agricultura com técnicas oriundas de conhecimento tradicional, aliadas a boas práticas ecológicas no manejo dos ervais, em ativo consórcio com a FOM (LUIZ; SILVA, 2016, p. 149-50), estas propriedades concentram possibilidades para a reflexão e interpretação do desenvolvimento histórico das relações estabelecidas no bioma em questão. Ao evidenciar as complexas interações ecológicas e culturais que conferem elementos de identidade coletiva, podem ser, a partir de suas trajetividades, consideradas como componentes do patrimônio ambiental, histórico e da biodiversidade (GERHARDT; NODARI, 2016, p.67) dentro da FOM.

O presente estudo analisa as trajetórias ecológicas e sociais impressas intergeracionalmente na forma como estas propriedades se organizam na disposição de suas estruturas. A partir da leitura da paisagem, propõe-se a interpretação de traços da historicidade e da experiência destes agricultores que hoje, a duras penas, mantêm vivas as formas de viver e ser a floresta. Os sistemas tradicionais de produção de erva-mate, além de representarem a força da continuidade das práticas ancestrais do manejo da planta e interação com a complexa biodiversidade existente na FOM, significam potente agência transformadora, sobretudo no que diz respeito aos conhecimentos obtidos a partir das práticas de manejo dentro da floresta, que, em mútua colaboração com a academia, compartilha novas perspectivas pautadas na experiência empírica.

Desta forma, o capítulo que segue pretende interpretar as camadas de historicidade presentes no ordenamento espacial das propriedades visitadas pela pesquisa, assim como as analogias existentes entre a espacialidade e o desenvolvimento histórico das comunidades produtoras de erva-mate em sistemas tradicionais. As narrativas de agricultores acerca das trajetórias de vida e da histórica relação com o meio da Floresta Ombrófila Mista serão interpretadas e as possibilidades de permeabilidades entre laços afetivos, memória e espacialidade serão exploradas à luz de critérios teóricos e metodológicos provenientes da

História Ambiental e dos estudos da paisagem. A fim de aproximar discussões sobre memória histórica e afetiva, constituição paisagística, preservação ecológica e de práticas culturais.

2 ESPAÇO E HISTORICIDADE: A PAISAGEM DA ERVA-MATE E A MEMÓRIA DOS ERVEIROS

O historiador inglês Simon Schama, em seu *Paisagem e Memória*, nos faz refletir acerca das múltiplas influências que conferem sentido à paisagem. Ao buscar uma leitura do espaço organizado e manejado o autor propõe uma análise profunda dos anseios e perspectivas que pairam sobre as atitudes humanas em relação à externalidade e à natureza. Para isso, segundo Schama, os historiadores devem atentar-se às metáforas paisagísticas (1996, p. 25), que ao longo do tempo, através das mentalidades, foram detalhadamente acumulando vestígios e indicadores do longo processo de conferência de significado à natureza e, consequentemente, à construção paisagem.

Em sintonia com o pensamento de Schama, o geógrafo cultural francês Augustin Berque, em seu *Médiance: des milieux en paysages*, propõe a leitura do espaço geográfico à ótica da interpretação das metáforas existentes na organização e significação das paisagens (BERQUE, 1990, p. 38). Para ele, o trabalho do geógrafo deve pautar-se em compreender de que forma a mentalidade e as necessidades humanas interagem e dialogam com o meio onde ocorrem, buscando – a partir da compreensão de que domínio humano e domínio natural estão irreduzivelmente presentes um no outro, um ao outro – atuar no processo de identificação e avivamento do significado e do reconhecimento dos traços de afetividade entrelaçados entre práticas e trajetórias das relações humanas com o meio ambiente. Estes processos espaço-temporais de constituição da paisagem, que envolvem tanto fluxos ecológicos quanto afetivos, aproximam e possibilitam o “olhar a paisagem de forma factual e sensível, física e fenomenal” (BERQUE, 1990, p. 12).

A finalidade deste texto dissertativo caminha em direção à análise das propriedades rurais cuja historicidade e processo de conformação paisagística estão intimamente relacionadas aos processos e fluxos de interação de grupos humanos com a Floresta Ombrófila Mista, fixando no manejo histórico da erva-mate sombreada o eixo central das interpretações. As morfologias organizacionais contemporâneas destas propriedades proporcionam uma leitura ativa atenta às formas visíveis e fenomenológicas que reportam ao passado, tendo na paisagem – e suas múltiplas relações – o que Claval classifica como “documento arqueológico, testemunha de lógicas funcionais temporais” (CLAVAL, 2014, p. 320). Portanto, a leitura proposta parte da composição de camadas de funcionalidade, resiliência, afetividade e memória como fenômenos que conferem sentido a estas paisagens.

No âmbito da História Ambiental, Donald Worster estruturou sua operacionalização metodológica em três níveis, três grupos de problemas: o primeiro refere-se à compreensão da própria natureza, tal como esteve organizada e funcionando em tempos passados; o segundo nível remete-se ao domínio socioeconômico, na medida em que interage com o meio ambiente; o terceiro nível se dá no campo puramente mental e intelectual, unicamente humano. É o campo das percepções, das leis e outras estruturas de significado oriundos do diálogo entre o indivíduo ou grupo com a natureza (WORSTER, 2011, p. 42).

De forma semelhante à proposta de Worster, Berque organizou a ação da análise dos processos de conferência de sentido à paisagem em três níveis de verificação: “aquele natural (geológico, evolutivo, cíclico); o da sociedade (a história das relações humanas); o da pessoa – da experiência do indivíduo – contemplando a paisagem, tanto em realidade quanto em representação, eu e você” (BERQUE, 2013, p. 7). Portanto, as perspectivas que atravessam mutuamente os campos historiográfico e geográfico aparecem novamente em confluência na estruturação do pensamento em direção à compreensão escalonada dos processos espaço-temporais de conferência de sentidos a partir da dialética entre humanos e meio, acumulados, neste caso, em expressões e camadas sobrepostas que constituem a paisagem.

Assim, o presente capítulo aproxima a leitura do processo histórico da conformação das paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate a partir da perspectiva apontada pelos dois últimos autores acima mencionados como o terceiro nível: a perspectiva humana a partir da relação com o meio, a experiência, o significado e as representações do indivíduo a partir da historicidade das relações estabelecidas com o ambiente e da vivência espacial. A materialização destas expressões em formas organizacionais da paisagem e estruturada em formas de pensamento e conhecimento derivadas da estreita relação intergeracional dos erveiros com a Floresta Ombrófila Mista. Desta forma, o texto que se apresenta a seguir dá continuidade à narrativa iniciada no primeiro capítulo, no qual buscamos abordar as duas primeiras categorias de análise propostas por Worster e Berque, o meio natural e suas dinâmicas cíclicas e ecológicas próprias, assim como os processos socioeconômicos que conduziram à concentrada ocupação territorial da Floresta Ombrófila Mista a partir, sobretudo, das duas primeiras décadas do século XX.

O diálogo teórico entre estes autores permeia e embasa a proposta de análise dos processos de conformação das paisagens das propriedades visitadas. Visando a compreensão das mútuas influências do ecológico e do social, discussões acerca da estreita relação existente entre temporalidade e espacialidade, orientadas pelas factuais materiais e fenomenológicas da paisagem, potencializam-se como fontes interpretativas. A identificação

de elementos relacionados a práticas comuns respalda o debate acerca de uma identidade ecológica dentro do conjunto de técnicas, memória histórica e ecológica existentes nas paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate. Assim, apresentamos na sessão a seguir o processo de seleção das propriedades visitadas pela pesquisa, pautado por critérios que incluíram fatores históricos e geográficos como fios condutores da pesquisa.

Reconhecer, identificar e estabelecer critérios que assemelham estas paisagens está associado às possibilidades de defesa destes tipos de paisagem, que vem sendo massacradas por novas e complexas relações socioecológicas. Estas paisagens, além de testemunhos históricos de um estilo de vida de interdependência com o meio natural, representam possibilidades de defesa de remanescentes ecológicos, pois “um ponto de vista comum afirma que nos preocupamos com a paisagem justamente por ela estar ameaçada, e isso vale também para o meio ambiente” (BERQUE, 2013, p. 4).

2.1 PENSANDO ATRAVÉS DA PAISAGEM: HISTORICIDADE COMO CRITÉRIO

Berque defende que entre as ações que ordenam o espaço a partir das relações estabelecidas entre indivíduo e meio, assim como no processo de identificação e análise destes processos, há uma dicotomia de olhares e atitudes. O primeiro está intimamente ligado à construção da paisagem, sua composição por gerações passadas, sem haver, de fato, um pensamento sobre a paisagem, mas o pensamento em construí-la através do trabalho. Esta categoria de ação dupla e dialeticamente influente no meio e no grupo, permeada pela memória, afetividade e necessidades acumuladas ao longo do tempo é chamada por Berque (2013, p. 5) de pensamento paisageiro³⁴. A segunda perspectiva, estabelecida pelo autor como pensamento da paisagem³⁵, consiste em uma estrutura de reflexão cujo objeto central é a paisagem. Portanto, dentro dos critérios de seleção aplicados às propriedades rurais cuja cultura da erva-mate é um denominador comum na trajetividade histórica, esta pesquisa buscou, à luz do pensamento da paisagem, levantar uma amostragem através da qual fosse possível encontrar pontos comuns nas interações e constituições da paisagem rural através pensamento paisageiro aplicado ao longo do último século no ambiente da FOM.

³⁴ *Pensée paysagère* na obra original no idioma francês, traduzido para o português por Adriana Serrão, 2011, p. 200- 212.

³⁵ *Pensée du paysage* no idioma original de publicação, traduzido para o inglês como *landscape theory* por Anne-Marie Feenberg-Dibon para a edição de 2013. Traduzido no Brasil como “pensamento da paisagem” por Marandola, 2018, p. 140.

Para tanto, a metodologia implicada no processo de estabelecimento de seleção das paisagens de propriedades rurais visitadas pautou-se, necessariamente, em propriedades que compartilham – para além do domínio paisagístico cuja cobertura vegetal natural é a Floresta Ombrófila Mista – período histórico e contexto socioeconômico relacionados à imigração europeia e à comercialização de erva-mate coletada dos ervaais nativos em suas respectivas gêneses fundacionais. Assim, buscou-se propriedades que possuem em sua composição paisagística *camadas de lembranças* (SCHAMA, 1996, p. 17) atreladas ao manejo da erva-mate sombreada.

Desta forma, estabelecemos como critérios para a seleção: propriedades antigas, com estabelecimento e acúmulo de atividade humana há, pelo menos, três gerações; propriedades com o histórico de constituição paisagística relacionada ao manejo da erva-mate sombreada e também ao processamento da erva-mate; propriedades cuja trajetória histórica relaciona-se à transição socioeconômica e ecológica regional proporcionada pelas imposições da especulação industrial da erva-mate³⁶; propriedades localizadas no eixo de expansão do processo de colonização da Floresta Ombrófila Mista, dentro da bacia hidrográfica do Alto Iguaçu; propriedades ligadas historicamente ao processo de contato ocorrido entre imigrantes poloneses e ucranianos com comunidades caboclas e indígenas nativas.

O processo para alcançar essas propriedades consistiu em interlocuções com diversos agentes relacionados aos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, agroecologia e instituições de pesquisa e extensão rural: as propriedades de Elpídio Oliva e Belarmino Silveira foram indicações de Demerval Pessin de Farias, técnico extensionista da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de São Mateus do Sul. A propriedade de Juliano Oliva, em Antônio Olinto, foi indicação de Elpídio Oliva, seu irmão. A de Esequiel Hupalo foi indicação da equipe da EMATER de Antônio Olinto. Por último, as propriedades de João Negir e Paulo Antunes, em São João do Triunfo, foram estabelecidas através de contatos feitos dentro do projeto *Memórias do conhecimento tradicional associado às Florestas com Araucária*, do Departamento de História da UEPG, diretamente com os agricultores. O mapa abaixo (Fig. 2.1) representa a localização geográfica de cada uma das propriedades visitadas dentro do ambiente em que se inserem, assim como a tabela (Tab. 2.1), que classifica as propriedades visitadas pelo seu tamanho, característica dos ervaais e demais atividades agrícolas praticadas.

³⁶ Conforme apontou Chang (1985, p. 37-42) acerca da transição do tropeirismo à economia florestal e seus efeitos na reorganização e ressignificação do espaço no Centro Sul do Paraná.

Figura 2.1: Distribuição das propriedades visitadas ao longo do vale do rio Iguaçu e associação ecossistêmica



Fonte: Adaptado de SUDERHSA (2006) e ITCG (2009).

Quadro 2.1: Classificação dos ervais e demais atividades agrícolas nas propriedades visitadas

Propriedade	Área Total (hectares)	Tipologia de erval	Atividades agrícolas associadas
Família Oliva	18,67	Erval plantado em mata aberta	Grãos
Família Iavorski Oliva	22,17	Erval em caíva + erval plantado em mata aberta	Grãos
Família Silveira	206,81	Erval em caíva + erval plantado em mata aberta + erval em mata + erval plantado aberto	Grãos + bovinos
Família Hupalo	7,45	Erval esgotado	Grãos + fruticultura
Família Antunes	8,45	Erval em mata aberta	Diversificação
Família Kosloski e Silva	38,73	Erval plantado em mata aberta + erval em mata aberta	Nenhuma

Fonte: O autor, 2021.

Nota: Considerando-se as categorias de tipologia de ervais estabelecidas por Marques (2014).

As informações acima apontadas buscam introduzir as características gerais das propriedades selecionadas para as análises propostas pela pesquisa. Além de evidenciar que cinco propriedades se situam em ambiente de FOM Montana, enquanto somente uma insere-se em FOM Aluvial, no que toca à tipificação dos ervais manejados dentro da amostragem, sua classificação quanto ao grau de antropização e características de usos e organização dos ervais

no sub-bosque da FOM baseou-se na descrição desenvolvida por Marques (2014, p. 155). A única tipologia de erval não presente nesta classificação é a que se refere a erval esgotado, que faz alusão a ervais em declínio cujas erveiras do sub-bosque florestal secaram.

Realizadas entre março e novembro de 2019, considerando as especificidades de cada propriedade, as atividades de campo, elaboradas com o intuito de localizar as diferentes práticas, características comportamentais, atitudes e concepções que contribuem para modelar o espaço (CLAVAL, 2013), foram compostas por três etapas de coleta e levantamento de dados fundamentais para o processo de estabelecimento de informações relacionadas à trajetória das relações ecológicas ocorridas no tempo/espaço:

- **1ª etapa:** aplicação de entrevistas semiestruturadas com os agricultores, e, em alguns casos, com toda a família. Este tipo de entrevista, segundo Manzini (2003, p. 15), focaliza em um assunto sobre o qual confecciona-se um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista, proporcionando a emergência de informações de forma mais livre, com respostas não condicionadas à padronização de alternativas. As entrevistas foram gravadas, processadas e interpretadas à luz das metodologias da História Oral, buscando, a partir da oralidade e constituição narrativa, reposicionar os sujeitos periféricos da historiografia escrita como atores ativos e centrais de sua própria história. A partir da História Oral, a interpretação das estruturas de sentimentos como categoria pertencente à produção histórica (LAVERDI; MASTRÂNGELO, 2013), o que se junta à possibilidade de interpretação fenomenológica tanto da organização material quanto da estruturação de emoções relacionadas às propriedades.
- **2ª etapa:** caminhada pela propriedade e visita às estruturas relacionadas às práticas agrícolas históricas e do manejo e processamento da erva-mate aplicado e desenvolvido nas propriedades com finalidade de levantamento documental e analítico sobre a paisagem das propriedades rurais. Conforme propõe Claval, a leitura das paisagens estabeleceu-se a partir de três critérios fundamentais: o parâmetro funcional que desvela a forma arquitetônica e organizacional da cultura na paisagem; a atenção às formas visíveis que reportam ao passado, acrescidos de suas dimensões simbólicas e de conferência de sentido ao ambiente (2014, p. 319). Nesta etapa utilizamos o recurso fotográfico que, entrelaçado às narrativas dos agricultores e à historicidade das técnicas de manejo e ordenamento do espaço praticado pela sociedade rural (FOURNIER, 2010, p. 473), compôs o material utilizado como fonte para investigação e interpretação das propriedades pesquisadas na amostragem;

- **3ª etapa:** após cada atividade de campo, relatórios e croquis das propriedades foram desenvolvidos. Nos relatórios constam pontos de percepção e análise da historicidade ecológica das paisagens das propriedades rurais relacionadas ao manejo da erva-mate no sub-bosque da FOM. Pontuando partes consideradas de relevância levantadas nas entrevistas e fotografias, os croquis serviram de suporte tanto para a compreensão dos processos de estabelecimento e interação com o meio como para a definição dos parâmetros comparativos das propriedades dentro da proposta da pesquisa. As análises e conclusões obtidas a partir do desenvolvimento destes avançam ao longo dos segundo e terceiro capítulos desta dissertação³⁷.

O estabelecimento das etapas acima mencionadas embasa-se, sobretudo, na possibilidade de se encontrar, a partir da amostragem pautada pelo processo ocupacional da região, uma trajetória histórica e ecológica comum entre as propriedades visitadas na pesquisa. As respostas às perguntas aplicadas nas entrevistas, somadas às caminhadas pelas instalações dos sítios, em companhia dos agricultores, consistiram em relevantes fontes de análise e atenção aos traços de acúmulo de manejo, indicativos processuais de resiliência e adaptabilidade socioecológica.

Antes ainda de avançarmos no texto, é relevante lembrarmos que a paisagem, composta por camadas de historicidade, memória, objetos, símbolos, práticas organizacionais e relações ecológicas próprias – conforme as discussões introdutórias deste capítulo – corresponde à unidade do espaço geográfico que pode ser visto a partir de um determinado ponto. Composta por formas e diferentes arranjos espaço-temporais que se dispõem em um plano até o horizonte, a paisagem consiste em objeto de estudos com escala local ou regional, relacionada a processos de grande abrangência, porém com ocorrência pontual³⁸. Desta forma, a perspectiva abordada por esta pesquisa pautou-se na análise da paisagem delimitada pelas propriedades – considerando-se suas conectividades e mútua influência em seu contexto regional – apoiadas em sua organização espacial e morfológica dos objetos, nas narrativas dos agricultores e em suas historicidades próprias.

³⁷ Os relatórios encontram-se integralmente disponíveis na sessão Apêndices (p. 171-261).

³⁸ Conforme as definições de abrangência da análise da paisagem elaboradas por Yves Lacoste, 2003 (p. 205-207; 288-289).

2.2 PENSANDO A HISTORICIDADE: A PAISAGEM COMO FONTE

Schama sugere que a interpretação da paisagem, carregada de sentidos e sobreposições históricas, deve pautar-se inicialmente pelas lógicas da culturalização do ambiente, geralmente associadas à sobrevivência das comunidades ao se instalarem em determinada porção do espaço geográfico. Analisando os processos de transformação e conformação da vida na floresta durante o medievo inglês, o historiador proporciona ao leitor a perspectiva de um contexto não mais existente – porém ainda vivo nas formas de organização do espaço e do estilo de vida campesino inglês contemporâneos através de práticas culturais – ao refletir sobre as necessidades sociais e os elementos oferecidos pelo meio:

Havia gente nas florestas: assentada, ativa, ganhando a vida com os recursos a sua volta; uma sociedade robusta, com ritmos sazonais de movimento, comunicação, religião, trabalho e prazer. [...] E os animais selvagens, muitas vezes, partilhavam a paisagem com os rebanhos domésticos. Bois, cavalos, ovelhas e até mesmo cabras pastavam na mata e nas clareiras naturais formadas pela queda de árvores velhas. Os verdadeiros senhores da floresta, porém, eram os porcos, sobretudo no período entre as festas de São Miguel e São Martinho quando se regalavam com bolotas de carvalho e nozes de faia. [...] O outono, até o final de novembro, quando se abatiam os animais gordos, era a época mais atarefada das sociedades da floresta. Além de curar a carne de porco, seus membros tinham de recolher os galhos mortos e caídos e enfeixá-los para usá-los como combustível. Tinha de transformar a carne em linguiça, ilegal ou legalmente, para comer nos meses magros do inverno. Tinha de secar frutas, tirar mel das colmeias silvestres, colher e estocar as castanhas que constituíam um dos componentes essenciais de sua alimentação (as quais amassavam para fazer mingau ou moíam para fazer pão). (SCHAMA, 1996, p. 151-52).

A construção de interpretação proposta por Schama, remontando às antigas formas de relação com o ambiente como construção histórica, aproxima-se da narrativa do Sr. Belarmino Silveira, que, mesmo constituída em um outro ambiente, uma outra sociedade e temporalidade, encontra dinâmicas de relação com o meio semelhantes. Belarmino é descendente de um antigo proprietário de terras concedidas às margens do rio Iguaçu e, em sua leitura histórica da propriedade onde hoje fica sua casa – na antiga Fazenda Roseira – podemos encontrar elementos que se referem às dinâmicas de relações sociais e ecológicas que se estabeleceram durante o período inicial das atividades laborais de imigrantes europeus nos ervais e demais atividades agrícolas relacionadas. Ao longo do tempo, o trabalho na propriedade acumulou traços de manejo e ordenamento da paisagem e, em diversas escalas, conformou os sistemas tradicionais de produção de erva-mate:

Antigamente, a erva-mate era assim: em setembro plantavam-se as roças de milho, então você tinha que roçar, carpir, etc., quando chegava fevereiro, não tinha mais trabalho na lavoura, então você começava o trabalho de roçada do erval. Nesta época, a roçada era feita de quatro em quatro anos, e era seletiva. miguel pintado e vassourão eram eliminados, já guaçatunga, guamirim, capororoca, eram lenha e por isso tinham que ser preservados. O Pinheiro também era preservado, por mais que não servisse como lenha, a madeira do pinheiro era usada para moradia, a casa do cidadão dependia

do pinheiro, essa aqui atrás é de pinheiro. [...] O meio de transporte deles, vamos dizer, era o cavalo, que precisa comer, era abastecido por milho. Eles (as pessoas que viviam antigamente) precisavam do feijão, e para isso abriam as roças. Assim, encaixava-se a compatibilidade das atividades da plantação de milho e de feijão com a da erva-mate, havendo assim um escalonamento de atividades, utilizando plenamente a mão de obra durante o ano todo. [...] Nessas atividades, trabalhava gente de todo tipo: tinham imigrantes, tinham os caboclos, tinham índios - que foram os que ensinaram o manejo da erva-mate. [...] Nhô Chico Portes [grande latifundiário proprietário de terras em São Mateus do Sul no século XIX] passava nas bodegas convocando imigrantes para ir trabalhar em seu erval. [...] Toda propriedade que tivesse erva-mate tinha um barbaquá, pois a ‘erva cancheada’ era unidade comercial [...]. (SILVEIRA, 2019).

Assim como na projeção de Schama, Belarmino Silveira, através de sua experiência temporal e espacial ao longo de sua trajetória de vida dentro desta propriedade rural, somada ao seu peculiar interesse e conhecimento sobre acontecimentos históricos regionais, representa uma importante fonte para a interpretação dos processos ecológicos percorridos pela paisagem do sistema tradicional de produção de erva-mate que narra. Apesar das diferenças do lugar de interlocução, as narrativas sobre as dinâmicas de confluência e formação de paisagens e práticas irmanam-se, pois, “a história pode variar de uma parte a outra do planeta, mas está impreterivelmente enraizada na Terra, na nossa biosfera, no nosso planeta” (BERQUE, 2013, p. 7). Portanto, os processos históricos de relação socioecológica e de significação do espaço estão atrelados, não importando onde ocorrem, à formação e ao sentido da paisagem.

Elementos referentes ao conjunto de relações e ao estabelecimento da primeira geração de manejo no ambiente estão presentes em diversas narrativas, ao conferir legitimidade à historicidade, proporcionam compreensão acerca da disposição e práticas dentro das propriedades rurais, além de revelar importantes traços da estreita relação existente entre as famílias de agricultores, sua concepção de mundo e o ecossistema com o qual compartilham o meio. A narrativa de Esequiel Hupalo acrescenta traços de memória histórica familiar acerca dos métodos aplicados nos processos de instalação em meio à floresta e as progressivas formas de antropização, culturalização e significação do ambiente florestal, associado a condições estabelecidas também pelo contexto histórico e econômico regional.

Na medida que eles (os avós de Esequiel) vieram pra cá, aqui era tudo mato: mato, mato e mato! Vieram com foice, fizeram picadinha, pra eles poder chegar. E por aqui ficaram. [...] Na época tinha bastante erval, até tinha bastante mato, então tinha como se viver, extraindo madeira, né? Extraindo erva, né? Era essa a fonte de renda. Na época tinha bastante madeireira, aqui no trevinho tinha uma, na vila tinha uma, atrás da vila outra, no Lavador tem outra, no Cambará tinham outras duas [...]. (HUPALO, 2019).

A menção aos antepassados e às práticas por eles exercidas na transformação e manejo do ambiente florestal – antes fechado, “mato”, e, gradativamente equilibrado através do trabalho e em prol deste, antropizado de acordo com as necessidades e configurado conforme suas próprias características ecológicas – constantemente estão presentes nas narrativas dos

agricultores. Em certos pontos das paisagens rurais, estes vínculos com o passado se acentuam, manifestando-se através da memória e da lembrança afetiva concentradas com maior ou menor intensidade em certos ícones espaciais, como em casas antigas, estruturas funcionais, e em árvores mais volumosas que outras. Estes ícones dispostos nas paisagens das propriedades, relacionados à intergeracionalidade e ao acúmulo histórico de ação e relação com o ambiente, remetem ao que Nora classificou como lugares de memória:

Os lugares de memória se exprimem em três sentidos: material, simbólico e funcional. Mesmo um lugar puramente material, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica e garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número de maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22).

A organização espacial resultante do processo de interação socioecológica entre as populações instaladas na Floresta Ombrófila Mista com a floresta e seus serviços ecossistêmicos é carregada de significados, tanto funcionais quanto sentimentais. Através das atividades em campo foi possível detectar certas formas de relação com o tempo e o espaço bastante peculiares dentro destas paisagens. Os lugares de memória são permeados por lembranças da infância, de parentes falecidos, do frio intenso do inverno, do calor aconchegante do fogo, dos cânticos bradados durante o trabalho, dos ensinamentos que as atividades agrícolas proporcionaram para estas pessoas. Tudo isso se configura em uma experimentação fenomenológica que transcende o tempo e o espaço, ao menos em seus formatos lineares.

A constituição destas paisagens se dá não somente no espaço e sua relação com a organização e disposição de objetos, tampouco se dá única e exclusivamente pela historicidade e sua relação com a memória. A constituição destas paisagens e a maneira a partir da qual podemos interpretá-las se dá a partir de diversas matrizes, mas a experiência no lugar é primordial.

Meu pai e minha mãe moravam em uma colônia não muito longe daqui, em Teixeira Soares. Eu vim pra cá somente depois que me casei com o Cláudio [pai de Elpídio e Juliano Oliva]. [...] Antes de casar comigo ele morava naquela casa com os pais e os irmãos dele. O pai dele veio da Polônia pra morar na colônia de São Mateus, na vila, mas acabou vindo parar aqui. [...] Naquela época tinha muita madeira e erva-mate, na época de poda eu ajudava o Cláudio a fazer os feixes de erva no meio do mato pra trazer pra cá. Lá a gente sapecava a erva no fogo, ficava mais fácil de dobrar pra trazer. [...] Na frente aqui de casa ele tinha a oficina, que você foi ontem com o Elpídio. Ele arrumava carroça e fazia ferramentas, isso também ajudava pra gente manter a casa aqui. (OLIVA, R., 2019).

O espaço também tem significado temporal ao nível das experiências cotidianas, em diferentes etapas da vida (TUAN, 2013, p. 156). A relação de pertencimento, afetividade e conhecimento do lugar são profundos, pois, para o trabalhador rural, as relações com o ambiente testemunham intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e fonte de esperança. O contato físico é um importante agente de conferência de sentido à paisagem (TUAN, 2012, p. 140). A experiência histórica, portanto, acentua-se a partir da perspectiva da vivência, o que confere ao passado o sentido de não encerramento, mas de processo ativo e contínuo, expressado através da corporificação, do conhecimento e da memória.

A narrativa de Rosa Oliva confere à paisagem, assim, noções de temporalidade, espacialidade, de transformações, de memórias e experiências que atribuem ao conjunto de elementos descritos significados nos quais o sentimento de identidade, de justificativa e esclarecimento acerca da própria existência se apoiam. Estes fatores, comumente trazidos à tona nos diversos diálogos com as famílias de agricultores manejadores dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate estimulam e instigam a interpretação acerca do significado da paisagem e os traços resultantes da relação histórica destas comunidades com a FOM.

Assim, estabelecemos, a partir das verificações em atividades de campo, três marcadores. Estes configuram pontos fixos de interpretação da paisagem e consistem em elementos de verificação das relações econômicas, sociais, históricas, sentimentais e ecológicas a partir da experiência dos agricultores em interação intergeracional com a FOM e com os processos de beneficiamento da erva-mate. Analisaremos, portanto, como eixos nodais de permeabilidade de memória, afetividade e pensamento paisageiro duas estruturas que compõem, dialogam e conferem sentido aos complexos paisagísticos dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, que são: o erval e a materialidade socioecológica.

2.2.1 O erval

Os complexos paisagísticos dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate estão marcados pela atividade agrícola praticada dentro dos ervais. Porém, antes de avançarmos as discussões acerca dos traços de historicidade associados ao desenvolvimento socioecológico das paisagens dos sistemas produtivos em questão, se faz necessária a apresentação do que é um erval, quais são suas características e peculiaridades que o definem como critério de análise da paisagem e como fonte interpretativa das relações e influências recíprocas entre grupo humanos e a Floresta Ombrófila Mista.

De acordo com INOUE et al. (1984, p. 94), um erval consiste em uma porção de cobertura vegetal natural onde há uma concentração acentuada de árvores de erva-mate no sub-bosque da Floresta Ombrófila Mista, suficiente para que esta possa ser explorada com a finalidade de extração de erva-mate. A palavra erval vem sendo empregada ao menos desde o início do século XVII para designar localidades onde há a ocorrência concentrada de árvores de erva-mate no sub-bosque florestal, associada à exploração realizada por humanos (FURLONG, 1936, p. 50, 130; CORTESÃO, 1951, p. 343, 354, FREIRE, 2011, p. 21-24, 123-135). O jesuíta Montoya afirma ainda que durante o período colonial os guaranis se referiam aos ervais existentes na Floresta Estacional Semidecidual (IBGE, 2004) – ou *Selva Paranaense*, como esta tipologia florestal é conhecida na Argentina e Paraguai (GALLERO, 2017, p. 195) – como *Caa tĩ*³⁹ (MONTROYA, 1639, p. 387).

Marques classificou que os ervais contemporâneos se caracterizam em treze tipologias variadas, que se relacionam imediatamente ao grau de manejo e a intensidade de antropização do sub-bosque da FOM, a partir de sua pesquisa aplicada à região do Planalto Norte Catarinense (2014, p. 153). Esta classificação já foi utilizada para a caracterização de ervais na região de São Mateus do Sul-PR (LUIZ, 2017, p. 97). Entretanto, ainda há, entre os antigos ervais mencionados em documentos jesuíticos durante o período colonial e as classificações contemporâneas que caracterizam as tipologias de configuração, proporcionadas pelos acúmulos de atividades humanas nos sub-bosques florestais, um grande intervalo espaço-temporal a ser interpretado.

Embora apresentar os ervais como um dos marcadores das paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate possa parecer uma redundância, a configuração dos bosques onde ocorre prática agrícola associada à FOM apresenta relevantes fontes de constituição de memória histórica e de possibilidades interpretativas sobre processos socioecológicos resultantes de interações constantes ocorridas entre grupos humanos e a FOM no vale do rio Iguaçu. Fenômenos estes que, em certa proporção, encontram-se dentro do intervalo espaço-temporal mencionado e, potencialmente, auxiliam nas reflexões a respeito da História Ambiental da FOM na região estudada por esta pesquisa.

A árvore de erva-mate apresenta características biológicas bastante peculiares, e um fato que nos interessa aqui é a forma como é dada a reprodução desta espécie dentro do ambiente florestal. Considerada uma espécie clímax, ela se desenvolve no sub-bosque de florestas em

³⁹ “*Donde ay la yerua que beuen*”. Também se utilizava a nomenclatura castelhana de “*Yerbaçal*” (MONTROYA, 1640, p. 54). A palavra *Yerbaçal* transformou-se posteriormente em *yerbazal*, *yerbatal*, *yerbajal* ou *yerbal*, referindo-se a localidade com grande concentração de erva-mate (YERBAÇAL..., 2020).

estágios sucessionais avançados (MARQUES, 2014, p. 75), ocorrendo, por esta razão, em associação com árvores de grande porte como o pinheiro-do-paraná e a imbuia (INOUE; RODERJAN; KUNIYOSHI, 1984, p. 94). Sendo uma espécie dioica, existem tanto erveiras femininas quanto masculinas, e sua única forma de reprodução é a fecundação cruzada (FERREIRA FILHO, 1957; MAZUCHOWSKI, 1991, p. 5; KOCH; CORRÊA, 2010, p. 55). Para tal, as erveiras possuem inflorescências que são polinizadas, entre setembro e novembro, por insetos (REITZ, KLEIN; REIS, 1978, p. 169).

Os frutos oriundos do processo de fecundação são carregados com quatro sementes cada um (MAZUCHOWSKI, 1991, p. 6; MARQUES, 2014, p. 74) e servem como alimento para os pássaros durante o verão (INOUE, RODERJAN; KUNIYOSHI, 1984, p. 95; BARRETTO, 2006, p. 42). Tuque (*Elaenia mesoleuca*), guaracava-de-barriga-amarela (*Elaenia flavogaster*), sabiá-ferreiro (*Turdus sulabaris*), sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), sabiá-poca (*Turdus amaurochalinus*), sanhaço-cinzento (*Tangara sayaca*) e mariquita (*Sertophaga pitiayumi*) são, portanto, os principais dispersores das sementes de erva-mate dentro da FOM (CEDERVA, 2017). A influência das aves na disseminação de sementes e formação de ervais é um fenômeno observado e relatado já no século XVIII, conforme afirma Dobrizhoffer:

Os bosques são semeados por vários pássaros, que se alimentam com grande avidez das sementes do pé de erva [mate]; assim sendo, em razão do seu glúten natural, indigestível, passa através deles e cai no solo úmido, tornando-se a origem diária de novas árvores e, gradualmente, de florestas. (DOBRIZHOFFER, 1822, p. 106).⁴⁰

A dispersão ornitocoria da erva-mate, aliada a fatores relacionados às condições de qualidade de solo, umidade e cobertura florestal (FERREIRA FILHO, 1945, p. 23; MARQUES, 2014, p. 75) são fatores muito importantes na formação dos ervais, sobretudo por influenciar diretamente em como as árvores de erva-mate se concentram em faixas mais ou menos volumosas dentro dos sub-bosques das florestas em que esta planta é nativa. As áreas de grande concentração de erveiras ocorrem em reboleiras: “[...] a erva se apresenta em reboleiras ou manchas (como vulgarmente se diz) em toda essa extensão, e onde essas reboleiras são maiores e mais puras, isto é, onde predomina quase exclusivamente a árvore do mate torna-se um erval” (MIRANDA, 1859, apud GERHARDT, 2013, p. 48). Estas concentrações são percebidas e interpretadas pelos agricultores visitados nas atividades de campo como resultado das interações das plantas com os pássaros, conforme afirmou Paulo Antunes: “o fruto da erva-mate é bastante forte, e logo que o passarinho come ele precisa soltá-lo. Assim, ele pousa em um

⁴⁰ Através de relatos tomados entre 1749 e 1767, no Paraguai.

galho próximo, defeca, e ali debaixo, em breve, vai brotar uma nova ervaíra.” (ANTUNES, 2019).

Embora a influência de fatores ecossistêmicos e de interação ecológica sejam fundamentais na configuração e distribuição dos ervaís, ainda se especula, por outro lado, a possibilidade de interferências humanas na influência do aparecimento de antigos ervaís nativos, cujas origens, em certa medida, ao menos na FOM, podem também estar associadas às áreas de regeneração de antigos taquarais derivados de práticas de agricultura Kaingang (MARQUES, 2014, p. 237-38).

Sabe-se que, durante o período colonial, a concentração demográfica e ocupação territorial na bacia do rio da Prata⁴¹, a partir de assentamentos fixos – tais como a fundação de povoados e vilarejos – estiveram, em variadas proporções, relacionadas com a proximidade destes dos ervaís nativos, de onde eram extraídas quantidades significativas de erva-mate (GARAVAGLIA, 2008, p. 101-126). Posterior ao processo de exploração intensiva imposta pelos colonizadores espanhóis tanto às populações quanto aos ervaís nativos da Floresta Estacional Semidecidual (NIMMO; NOGUEIRA, 2018, p. 381-86), a especulação sobre os ervaís localizados ao longo do vale do rio Iguaçu, na FOM, intensificou-se a partir da década de 1820 (LINHARES, 1969, p. 76, 276; WESTPHALEN, 1985, p. 141-152; COSTA, 1989, p. 26), momento também em que passaram a influenciar, também, o ordenamento territorial regional.

Em toda a região sul do Brasil os ervaís nativos compunham porção territorial juridicamente considerada como terras devolutas (MARQUES, 2014, p. 126). Desta forma, sua exploração, cada vez mais intensa, era pública. A publicidade da extração de erva-mate acarretou uma série de descontroles e consequente insustentabilidade dos ervaís, que não tinham mais tempo para se regenerar no período entre podas, fator que foi amplamente discutido na historiografia (BACILA, 1946; LINHARES, 1969, URBAN, 1989, GERHARDT, 2013). Foi a partir da Lei de Terras de 1850 que os ervaís passaram pelo processo de apropriação privada (GERHARDT, 2013, p. 147) e o estabelecimento de propriedades, de diversos tamanhos, passou a acompanhar as áreas onde existiam grandes concentrações de erva-mate no sub-bosque florestal. Dentro deste contexto inserem-se as propriedades visitadas pela pesquisa, cujos ervaís representam remanescentes de antigas concessões ou mesmo aquisições de lotes em que existiam ervaís nativos que foram explorados.

⁴¹ Macrobacia hidrográfica da qual faz parte a bacia do rio Iguaçu, e por consequência, a bacia do Alto Iguaçu.

A extração de erva-mate dos ervais, antes feita de forma itinerante e praticada sobremaneira pelas populações caboclas, foi substituída, portanto, durante o período de fixação de propriedades na região, pela prática de extração fixa, feita em ervais dentro das propriedades.

Assim, houve a adoção de práticas de rotação de poda e associação de práticas de coleta dentro da floresta com agricultura (CHAIMSOHN; SOUZA, 2012, p. 36), que conferiram aos ervais diferentes graus de antropização. Contemporaneamente, os ervais apresentam variadas fisionomias e índices de conservação florestal. Marques aponta, por exemplo, as diferenças entre o ‘erval plantado aberto com lavoura’, no qual as árvores de erva-mate são plantadas em associação com culturas anuais – como a soja (*Glycine max*) (2014, p. 177) –, e o ‘erval em mata’, caracterizado pelo elevado grau de conservação florestal e a produção oriunda de árvores nativas, e cuja origem está atrelada a florestas que foram utilizadas como roça de toco há mais de 20 anos (2014, p. 155).

Nas propriedades visitadas ao longo da pesquisa, a memória sobre o erval é um fator comum. Os ervais do passado, localidades onde em outros tempos a erva-mate era coletada, ou mesmo lugares frequentados pelos agricultores durante a infância, em seus primeiros contatos com a erva-mate dentro da floresta, proporcionam vívidos detalhes experienciais e ambientais à mente dos entrevistados. Além das memórias e percepções oriundas da interação entre seres humanos e o ambiente florestal (TUAN, 2012, p. 116), há, também, a memória da floresta, do erval. O que propomos nesta sessão, portanto, é demonstrar de que maneira podem os ervais serem interpretados como fontes historiográficas que contém, em sua configuração e sentido, camadas temporais que se entrelaçam à história da Floresta Ombrófila Mista e das comunidades que desenvolveram estreitas relações com o cultivo da erva-mate.

Em uma caminhada pelo erval existente na propriedade da família Kosloski e Silva, João Carlos, jovem agricultor da terceira geração de produtores de erva-mate, apontou uma clareira na floresta, em meio aos incontáveis pés de erva-mate que adensam o sub-bosque da FOM nesta localidade e afirmou: – “A gente vem aqui desde pequeno, ajudar o pai a fazer os feixes, a tocar os bichos pra puxarem a erva sapecada. A gente passa frio, calor, se molha, escorrega. [...] Tudo isso marca muito a gente” (SILVA, J. C, 2019). A familiaridade e afeição pelo lugar é constituída, além de contato físico com a floresta, pela consciência do passado e da continuidade (TUAN, 2012, p. 144).

As atitudes humanas com o meio também proporcionam à floresta marcas perceptíveis, acumuladas nos mais variados elementos que a compõem, como no solo e nas espécies arbóreas. Apesar de todas as propriedades que visitamos nesta pesquisa apresentarem área de conservação florestal associada ao cultivo de erva-mate sombreada, os ervais que visitamos estão longe de

serem considerados como florestas primárias. Todas as seis propriedades visitadas apresentam ervais situados em áreas de floresta secundária, em estágios sucessionais médio e avançado (BRASIL, 1994).

A regeneração florestal em áreas de acentuada ação antrópica, como em antigas lavouras ou áreas desflorestadas pela exploração madeireira é identificável pela ocorrência de espécies que indicam estágios de sucessão florestal e também por traços de ações de alteração abrupta da paisagem, como tocos de árvores antigas e marcas de incêndio. Estas áreas são chamadas de capoeiras – palavra provavelmente derivada do termo tupi *kaapoer*, empregado para fazer alusão às “mattas de nova aparição” (RODRIGUES, 1905, p. 48)⁴².

Elpídio Oliva possui dois ervais em sua propriedade, sendo que o mais recente começou a ser manejado por ele há três anos. A floresta que agora abriga este erval, bastante adensado em seu sub-bosque, é resultante do processo de derrubada, implantação de lavoura e abandono. Sendo assim, caracteriza-se como floresta secundária, que hoje encontra-se em estágio avançado de regeneração. Elpídio afirma que: “a área [...] foi usada como lavoura por uns 40 anos, eu diria. Foi abandonada talvez há uns 20. Quando eu comprei ela, tava coberta por um taquaral⁴³, aí fui abrindo e adensando com erva. Ficou daquele jeito que você viu.” (OLIVA, E., 2019). Neste erval encontram-se vestígios de ações antrópicas que marcaram a paisagem intra-florestal, tal como apresenta a imagem a seguir (Fig. 2.2), onde os traços de incêndio, oriundos da redutiva prática da agricultura de derrubada e queimada (DEAN, 1996, p. 93) aparecem impressos na carcaça de uma antiga imbuia.

⁴² Segundo Haverroth, a capoeira é uma vegetação que surge, progressivamente, após o abandono de uma área de uso agrícola (1997, p. 93), e apresenta características específicas de acordo com o tempo de abandono, tais como a densidade florestal (HOEHNE, 1930, p. 95) e a longevidade das espécies dispersas na área (LACERDA; HANISH; NIMMO, 2020).

⁴³ O taquaral é um concentrado bastante denso de gramíneas nativas, que se estabelece em áreas de regeneração florestal. Sua ocorrência na floresta torna a circulação no sub-bosque um tanto complicada, por isso faz-se a ‘roçada’ do taquaral, abrindo espaço para a circulação humana e o brotamento de espécies que estavam com sementes em dormência no solo, impedidas de crescimento pela presença das taquaras.

Figura 2.2: Imbuia com traços de incêndio no erval manejado pela família Oliva



Fonte: O autor, 2019.

A prática de atear fogo, bastante aprofundada na obra de Dean (1996) e discutida em escala regional como prática associada ao cultivo rotacional de roça, cuja matriz itinerante indígena foi replicada sedentariamente pelos colonos (WAIBEL, 1979, p. 245), aparece dentro dos ervais também de outras formas.

Somadas às cicatrizes do intenso e contínuo período de devastação florestal iniciado na segunda metade do séc. XIX – conforme apontado no primeiro capítulo (p. 25-35) –, as marcas se acumulam também em frequentes tocos de árvores, que se entrelaçam com e se camuflam nas florestas regeneradas dos ervais. A imagem que segue (Fig. 2.3), como o testemunho de atitudes passadas, demonstra a resiliência da floresta em transformar o fim antecipado da vida de uma árvore em espaço e possibilidade para o nascimento de outra.

Figura 2.3: Erveira brota a partir de toco de árvore cortada



Fonte: O autor, 2019.

A escala de análise temporal do acúmulo das práticas de interação entre as gerações humanas e a FOM manifesta-se, dentro dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, em pequenos, porém fundamentais detalhes. As conduções de manejo das florestas e a culturalidade destas expressões socioecológicas distribuem-se em plurais formas, origens e intensidades. As sucessivas podas, conjunto de atitudes que envolvem o corte de determinados galhos das erveiras, tomadas com a finalidade de condução do crescimento e desenvolvimento destas árvores dentro do sub-bosque – pautadas pelas intenções do agricultor – ao longo do tempo, tornam-se importantes traços das relações do passar do tempo dentro do erval.

Erveiras bastante antigas com galhos novos, ou mesmo aglomerações de árvores cujos sinais ainda molhados indicam podas recém-realizadas. Conduzidos pelas intencionalidades humanas, estes fatos não fazem parte do crescimento espontâneo das árvores. Para ilustrar esta situação trazemos, com os devidos destaques, as duas imagens que seguem (Fig. 2.4 e 2.5). Extraídas de ervais localizados em São João do Triunfo e Antônio Olinto, elas auxiliam a interpretação destas podas como fontes passíveis de leitura histórica:

Figura 2.4: Erveira podada por Paulo Antunes



Fonte: O autor, 2019.

Figura 2.5: Erveira com sinais de antigas podas



Fonte: O autor, 2019.

As podas recentes aplicadas por Paulo Antunes no manejo da erva-mate (Fig. 2.4) requerem conhecimento e habilidade, ao tempo em que contam com a grande capacidade regenerativa da planta, para que suas rebrotas continuem, a partir do biológico impulso da

fotossíntese, a dar origem às novas folhas, garantindo, assim, a continuidade da cultura da erva-mate sombreada. Em contraste, os sucessivos cortes aplicados aos galhos das erveiras na propriedade da família Iavorski Oliva (Fig. 2.5) são indicativos do fenômeno constantemente verificado dentro dos ervais manejados: erveiras com sinais de idade avançada, contendo líquens, fungos e parasitas em seus troncos possuem galhos e folhagens com a manifesta vitalidade da juventude, em um paradoxo proporcionado pela interação entre humanos e a erva-mate.

Em uma análise do conjunto florestal, ou seja, pensando-se na erva-mate inserida no complexo e antropizado ecossistema da FOM, é possível estabelecer a perspectiva interpretativa temporal ao pensar-se no grau de influência do acúmulo intergeracional do manejo e nas interações socioecológicas historicamente conferidas ao ordenamento da paisagem interna do erval. Dentre incêndios, podas, técnicas de condução de crescimento e estratégias de sombreamento aplicadas pelos agricultores, os ervais, pouco a pouco, foram tomando formas próprias, organizações específicas, que, como resultado da confluência de ações e reações das interações, proporcionam à configuração dos ervais historicidade própria, uma memória física.

A densidade de erveiras no sub-bosque, a idade média das erveiras e outros fatores que, através do consórcio entre espécies, indicam o estágio de sucessão vegetacional dentro das porções florestais onde a erva-mate é manejada. Estes elementos, analisados em conjunto, podem indicar uma leitura esclarecedora sobre a lógica do ordenamento espaço-temporal dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, e estes traços intercalam-se com o conhecimento e narrativa dos agricultores:

Hoje em dia eu aprendi muito com a lida, e meu sistema já é um pouco diferente do que o meu pai fazia, por exemplo. Ele costumava fazer aquela poda que a gente chama de drástica, né. Aquela que corta todas as folhas. A poda ele fazia de quatro em quatro anos, fazendo a rotação nos ervais nativos a cada ano. Eu decidi por adensar meus ervais, e corto somente os galhos que estão maduros. (OLIVA, E., 2019).

O estilo de manejo aplicado por Elpídio Oliva, característico do processo de ‘nativização’ dos ervais ocorrido a partir dos anos 1990 (CHAIMSOHN; SOUZA, 2013, p. 36), mas derivado também do estilo praticado por seu pai, imprime ao erval características relevantes: árvores de erva-mate jovens com alturas semelhantes indicam o adensamento recente do sub-bosque (LUIZ, 2017, p. 88); a permanente homogeneidade da folheação é resultado de podas constantes, que se utiliza somente dos galhos que amadurecem – mudando sua coloração de verde para cinza-escuro – portanto, as erveiras não passam por podas abruptas, e sim, podas processuais, aplicadas todos os anos.

Embora a grande maioria dos pés de erva-mate na área de regeneração florestal tenham sido plantados há pouco mais de três anos (da data de realização da pesquisa), existem dualidades evidenciadas pelas árvores jovens e as erveiras mais antigas, nascidas espontaneamente na floresta, chamadas de erva *em ser* (MAZUCHOWSKI, 1989, p. 16), que acabam sendo utilizadas como matrizes sementeiras, assim como em relação às outras espécies. Assim, um erval recentemente adensado apresenta uma configuração física contrastante, e que pode indicar nuances de temporalidades da floresta e das ações humanas. A figura a seguir (Fig. 2.6) elucida, através do recorte imagético, a relativa padronização de tamanhos das erveiras com idades semelhantes, em diálogo com as variadas formas, tamanhos, idades e funções ecológicas de outras espécies, caracterizando o ‘erval plantado sombreado’ (MARQUES, 2014, p. 155; LUIZ, 2017, p. 95) manejado por Elpidio Oliva.

Figura 2.6: Eralv recentemente manejado pela família Oliva



Fonte: O autor, 2019.

O processo de acúmulo das práticas culturais em interação com as respostas e proposições ecológicas da FOM apresenta como resultado ervais com diferentes configurações, cujas temporalidades do manejo expressam-se de acordo com os detalhes apresentados ao longo da sequência de imagens acima (Figs. 2.2, 2.3, 2.4, 2.5 e 2.6). A configuração dos ervais pode, portanto, indicar pensamentos, momentos, condições e atitudes tomadas em diferentes períodos históricos, que, com o passar do tempo e somados ao manejo ativo da floresta, resultaram em paisagens florestais variadas, que caracterizam a pluralidade cultural e biológica existentes nos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

Como exemplo disto, selecionamos, dentro da amostragem de ervais visitados pela pesquisa, diferentes tipologias e configurações espaciais intra-florestais que, por si, conduzem à interpretação da diversidade de práticas, percepções e memórias das relações, intermediadas pela tradição do manejo da erva-mate. Belarmino Silveira mostrou, em sua propriedade, um erval adensado há 12 anos, no qual as erveiras distribuem-se de maneira mais heterogênea no sub-bosque da floresta. Com caules mais grossos e com alturas variadas, estas erveiras, implantadas há uma dúzia de anos atrás, misturam-se com erveiras mais antigas e também com árvores mais jovens, descendentes dos processos oriundos da reprodução ocorrida no mesmo sub-bosque. Tanto o estilo de manejo adotado por Belarmino quanto a temporalidade das atitudes são fisicamente aparentes na organização do erval, conforme mostra a imagem que segue (Fig. 2.7). O adensamento consiste em duas etapas básicas, que serão mais bem discutidas na sessão seguinte deste capítulo: “primeiro tem que fazer a limpeza, para abrir espaço, para isso você tem que roçar. Depois você planta as mudas de erva e deixa o tempo e a natureza agirem” (SILVEIRA, 2019).

Figura 2.7: Eral adensado há 12 anos por Belarmino Silveira



Fonte: O autor, 2019.

Os ervais manejados por Elpídio Oliva e Belarmino Silveira não possuem nenhum tipo de circulação de animais de criação dentro do sub-bosque, tais como gado, suínos, equinos, aves ou caprinos. Estes animais são mantidos na área de entremeio entre a morada e o erval, porém, alguns ervais apresentam em seu ordenamento a influência de circulação de animais, ocorridas ao longo da história das propriedades. Juliano Oliva, por exemplo, maneja um erval onde circulam animais, cujo tempo de manejo já ultrapassa cinco décadas:

Esse erval aqui de cima eu herdei do meu sogro. Ele manejava aqui desde os anos 1960. Esse erval é o que a gente chama de erval nativo, mas ele está secando, por que é muito velho, e eu não posso adensar porque aqui a gente cria boi, e eles comem a erva pequena. [...] Os bois andam aqui desde a época do meu sogro. (OLIVA, J., 2019).

A memória do erval manejado por Juliano manifesta-se pelo seu conhecimento das práticas aplicadas ao sub-bosque e pela configuração específica da paisagem florestal. Árvores de erva-mate antigas, algumas em estágio de senilidade, compartilham o espaço à sombra das copadas dos pinheiros e imbuías com largos caminhos que permitem o trânsito e a pastagem de animais de grande porte. Por esta razão, verifica-se também que o solo desta porção florestal, compactado pelo impacto do pisoteio dos bovinos, não apresenta o mesmo poder de regeneração de ervais sem presença de animais. O consórcio entre animais de criação e o manejo de erva-mate é tradicionalmente conhecido como *caíva*, e apresenta várias tipologias derivadas desta associação (MARQUES, 2014, p. 155; LACERDA et al; 2020).

A disposição interna deste tipo de erval, representado na Fig. 2.8, mostra como a intergeracionalidade das práticas – neste caso específico são ao menos duas gerações com este tipo de manejo –, materializadas na paisagem do sub-bosque, podem auxiliar na interpretação e análise do pensamento acerca das relações estabelecidas dentro da FOM.

Figura 2.8: Juliano Oliva em erval de sistema caíva



Fonte: O autor, 2019.

O manejo incorreto – que a longo prazo quebra o ciclo de regeneração das ervaíras – ou mesmo a falta de conhecimento em como gerir sustentavelmente um erval podem acarretar danos drásticos para a floresta e para a memória, tanto dos ervais quanto dos agricultores. No município de Antônio Olinto os ervais sofreram grande especulação e intensiva exploração

durante a implementação da mecanização do campo, a partir da década de 1970 (SAUER; BALESTRO, 2013, p. 8), conforme afirma João Negir:

O que enfraqueceu os ervais foi esse negócio de quebrar no pé de dois em dois anos, acabou ficando sem erval. É o caso de Antônio Olinto, né? Foi mais ou menos isso. [...] Lá as ervateiras compravam a erva-mate do produtor, e o pequeno agricultor vive sempre ‘atrapalhado’, meio apertado, então financiava o feijão, recorria ao erval para pagar, o milho não ia bem, fazia safra de erva para compensar. Aí não sobrava nada para a erva, porque a cada três anos cai um pouco de folha, que serve como alimento pra ela. Mas se fizer de dois em dois anos não cai folha nenhuma, isso que atrapalha um pouco. (SILVA, J. N., 2019).

Na propriedade da família Hupalo, em Espigão dos Carijos, na qual as principais fontes de renda contemporânea são feijão, soja e melancia cultivadas em sistemas convencionais, a existência dos ervais foi, pouco a pouco, suprimida devido ao acúmulo de atitudes impróprias à gestão da vida das ervaíras no sub-bosque:

Aqui nessa parte [remanescente florestal onde existia o erval da família Hupalo] meu pai criava porco debaixo do erval. [...] As ervaíras foram ficando velhas, secando, e agora só sobraram aquelas isoladas. Eu tirei os porcos daqui, e ano passado plantei 120 ervaíras aqui, pra ver se consigo fazer o erval de volta. Infelizmente já morreram 15, mas eu espero que vingue o resto, né. (HUPALO, 2019).

As consequências do manejo aplicado pela família Hupalo, que impediu o brotamento de novas ervaíras, ou mesmo a rebrota dos galhos das antigas ervaíras, levou ao desaparecimento do erval, e, ao mesmo tempo, trouxe um sentimento de nostalgia e vontade de fazer reviverem as sensações e experiências vividas no erval, que remetem à infância de Esequiel Hupalo (2019): “nossa lembrança de pequeno é toda no erval, na lida com a erva-mate. Com o pai, tios, primos, fazendo os feixes amarrados com taquara, levando até o barbaquá [...]”.

A estreita relação desenvolvida ao longo do tempo entre as populações e a FOM, a partir da experiência do manejo do erval, estabeleceu fortes laços de afetividade das famílias de agricultores para com a floresta. Este fenômeno possibilita a averiguação de memórias afetivas do e no erval, que se intercalam e se complementam com as memórias físicas, de como o sub-bosque se apresenta materialmente. A vontade de voltar a fazer erva-mate, em uma tentativa de reconstrução da própria identidade e origem – da prática agrícola dentro da floresta – é um importante marco para pensar-se a historicidade e o significado dos ervais, assim como a influência que a interação socioecológica proporcionou às percepções, atitudes e visões de mundo dos agricultores (TUAN, 2012, p. 111). As pequeninas mudas implantadas no antigo solo (Fig. 2.9) representam o nítido desejo de dar continuidade ao manejo da erva-mate, de recuperar o que foi involuntariamente perdido.

Figura 2.9: Mudanças de erva-mate aludem à reconstrução da memória



Fonte: O autor, 2019.

As formas organizacionais expressas pela configuração do sub-bosque da FOM, são, entretanto, meras perspectivas, pontos de vista elaborados por quem não participa, como agente histórico, do processo de conformação ecossistêmica e cultural resultante da tradição do manejo da erva-mate sombreada. A materialidade expressa pelo ordenamento paisagístico intra-florestal configura o ‘corpo’ do erval, cuja análise constitui o que Berque aponta como elemento da teoria da paisagem. Por outro lado, as relações que conferem à paisagem florestal o acúmulo experiencial, relacionadas à memória do e no erval, fazem parte do que constitui o pensamento paisageiro. Estes, por sua vez, conferem sentido à paisagem, vislumbram a floresta como significado, para o indivíduo e o grupo social que se liga a esta paisagem (BERQUE, 2013, p. 7, 60).

Schama, ao introduzir seu complexo texto sobre a mata como epicentro de memórias através da paisagem, afirma que há grande importância em considerar-se a experiência no lugar como meio para uma mais ampla compreensão dos aspectos da historicidade (SCHAMA, 1996, p. 33-34), e é justamente nas caminhadas realizadas junto com os agricultores, dentro dos ervais, em que experiencia-se o profundo e íntimo conhecimento que estes têm da floresta. Desde as espécies, sua natureza e usos, aos lugares, ambientes e memórias vivas que ecoam do passado vivido nos ervais.

A diversidade biológica e a dinâmica da vida dentro dos remanescentes florestais nos sistemas tradicionais de produção de erva-mate são narradas como fontes de “conhecimentos enciclopédicos” por parte dos agricultores. Estes conhecimentos, adquiridos ao longo da

experiência de vida como agente histórico em interação com o ambiente florestal, são provenientes de relações íntimas com a floresta, proporcionando conexões fortes entre o ambiente físico e os sentimentos dos agricultores. Este fenômeno é discutido por Yi Fu Tuan quando este geógrafo aproxima a memória e a experiência a partir de três núcleos interdependentes e complementares: tempo, lugar e afeição (TUAN, 2013, p. 219).

Assim, o processo de constituição de uma porção do espaço em lugar, ainda segundo este autor, estabelece-se pela experiência diária e o grau da intensidade da interação com o meio (TUAN, 2013, p. 156), e a vida do agricultor é, desde a infância, permeada por experiências no erval, como pode-se verificar em passagens de narrativas mencionadas ao longo deste texto.

As abelhas mandaçaia (*Melipona quadrifasciata*), espécie nativa da FOM (WALDSCHMIDT et al., 2002; MIRA; MOUGA, 2020), escolhem fendas localizadas nos troncos de árvores dos ervais para estabelecer suas colmeias. Estas abelhas são responsáveis pela polinização de inúmeras espécies botânicas no ecossistema florestal. Os lugares em que estas abelhas se fixam são sempre apontados pelos agricultores durante as caminhadas pelos ervais. A intimidade e o conhecimento dos pequenos detalhes de dentro dos ervais demonstram o grau de vivência e experiência naquele lugar. Durante a caminhada, João Carlos me dá um sinal para parar, e pede para que eu faça silêncio: – “ouviu?”, me pergunta. “São as mandaçaias trabalhando, fazem uns dois anos que elas estão morando nessa canela [-guaicá] (*Ocotea puberula*)” (Fig. 2.10).

Os insetos e suas interações ecológicas fazem parte do conhecimento tradicional que os agricultores detêm sobre o funcionamento da floresta. Folheações de erva-mate com buracos logo chamam a atenção do olhar detalhista de Paulo Antunes. Pequenas lagartas caminham por sobre as folhas da erva enquanto se alimentam, em porções ainda menores que o seu minúsculo tamanho, dos nutrientes existentes na composição folhear da planta. “Essa aí é a lagarta-da-erva-mate (*Thelosia camina*, Fig. 2.11), ela come as folhas. [...] A erva-mate é da floresta, e eles [os insetos que se alimentam da erva] são a floresta, então as folhas da erva-mate são deles”.

Figura 2.10: Fenda no tronco da canela-guaicá onde há a colmeia de mandaçaias



Fonte: O autor, 2019.

Figura 2.11: Folhas de erva-mate mordidas pela lagarta-da-erva-mate



Fonte: O autor, 2019.

Ao conhecimento da fauna e dos pequenos espaços onde se instalam e vivem determinadas espécies dentro do erval, acrescenta-se ainda um relevante conhecimento acerca dos usos e aplicações medicinais das plantas da FOM. Relacionada à maneira com a qual os agricultores interagem com o erval, a sabedoria tradicional do uso das plantas está presente nos sistemas tradicionais de produção de erva-mate. Paulo Antunes, por exemplo, utiliza o guaco

(*Mikania glomerata*), planta nativa da Mata Atlântica (CORRÊA, 1984, p. 518), para tratar “problemas respiratórios” (ANTUNES, 2019).

Em seu texto considerado um marco divisório acerca do pensamento sobre espaço e território, Joël Bonnemaïson afirma que as dimensões de afetividade e a significação de elementos da paisagem ocorrem como fenômenos de manutenção da identidade cultural (BONNEMAISON, 1981, p. 256). Para este pesquisador, existem paisagens que estão permeadas de significados conferidos pela memória e pela afetividade. De maneira similar Pierre Nora concluiu que o lugar, em ativa associação à memória, “obriga cada um a se relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente” (NORA, 1993, p. 18).

A memória permeia a relação dos agricultores com o erval e se manifesta com maior intensidade e afetividade em certos pontos da paisagem intra-florestal. Árvores com tamanho maior que as demais são um exemplo interessante de como elementos dentro do erval adquirem significados e acumulam traços em que os agricultores estabelecem narrativas de pertencimento e continuidade, atribuindo a estes ícones sentidos e historicidade próprias. Esta relação foi definida por Bonnemaïson como o estabelecimento de ‘geossímbolos’, que humanizam e diversificam o espaço (1981, p. 261). Assim, interpretamos esta relação de interação com o meio como a fixação de ‘geossímbolos intra-florestais’ dentro dos ervais.

As imbuías são árvores que saltam aos olhos pelo seu tamanho e também pelo minucioso jogo de curvas de seu tronco e complexo processo de simbiose que pratica com outras espécies. Estas árvores por vezes configuram-se como ‘geossímbolos intra-florestais’. Durante as caminhadas pelo erval junto aos agricultores, comumente estas árvores são mencionadas como testemunhas vivas da história da floresta e da presença dos antepassados nos ervais. “Aquela imbuía do começo do erval é das mais antigas de toda a propriedade, eu lembro dela já nos tempos do meu avô, com essa caverna que tem no tronco dela, sempre gostei muito dela”, afirmou João Carlos Silva (2019) quando perguntado sobre árvores pelas quais sente algum tipo de afeto.

Belarmino Silveira (2019) também expressa afetividade e identidade a partir de um exemplar de imbuía existente dentro de um dos ervais que maneja em sua propriedade: “Nhô Chico Portes [bisavô de Belarmino] tem uma foto na frente daquela imbuía. [...] Ela sobreviveu porque tem um tronco curvado, não poderia ser utilizada pra fazer tábuas [...], e hoje ela está lá para contar a história”. Ambas estas imbuías são frondosas e dominam o ambiente em que se estabelecem dentro dos ervais, conforme retratam as imagens que seguem (Figs. 2.12 e 2.13).

Figura 2.12: Imbuia ‘geossimbólica’



Fonte: O autor, 2019.

Figura 2.13: Imbuia cuja memória remete a gerações passadas



Fonte: O autor, 2019.

Os pinheiros, não obstante o papel ativo da memória emanante das imbuias, encarnam e personificam ancestrais, reafirmando a existência dos atores históricos dentro da FOM. Representantes da legitimidade cultural proveniente das interações entre este grupo social e a floresta (SCHAMA, 1996, p. 67) e manifestação autêntica da cultura dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, alguns pinheiros guardam marcas e significados profundos.

Apesar de exemplares muito antigos serem relativamente raros nos remanescentes florestais, pois “foram muito explorados durante o período madeireiro” (SILVEIRA, 2019), exemplares com características afetivas sempre são mencionados pela visão de mundo de quem maneja ativamente os ervais. Em Antônio Olinto, Esequiel Hupalo dirigiu-se a um exemplar bastante icônico, com o tronco coberto por líquens e pequenas bromélias, e cuja copada, espaçosa e carregada de musgos, sombreia uma boa porção do sub-bosque (Fig. 2.14), e afirmou:

[Este] pinheiro foi o pai quem me deu. Ele plantou o pinhão, que ainda nem germinando tava, segundo o que ele me contou. Ele disse que era pra eu usar essa madeira pra fazer o que eu precisasse. Como agora veio essa lei que não permite o corte, o pinheiro acabou ficando, e toda vez que eu vejo ele, me lembro do meu falecido pai. Acabou sendo uma lembrança mesmo, né. (HUPALO, 2019).

Figura 2.14: Esequiel Hupalo caminha em direção ao pinheiro plantado por seu pai



Fonte: O autor, 2019.

Os ervais, portanto, concentram memórias de matrizes tanto físicas – em sua disposição e organização material – quanto afetivas, a partir das experiências de vida e conhecimentos – sendo repletos de significados e valor sentimental para as pessoas que viveram e ainda vivem em interação com o ambiente florestal. A experiência no espaço vivido atribui à relação entre humanos e ervais outra peculiaridade: a percepção ambiental ao longo do tempo. Variados ambientes e paisagens internas dentro dos ervais concentram memórias de experiências vividas na infância quando o ambiente apresentava características diferentes das que apresenta contemporaneamente, e evidenciam as pressões externas às quais os sistemas tradicionais de produção de erva-mate estão sujeitos.

O açude onde João Carlos, seu irmão e vizinhos se banhavam durante os dias quentes de verão na década de 1990, localizado em uma parte alta do erval de sua família, hoje nada mais é que uma poça d'água “lamacenta e cheia de veneno proveniente do cultivo de fumo do terreno ao lado. Eles derrubaram a vegetação, e deixaram o solo exposto. Toda chuva que cai traz pra cá uma camada de solo assoreado” (SILVA, J. C., 2019). Desta forma, verificam-se, ao longo das caminhadas nos ervais, pontos específicos de concentração de memória e percepção de mudanças. A imagem que segue (Fig. 2.15) retrata o lugar mencionado por João Carlos, que no passado era um lugar vivo na experiência cotidiana, e hoje concentra lembranças e lamentações sobre as transformações que ocorreram sem possibilidade de controle.

Figura 2.15: Açude dentro do erval da família Kosloski e Silva



Fonte: O autor, 2019.

Todo significado e acúmulo de práticas concentrados nos ervais das propriedades visitadas validam-se pela histórica interação socioecológica dentro da FOM na região do vale do rio Iguaçu. O intermédio desta relação, provedor da estreita e cotidiana relação entre dinâmicas ecossistemas e o conjunto que configura identidade cultural e de pertencimento, é o afeto.

O afeto, segundo Naquin e Holton (2002, p. 359), é uma dimensão cujos traços baseiam-se em emoções que estabelecem viés cognitivo através das formas com as quais um indivíduo se relaciona e entende experiências. Ainda segundo estes autores, é necessário levar em conta que existem duas grandezas que permeiam as emoções do afeto: a afetividade positiva e a afetividade negativa. A positiva é a tendência em experimentar estados emocionais positivos em uma situação (p. 359-60), ou mesmo em um lugar, a partir da experiência, atitudes e valores

(TUAN, 2012, p. 15), e é justamente a afetividade positiva que nos interessa aqui. Sob esta perspectiva, o afeto, portanto, indica o elevado grau de afinidade das famílias de agricultores em relação ao espaço, ao tempo e à memória do ambiente e das paisagens em questão.

Para além do erval, o afeto permeia também a materialidade do espaço organizado da paisagem destas propriedades. O segundo marcador a ser analisado, na sessão que segue, é a materialidade socioecológica, como conjunto resultante dos processos históricos de interação e resiliência com o meio e com as condições socioeconômicas impostas a estas interações, constituídas como memória ambiental.

2.2.2 Materialidade socioecológica

Os conjuntos paisagísticos compostos pelas propriedades rurais visitadas ao longo da pesquisa abrangem formas peculiares de relacionamento e reciprocidade entre seres humanos e o meio ambiente. Os exercícios interpretativos do significado destas paisagens demandam, por este motivo, atenção aos elementos e processos que, em complexa interdependência, fazem parte dos processos de constituição das mesmas. Nesta sessão propomos a discussão acerca da materialidade socioecológica das propriedades relacionadas aos sistemas tradicionais de produção de erva-mate como gênese e movimento permanente de formação e transformação da paisagem em interação com o meio social e ecológico. A materialidade, como resultado físico da organização do espaço em funcionalidade, resiliência e historicidade, atribui significados para as famílias de agricultores e é fruto da experiência histórica de interações na FOM.

As paisagens das propriedades visitadas ao longo da pesquisa apresentam diversos traços em comum, sobremaneira no que diz respeito às construções e sua distribuição, aliada à função, dentro das propriedades rurais. Para analisarmos como estas construções, seus usos e conectividades com a totalidade da paisagem, distribuem-se e mutuamente conferem e resultam de significados implicados ao ambiente, utilizaremos a interpretação que o antropólogo Tim Ingold propõe sobre a vivacidade do espaço através da interconectividade de elementos que se somam e agem através da totalidade do circuito da rede de coisas, que constituem a paisagem e as pessoas como tal (INGOLD, 2012, p. 40). A ideia que conduzirá nossa interpretação, portanto, é que existe um conjunto de elementos conectados por fluxos temporais e espaciais, que, permeados pelo afeto, constituem a coesão das paisagens em questão.

Milton Santos, em seu ‘Metamorfoses do espaço habitado’, propõe a leitura da paisagem a partir da lógica de produção do espaço, sendo esta o resultado da ação humana em interação com o meio natural, através de um conjunto tecnológico e cultural que confere finalidade aos

objetos (SANTOS, 2012, p. 70). Assim, este autor defende que a paisagem é constituída não exclusivamente por camadas temporais, mas também por marcos históricos e espaciais que testemunham a condição de uso do espaço e transformação da paisagem, alinhadas às condições de necessidades e técnicas que condizem à temporalidade de seu estabelecimento. Em semelhante pensamento, ao discutir a materialidade, Tilley afirma que, a partir do conhecimento e capacidade tecnológica, que dependem dos contextos sociais e históricos particulares de cada situação, os elementos do meio passam a ter significado conferido, a partir de sua forma e finalidade (TILLEY, 2007, p.17).

Para Ingold, a materialidade é, de fato, um conjunto de elementos que se somam, visando uma finalidade, um objetivo que esteja de acordo com as necessidades do momento. Para este autor, ao iniciarem-se os conjuntos de ações que envolvem a constituição de elementos que formarão algo que será utilizado, pensa-se em uma forma, um sentido. Assim, tudo o que se cria, nasce em co-formação e sintonia com o lugar em que nasce, suas matérias primas, o conhecimento, a habilidade e intencionalidade de quem o executa. Em suma, a materialidade, através de sua formação, representa o processo de fluxo da vida (INGOLD, 2012, p. 35-36). A materialidade das paisagens das propriedades visitadas pela pesquisa concentra, em seus respectivos conjuntos, os processos de fluxo e interação, além de se distribuir pelas paisagens como testemunhos de tomadas de decisão pautadas nas relações históricas ocorridas dentro da FOM.

O conjunto paisagístico das propriedades, estabelecido pela materialidade resultante da historicidade de cada local é, assim como o erval, permeado por laços emocionais e afetivos que vinculam as famílias de agricultores com o lugar ao qual pertencem e asseguram sua identidade como ser social. O conjunto de ações em prol do manejo e processamento da erva-mate como produto, assim como o próprio processo de estabelecimento de propriedades rurais dentro da FOM, demandou uma série de condições a serem enfrentadas e solucionadas para o sucesso do projeto de instalação de população vinculada à rede do sistema político e socioeconômico projetado pelo Estado, com a colonização da área florestada. E, derivantes deste conjunto, existem, para além das relações dentro do erval, discutidas na sessão anterior, estruturas físicas que concentram o cruzamento de fluxos temporais e criativos associados à afetividade, ao trabalho e à conferência de sentido para estas paisagens: o conjunto da morada e o barbaquá.

Construídas em tábuas de madeiras de árvores oriundas da FOM, estas variedades de antigas edificações se distribuem pelas propriedades visitadas. Elas concentram memórias e possuem significados relevantes para as famílias de agricultores envolvidos com a prática do

manejo do erval e processamento de erva-mate. Além de proporcionarem traços de temporalidades expressos em camadas distribuídas por sobre a paisagem destas propriedades rurais, as construções acumulam em si os fluxos criativos que, em interação, trazem vida à paisagem, e resultam da interdependência estabelecida pelos grupos humanos com os elementos existentes dentro da floresta, como é o caso do conhecimento e técnicas aplicados ao trato das madeiras utilizadas como elementos construtivos nestas edificações.

Considerada por Freyre como o centro mais importante de adaptação humana ao meio (1981, p. 24), a casa é fruto da realização de um pensamento, surgida de uma projeção mental inicial, cuja construção incorpora a experiência de quem a construiu associada a uma mistura de memórias e interpretações da situação imediata (GLASSIE, 2000, p. 17-18). Carregadas de expressões, símbolos e manifestações que relacionam a adaptabilidade das populações construtoras às condições ambientais, a casa e sua forma arquitetônica representam, em suas analogias com o espaço organizado, o marco-zero da antropização do meio.

Embora as casas existentes dentro das propriedades visitadas não explicitem uma característica exatamente específica dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, pois estas estruturas ocorrerem em formas e técnicas comuns em localidades até mesmo urbanas, conforme apontou Weimer (2012, p. 160-84), elas trazem à tona traços construtivos que remetem ao processo de fundação destas propriedades, assim como das relações que se estabeleceram entre a população instalada e o ambiente florestal. Os conjuntos compostos pelas moradas nas diferentes propriedades possuem traços em comum e, em uma perspectiva histórica, testemunham o manejo da paisagem em níveis geracionais sobrepostos. Apontam também para reflexões no âmbito cultural, ao concentrarem em si mudanças tecnológicas, processos de hibridização e afeições experienciais das memórias e de relações de tempos passados.

Com o intuito de demonstrar como a disposição dos conjuntos compostos pelas moradas auxiliam no estabelecimento de marcadores temporais de interpretação da paisagem e fonte de reflexão acerca da História Ambiental ao longo do vale do rio Iguaçu, escolhemos para ilustrar esta sessão duas casas existentes na propriedade rural pertencente à família Antunes, em São João do Triunfo. As duas casas, apesar de possuírem uma estrutura mórfica semelhante, foram construídas em períodos diferentes, e a relação delas com cada um destes períodos é representada pelas diferenças de materiais e técnicas aplicadas à construção. A primeira casa (Fig. 2.16), construída na década de 1960, é a habitação utilizada pela terceira geração de moradores da propriedade da família Antunes, e foi majoritariamente construída com tábuas de pinheiro do Paraná, material processado por serrarias locais à época. Já a segunda casa (Fig.

2.17), construída para utilização da terceira geração de moradores da propriedade, foi construída exclusivamente em materiais de alvenaria, durante a década de 2000.

Assim como a presença de diferentes temporalidades na distribuição de moradas dentro das propriedades, a memória da paisagem das propriedades visitadas apoia-se em dinâmicas territoriais e de fluxos que entrelaçam momentos passados com o tempo presente para justificar sua organização e disposição mórfica. No caso das casas construídas no terreno da família Antunes, a mais antiga, apesar de ter tido sua função inicial desligada, pois não é mais habitada por ninguém, hoje abriga função essencial para o manejo cotidiano da propriedade: sob as desgastadas lâminas de imbuia que, lado a lado compõem o assoalho da casa, encontra-se todo o tipo de alimento utilizado na criação de animais da propriedade dos Antunes. Ali encontram-se também diversas ferramentas utilizadas por Paulo Antunes para o manejo do erval, como roçadeira, tesoura, foice e facão.

Figura 2.16: Casa construída em madeira pela família Antunes



Fonte: O autor, 2019.

Figura 2.17: Casa da família Antunes, construída na década de 2000



Fonte: O autor, 2019.

Se por um lado as casas podem demonstrar certas formas de apropriação dos elementos ecossistêmicos ao longo do processo de constituição da paisagem das propriedades, fazendo-se passível de interpretação histórica a relação com o meio pela adoção de materiais orgânicos e as mudanças construtivas ao longo do tempo, por outro, servem como indicativos interpretativos das dinâmicas que envolvem a rede de fluxos que se entrelaçam à totalidade da

paisagem, conferindo ao espaço dinâmicas próprias, com fluxos e transformações dos materiais (INGOLD, 2012, p.29), integrando um circuito de elementos e sentimentos que Ingold considera como parte do processo de formação constante, que confere vida à paisagem.

Em uma leitura espaço-temporal, a disposição construtiva das casas permite a interpretação, ou ao menos a indicação, da existência de camadas históricas de antropização do meio, que, em sobreposição, tornam as paisagens em questão passíveis da interpretação da produção do espaço proposta por Santos (2012, p. 73). Somadas às casas como marcos da paisagem, a ocorrência de determinadas estruturas, ligadas à dinâmica funcional e da vida da propriedade estabelecem configurações específicas e concentram, com maior ou menor intensidade, focos de memória relacionados a experiência e vivência na paisagem.

Em São Miguel da Roseira, propriedade maior da qual faz parte a atual propriedade da família de Belarmino Silveira, existiu, ao longo de quarenta e nove anos, as instalações de uma grande madeireira. Belarmino aponta para uma grande área plana, do outro lado da estrada, em frente à sua casa:

Aqui neste plano era só serrança de madeira. Vinha gente de toda a região para trabalhar aqui, auxiliar na derrubada nas florestas, tentar a sorte de conseguir um emprego. [...] Tinha índio, tinha caboclo, tinha imigrante. Naquela época não era o proprietário rural que fazia [a derrubada da floresta], mas sim alguém que vinha e instalava a madeireira. Então isso tudo aqui envolta era praticamente uma vila de funcionários da madeireira. (SILVEIRA, 2019).

Os fluxos que se dispunham na paisagem durante o tempo em que a madeireira funcionou, entre 1894 e 1943, marcaram a memória de infância de Belarmino Silveira. Paralela à prática de derrubada de florestas em prol da extração de madeira, algumas porções de floresta resistiam pela ocorrência concentrada de erva-mate em seu sub-bosque. Ao comentar sobre o contexto da economia agroflorestal da erva-mate durante este período, Belarmino afirmou que: toda propriedade que tinha erva-mate tinha seu carijo, tinha seu barbaquá. [...] O agricultor plantava, cultivava a terra, mas tinha também no mate grande parte de sua renda. Por isso em cada rincão você se deparava com um barbaquá e toda aquela atividade que envolvia. A erva cacheada era unidade comercial, pautava todas as trocas. (SILVEIRA, 2019).

O barbaquá, palavra de origem tupi-guarani, designa um tipo de construção cuja finalidade é concentrar, em uma só estrutura, todas as etapas necessárias para o processamento da erva-mate. Sua presença é, especificamente, característica comum a todas as propriedades visitadas pela pesquisa. Embora desativado de sua função original em todas as propriedades, os barbaquás dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate são ícones autênticos das paisagens das propriedades que tiveram, em algum momento de sua trajetória, relação com a produção de erva-mate cujas folhas eram coletadas dentro de ervais nativos, para

posteriormente serem sapecadas, secadas e trituradas, visando sua comercialização (MIRANDA; URBAN, 1998, p. 59-60).

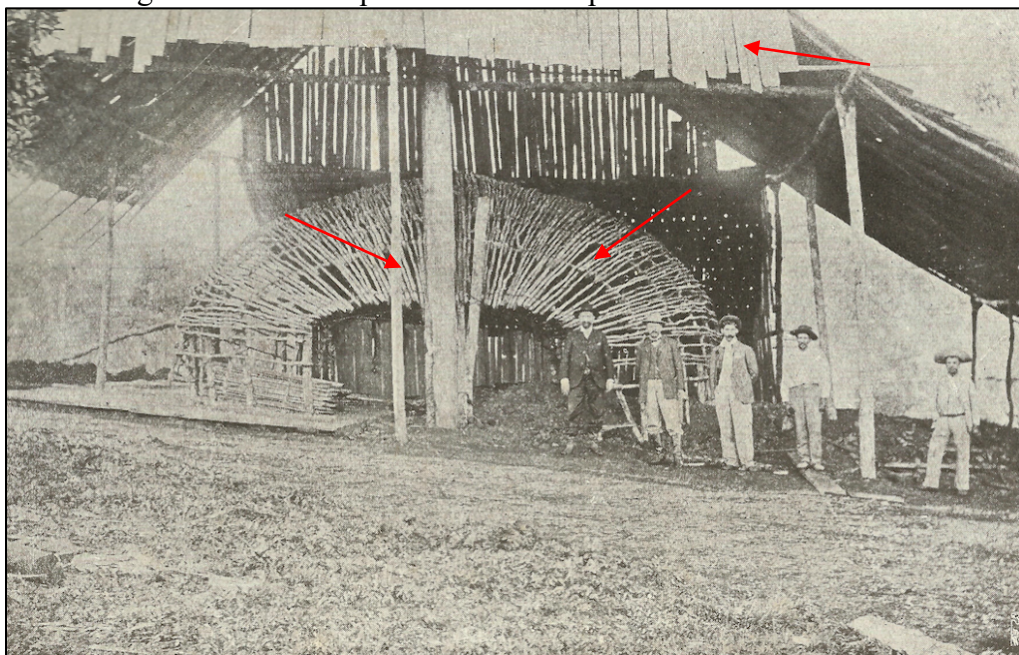
Assim como as demais estruturas físicas interpretadas como marcadores das paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, os barbaquás concentram possibilidades interpretativas que inter-relacionam a História Ambiental da FOM e a constituição identitária das comunidades cuja historicidade se vincula a estes sistemas produtivos. A origem do sistema de processamento de erva-mate em barbaquás foi discutido pelo historiador Romário Martins, ao longo do oitavo capítulo de seu *'Ilex mate: chá sul-americano'*, de 1926. Segundo este autor, o método de processamento da erva-mate deriva das práticas indígenas de sapeco e carijamento⁴⁴, realizados dentro das florestas, cuja estrutura utilizada consistia “em um arcabouço feito de longas varas de taquara arqueadas sobre postes de 2 metros fincados no solo” (MARTINS, 1926, p. 182).

Os carijos, estruturas das quais derivam os barbaquás, eram geralmente instalados dentro dos ervais, aproveitando a morfologia do terreno e a disponibilidade de materiais para tal feito na floresta. Sem cobertura e em contato direto com o fogo e a fumaça, a erva-mate produzida em carijos, ainda segundo Martins, foi sendo progressivamente substituída pela erva-mate produzida em sistemas de barbaquá, sobretudo entre os anos de 1915 e 1925 (MARTINS, 1926, p. 180), período equivalente ao acentuado assentamento de colonos dentro do projeto de colonização aplicado pelo Estado ao longo do vale do rio Iguaçu. Assim, a transição das estruturas de carijo, mais próximas da mobilidade indígena e cabocla, em detrimento dos barbaquás, cujo emprego de madeiras de alta resistência aumentou potencialmente a durabilidade da construção –associando-se à fixação populacional –, deu-se paralelamente ao processo de transferência da ocupação da terra por caboclos para a formalização da posse para imigrantes europeus.

A obra de Martins nos proporciona, através de registros fotográficos anexados ao texto, interpretar como elementos da floresta, tais como espécies vegetais, foram aplicadas nas construções de transição do carijo para barbaquá, conforme observa-se na figura que segue (Fig. 2.18). Nela, podemos observar, diferentemente das fotografias que retratam carijos (Figs. 1.9 e 1.10), a utilização de madeira de pinheiro do Paraná em toda a estrutura construtiva, como na viga central, nas tábuas de cobertura e na grade de pousio da erva-mate para a etapa de secagem longa. O uso desta madeira, de alta resistência, potencialmente relaciona-se ao emprego da mesma na construção das casas, assim como de sua especulação pelas madeireiras locais.

⁴⁴ O carijamento consiste no método de trituração da erva-mate feita a partir da aplicação de seguidos golpes dados com bastonetes de madeira sobre as folhas secas de erva-mate.

Figura 2.18: Barbaquá construído no período entre 1915 e 1925



Fonte: MARTINS, 1926, p. 132.

Os barbaquás, diferentemente dos carijos, empregam em sua estrutura um túnel através do qual o calor do fogo é transferido para dentro de uma construção onde a erva-mate é colocada para secar (LUZ, 2011, p. 130). De acordo com a narrativa de Belarmino, a erva-mate retirada dos ervais, através das técnicas de poda tradicionais empreendidas pelos agricultores, era levada ao barbaquá, onde, utilizando-se madeiras lenhosas da própria floresta, como branquilha (*Sebastiania commersoniana*), guaçatunga-vermelha (*Casearia obliqua*), guamirim (*Myrcia splendens*) e capororoca (*Myrcine guianensis*), o fogo era aceso e iniciava-se, então, o processo de secagem (SILVEIRA, 2019).

Em um interessante diálogo entre a materialidade e a afetividade, durante a entrevista Esequiel Hupalo lembra com intensidade emocional o trabalho conjunto da família para manter o fogo do barbaquá aceso durante a noite toda para fazer a erva:

no dia de fazer a erva, reunia todo mundo. Eu lembro bem de quando a gente ia secar a erva no barbaquá, a gente ficava sentado na entrada do fogo, passava a noite inteira tocando violão, fazendo bagunça com os primos, né. [...] aí era o tempo inteiro que tinha que ficar meio atento, porque o fogo não podia baixar, então a gente ficava colocando lenha, conversando, brincando. (HUPALO, 2019).

A memória de Esequiel emana um estado emocional positivo relacionado à experiência individual com o trabalho coletivo. Os sentimentos de Esequiel concentram-se não somente em sua memória, mas também na paisagem, encontrando na antiga entrada de fogo do barbaquá o *locus* experiencial e um importante marco para pensar-se sobre as camadas de temporalidade da paisagem. Desativado na década de 1980, o antigo barbaquá da família Hupalo, construído pelo avô de Esequiel na década de 1940, hoje abriga um depósito de ferramentas de trabalho,

assim como um pequeno memorial da família. Apesar de seu contemporâneo desvio de função, o barbaquá continua representando uma centralidade emotiva e organizacional na paisagem da propriedade familiar. Na imagem que segue (Fig. 2.19), Esequiel aponta pra o local onde ele e seus primos ficavam sentados, alimentando o fogo com lenha durante a secagem da erva:

Figura 2.19: Barbaquá desativado da família Hupalo



Fonte: O autor, 2019.

Em São Mateus do Sul, Belarmino Silveira nos levou até o antigo barbaquá da propriedade de sua família (Fig. 2.20), construído na mesma década de 1940. Orgulhosamente fez questão de mostrar cada detalhe do procedimento funcional da estrutura. Desde a estocagem da lenha utilizada para a secagem da erva-mate até o lugar em que a erva-mate já cancheada era depositada e ficava ‘descansando’. Ao total, quatro etapas constituem o processo completo. A construção do barbaquá permanece bastante íntegra, em bom estado de conservação ao longo de todas as etapas. Belarmino afirma que gosta de levar seus netos para visitar o barbaquá, pois aquela estrutura fez parte de “um momento muito importante para a história de toda esta região e da nossa família também” (SILVEIRA, 2019).

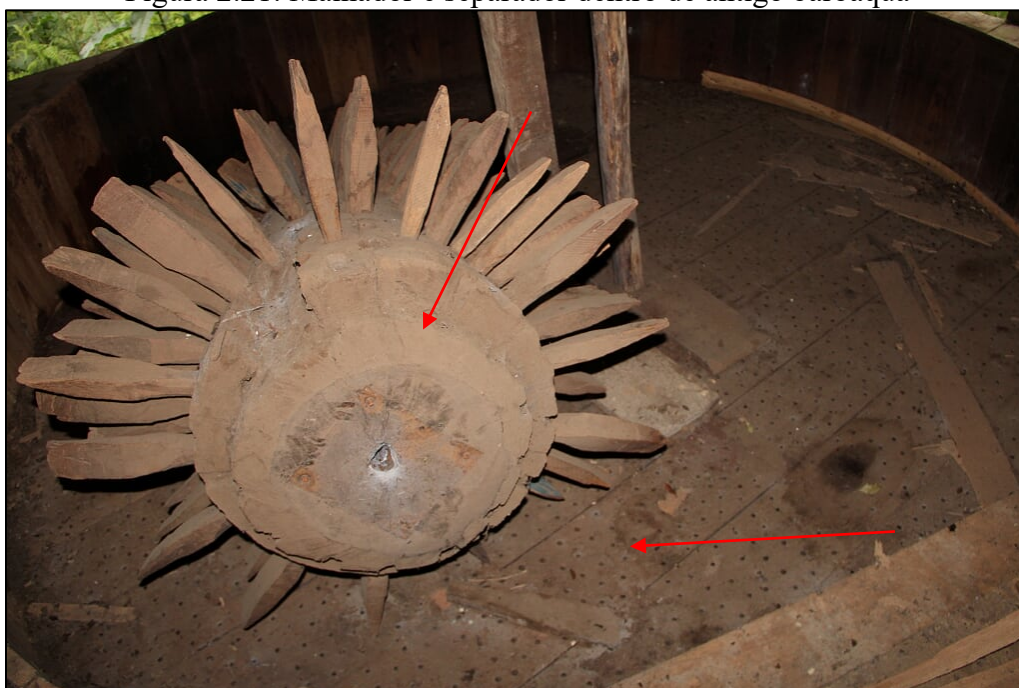
Figura 2.20: Antigo barbaquá da Fazenda Roseira



Fonte: O autor, 2019.

Todas as estruturas dos barbaquás são compostas de madeiras oriundas da FOM. Equivalentemente resiste ao calor e à umidade, as grossas tábuas de imbuia, em um interessante arranjo tecnológico, ao serem perfuradas, foram, ao longo do tempo, utilizadas como separador, uma espécie de peneira em que as folhas já suficientemente trituradas caíam em um depósito, também totalmente construído em madeira. Outro icônico componente da estrutura do barbaquá é o malhador (Fig. 2.21), semelhante a um ouriço, este toco de pinheiro é cravejado por dentes de imbuia, e fora utilizado em associação ao separador, puxado por um cavalo, com a finalidade de triturar a erva-mate já seca em um vagaroso processo.

Figura 2.21: Malhador e separador dentro de antigo barbaquá



Fonte: O autor, 2019.

A memória espacial e cognitiva entrelaça-se às práticas de manejo do erval e à materialidade socioecológica na propriedade da família Kosloski e Silva. João Carlos, ao mostrar-me o barbaquá construído por seu avô no ano de 1945, lembra de suas experiências vivenciadas na infância, ao lado de seu irmão, seu pai e seu avô:

como eu era criança, eles me davam o trabalho menos complicado para fazer. Quando eu tinha meus quatro anos, eu ficava girando o cilindro do sapecador, ficava muito quente. [...] E dava aquele choque quando saía, por que lá fora fazia um frio de rachar. Na cancha, por exemplo, eu ajudava a tocar o cavalo, que ficava dando voltas pra triturar a erva. Depois de tudo, eu e meu irmão ainda íamos brincar dentro do secador, a gente andava por todas as madeiras da parte de cima, era muito legal. [...] A gente acabou aprendendo ajudando. (SILVA, J. C., 2019).

Embora existam, para além das casas, outros elementos integrais à constituição da paisagem e do desenvolvimento histórico da atividade antrópica em diálogo com o meio ambiente da FOM – tais como galpões em madeira – são os barbaquás que concentram a aura sentimental e afetiva disposta por sob a propriedade, sobremaneira por ser um elemento imóvel, fixado no lugar tal qual foi concebido. O barbaquá, como elemento de identidade e testemunho dos processos socioecológicos que se entrelaçam, em ativo processo, conectando os elementos existentes dentro das propriedades e mesmo em escala regional, liga-se à formação do ambiente, da sociedade e da paisagem interpretadas pela proposta desta pesquisa. Esta materialidade, permeada por afetos, identidade e fluxos que consolidaram os laços emocionais e de vínculo com o lugar (TUAN, 2013, p. 45), constitui relevante elemento do pensamento paisageiro, ao estabelecer uma relação orgânica e resiliente entre o meio e o social (BERQUE, 2013, p. 56).

Na perspectiva da teoria da paisagem, a organização do espaço dentro das propriedades visitadas é marcada, portanto, pelos fluxos que se estabelecem entre as casas, as estruturas funcionais da atividade laboral relacionadas ao manejo da erva-mate, assim como de outras atividades agrícolas empenhadas pelas famílias, e o erval. A disposição destes elementos no espaço estabelece uma dinâmica na qual o conjunto da morada e o sistema funcional do barbaquá concentram as atividades cotidianas na propriedade, enquanto o erval, sempre mais afastado, é um lugar visitado com frequência, mas não experienciado cotidianamente. E, embora a maioria dos barbaquás existentes nas propriedades esteja com sua função original desviada, sua presença continua marcando uma centralidade na organização do espaço, possibilitando uma leitura que permite afirmar sua concepção dentro destas propriedades como centro histórico de acúmulo de fluxos de interações socioecológicas dentro da amostragem de sistemas tradicionais de produção de erva-mate visitada pela pesquisa.

Foram os barbaquás que concentraram empenho laboral e de ideação por parte das famílias que buscaram autonomia financeira para, através da comercialização da erva-mate cancheada, viabilizar sua fixação em lotes dentro do ambiente florestal. Para tanto, além da exploração da madeira como recurso construtivo – para todas as edificações instaladas nas propriedades ao longo ao menos das duas gerações iniciais –, a construção dos barbaquás exigiu trocas de conhecimento empírico e adaptações inventivas a partir das interações socioecológicas. Seu ativo uso demandou a exploração de recursos da floresta e ações que colaboraram para o acentuado processo de antropização da FOM, tais como a abertura de clareiras para sua instalação, o manejo do sub-bosque e a retirada de espécies com potencial lenhoso, com finalidade da realização tanto do sapeco, onde madeiras de queima mais rápida foram utilizadas para a primeira etapa da secagem da erva, enquanto espécies de combustão mais lenta foram aplicadas à segunda etapa de secagem. Isto em processo paralelo à agência especulativa das indústrias madeireiras que, instaladas localmente, impulsionavam a derrubada de exemplares arbóreos de grande porte.

Estas populações, instaladas estrategicamente dentro da FOM, viram exclusivamente na madeira e na erva-mate a possibilidade de autonomia, pois foram estas as possibilidades oferecidas pelas políticas de Estado que as conduziram a se instalarem nestas localidades. A materialidade destas propriedades, como testemunho histórico deste processo, está intimamente ligada à identidade que as gerações que se seguiram em interação com a floresta desenvolveram com o lugar em que nasceram e na condição em que viveram. Isto fica bastante claro ao longo das entrevistas, pois demonstram o grau de sentimentalidade que os agricultores

contemporâneos possuem com a paisagem, suas antigas edificações e as experiências vividas nelas, como pode-se concluir a partir da fala de Juliano Oliva:

A família da minha esposa veio pra cá e não tinha nada, nada. Tudo era só mato. Eles foram, pouco a pouco, construindo as coisas aqui, e a erva-mate providenciou tudo pra eles poderem viver aqui. [...] eu fico bastante triste de ver esse barbaquá assim abandonado, se deteriorando. [...] ele é parte da história deste lugar. (OLIVA, J., 2019).

Por mais que a materialidade socioecológica existente e resistente nas pequenas propriedades dos sistemas tradicionais indiquem relevantes articulações e relações sociais com o meio em sua constituição, organizando o espaço da forma como o é agora, em plena transformação e ressignificação. A materialidade torna-se validada somente pela experiência cotidiana e vivacidade que lhe é conferida pelos fluxos de interações físicas e sentimentais, como pode-se verificar pelo afeto expresso pelos agricultores ao corporificarem a paisagem, como percebe-se quando Juliano Oliva pede um registro fotográfico em frente ao antigo barbaquá da propriedade em que vive com sua família (Fig. 2.22), herdada de seus sogros:

Figura 2.22: Barbaquá desativado da família Iavorski Oliva



Fonte: O autor, 2019.

A desativação do processamento de erva-mate em sistemas de barbaquá deu-se em detrimento da associação das grandes agroindústrias e a imposição de exigências higienistas que reduziram a autonomia das pequenas propriedades produtoras de erva-mate (CHAIMSOHN; SOUZA, 2013, p. 35). Foi a partir dos anos 1980 que as propriedades que produziam erva-mate nestes sistemas tiveram que abandonar esta prática, aderindo somente à

comercialização da folha ‘crua’⁴⁵, com menor valor comercial e de venda exclusiva às grandes ervateiras regionais, e os barbaquás, consequentemente, tiveram de assumir outras funções e usos dentro das propriedades. Em paralelo à expansão da industrialização do processamento do mate, o cultivo de erva-mate em sistemas plantados ganhou bastante força comercial, em detrimento da erva-mate dos ervais nativos (CHAIMSOHN; SOUZA, 2013, p. 45).

Se em todas as propriedades visitadas pela pesquisa havia a presença de antigos barbaquás, somente na propriedade da família Kosloski e Silva a erva-mate continua sendo processada por completo. A família desenvolveu um sistema contemporâneo baseado no funcionamento do barbaquá, que, adequado às normativas estipuladas pela vigilância sanitária, recriou as etapas processuais do antigo sistema. Desta forma, a família consegue produzir sua própria erva-mate em um sistema de pequena agroindústria familiar.

A experiência de vida, influenciada pela afetividade desenvolvida no trabalho de processamento de erva-mate, confluíram para que, inspirados na estrutura funcional construída em 1945 (Fig. 2.23) pela primeira geração da família instalada na propriedade, fosse construído em 2010 um barbaquá contemporâneo, que segue as mesmas etapas de secagem e trituração de erva-mate para comercialização. Este novo conjunto construtivo (Fig. 2.24) trouxe à paisagem desta propriedade, em específico, uma nova camada de temporalidade cuja materialidade está diretamente relacionada aos fluxos que se entrelaçam no processo produtivo da erva-mate, e manifesta-se como resultante da própria vida da paisagem e sentido de continuidade intergeracional.

⁴⁵ Como é chamada a folha de erva-mate sem nenhum tipo de processamento, extraída do pé e vendida pelo agricultor a intermediários ou diretamente para as ervateiras, onde são processadas, embaladas e comercializadas no mercado.

Figura 2.23: Antigo barbaquá da família Kosloski e Silva



Fonte: O autor, 2019.

Figura 2.24: Barbaquá construído na década de 2010



Fonte: O autor, 2019.

O afeto, portanto, atua como agente vinculado à materialidade da paisagem, constituindo, através dos laços afetivos ligados à história de cada uma destas propriedades, permanentes transformações no espaço. Os fluxos de elementos estabelecidos pelas relações socioecológicas dentro do ambiente da FOM permeiam a historicidade e a espacialidade dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate visitados pela pesquisa. As estruturas da materialidade das paisagens concentram memória, ancestralidade, geracionalidade e essência

do lugar (INGOLD, 2000, p. 132), formando relevante elemento de pertencimento entre o ambiente ecológico e as famílias de agricultores envolvidos no manejo da erva-mate sombreada, a partir da paisagem.

As paisagens dos sistemas visitados na amostragem da pesquisa possibilitam a interpretação de um intricado emaranhado de coisas que confluem e se conectam uma à outra em uma malha, e, através deste processo, estabelece-se a vida da paisagem (INGOLD, 2012, p. 41). As características que marcam tanto a organização quanto a experiência espacial nestas propriedades são oriundas das especificidades históricas e socioecológicas pelas quais foram submetidas ao longo dos últimos dois séculos. Somada aos valores conferidos e praticados dentro dos ervais, em uma interação direta entre a floresta e as pessoas, a materialidade constituída nas propriedades concentra importantes traços que permitem a interpretação histórica ambiental dos processos ocorridos dentro da FOM.

Tendo estabelecidos estes dois marcadores como fontes interpretativas de processos temporais e espaciais de formação da paisagem dos sistemas em questão, no próximo capítulo discutiremos de que maneira estes marcadores historicamente influenciam na disposição organizacional destas paisagens. Ao discutir as características comuns e pontos específicos de cada uma das propriedades, proporemos a interpretaremos como estes fatores inferem nos variados graus de pertencimento e identidade com o lugar, e se esta identidade pode ser pensada como identidade ambiental dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

3 O CÍRCULO E OS PONTOS: APROXIMAÇÕES E ESPECIFICIDADES A PARTIR DA ANÁLISE INTERPRETATIVA DAS PROPRIEDADES COM ERVAIS

Embora os processos ecológicos e culturais que permeiam a historicidade de cada uma das propriedades em que os sistemas tradicionais de produção de erva-mate são mantidos se aproximem até praticamente o contato em determinados pontos, existem inúmeras especificidades em cada uma delas, em cada localidade e em cada ambiente, que constituem pontualidades únicas dentro da história ambiental da FOM. Por esta razão, propomos, a partir deste capítulo, o exercício interpretativo da materialidade das paisagens visitadas durante a pesquisa como amostragem das dinâmicas que se entrelaçam e conferem tanto vida quanto sentido às práticas aplicadas e ao estilo de vida oriundo destas relações, intimamente ligado ao manejo da erva-mate sombreada pelas robustas copadas da FOM. Para tal, a construção interpretativa – atrelada ao ordenamento dos fatos apresentados e discutidos nos primeiros dois capítulos deste trabalho – se prestará como orientação e conhecimento condutor do olhar detalhado à cada paisagem dentro das seis propriedades visitadas nas quais a erva-mate é manejada – ou ao menos foi, em algum momento – dentro da floresta.

Tendo este objetivo traçado, optou-se pelo desenvolvimento de croquis que buscassem tornar evidentes os fenômenos averiguados durante as visitas às propriedades rurais. Segundo Yves Lacoste, os croquis referem-se a uma tipologia de expressão gráfica tomada em contato direto com o lugar, cujos traços buscam identificar as características mais marcantes de uma determinada paisagem. Este autor ainda defende que os croquis constituem importante ferramenta utilizadas por geógrafos pois auxiliam a discernir características peculiares de cada paisagem (LACOSTE, 2009, p. 108).

Autores já mencionados nesta dissertação, como Berque, utilizam abstrações e interpretações do espaço geográfico pautadas por análises provenientes de croquis elaborados a partir de contatos físicos tomados na região do Alto Atlas, no Marrocos, nos quais as formas organizacionais dos vilarejos berberes, assim como as tipologias indumentárias utilizadas por cada grupo dentro desta sociedade, estão representados e interpretados analogamente ao pensamento paisageiro e à teoria da paisagem (BERQUE, 2013, p. 8-12). Kevin Lynch, em seu pioneiro trabalho sobre o estudo da organização do espaço e sua relação com a historicidade e conferência social de sentido, utilizou-se de croquis e abstrações de fluxos e formas para discutir a imagem da cidade (LYNCH, 1999).

Como teoria, os croquis, em sua forma e conteúdo, buscam, através da linguagem simbólica, evidenciar elementos que compõem a totalidade – neste caso, no amplo sentido

espaço-temporal – enfatizando, através da representação, as grandezas de certos elementos, naturais ou antropogênicos, em sua disposição e influência no ordenamento e configuração do recorte espacial estudado. As concepções de espaço e forma, evidenciando fluxos, proporções e diálogos dentro das representações simbólicas da paisagem, como são os croquis, foram apresentadas dentro da teoria das Artes Visuais por Wassily Kandinsky em seu '*Curso da Bauhaus*', de 1928, publicado como livro em 1996 (KANDINSKY, 2003).

Embora existam diversas tecnologias que permitam a utilização de outros instrumentos de expressão que poderiam representar as paisagens destas propriedades de maneira mais objetiva, tais como a fotografia – tanto as tomadas dentro das paisagens quanto fotografias aéreas disponibilizadas por ferramentas digitais de acesso livre, como Google Earth ou programas de SIG, como Idrisi, ArcGIS, etc. – os croquis apresentam características de abstração de elementos da paisagem que outras ferramentas não proporcionam.

A fotografia, conforme afirma Entler, é a materialização simbólica de um determinado recorte espacial e temporal e é emoldurada a partir da intencionalidade de quem a produz, e interpretada por quem a recebe (2012, p. 140). Desta forma, não é, de fato, a realidade, mas sim uma representação seletiva e conduzida dela, na qual somente a temporalidade do momento em que foi capturada faz-se presente na imagem (BARTHES, 1984, p. 140). Este fato, somado à ausência de linguagem escrita na fotografia, limita – sobremaneira aos fotógrafos amadores – a possibilidade de representação dos nuances temporais sobrepostos nas paisagens. As imagens aéreas, por sua vez, ao serem processadas e representadas a partir das normas da linguagem cartográfica, potencialmente revelam importantes características das paisagens que pretendem representar, tais como uso do solo, altitude, declividade do relevo e precisão de medidas. Porém, apresentam limitações no que diz respeito à necessidade de escala e ponto de observação fixos, e, assim como as fotografias, não permitem claramente a representação e interpretação das diferentes sobreposições temporais e escalas de grandeza dentro de lugares específicos, como são as paisagens estudadas por esta pesquisa.

Os croquis, com alta capacidade de abstração da composição simbólica do espaço geográfico, conforme apontou Paul Claval (2014, p. 320-22), por não possuir a formalidade gráfica de mapas e possibilitar o uso de diferentes tipos de linguagens em sua representação, proporcionam representações mais detalhadas e vivas do espaço. Em seu desenvolvimento, os croquis aproximam o autor da paisagem, estabelecendo laços de maior intimidade com a paisagem, às suas formas, fluxos e detalhes, o que amplia a sensibilidade em relação ao espaço estudado. Os croquis, como representação, permitem a variabilidade de escalas e pontos de observação, não impedindo que determinados elementos da paisagem apareçam com maior

destaque que outros, possibilitando, assim, uma representação seletiva que evidencia traços específicos que merecem enfoques, dependendo da intencionalidade do autor e o que propõe a pesquisa. No caso deste estudo, diversos elementos existentes dentro das propriedades, e representados pelos diferentes recortes viabilizados pelos croquis, apresentam papel ativo e essencial na interpretação das interações socioecológicas ocorridas no ambiente em questão e prestam-se como relevantes fontes historiográficas ambientais da região.

Portanto, ao optar-se pela utilização de croquis como ferramenta interpretativa das paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate visitados, adotou-se a metodologia de elaboração em que os detalhes de cada paisagem, entrelaçados aos processos históricos de interação dentro da FOM, fossem perspectivados em três diferentes escalas:

- **Análise organizacional do espaço local:** o primeiro nível de representação e análise consiste na inserção das propriedades em sua escala local, dentro do contexto da comunidade, de vizinhança e de dinâmicas circundantes. Nestes croquis mais amplos, com ponto de observação aéreo, buscou-se evidenciar elementos que influem e/ou influíram nas características históricas e socioecológicas das propriedades e das localidades onde se situam;
- **Análise organizacional do espaço imediato à propriedade:** neste nível estão representados os elementos espaciais diretamente relacionados ao espaço cotidiano de vivência da família visitada pela pesquisa. Nestes croquis encontram-se elementos mais detalhados do terreno da propriedade em questão, tais como variações de relevo, corpos hídricos, objetos e construções de relevância ao ordenamento espacial. Nesta escala interpretativa, também desenhada em ponto de visão aéreo, porém em ângulo diagonal, evidenciam-se os acúmulos geracionais de manejo da paisagem, associados também à disposição mórfica da paisagem em questão;
- **Organização espacial interna da propriedade:** representação detalhada do entorno da casa da família visitada, incluindo tanto a distribuição de elementos construídos na propriedade quanto de áreas de cobertura vegetal em diferentes graus de antropização e de relação com o conjunto estabelecido como propriedade rural. Nestes croquis, desenhados em um ângulo que busca aproximar-se ao ângulo de visão em perspectiva tomado de dentro das propriedades rurais, encontram-se descrições dos fluxos de interação dentro das paisagens, assim como estão descritos cada um dos elementos que relacionam-se diretamente com os laços afetivos, vínculos históricos e identitários estabelecidos entre as famílias de agricultores e o ambiente da FOM.

Desta forma foram realizados um total de dezoito croquis, três para cada propriedade visitada. Os croquis foram desenvolvidos a partir das observações tomadas em campo e complementadas por detalhes acrescentados pelas narrativas dos membros das famílias – também uma característica de pluralidade comunicativa proporcionada por croquis – de agricultores erveiros ao longo das caminhadas, que constituíram parte da metodologia dos trabalhos de campo⁴⁶. Portanto, pode-se considerar os croquis como o resultado de um processo metodológico participativo, pois, apesar de os desenhos terem sido desenvolvidos pelo autor, resultam de uma sobreposição de olhares para as paisagens, na qual priorizou-se a sensibilidade à leitura histórica, em camadas sobrepostas na configuração contemporânea das paisagens.

Assim como os croquis, as análises interpretativas das paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate foram tomadas durante as realizações das atividades de campo e todas as informações levantadas nas entrevistas e nas caminhadas pelas propriedades foram anotadas em relatórios de campo. Os relatórios iniciais, ou seja, o esboço preliminar das percepções tomadas em campo, com anotações, fotografias e trechos das entrevistas, encontram-se apensados a este texto, na sessão ‘Anexos’. Estes relatórios foram desenvolvidos imediatamente após a realização de cada atividade de campo, e funcionaram como cadernetas que auxiliaram na interpretação destas paisagens como fontes historiográficas, assim como pautaram o desenvolvimento dos croquis, com orientações pontuais.

Ao longo do texto que segue, portanto, estão analisadas cada uma das propriedades, levando-se em conta suas particularidades, mas discutindo também os pontos em comum verificados nas relações históricas e no conjunto de valores e significados oriundos das interações socioecológicas dentro da FOM. Assim, as análises das propriedades aparecem na mesma sequência em que foram realizadas as atividades de campo, respeitando a cronologia de realização das visitas, pois este processo fez parte da organicidade das interpretações tomadas no decorrer da pesquisa.

3.1 FAMÍLIA OLIVA, ALIANÇA VELHA, SÃO MATEUS DO SUL/PR

A visita realizada à propriedade da família Oliva aconteceu nos dias 21 e 22 de março de 2019 e deu-se em decorrência do contato com Elpídio Oliva, agricultor e erveiro, nascido dentro desta propriedade na década de 1970. Durante a atividade de campo, tanto Elpídio como

⁴⁶ conforme descrito ao longo da sessão 2.1.

sua mãe, a senhora Rosa Oliva, foram entrevistados e contaram sobre suas histórias de vida na propriedade e em ativo contato com a FOM, o manejo e comercialização de erva-mate.

Estabelecida na década de 1920, a propriedade da família Oliva encontra-se contemporaneamente ocupada pela terceira geração de moradores, descendentes diretos da primeira geração. O primeiro núcleo familiar instalado formalmente no pedaço de terra em que vivem hoje era composto por imigrantes de origem polonesa, que saíram de um primeiro estabelecimento urbano, na cidade de São Mateus do Sul, para se instalar no loteamento que hoje constitui a comunidade de Aliança Velha. Este movimento demográfico, de instalação de famílias em pequenas propriedades rurais nesta localidade foi conduzido, sobremaneira, pela instalação de uma grande serraria nas imediações. A madeireira Aliança operou na região entre 1920 e 1950, processando madeiras da FOM retiradas – em sua grande parte –, pela mão de obra de imigrantes recém instalados nos entornos da própria madeireira (OLIVA, R., 2019).

Dentre as atividades de subsistência adotadas pelos sogros de Rosa Oliva, conforme relatado em sua narrativa, estava o cultivo de lavouras de milho e feijão, associados ao extrativismo de madeiras da floresta – que eram compradas pela madeireira – e ao extrativismo de erva-mate dentro dos ervais naturais, cuja erva-mate processada e armazenada na propriedade era comprada pela ervateira Leão Junior, com sede na cidade de São Mateus do Sul. Os lotes em que se instalaram os imigrantes, portanto, foram pagos, gradativamente, com a capitalização proveniente das ações inferidas à floresta, como o desmate para a abertura de lavoura, as derrubadas para a venda de madeira e ampliação das instalações construtivas da propriedade e a comercialização da erva-mate extraída dos ervais.

Rosa Oliva, filha de imigrantes poloneses nascida na década de 1930, mudou-se para a propriedade na década de 1950, quando se casou com Leonardo Oliva, filho da primeira geração de imigrantes poloneses ali fixados, e estabeleceram a segunda geração de moradores da propriedade, construindo casa e promovendo o auto sustento de um novo núcleo familiar instalado no lugar. Segundo Elpídio Oliva (2019), seus pais viveram em uma propriedade diferente da de hoje. À época, a organização da propriedade assemelhava-se ao sistema de faxinal, em que todos os animais eram criados soltos e não havia cerca delimitando as propriedades vizinhas, pois todos os vizinhos tinham graus de parentesco próximos. Somadas às práticas agrícolas, a segunda geração teve contato bastante íntimo com a erva-mate, pois também extraía das folhas processadas parte de seu sustento.

Tanto Rosa quanto Elpídio afirmam que, diferentemente das práticas de adensamento e manejo praticadas nos ervais hoje, a erva-mate, ao longo da segunda geração, ainda era extraída

de ervais naturais, com a prática de poda drástica⁴⁷. Isto fez com que parte dos ervais, somados outros distúrbios, secassem. Em decorrência disto, Elpídio e Pedro, irmãos vizinhos e moradores de terceira geração da propriedade, praticam o adensamento nos ervais que manejam. Elpídio ainda realiza as podas a cada três anos, retirando somente os galhos que considera estarem maduros.

Dentre as peculiaridades da propriedade da família Oliva encontra-se o fato de que Leonardo Oliva exercia, somada a suas atividades de agricultura, a profissão de ferreiro, realizando a manutenção de carroças e desenvolvendo peças de utilidade doméstica e industrial. Como o ferro necessita de altas temperaturas para ser fundido, somente a madeira do nó-de-pinho⁴⁸ proveniente dos pinheiros-do-paraná detém as características necessárias para esta finalidade. Assim, pode-se interpretar que, para além do extrativismo da erva-mate, a complementaridade da autonomia de uma pequena propriedade rural dava-se em estreita afinidade aos elementos disponibilizados pela floresta: a madeira para lenha e construção, o pinhão como alimento e o nó-de-pinho, neste caso, para a execução da atividade de ferraria.

O ecossistema local, porém, conforme afirmam os entrevistados, sofreu diversas mudanças desde que vivem na propriedade. Elpídio relata grande mudança na fauna que coabita a floresta, com mudança nas espécies de pássaros e de pequenos mamíferos que frequentam os remanescentes florestais e os ervais existentes na propriedade. Para ele, a grande transformação da configuração da paisagem local deu-se a partir da instalação dos grandes monocultivos de pinus, que se iniciaram na Aliança Velha há cerca de 40 anos atrás, na década de 1970.

Assim como verificado em outras propriedades visitadas, conforme os itens que se seguem ao longo do texto, existem antigas estruturas, dentro da propriedade da família Oliva, que remetem ao processamento da erva-mate, como antigos barbaquás ou mesmo buracos no chão cavados com a finalidade de condução de calor para a secagem da erva-mate. O ambiente florestal, conforme discutido na sessão 2.2.1, apresenta uma série de traços que indicam ações e modificações antrópicas realizadas no passado, e que influem na configuração da tipologia de floresta existente hoje dentro da propriedade.

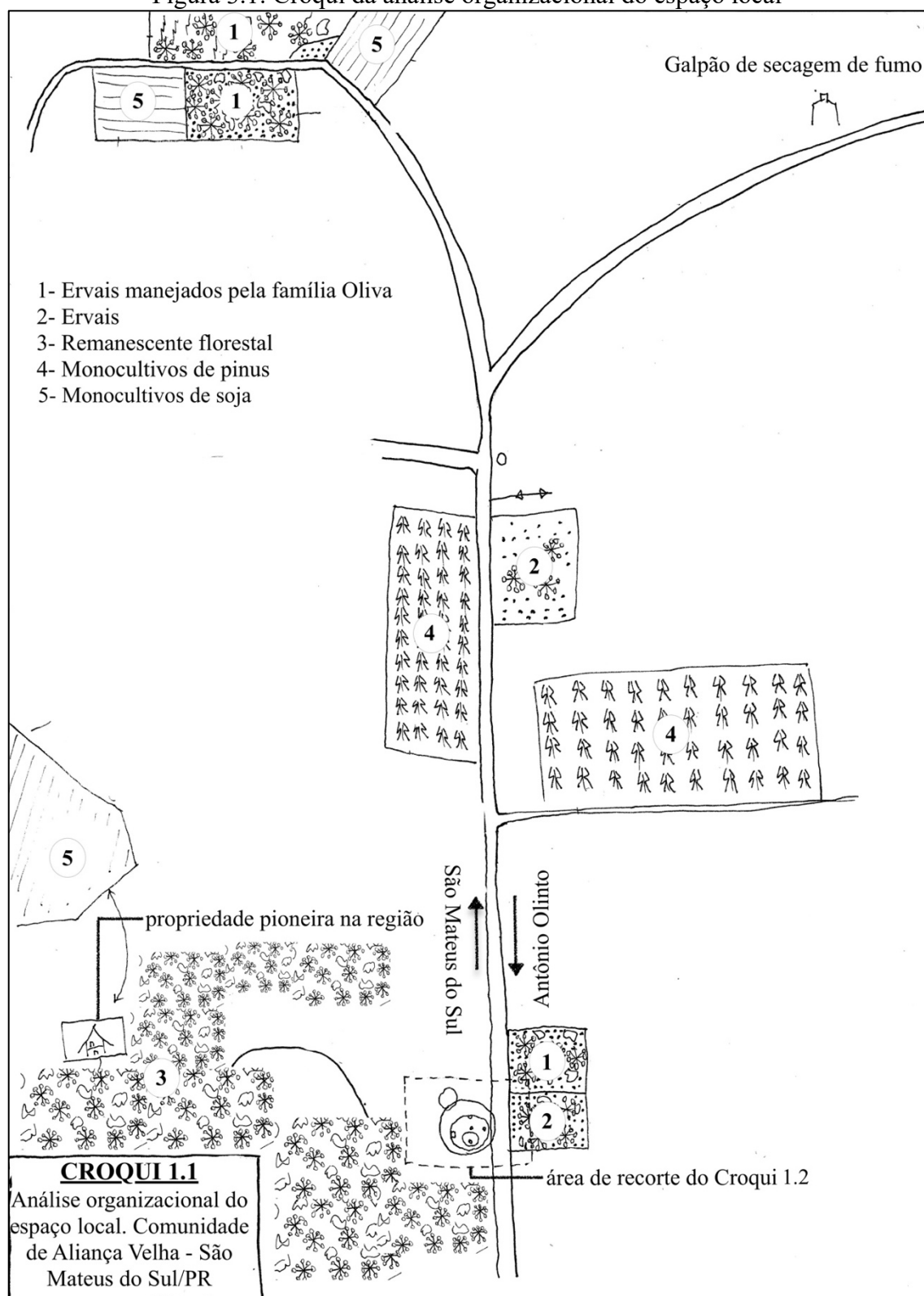
A sequência de croquis que segue (Figs. 3.1, 3.2 e 3.3) conduz à leitura interpretativa da configuração organizacional espacial da propriedade da família Oliva, e busca evidenciar

⁴⁷ Estilo de poda da erva-mate em que todas as folhas são retiradas da árvore, realizada durante os meses de setembro e outubro.

⁴⁸ O nó-de-pinho consiste em parte da madeira do pinheiro-do-Paraná proveniente da junção do galho com o fuste da árvore, na área de início da copa. Este tipo de madeira é bastante duro e resistente, possuindo um alto poder calorífico. O nó-de-pinho pode ser coletado no chão da floresta, pois mesmo após o tombamento de uma árvore, ou de um galho, e sua sequente assimilação pelo meio, o nó-de-pinho, por sua dureza, não apodrece, e permanece por muito tempo disponível.

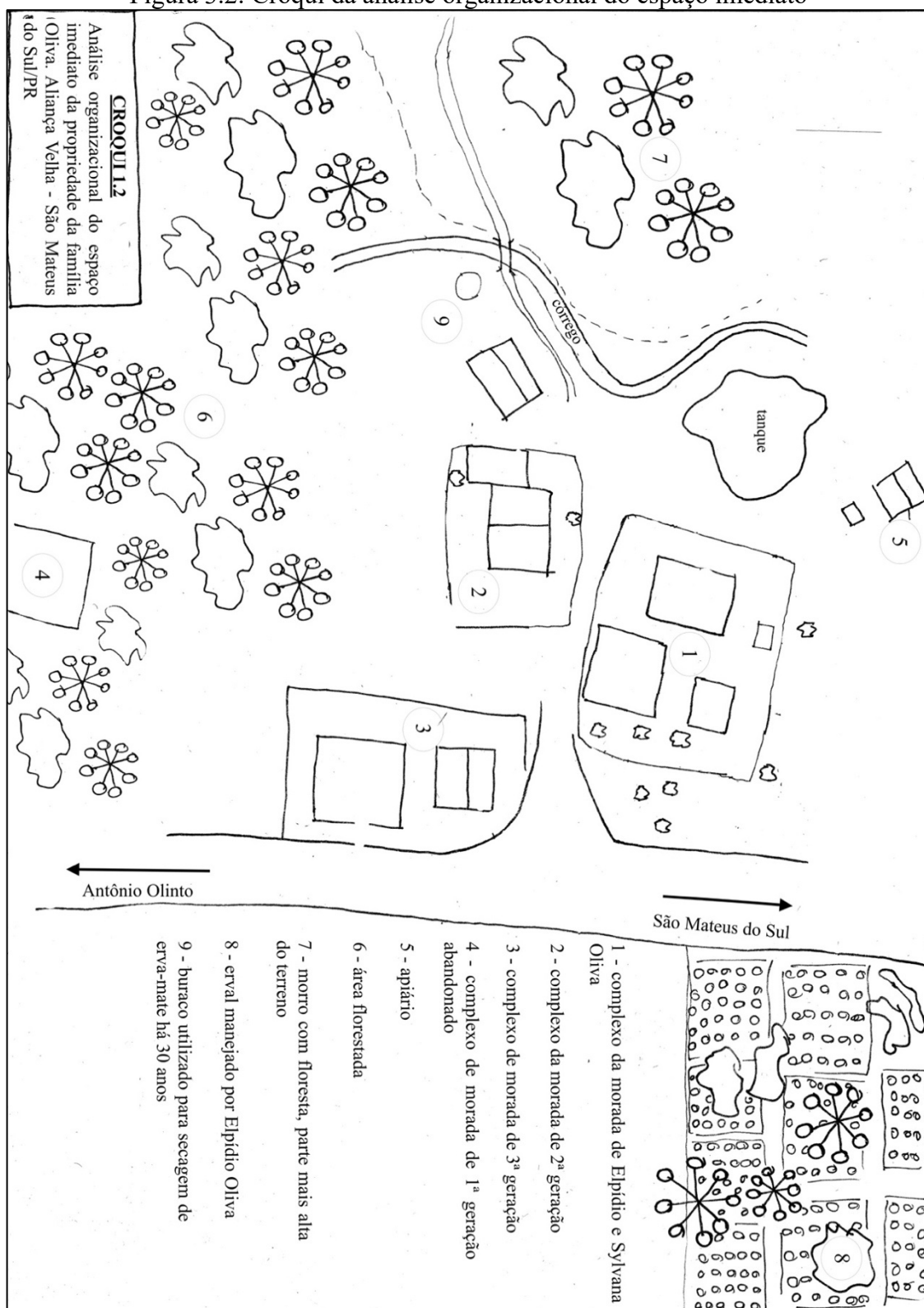
pontos na paisagem que se relacionam diretamente aos processos históricos e socioecológicos ocorridos na região em que se insere a propriedade, assim como na propriedade em si.

Figura 3.1: Croqui da análise organizacional do espaço local



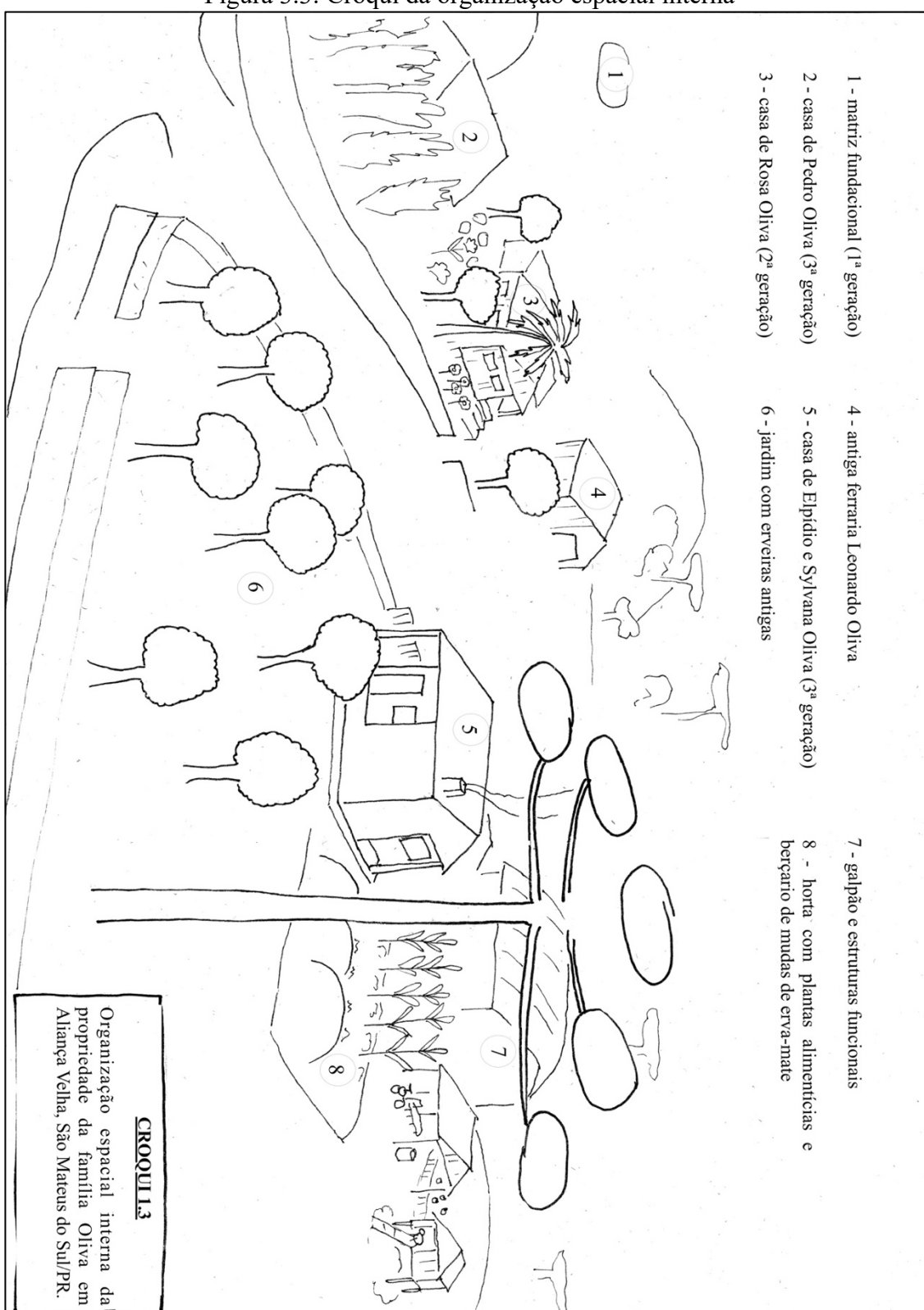
Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.2: Croqui da análise organizacional do espaço imediato



Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.3: Croqui da organização espacial interna



Fonte: O autor, 2020.

Inserida dentro um contexto em que se estabelece um verdadeiro mosaico agrícola, como verifica-se a partir da Figura 3.1, com grandes áreas de monocultivos de soja, feijão, pinus e eucalipto intercaladas por alguns remanescentes florestais e áreas florestadas que abrigam ervais em seus sub-bosques, a propriedade da família Oliva caracteriza-se por abrigar quatro grandes ervais. Contemporaneamente, segundo as informações de Elpídio, complementadas pelos dados publicados por Chaimsohn e Souza (2013, p. 9-17), a propriedade da família Oliva possui 10 alqueires⁴⁹, dos quais 6 são utilizados para o cultivo de soja, 2 são utilizados para cultivo de milho e somente 1 é utilizado para o cultivo de erva-mate sombreada.

Esta não é uma condição excepcional dentro do contexto das propriedades produtoras de erva-mate, e é uma característica resultante do rápido avanço dos pacotes tecnológicos de modernização agrícola impostos pela Revolução Verde na área de ocorrência da FOM (BALESTRO; SAUER, 2013, p. 10-11; GERHARDT, 2016). A propriedade da família Oliva, portanto, acabou sendo influenciada, historicamente, pelas tomadas de decisão e adesão a práticas agrícolas convencionais, porém tem em seus ervais um contraponto e interessantes possibilidades de reversão, pois Elpídio Oliva (2019) afirma que sonha em “um dia produzir somente erva, abandonar a soja e o milho”, mas que as condições oferecidas pela lógica de mercado não o permitem.

As Figuras 3.2 e 3.3, em uma perspectiva aproximada das dinâmicas organizacionais circundantes ao núcleo habitacional da propriedade da família Oliva, revelam interessantes elementos sobre a história da paisagem desta propriedade, assim como relevantes traços de resiliência e interação socioecológica. A disposição das construções das casas das três gerações de ocupação da propriedade permite uma análise temporal da relação com o espaço, partindo da matriz fundacional – como marco-zero – em direção às casas de Pedro e Elpídio Oliva, mais próximas da casa de segunda geração do que esta da matriz. Situadas em uma área plana próxima ao início da subida de um morro, as casas estão rodeadas por erveiras, que “faziam parte de um erval antigo que meu sogro e depois o Leonardo exploraram” (OLIVA, R., 2019), remetem à histórica relação de convívio com a FOM. As construções da primeira e segunda gerações são feitas em tábuas de madeira de pinheiro-do-paraná (WEIMER, 2012, p. 242-248), e as de terceira geração em material de alvenaria, em uma sequência passível de leitura interpretativa histórica.

⁴⁹ Medida equivalente a 240 mil metros quadrados.

A propriedade habitada pela família Oliva, portanto, apresenta uma série de características próprias que são oriundas e resultantes das relações socioecológicas impostas pela colonização. O conhecimento necessário para o manejo da floresta, assim como a relação de dependência dela, em um grau mais elevado sobretudo nas primeiras gerações, ocasionaram em materializações que configuraram a paisagem tal e qual se expressava no dia da visitação a campo. As atividades agrícolas e ofícios, como o de ferreiro, necessitaram de um contato íntimo com o lugar para que encontrassem maneiras serem exequíveis, e para esta finalidade, muitas tomadas de decisões foram necessárias. Elas estão mais ou menos explícitas na organização e significação da paisagem da propriedade em questão.

3.2 FAMÍLIA IAVORSKI OLIVA, TRÊS POÇOS, ANTÔNIO OLINTO/PR

A segunda propriedade visitada pela pesquisa foi a propriedade da família Iavorski Oliva, no dia 16 de maio de 2019. Atualmente, vivem nesta propriedade três pessoas: Verônica Iavorski Oliva, Juliano Oliva – segunda geração de habitantes fixados neste terreno –, e Jéssica Oliva, a filha do casal e moradora de terceira geração da propriedade que pertence à família desde a década de 1940. Estabelecida pelos pais de Verônica, que eram imigrantes poloneses, teve a inserção de práticas e de conjunto construtivo de segunda geração na década de 1990, quando Juliano – nascido em São Mateus do Sul, na propriedade da família Oliva – se casou com Verônica e foi morar na propriedade.

Durante a visita, tanto Juliano quanto Verônica foram entrevistados e descreveram, durante a conversa gravada, a história da propriedade e suas respectivas experiências no ambiente em que a propriedade por eles habitada foi constituída. Sendo uma propriedade em que a transição de primeira para segunda geração de manejadores deu-se há menos de trinta anos, a memória sobre as práticas agrícolas e os métodos de transformação da paisagem, derivantes das relações socioecológicas, são bastante vivas e baseadas na experiência vivida. Assim, a memória da paisagem concentra, em certos pontos, laços de afetividade estabelecidos com o lugar durante o período de vivência e interação da e com a primeira geração.

Durante a década de 1940, na região onde hoje encontra-se a comunidade de Três Poços, havia, assim como em Aliança Velha (conforme discutido na sessão 3.1), uma serraria que beneficiava as madeiras de árvores retiradas da FOM transformando-as em tábuas. A comercialização de erva-mate cancheada, somada também ao cultivo agrícola, eram fontes de renda e provedores de autonomia para as famílias que se instalavam nestes lotes e

transformavam-nos em propriedades rurais. Juliano afirmou que nos tempos de seus sogros, a madeira era utilizada como objeto para permutas, baseadas nas necessidades pelas quais as famílias passavam. Dentro da propriedade, deu o exemplo da cobertura do antigo barbaquá, cujas telhas provém da troca em que um pinheiro-do-paraná foi derrubado e trocado por uma quantidade de telhas de barro suficientes para preencher todo o telhado da construção (OLIVA, J., 2019).

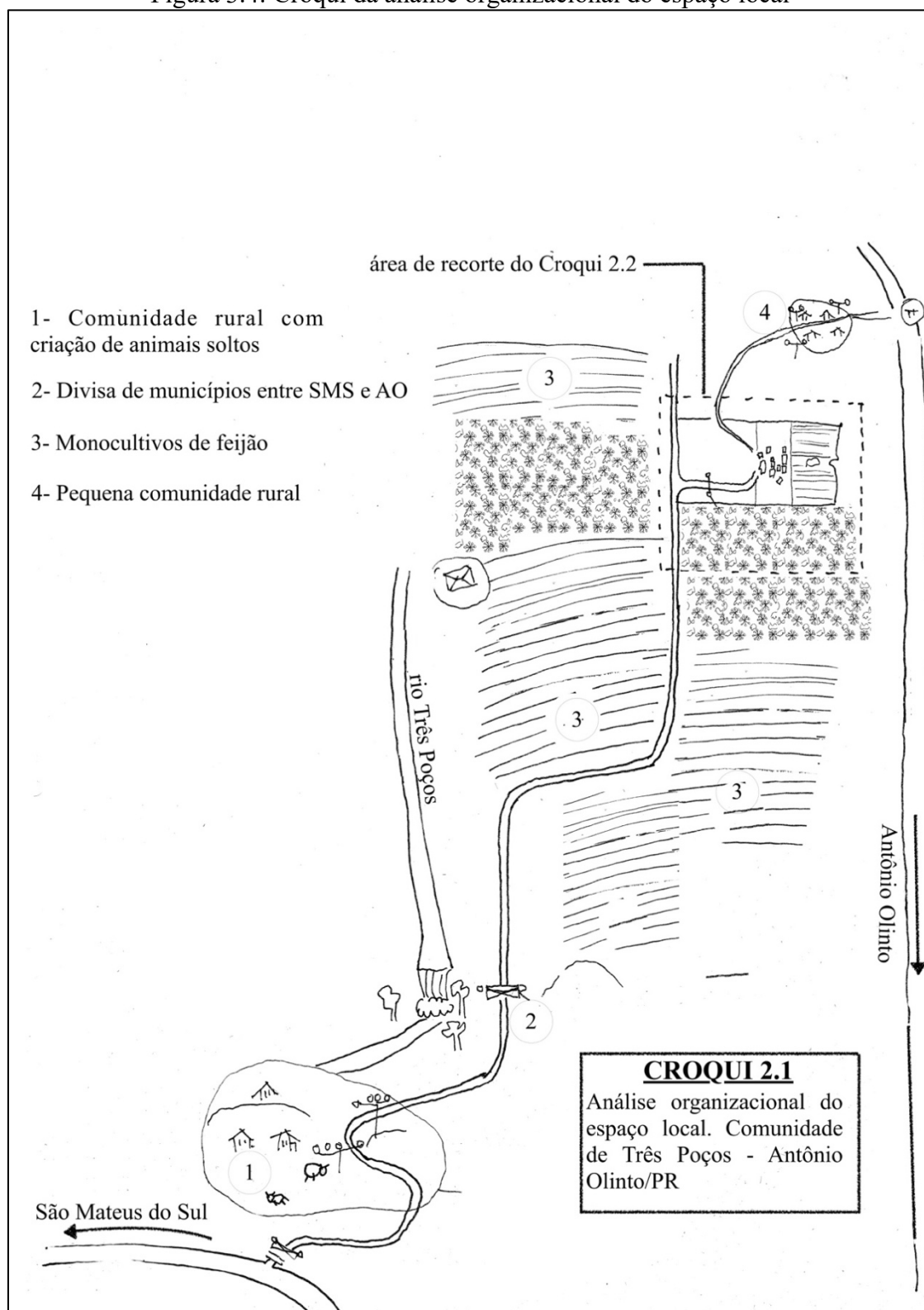
Situada em um loteamento de recorte de morro, a propriedade da família Iavorski Oliva tem como sua principal característica espacial o fato de estar dividida em três níveis impostos pelas condições do relevo do terreno. Este fator, absorvido pelo pensamento paisageiro dos agentes locais (BERQUE, 2013, p. 5), influenciou a organização e a morfologia da paisagem construída: na parte mais alta do terreno, com inclinação menor que 15°, estão instalados os cultivos agrícolas da propriedade; na metade do terreno encontra-se uma área plana, e ali foram instalados os núcleos habitacionais de ambas as gerações; na parte mais baixa, com inclinação próxima a 30°, encontram-se os ervais da propriedade.

Esta característica, portanto, conferiu à paisagem da propriedade da família Iavorski Oliva uma proximidade quase sobreposta do núcleo habitacional da matriz fundadora – e todo o seu conjunto funcional, como galpão e outras construções – com o núcleo de segunda geração. Diferentemente, por exemplo, do que acontece em Aliança Velha (sessão 3.1), Espigão dos Carijos (sessão 3.4) e Barra Bonita (sessão 3.6), em que os núcleos geracionais são estabelecidos com uma certa distância um do outro.

A propriedade possui uma área total de 55 mil m² e nela são praticadas três tipos de atividades econômicas: a produção de soja e feijão (*Phaseolus vulgaris*) – instalados em área de lavoura aberta pela primeira geração – que, pautada pelos preceitos da agricultura convencional, tornam-se fonte de renda a partir da comercialização das safras com a Cooperativa Bom Jesus da Lapa; em segundo, seguindo a ordem de relevância de atividade por entrada financeira, o extrativismo e venda de folhas de erva-mate cruas para ervateiras regionais; a comercialização de carvão vegetal produzido por Juliano Oliva a partir de tocos de árvores retiradas na limpeza de terrenos da vizinhança – geralmente provenientes do manejo da lavoura, ou de abertura de novas áreas para instalação de monocultivos.

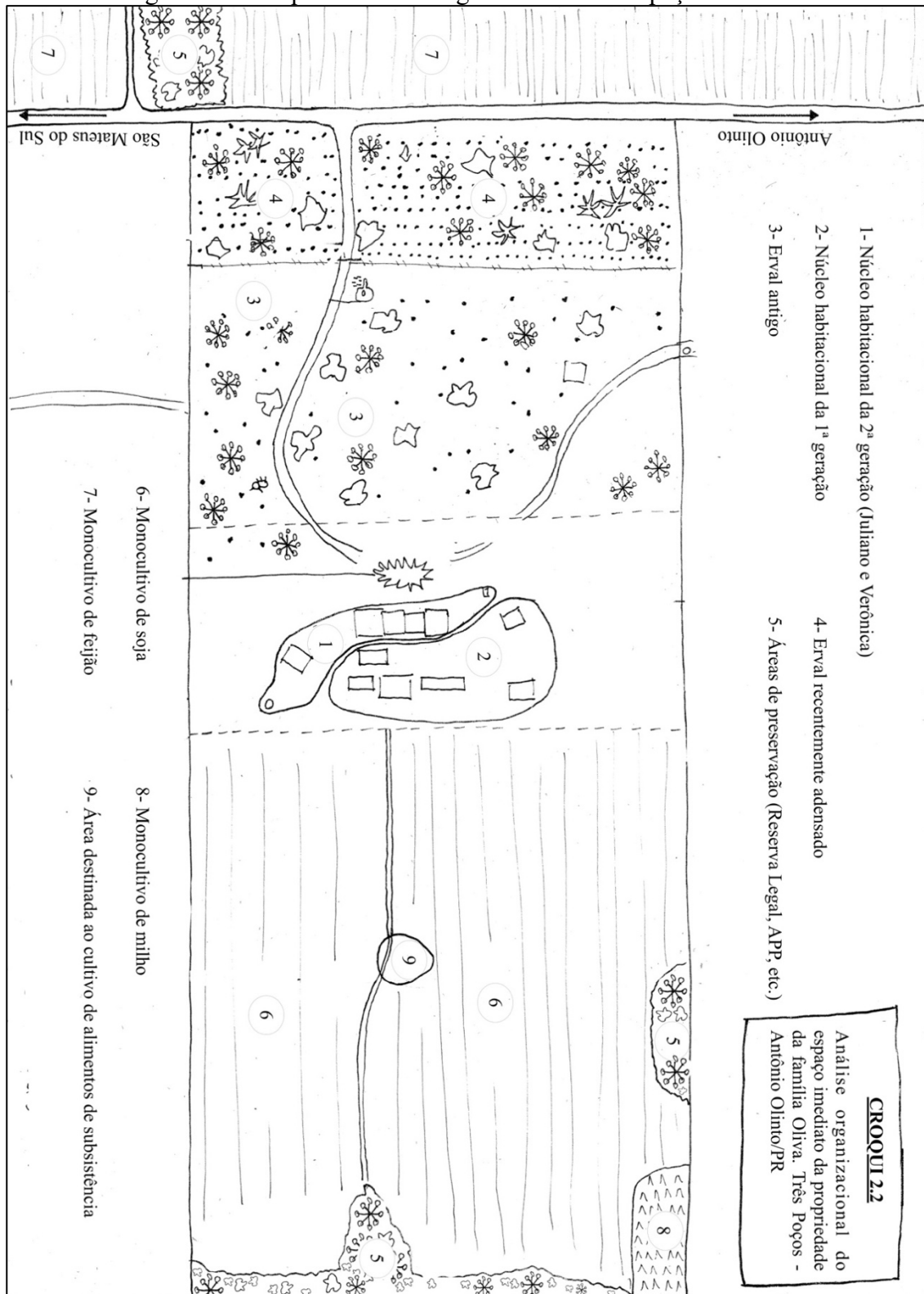
Os croquis que seguem (Figs. 3.4, 3.5 e 3.6) buscam evidenciar o contexto em que a propriedade se insere e como as características materiais da organização espacial inter-relacionam-se com os processos históricos ocorridos na região e resultam de interações socioecológicas dentro da FOM.

Figura 3.4: Croqui da análise organizacional do espaço local



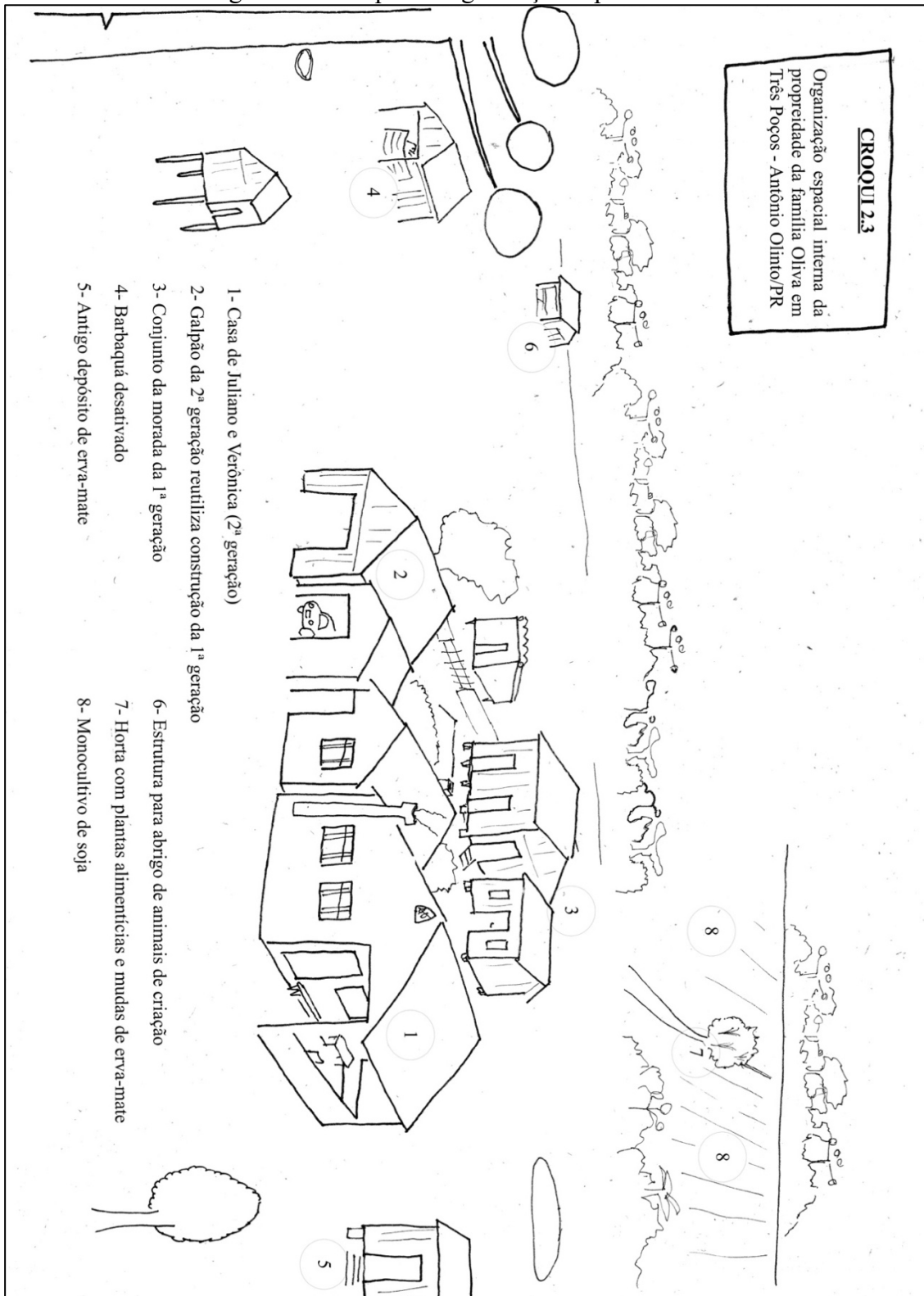
Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.5: Croqui da análise organizacional do espaço imediato



Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.6: Croqui da organização espacial interna



Fonte: O autor, 2020.

Conforme pode-se verificar pela contextualização apresentada pela Figura 3.4, a propriedade está rodeada por grandes monocultivos de feijão, intercalados pela escassa presença de áreas florestadas, geralmente com presença de manejo de erva-mate e por monocultivos de tabaco, que estão associados às estufas de secagem de fumo que se espalham ao longo das pequenas propriedades observadas na localidade. Para chegar até a propriedade de Iavorski Oliva, passa-se por pequenas comunidades rurais onde os animais são criados soltos, assemelhando-se a faxinais em processo avançado de desconfiguração, e dentro destas comunidades verificou-se a presença de ervais adensados sempre próximos às casas.

A Figura 3.5 mostra o nivelamento do terreno da propriedade em questão, e nos permite refletir acerca dos acúmulos de transformações inferidas à paisagem florestal dentro desta propriedade ao longo dos últimos 70 anos. O conjunto construtivo, as adaptações de terreno, práticas de cultivo e atividade de manejo de ervais contemporâneas resultam da interação e diálogo estabelecido com o meio ao longo do decorrer de duas gerações, com diferentes recursos e necessidades. Vê-se isso claramente nas transformações da lavoura, na organização do espaço construído e no manejo do erval, nivelados em consonância com o relevo da propriedade.

Antigamente, no plano superior da propriedade, havia o cultivo de uva, além de milho e feijão, que foram alimentos básicos e vendáveis ao longo da primeira geração. Esta terceira parte do terreno é hoje ocupada pelo plantio de soja e feijão para venda e de milho, utilizado na alimentação da criação, que vive alocada no nível médio do terreno, em uma construção oriunda da primeira geração, representada pelo item número 6 da Figura 3.6.

Neste mesmo nível médio do terreno – onde foram estabelecidos os conjuntos das moradas de ambas as gerações que manejaram a propriedade – está situado o antigo barbaquá da família Iavorski Oliva. Durante a atividade de campo, Juliano me levou para conhecer a estrutura e explicar o seu funcionamento. Epicentro de uma amplitude de sentimentos nostálgicos e fonte de vívidas memórias, é uma importante fonte de interpretação da História Ambiental e dos processos socioecológicos ocorridos na propriedade e, de certa forma, na região. O barbaquá articula-se historicamente com o antigo depósito de erva-mate cancheada, construção representada pelo item 5 da Figura 3.6. Nesta edificação, utilizada hoje como depósito, ficavam estocados os sacos de erva-mate beneficiada, à espera do comprador, que passava na região de tempos em tempos. Este comprador levava a erva-mate até a cidade de

São Mateus ou até a Lapa, onde era vendida para ervateiras grandes, conforme afirmou Verônica.

O antigo barbaquá, assim como o antigo galpão de estocagem de erva-mate cancheada, por sua vez, articulam-se diretamente com os ervais e o manejo histórico aplicado ao sub-bosque da FOM no terreno da propriedade da família Iavorski Oliva. Localizados na área de baixada do terreno, no terceiro nível, de acordo com o representado na Fig. 3.5, estão divididos em duas tipologias, associadas também à temporalidade de manejo e usos: o erval espaçado, mais antigo e o erval mais novo, adensado, representados, respectivamente, pelos itens 3 e 4 da Fig. 3.5.

O erval localizado na parte superior, mais antigo e espaçado, origina-se do emprego de técnicas de manejo aplicadas pela primeira geração desde, ao menos, a década de 1950. Este erval caracteriza-se pela presença de exemplares nativos bastante antigos de erveiras, assim como pela circulação não intensiva de bovinos, constituindo o que Marques classificou como erval em caíva aberta (MARQUES, 2014, p. 162). O erval mais baixo, por sua vez, caracteriza-se por ser um erval plantado em mata aberta, no qual existe intenso adensamento do sub-bosque com erveiras, sendo mais de 50% da produção oriunda de erveiras plantadas (MARQUES, 2014, p. 155). Este erval, manejado exclusivamente por Juliano a partir da década de 1990, apresenta uma biodiversidade maior que o erval de cima, e, por apresentar jovens erveiras plantadas em seu sub-bosque a produção é também mais alta.

Os dois ervais, separados por cerca de arames farpados que impedem o trânsito de animais de um para outro, representam importantes marcos na história da paisagem da propriedade em questão, pois cada qual apresenta, em sua configuração, traços da temporalidade que se associam ao tempo de estabelecimento da propriedade, deixando em evidência traços de camadas de ações antrópicas no sub-bosque das áreas florestadas.

Assim como na atividade de campo realizada em Aliança Velha, e conforme discutiremos nas sessões que seguem, na propriedade da família Iavorski Oliva a varanda da casa exerce uma função social bastante peculiar. Existem ali dois bancos compridos de madeira e neles sentam-se de frente a visita e os moradores da casa, em um ritual no qual a cuia de mate, passada de mão em mão, acompanha a conversa. Portanto, de certa forma, a própria estrutura construtiva, em sua morfologia e usos, está também ligada a externalidade, ao ambiente em que se insere a morada, à floresta, aos ervais e à cultura oriunda das interações culturais e socioecológicas dentro da FOM.

Com a sua trajetória histórica intimamente ligada ao processo de ocupação e transformação da FOM através da colonização, a propriedade da família Iavorski Oliva guarda em sua organização mórfica e composição simbólica indicativos das relações desenvolvidas em coação com a floresta. A forte memória manifesta pela cultura da erva-mate sombreada, sobretudo concentrada em certos pontos da paisagem, podem indicar a influência das práticas realizadas nestes sistemas na coesão comunitária e na possível conformação de uma identidade ambiental conduzida pela intensidade das experiências, vivacidade da memória e continuidade de práticas.

3.3 FAMÍLIA SILVEIRA, SÃO MIGUEL DA ROSEIRA, SÃO MATEUS DO SUL/PR

A visita à propriedade da família Silveira, localizada dentro da antiga fazenda Roseira, que dá nome à comunidade de São Miguel da Roseira, comunidade pertencente ao município de São Mateus do Sul, ocorreu no dia 16 de outubro de 2019. O trabalho de campo nesta propriedade foi somente possível através da interlocução realizada por Demerval Farias, funcionário da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de São Mateus do Sul, com Belarmino Silveira, que ao momento da realização da atividade acabara de tornar-se um ervateiro aposentado, pois havia vendido sua indústria de processamento de erva-mate, localizada na Lapa, para uma família de São Mateus do Sul.

Belarmino Silveira nasceu na década de 1940 e é habitante de quinta geração da propriedade, que foi estabelecida na década de 1850. A propriedade, por sua vez, constitui importante testemunho dos processos políticos e também socioecológicos praticados na região, e que conduziram, em certo grau, as tomadas de decisões que afetaram profundamente a História Ambiental do vale do rio Iguaçu e da FOM.

A propriedade habitada hoje por Belarmino foi estabelecida pela família Portes, através de uma concessão de área cedida pelo governo imperial do Brasil, com o intuito de que os signatários promovessem o processo de colonização na região, conforme afirmou Belarmino durante a entrevista. Ainda segundo seu conhecimento sobre a primeira geração fixada na localidade, o patriarca da família tornou-se Coronel João José Portes, proprietário da fazenda Roseira, situada em uma área de planície às margens do rio Iguaçu.

Ao momento de sua fundação, a propriedade localizava-se dentro da área de jurisdição da comarca do município da Lapa, e, portanto, esteve, em seus momentos iniciais, estreitamente

ligada à economia do tropeirismo⁵⁰. Este fato pode indicar a utilização das áreas alagadiças das várzeas – oriundas de meandros abandonados do rio Iguaçu (MAACK, 1981, P. 355) – como zonas de expansão de especulação pecuária com fins de forragem, crescimento e engorda de gado. Isto se deve à situação de que as áreas de campos já estavam todas ocupadas por fazendas com esta finalidade, o que originou a primeira aproximação da região aos fluxos econômicos e especulativos praticados pela recém-estabelecida elite econômica paranaense, conforme podemos interpretar a partir da narrativa de Belarmino:

Antigamente o pessoal aqui fazia tropa [...] eles levavam o boi pra Lapa, três dias de distância, assim, na Lapa eles faziam a terminação. Boi de dois anos viajava pra lá, e aí ficava mais dois anos engordando. Aí tinha que adaptar o bicho daqui lá, mostrar as ervas venenosas, pra ele viver lá sem morrer, porque ele chega com fome. É no terceiro dia de andança que ele começa a perder peso, então a distância era ideal pra transporte. (SILVEIRA, 2019).

A antiga fazenda Roseira abrangia, além das áreas de várzea do rio, grande porção de floresta, de onde eram extraídas as folhas de erva-mate. A presença de gado na propriedade sugere que este animal foi um importante aliado no avanço da exploração capitalista da floresta, pois, ao mesmo tempo em que o projeto colonial avançava em direção às fronteiras estabelecidas pelas florestas, o gado ia abrindo caminho, se alimentando pelas beiradas das matas, o que Belarmino chamou de “roçada”. A abertura gradual do sub-bosque da floresta a partir da ação do gado, conduzida antropicamente, permitia que os trabalhadores da fazenda pudessem adentrar mais longe no interior da floresta, viabilizando uma maior e mais fácil exploração tanto dos ervais como das madeiras da FOM.

A fazenda Roseira beneficiou-se também do comércio fluvial, feito inicialmente por canoas e intensificado na segunda metade da década de 1880 por barcos movidos a vapor, com grande capacidade de carga. A família Portes, inclusive, chegou a ser proprietária da Empresa de Navegação Fluvial Portes & Cia (AZEVEDO, 2008, p. 4). A navegação do rio Iguaçu ampliou exponencialmente a capacidade de comercialização de erva-mate e iniciou a indústria madeireira no vale do Iguaçu (RIESEMBERG, 1973, p. 58; MUNDSTOCK, 2006, p. 115-21). Em decorrência disso, foi instalada, pela segunda geração da família Portes, uma grande serraria de madeira dentro das dependências da fazenda Roseira, no início da década de 1910.

Belarmino Silveira contou sobre o trabalho envolvido na exploração madeireira na região – e também dentro da fazenda Roseira – que, associada à especulação comercial da erva-mate, foi progressiva e intensamente modificando a paisagem ambiental do vale do rio Iguaçu:

⁵⁰ Vide capítulo 1, sessão 1.1, sobre o sistema econômico baseado no comércio de tropas de mulas e gado.

O pinheiro era muito utilizado para construção, assim como a imbuia. A principal diferença é que o pinheiro tem o tronco reto e limpo até o começo da copada, o que permitia a serraça em tábuas. Já a imbuia precisava ter pelo menos três metros de diâmetro pra ser levada pra serra, porque se perdia muita madeira pra transformar em tábua, porque o tronco não é inteiramente reto, tem suas imperfeições. [...] Os vapores transportavam madeira serrada e muita erva-mate, que subia o rio e ia até Porto Amazonas. De lá, seguia por trem até Curitiba. Esse transporte todo era feito pela energia da lenha, de outras árvores da floresta aqui. [...] Assim, você ia selecionando que árvores você deixava crescer dentro do erval pra poder usar lá na frente, e outras você simplesmente retirava. (SILVEIRA, 2019).

Dentre alguns dos elementos construtivos ainda existentes dentro da propriedade – e visitados durante a atividade de campo –, estão a casa de primeira geração, onde viveu J. J. Portes, o barbaquá da família Portes e algumas casas do vilarejo de funcionários da madeireira que esteve plenamente ativa no local até 1954. Somados a estas materialidades, alguns fragmentos da paisagem da fazenda Roseira concentram testemunhos históricos relevantes: a grande planície onde funcionava a madeireira e as áreas alagadiças nas quais o gado do século XIX deu lugar à soja transgênica contemporânea – mesmo fim que tiveram as antigas florestas derrubadas pela especulação madeireira –, além dos diferentes ervais, cujas características relacionam-se às diversas finalidades que tiveram e manejos que receberam ao longo dos, ao menos, cento e cinquenta últimos anos.

Hoje fragmentada pela partilha de bens entre herdeiros, a propriedade da família Silveira é um pedaço da totalidade da antiga fazenda Roseira. Sendo a mais antiga de todas as propriedades visitadas pela pesquisa, ela se coloca como uma das relevantes fontes historiográficas sobre os processos políticos, sociais, econômicos e ecológicos que confluíram e, de certa maneira, estiveram presentes na gênese dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate. Assim como em seus conflitos e enfrentamentos contemporâneos, pois nela concentram-se processos, atitudes e tomadas de decisões que influenciaram a formação de toda a região.

A porção territorial da fazenda Roseira pertencente à família Silveira consiste em um terreno de aproximadamente 200 hectares (2 milhões m²), onde encontram-se, segundo Belarmino, mais de 100 mil ervaíras, das quais são extraídas as folhas de 25 mil delas anualmente, em rodízios que dividem a área em quatro parcelas, visando a regeneração das árvores após a poda. Além de erva-mate, a renda da família gerada dentro da propriedade é constituída pela criação e comercialização de gado para corte e de partes do terreno que são arrendadas para terceiros, onde é plantado soja e milho.

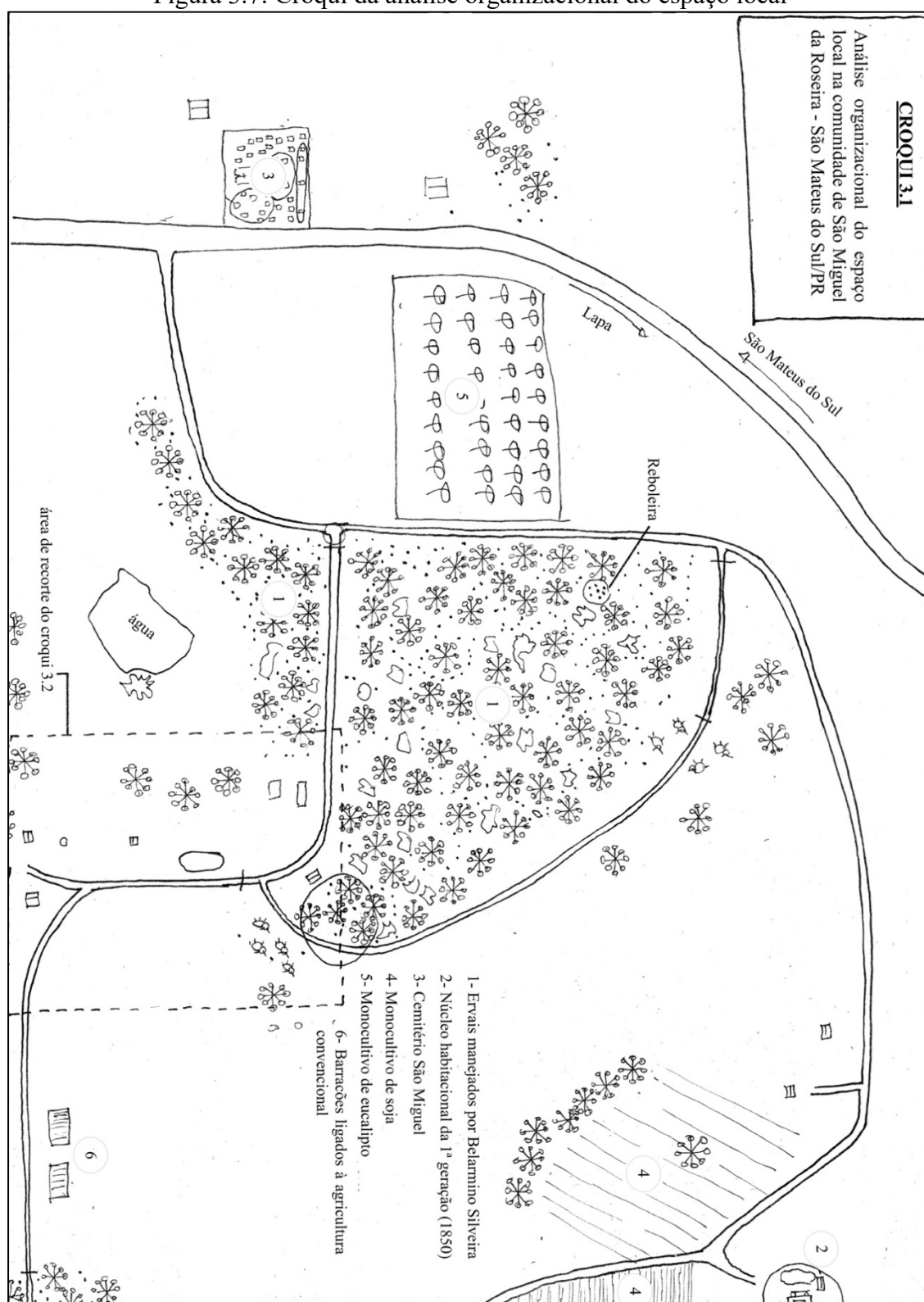
Apesar de ter vivido a vida toda na Lapa, Belarmino Silveira passou a infância e juventude dentro da fazenda Roseira, e após sua aposentadoria como ervateiro, passou a viver

em uma antiga casa de funcionário da madeireira dentro da parte do terreno que lhe confere. Por ter experienciado boa parte da vida em ativo contato com este lugar, Belarmino possui grande conhecimento sobre as histórias dos elementos que compõem a paisagem da propriedade, assim como possui uma grande afinidade com os ervais, os quais boa parte foram adensados por ele.

A análise desta propriedade, portanto, diferentemente das discutidas nas sessões anteriores (3.1 e 3.2), parte de um recorte da antiga fazenda Roseira e sua inserção dentro da comunidade de São Miguel da Roseira, evidenciando algumas das práticas e uso de solo contemporâneos, associados a lugares de memória, como o destaque para a casa da primeira geração (Fig. 3.7). O segundo croqui (Fig. 3.8) tem seu enfoque na área de vivência imediata da família Silveira, pontuando a estruturação organizacional deste espaço. O terceiro croqui (Fig. 3.9), por sua vez, perspectiva a disposição mórfica e visa destacar detalhes que possibilitam a interpretação de fluxos históricos e a relação da propriedade e suas construções com as dinâmicas socioecológicas que a constituíram como apresentava-se no momento em que a pesquisa visitou a propriedade.

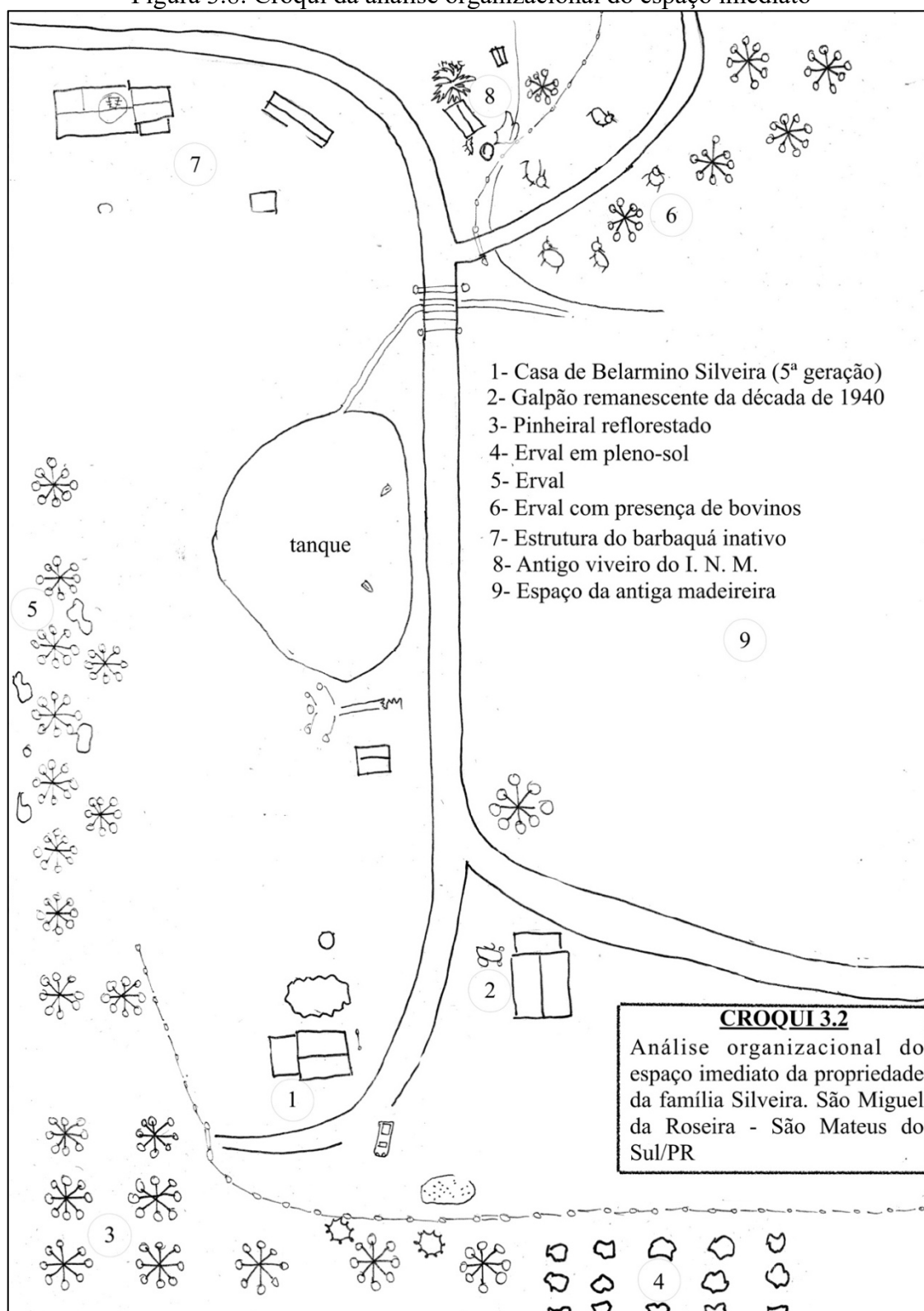
Estabelecida a necessária introdução sobre a história da propriedade, suas características contemporâneas e a trajetória de vida da família Silveira, seguimos esta sessão apresentando, a seguir, os croquis representativos da paisagem da propriedade, para, em seguida, discutirmos suas características próprias e pontos em comum com as propriedades já apresentadas, assim como apontamentos para as análises que se seguirão neste texto.

Figura 3.7: Croqui da análise organizacional do espaço local



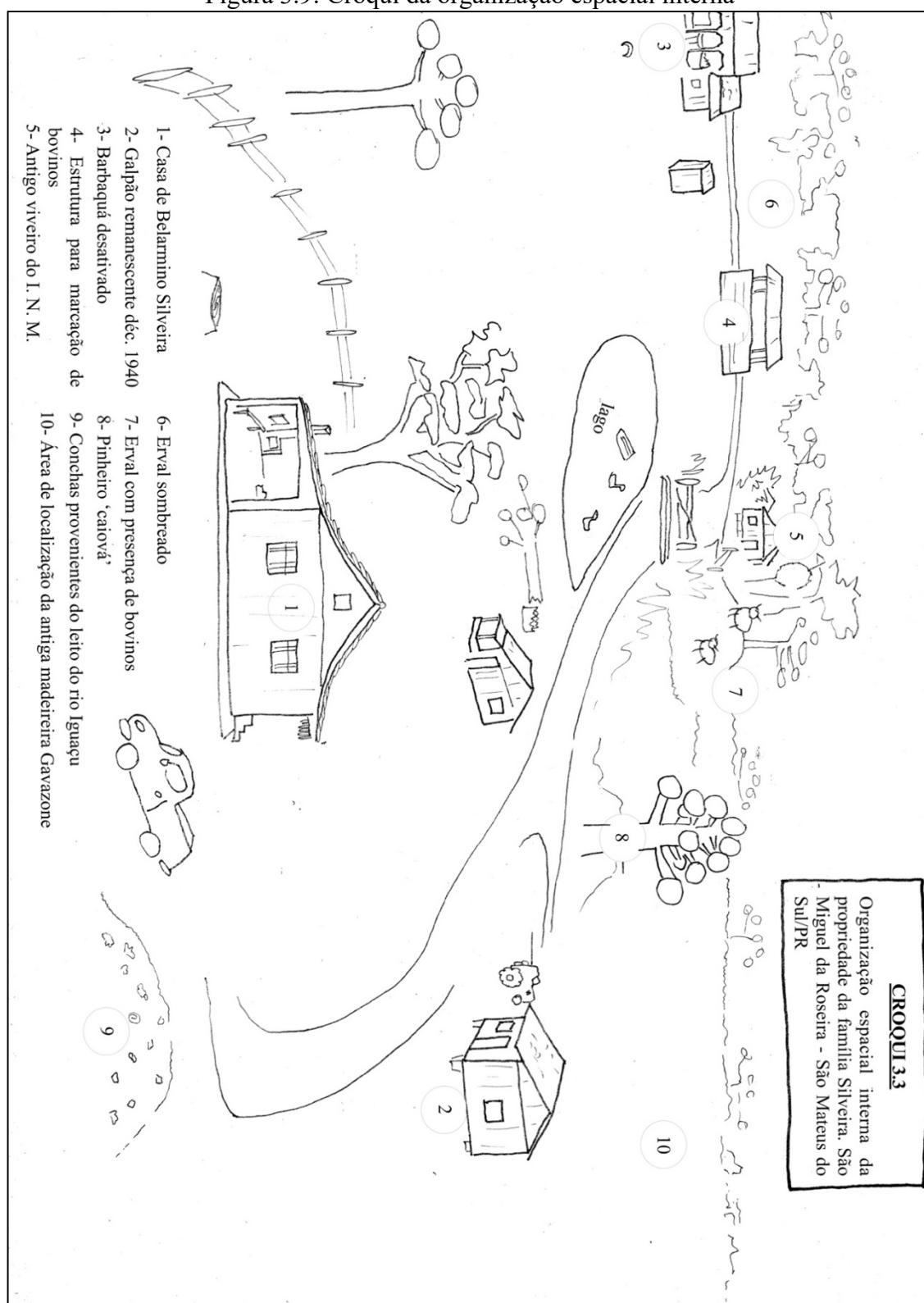
Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.8: Croqui da análise organizacional do espaço imediato



Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.9: Croqui da organização espacial interna



Fonte: O autor, 2020.

O croqui 3.1 (Fig. 3.7), ao buscar representar o contexto em que a propriedade da família Silveira está inserida contemporaneamente, possibilita a leitura da configuração paisagística local, ao indicar elementos que derivam dos processos socioecológicos transcorridos na região, a partir da instalação da própria fazenda Roseira. A estrada que liga a comunidade às cidades de São Mateus do Sul, Lapa e Três Barras (PR- 364) marca um importante fluxo dentro da comunidade, pois conduz a fatores especulativos que resultaram na instalação de grandes monocultivos na região, sobremaneira a partir da década de 1970 (SILVEIRA, 2019).

Verificam-se, portanto, a existência de grandes faixas de plantio de pinus e eucalipto, assim como soja. Os reflorestamentos geralmente são pertencentes a companhias estrangeiras, como a Swedish Match, e a produção da soja é, em contrato assinado no momento do plantio, necessariamente direcionado ao abastecimento dos silos das cooperativas de São Mateus do Sul e da Lapa, com destaque para a Cooperativa Bom Jesus. As escassas áreas cuja cobertura florestal nativa foi mantida, quando não definidas legalmente como áreas de reservas, estão vinculadas a sistemas de produção de erva-mate, cujas folhas cruas são, também, transportadas pela estrada, em direção a uma das cidades mencionadas.

A comunidade de São Miguel possui um pequeno cemitério – ponto 3 –, e este, visitado no dia da atividade de campo em companhia de Belarmino Silveira, abriga relevantes fontes historiográficas e interpretativas das relações sociais e de dominância na região. Com jazigos que variam entre 1870 e 2010, indicando que pessoas das famílias Portes e Ribeiro constituíam a elite local até ao menos a década de 1940. Neste cemitério, a maioria dos sobrenomes é de origem lusitana, o que pode conduzir à interpretação de que imigrantes eslavos foram conduzidos a comunidades mais novas, estabelecidas a partir da década de 1890, e possivelmente mais distantes do rio Iguaçu, em direção ao interior das florestas.

Entre os anos de 1944 e 2019 toda a produção de erva-mate da fazenda Roseira teve como destino a ervateira *Legendária*, fundada pelo pai de Belarmino, localizada no centro da cidade da Lapa. Este fluxo também influenciou o pensamento paisageiro aplicado à propriedade da família Silveira, conforme discutiremos junto aos croquis 3.2 e 3.3 (Figs. 3.8 e 3.9). Como a propriedade original apresenta um tamanho excepcionalmente grande, medindo mais de 1000 hectares (10 milhões m²)⁵¹, a área da antiga fazenda Roseira apresenta dinâmicas internas que também marcam a paisagem local, como é o caso da matriz ocupacional da propriedade – ponto

⁵¹ De acordo com o mapa ‘planta do terreno Roseira’, do ano de 1949. Este mapa, apresentado por Belarmino, determina que a área total da propriedade, somadas as áreas de ‘herval e mato, campos e banhado e terras de cultivo’, à época, era de 433 alqueires (paulistas). O que equivale a 1047,9 hectares.

2 representado no croqui –, que, como ponto nuclear, estabeleceu, a partir de sua localização, linhas geracionais de ocupação dentro da propriedade. A casa da família Silveira, apesar de ser ocupada pela quinta geração de moradores da propriedade, situa-se, por exemplo, em uma linha da terceira geração, fundada na década de 1940. Ao longo da análise da propriedade, verificou-se a existência de uma linha de segunda geração, com casas construídas na década de 1900.

O croqui 3.2, por sua vez, estabelece, dentro do contexto mais amplo e regionalizado proposto pela Fig. 3.7, um recorte espacial que busca representar o espaço de vivência imediata da família Silveira. A área representada neste esboço foi visitada ao longo de uma caminhada orientada por Belarmino, na qual cada um dos pontos colocados em evidência no desenho foi apresentado pelo anfitrião. Esta amostragem delimitada pela área do croqui abrange relevantes elementos e marcas na paisagem que testemunham atitudes resultantes dos processos socioecológicos atuantes na conformação espaço-temporal dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

Assim como discutido ao longo do segundo capítulo (p. 51), a paisagem concentra, em sua materialidade, pontos com maiores intensidades de lembranças e conferência de sentido. Estes lugares de memória, conforme representa o croqui, se espalham por este recorte da propriedade de maneira bastante intensa, proporcionando às interpretações da teoria da paisagem inúmeras evidências que indicam transformações ambientais, apropriações e ressignificações transcorridas ao longo da história materializadas na paisagem desta propriedade. Muitos destes elementos servem como referência à reflexão da história ambiental da região e o estabelecimento de propriedades cujo desenvolvimento formou os sistemas agrícolas aos quais debruça-se esta pesquisa.

A organização espacial representada tanto pelo croqui 3.2 quanto pelo 3.3 mostra como elementos construtivos e organizacionais presentes na paisagem se relacionam com o ambiente da FOM. A casa onde vive Belarmino – ponto 1 em ambos os desenhos –, construída na década de 1940 em tábuas de pinheiro, serviu como moradia para um “polonês que veio com toda a família e se empregou aqui na madeireira. Todas essas casas que você vê aqui da varanda eram da vila de funcionários da madeireira” (SILVEIRA, 2019). Uma destas casas, após a desativação da serraria dentro da propriedade, em 1954, passou a abrigar um laboratório experimental e viveiro do Instituto Nacional do Mate (INM).

Aqui nesta casa o meu pai fez um convênio com o INM. Foram trazidas sementes de diversas matrizes genéticas do estado e até mesmo da Argentina. A estrutura continha um berçário para germinação e um viveiro em que o crescimento das erva-mates era estudado e relatado pelo viveirista, que chegou a morar aqui com a família dele. (SILVEIRA, 2019).

A decadência dos processos especulativos das madeiras nativas da FOM – em parte ocasionados pela escassez de matéria prima –, assim como na Aliança Velha, em São Mateus do Sul, conforme narrado por Rosa Oliva, ocorreu na transição da década de 1950 para 1960 na região de São Miguel da Roseira. O comércio de erva-mate, se oriundo de práticas que proporcionassem a regeneração das árvores – diferentemente do que discutiremos na sessão 3.4 –, persistiu como uma fonte de renda fixa para as famílias envolvidas nas atividades rurais na região do vale do rio Iguaçu. A família Silveira, descendente da família Portes, continuou com a extração das folhas de erva-mate e o processamento inicial das mesmas ainda na propriedade, para depois transportá-las até a ervateira na Lapa.

Deste movimento histórico, podemos identificar, na paisagem da propriedade da família Silveira, uma série de elementos que, sob a perspectiva histórica, justificam-se tal qual se dispõem na paisagem: a grande planície vazia – representada pelo ponto 9, na figura 3.8 – é o local onde funcionou a serraria por 44 anos ininterruptos; o barbaquá desativado – representado pelo ponto 7 na figura 3.8 –, muito maior do que o visitado em Aliança Nova ou em qualquer outra propriedade em que a pesquisa esteve presente. Estes dois lugares preenchem de sentido e dão vida ao passado da propriedade, ao relacioná-los à atividade cotidiana e envolvimento laboral, marcados nas lembranças de Belarmino Silveira (2019): “me lembro do calor do barbaquá e o cheiro de erva-mate que levantava toda vez que estavam sapecando. [...] A madeira queimada na serraria também soltava um cheiro, que se misturava ao barulho das pessoas batendo ferramentas e o próprio barulho da serranço, que era hidráulica”.

A paisagem tem uma história de vida própria, estreitamente associada aos processos que se conformaram no território em questão. O olhar atento aos detalhes permite que informações que poderiam passar despercebidas durante as visitas, encontrem sentido dentro da paisagem e também do fluxo histórico. O terceiro croqui (croqui 3.3, Fig. 3.9), ao propor-se como uma observação da paisagem feita à altura da visão, coloca em perspectiva o espaço representado pela figura anterior. Nesta representação, podemos verificar situações que revelam conhecimentos tradicionais e empíricos sobre a floresta e sobre o manejo dos ervais praticados ao longo da vida por Belarmino.

Dentre os conhecimentos que Belarmino adquiriu ao longo de sua experiência em ativo contato com a FOM e com as pessoas que viveram neste ambiente, como os “caboclos mestiços”⁵², a habilidade de identificar, pelo formato da copada e textura do tronco, diferentes

⁵² Expressão utilizada por Belarmino para referir-se aos descendentes de guaranis que trabalhavam na propriedade na época em que era gerida por seu pai, Alexandre Weinhardt Silveira.

tipos de pinheiros-do-Paraná. Conforme destacado pelo ponto 8 da figura 3.9, o pinheiro-caiova é uma variedade que produz sementes maiores que amadurecem entre os meses de junho e julho (COUTINHO, 2007, p. 11). O conhecimento de espécies que compõem o ambiente expande-se também nas técnicas de manejo aplicadas por Belarmino em seus ervais, como é o caso da utilização de cascalho proveniente do leito do rio Iguaçu – ponto 9 do croqui 3.3 – com a finalidade de equilibrar a acidez do solo para um crescimento e regeneração mais saudável das ervaíras.

A tradição pecuária praticada na fazenda Roseira e continuada dentro da área hoje pertencente à família Silveira evidencia-se com a presença de uma centena de animais que pastejam dentro dos ervais da propriedade. Embora esta seja uma prática tradicional em algumas regiões de manejo de erva-mate dentro da floresta (HANISCH et al., 2019), Belarmino defende que, apesar da limpeza que os bois realizam no sub-bosque, é necessário ter cautela com a excessiva adubação, pois o nitrogênio fixado no solo pelas fezes do animal aumentam o nível de degradabilidade das folhas de erva-mate, favorecendo, assim, que insetos se alimentem com mais facilidade destas partes da planta (SILVEIRA, 2019). A presença destes animais em associação aos ervais está representada pelo ponto 7 do último croqui.

A propriedade da família Silveira incita o raciocínio da teoria da paisagem, pois concentra em si diversos relevantes episódios da História Ambiental da FOM na região do vale do rio Iguaçu. Estes acontecimentos, inter-relacionados aos projetos políticos de colonização e exploração dos recursos da floresta, distribuem-se pela paisagem da propriedade em camadas temporais sobrepostas, materializando-se em construções, ervais antropizados e lugares de memória passíveis da interpretação histórica.

A visita a esta propriedade serviu como base para a compreensão mais ampla de como se deu o processo do acelerado desmatamento deste bioma e como a erva-mate, em suas interações com o meio e com humanos, acabou abrigando-se em sua alta capacidade regenerativa para estabelecer sistemas tradicionais de cultivo que conservam as espécies, os conhecimentos e as memórias de toda uma floresta. Sua própria historicidade é fundida e estreitamente relacionada às origens de outras propriedades e sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

3.4. FAMÍLIA HUPALO, ESPIGÃO DOS CARIJOS, ANTÔNIO OLINTO/PR

A visita à quarta propriedade ocorreu ao longo da manhã do dia 11 de novembro de 2019, na pequena propriedade da família Hupalo, onde vivem Esequiel e Salete. O casal é pai de duas jovens mulheres, que frequentam a casa dos pais nos finais de semana, pois a mais velha trabalha no comércio em São Mateus do Sul e a mais jovem está cursando o ensino médio no Colégio Agrícola da Lapa⁵³. A família Hupalo é descendente direta de imigrantes ucranianos que se fixaram na região na década de 1940, o que consistiu em um importante elemento na composição da amostragem de propriedades visitadas pela pesquisa.

Fundada no ano de 1945 pelos avós de Esequiel, a propriedade da família Hupalo apresenta interessantes traços de coesão comunitária ao longo de sua história. Traços estes que se entrelaçam pelas narrativas que Esequiel e a relação de vizinhança percebida no dia da realização do trabalho de campo. Esequiel e Salete vivem em uma pequena propriedade que lhes pertence, porém todos os vizinhos de terreno e de comunidade são irmãos, primos ou tios. À época da fundação da propriedade, conforme afirmou Esequiel, “era tudo mato, e eles, em 20 famílias, foram abrindo tudo com a foice” (HUPALO, 2019). Ao se instalarem na parcela de floresta que foi progressivamente se tornando uma propriedade rural, através de mutirões realizados para abertura de clareiras para instalação de lavoura e também de estradas que levassem ao centro dos vilarejos, os avós de Esequiel Hupalo passaram a se envolver com atividades agrícolas que proporcionassem o alimento para a família e ainda viabilizassem algum tipo de comércio que trouxesse renda para o núcleo familiar. Neste contexto, Esequiel, ao buscar em sua memória narrativas que escutou de sua mãe, afirmou:

A falecida mãe me contava que quando os avós chegaram aqui tinha muito erval, muito mato, tinha como sobreviver. Na época tinha muita madeireira. Campina, no trevo tinha, atrás da vila [de Antônio Olinto] tinha uma, no Lavador mais uma e no Cambará outras duas. [...] Os avós faziam erva, os pais fizeram erva e vendiam tudo pra Leão Júnior [...] vendiam também madeira, que na época o madeireiro vinha até a propriedade e marcava as árvores que ele queria, isso dava uma troca boa. (HUPALO, 2019).

Dentre os alimentos cultivados por seus avós e, posteriormente, por seus pais, Esequiel menciona trigo, milho, centeio e feijão. É também dentro da variabilidade nutritiva que o senso de comunidade em Espigão dos Carijos se estabeleceu ao longo do tempo. As trocas realizadas

⁵³ O município de Antônio Olinto possui o índice de urbanização de 9,35%, o que o torna, neste quesito, o mais baixo do estado do Paraná (IBGE, 2010). Este fator, por exemplo, influencia na característica de que os habitantes deste município dependam da prestação de serviços oferecidos em cidades vizinhas. Esta dependência ocorre também na produção agrícola, comercializada com cooperativas de cidades próximas.

entre as famílias habitantes da localidade é um interessante fator mencionado por Esequiel Hupalo e Salete, ao explicarem que nos tempos das primeira e segunda gerações, as trocas de alimentos, como carne de porco, galinha, feijão, gado, milho e trigo era feita entre uma família e outra. Ou seja, uma família que produzia determinado tipo de alimento, trocava com outra família por outro tipo de alimento, ou até mesmo por prestação de serviços, como carpintaria, ferraria, transporte ou por vezes por algum pedaço de terra.

A segunda geração da família passou a assumir a liderança da gestão da paisagem da propriedade na década de 1970. Segundo Esequiel Hupalo, toda a família engajava-se na coleta de folhas de erva-mate dentro do erval de seu pai, também de forma comunitária. Seu pai, Antônio Hupalo, possuía uma área florestada de 17 alqueires (410 mil m²) que era utilizada como erval. No interior desta área, a família Hupalo abria uma clareira na qual ia depositando as folhas de erva-mate coletadas na floresta. Dentro desta mesma clareira, um fogo era feito e a erva sapecada e então colocada em feixes de taquara para o transporte até o barbaquá da família, localizado próximo à casa onde hoje vivem Esequiel e Salete.

A partir deste processo, a erva-mate beneficiada, logo após completar o ciclo dentro do barbaquá, era estocada em um depósito, e ali ficava à espera do momento em que o comprador passasse com o caminhão na propriedade, levando a erva-mate para o depósito de grandes ervateiras sediadas em Curitiba. Ao longo do segundo capítulo desta dissertação, mais especificamente na sessão 2.2.2, o barbaquá da família Hupalo é discutido como integrante da materialidade socioecológica e *locus* de memórias experienciais e afetivas, possibilitando a interpretação da paisagem como sobreposição de camadas históricas.

Embora dentro da propriedade seja possível identificar algumas erveiras *em ser* espalhadas pela paisagem (MAZUCHOWSKI, 1989, p. 16), no antigo erval da família Hupalo não existem mais erveiras, pois em decorrência do manejo equivocado, somado ao uso intenso do sub-bosque da floresta para a criação de porcos – animais que se alimentam de sementes e compactam o solo, o que limita a regeneração natural desta porção da floresta – as erveiras foram, a partir da década de 1990, secando rapidamente (HUPALO, 2019).

Esta situação acabou, forçosamente, fazendo com que a família Hupalo deixasse de se envolver ativamente com o manejo do erval e coleta de erva-mate para comercialização, porém existe grande entusiasmo por parte de Esequiel para que um dia o erval renasça. Para isso, Esequiel plantou 120 mudas de erva-mate dentro do remanescente florestal existente na área onde antigamente era o erval da família. A situação da secagem das erveiras fez com que a família aderisse a outros cultivos, tanto temporários quanto permanentes. Dos nove irmão

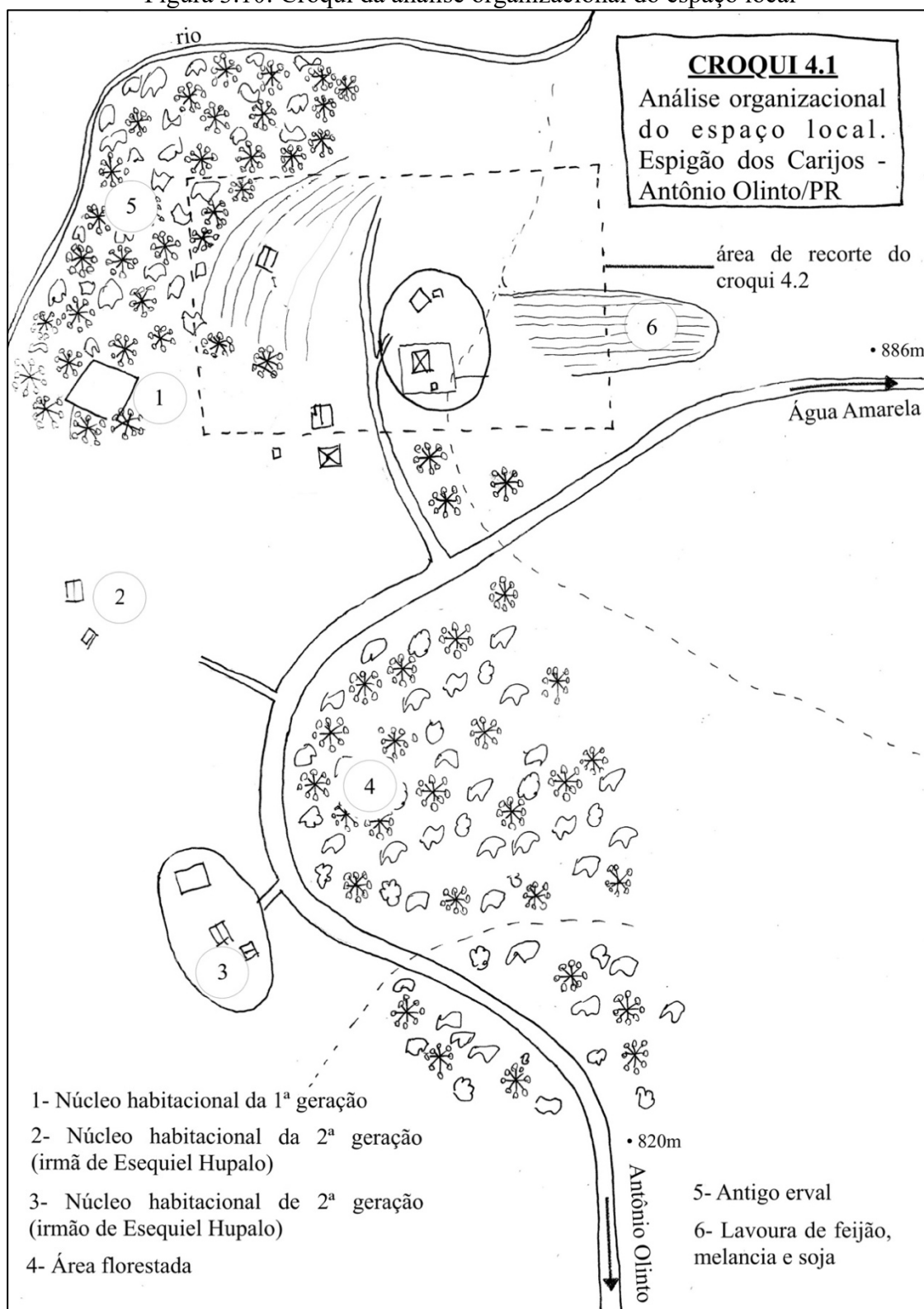
Hupalo, seis moram ainda na comunidade de Espigão dos Carijos, e cada núcleo familiar produz uma espécie de fruta diferente: kiwi, morango, maçã e melancia se somam ao cultivo de fumo e soja, bastante disseminadas na região.

Contemporaneamente, portanto, a agricultura praticada pela família Hupalo engloba a produção para autossuficiência, com o manejo da horta ao lado da casa, e a produção comercial, a qual é composta pelo cultivo de três plantas: soja, feijão e melancia. Estes três cultivos caracterizam-se como cultivos agrícolas industriais ou intensiva, que empregam a utilização de agrotóxicos e fertilizantes.

A paisagem da propriedade da família Hupalo, portanto, acumula tomadas de decisões de três gerações que mantiveram ativo manejo na gestão do espaço e seus fluxos, resultantes dos processos de interação socioecológicos. O antigo erval, o barbaquá, a sucessão de casas e a lavoura, na parte mais alta do terreno – um interessante ponto em comum com a propriedade da família Iavorski Oliva – compõem pontos fixos do mosaico paisagístico analisado pela pesquisa. São estes elementos, interpretados a partir de seus contextos históricos e sociais, que conduziram a análise da paisagem desta propriedade.

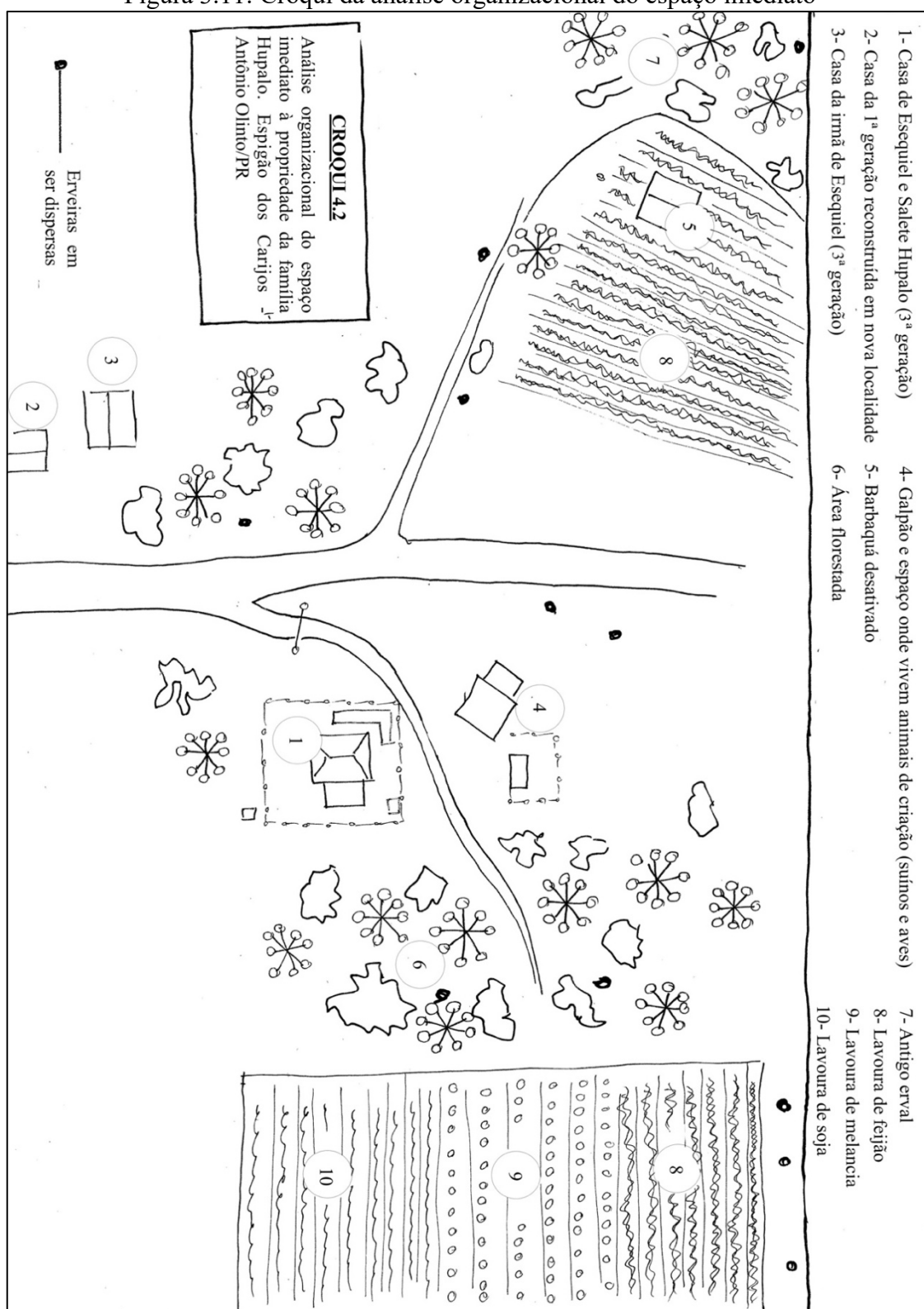
Os croquis que seguem, buscam conduzir a leitura do espaço a partir de marcos simbólicos na paisagem, que constituem eixos nodais de conferência de sentido à paisagem da propriedade da família Hupalo, buscando relacionar a inserção da propriedade rural dentro do ambiente de FOM, apresentando como resultados disto, a organização espacial contemporânea, tal como se apresenta. A seguir, os croquis em três níveis de escala, e logo após, algumas das interpretações tomadas:

Figura 3.10: Croqui da análise organizacional do espaço local



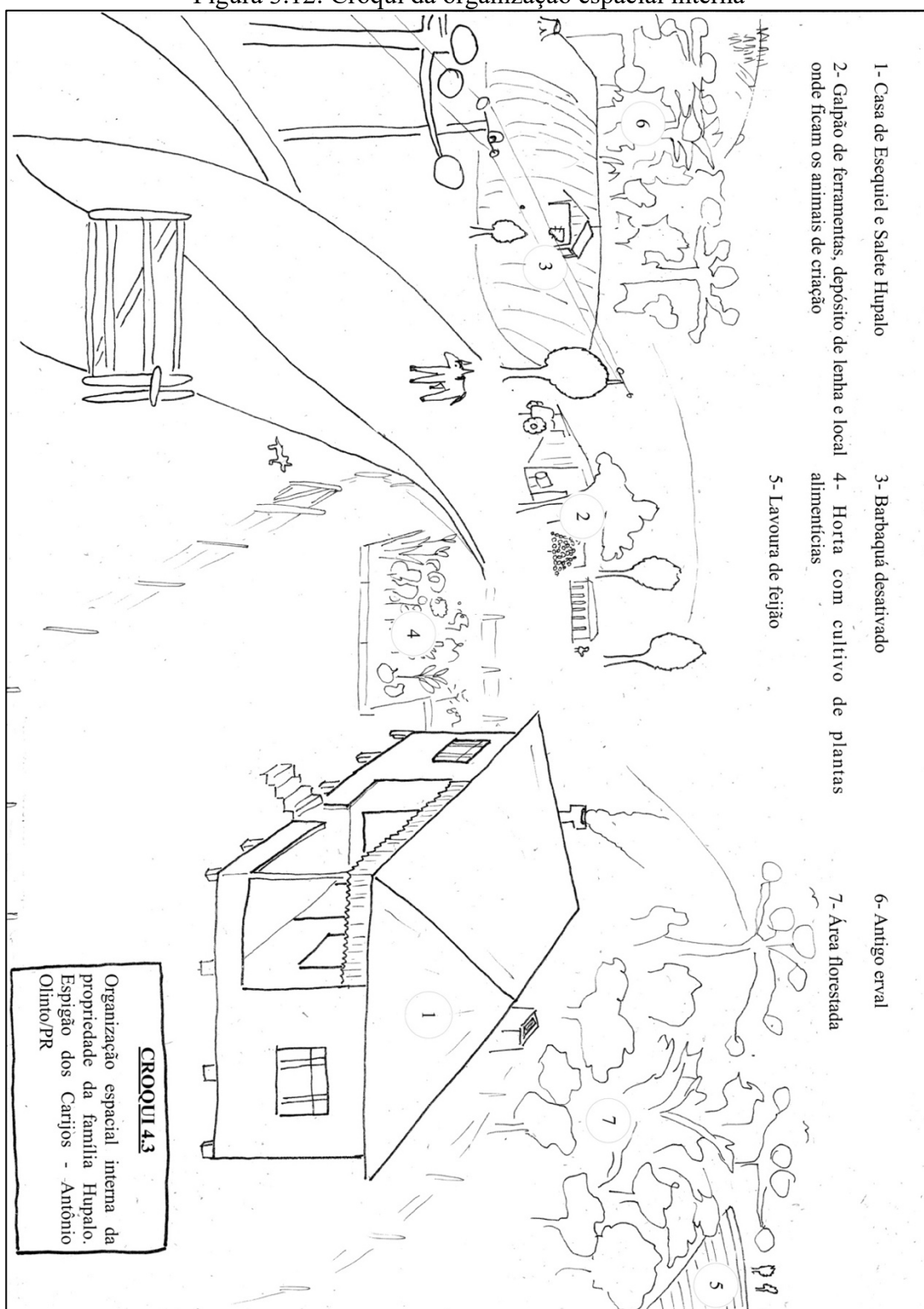
Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.11: Croqui da análise organizacional do espaço imediato



Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.12: Croqui da organização espacial interna



Fonte: O autor, 2020.

Seguindo a metodologia proposta, o primeiro croqui (Fig. 3.10) busca contextualizar a propriedade dentro da comunidade a que pertence. Portanto, buscou-se evidenciar algumas das relações que a propriedade da família Hupalo mantém dentro de Espigão dos Carijos e com outras comunidades dentro do município. A estrada que corta a comunidade liga o centro da cidade de Antônio Olinto à comunidade de Água Amarela⁵⁴, que recebeu a primeira colônia de imigrantes ucranianos na região, na década de 1880 (GUÉRIOS, 2012, p. 40). Portanto, pode-se relacionar o estabelecimento da família Hupalo em Espigão dos Carijos, intermédio entre a cidade e a colônia ucraniana pioneira na região, como uma inserção estratégica.

Neste croqui, buscou-se representar a condição abrupta do terreno em que se instala a comunidade de Espigão dos Carijos, pois em poucos metros a elevação do terreno varia sessenta metros. A primeira geração de moradores fixos da propriedade, representado pelo ponto 1, evidencia a proximidade ao rio que atravessa a comunidade. Segundo Esequiel, este rio providenciava água para a manutenção básica de higiene de seus avós, que utilizavam a água do rio para banho, o que hoje contemporaneamente já não é mais possível devido ao índice de contaminação da água por agrotóxicos dos cultivos ao redor. A primeira geração, portanto, instalou-se na parte relativamente mais baixa do terreno, e as gerações seguintes, consequentemente, em partes mais altas, utilizando tecnologias de bombeamento d'água.

A disposição organizacional construtiva da comunidade, em núcleos habitacionais geracionais, segue um padrão de distribuição, assim como acontece em todas as propriedades visitadas pela pesquisa. A partir do núcleo de primeira geração, há uma disposição regular da instalação de novas casas, como mostra o croqui 4.1: tem-se no ponto 1 a primeira geração, no ponto 2 e também no terreno pertencente a Esequiel e Salete instalações de segunda geração que hoje são ocupados pela terceira geração, e no ponto 3, núcleo habitacional referente à terceira geração de ocupação. É importante ressaltar que o recorte deste croqui abrange parcialmente a comunidade de Espigão dos Carijos, que é bastante dispersa. Neste recorte vê-se a parte da comunidade que pertencia aos avós de Esequiel, e, portanto, onde distribui-se hoje as gerações descendentes deste núcleo familiar, mas que são membros da comunidade.

Ainda a partir do primeiro croqui, pode-se observar que existem nas imediações da comunidade algumas áreas florestadas, mas ainda se faz necessário saber que a maioria das propriedades da região está relacionada ao monocultivo de fumo, pois em várias propriedades

⁵⁴ Comunidade em que nasceu Salete Hupalo.

ao longo da estrada verificou-se a presença de estufas de secagem fumo, áreas com cultivo de soja e também de eucalipto. Estes monocultivos serão mais detalhadamente observados no recorte seguinte, que abrange a área da vivência imediata da família Hupalo, em que há uma grande área de lavoura.

É a partir do croqui 4.2 (Fig. 3.11), que se pode compreender a organização espacial da propriedade em questão. A casa em que Esequiel e Salete vivem, apesar de construída por Esequiel na década de 1990, ocupa uma área em que havia a construção da casa de seu tio, habitante de segunda geração da propriedade. Um fator interessante no espaço imediato de vivência da família Hupalo é a reconstrução da casa da primeira geração em um novo lugar – objeto espacial representado pelo ponto 2 neste croqui –, o que constitui importante elemento de reverência à memória das gerações passadas, evidenciando a memória como manifestação da identidade (LE GOFF, 2016, p. 476) familiar e de pertencimento ao lugar.

Originalmente construída na década de 1940, a casa dos avós de Esequiel Hupalo é detentora de características marcantes da arquitetura vernacular paranaense, como o telhado inclinado e as cores vibrantes, além da varanda na extensão frontal do telhado (LAROCCA JÚNIOR et al., 2008, p. 86). Possuindo uma historicidade particularmente ligada à memória histórica e afetiva, a casa foi totalmente desmontada e transferida do seu lugar inicial e remontada por Esequiel na parte de cima de um morro no ano 1987. A casa, assim como um texto que transmite uma tradição, esclarecem partes de uma visão de mundo (TUAN, 2013, p. 139-40). Seu processo de desmonte e reconstrução faz alusão não somente à representação da continuidade da memória comunitária e familiar⁵⁵, mas também consiste em um processo educacional e instruidor, a partir do qual Esequiel passou a ser detentor do conhecimento construtivo e da memória relacionada à construção em si.

A construção das casas era em madeira, as tábuas eram cortadas em uma serra que só cortava pra baixo. Era feito mutirão para ajudar a construir. [...] A casa azul eu desmontei e trouxe ela aqui mais pra cima, quando eu tinha meus dezoito anos. Ela é no que a gente chama de estilo Bizantino, né. O telhado é bem inclinado, por causa das neves que tem lá [na Ucrânia] de onde vieram meus avós, né [...]. Pra desmontar e construir de volta eu tive que tirar tábua por tábua e escrever o número de identificação nelas, pra poder tudo se encaixar de novo. (HUPALO, 2019).

A casa dos avós representa um importante marco geossimbólico na paisagem, e, assim como o barbaquá, representado pelo ponto 5, são elementos presentes na paisagem que emanam memórias acerca da trajetividade histórica da paisagem. O barbaquá desativado da família

⁵⁵ Conforme o que propõe Pierre Nora em sua leitura sobre o espaço, conjunto de objetos e constituição de memória (1993, p. 9).

Hupalo, já discutido no texto ao longo da sessão 2.2.2, também pode ser interpretado como um testemunho material dos processos históricos de interação entre os habitantes da propriedade e a FOM, pois, construído em tábuas de madeiras provenientes da floresta, foi utilizado para processar a erva-mate coletada nos ervais pertencentes à família.

Não exclusivamente de construções está materializada a historicidade na propriedade da família Hupalo. As transformações de áreas em lavouras, que acompanham adaptações ao desnível do relevo, podem ser passíveis de uma leitura interpretativa das estratégias de resiliência adotadas pelas necessidades impostas pelas práticas agrícolas dentro da paisagem. Elas se mesclam ao mosaico histórico composto, portanto, por lavoura e floresta, presente em todas as propriedades visitadas. As lavouras remetem a aberturas feitas em gerações anteriores e que acumulam diversos tipos de cultivo ao longo da história.

Em uma aproximação que perspectiva observação mais detalhada da organização do entorno da casa da família Hupalo, o croqui 4.3 (Fig. 3.12) traz um panorama que evidencia as dinâmicas de resiliência ao relevo, com a lavoura – ponto 5 – na parte mais alta do terreno, enquanto o antigo erval – ponto 6 –, localiza-se na parte mais baixa da área, sendo antecipado pelo desativado barbaquá – ponto 3. As formas organizacionais tornam-se neste croqui, mais nítidas, com a delimitação, por cerca, do espaço da residência, no qual a horta está dentro. Em um espaço de transição, entre a casa – como núcleo –, o antigo erval e a lavoura da parte superior, encontra-se o galpão, lugar que abriga as ferramentas necessárias para o manejo da paisagem, através da ação do trabalho.

Inserida no contexto histórico do processo de colonização das áreas florestadas do vale do rio Iguaçu, a propriedade da família Hupalo carrega pontos em comum com todas as propriedades visitadas na pesquisa, tais como período de estabelecimento, atividades agrícolas desenvolvidas e intergeracionalidade materializada em fragmentos da paisagem. Apesar de ser a única propriedade pertencente a descendentes de imigrantes ucranianos, não existem diferenças marcantes em relação às demais propriedades visitadas, no tangente à organização espacial e relação com o meio. Somente no estilo construtivo da casa da primeira geração é possível identificar um padrão identitário arquitetônico próprio, porém nas relações com o erval, com a floresta e com o manejo histórico da erva-mate, pode-se afirmar que integram um padrão de relação semelhante às demais.

A principal característica desta propriedade, entretanto, se dá no fato de que a atividade antrópica no sub-bosque da FOM foi interrompida por duas décadas, devido ao processo de desaparecimento das ervaíras em decorrência de práticas inadequadas de manejo. Atividade

esta que teve reinício na década de 2010, a partir do plantio de mudas de erva-mate, o que ocasionou em um retorno da atividade de manejo na área florestada da propriedade. Portanto, a configuração do espaço traz evidências de acontecimentos e tomadas de decisão que, acumulados no tempo e no espaço, permitem interpretações acerca das trajetórias, continuidades ou mesmo rompimento de relações e práticas socioecológicas dentro da FOM.

3.5. FAMÍLIA ANTUNES, CANUDOS, SÃO JOÃO DO TRIUNFO/PR

A quinta atividade de campo da pesquisa foi realizada no dia 26 de novembro de 2019, junto à família Antunes. Na ocasião, a entrevista foi realizada com Paulo Antunes e com algumas participações de sua esposa, Zília Antunes. Paulo e Zília são moradores de terceira geração na propriedade da família Antunes, que está situada dentro da comunidade de Canudos, cuja fundação teve participação ativa dos avós de Paulo. Na comunidade vivem atualmente 62 famílias. Além de Paulo e Zília, um irmão e duas irmãs de Paulo vivem na comunidade, e ainda dois filhos do casal com suas respectivas famílias – o que inclui um neto do casal entrevistado – vivem em Canudos, trabalhando todos como agricultores.

Diferentemente de Aliança Velha, Três Rios e Espigão dos Carijos, cuja maioria das famílias moradoras descendem de um núcleo inicial estabelecido por imigrantes, a comunidade de Canudos reúne famílias de variadas ascendências étnicas, tal como a própria família Antunes, que, segundo Paulo, descende de antigos tropeiros, caboclos e indígenas. A comunidade, estabelecida na década de 1920, está instalada na periferia de uma antiga grande propriedade, e foi sendo ocupada pouco a pouco, através da própria união comunitária, com a limpeza da floresta para instalação de ranchos, abertura de estradas, coleta de erva-mate, tudo feito em mutirões. “Aqui é um ajudando o outro, desde os primeiros moradores” (ANTUNES, 2019).

Quando a comunidade de Canudos foi estabelecida, o ambiente era exclusivamente florestal, e foi progressivamente sendo transformado de acordo com as necessidades e demandas da população que foi se fixando na localidade. Além da produção agrícola familiar à época, que era baseada em três plantas principais: milho, feijão e erva-mate, os primeiros moradores ali instalados tinham, de certa forma, algum vínculo funcional com a grande propriedade existente na região à época, hoje chamada de fazenda Fiat Lux – que foi comprada pela empresa sueca Swedish Match na década de 1970 – tal como foi o avô e também os pais de Paulo Antunes.

A madeira, assim como nas outras propriedades visitadas na pesquisa, também era uma importante fonte de renda para as famílias de agricultores locais, pois era comprada pela serraria existente na grande fazenda. Portanto, se por um lado, a comercialização da madeira, como resultado da necessidade de abertura de áreas de lavoura para os moradores de Canudos, servia como relevante fonte de renda para as famílias agricultoras, a relação de comércio com grandes proprietários locais acentuava mais ainda a relação de dependência da população periférica dos serviços prestados pela elite local.

A relação de proximidade entre os núcleos familiares componentes da comunidade de Canudos se dava também na forma como a gestão coletiva e partilhada do espaço comunitário se estabelecia. Segundo Paulo, nos tempos de seus avós e ainda de seu pai, os animais eram criados soltos dentro dos limites estabelecidos pela comunidade. Portanto, cada animal possuía uma marca que fazia referência à família a quem pertencia. Estas práticas, somadas ao extrativismo coletivo de erva-mate dentro dos ervais existentes no entorno da comunidade e aos mutirões como força de trabalho comunitária aproximam-se muito das características de organização e relações de produção em sistemas de faxinais (CHANG, 1985, p. 69).

O pai de Paulo Antunes estabeleceu, na década de 1940, uma bodega dentro da comunidade de Canudos, e passou a exercer importante papel de intermediário, tanto no escoamento das produções familiares locais, quanto na entrada de produtos na comunidade. O trajeto entre a comunidade e o principal ponto de comércio – que à época era a vila Palmira, pequeno porto localizado às margens do rio Iguaçu – era todo feito em carroça, puxada por cavalos. Nesta localidade ocorria, além de compra e venda de produtos, importante prática de troca⁵⁶. Esta condição perdurou até o final da década de 1960, quando os veículos motorizados passaram a adentrar o interior, o que alterou estruturalmente as lógicas comerciais na comunidade de Canudos, pois veículos de grandes ervateiras passaram a comprar diretamente nas comunidades a erva-mate cancheada.

O início dos anos 1970 marca a transição das relações e práticas ocasionadas pela infiltração das técnicas e demandas da mecanização do campo (SAUER e BALESTRO, 2013). Foi durante este período que os cultivos de fumo e pinus passaram a ocupar grandes áreas de cultivo no município de São João do Triunfo, e, conseqüentemente, passaram a ocupar mais

⁵⁶ Paulo Antunes menciona, por exemplo, produtos provenientes de outras localidades, que tinham grande valor de uso na comunidade de Canudos, e eram trocados pelos produtos produzidos em Canudos: açúcar, tecido, sal, café e ferramentas de trabalho. Estes produtos eram oferecidos em troca da erva-mate, do milho e do feijão proveniente de Canudos.

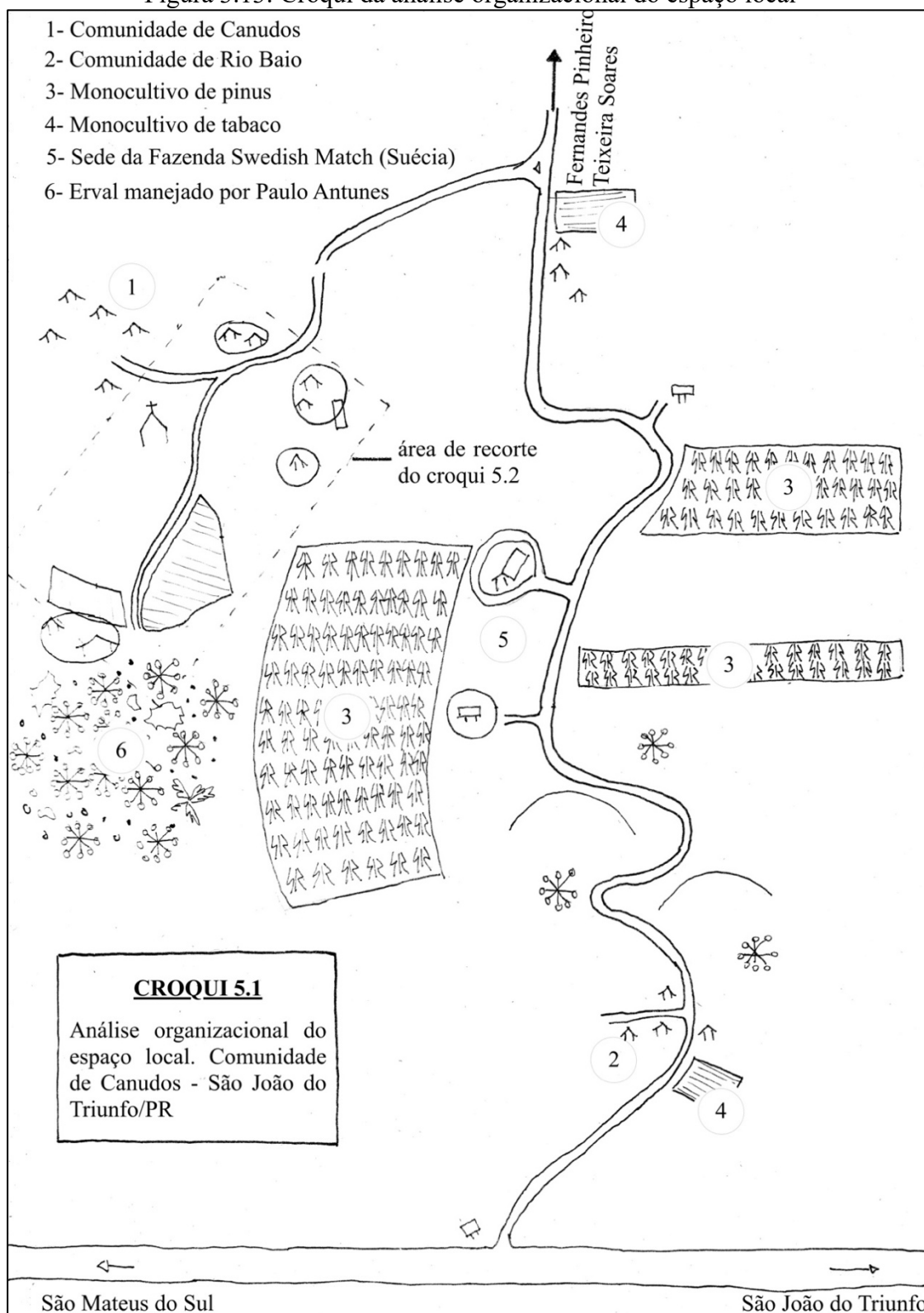
espaço dentro das pequenas comunidades e a tomar tempo de trabalho dos pequenos agricultores, e isto se reflete tanto nas condições que permeiam a existência da comunidade de Canudos e como na continuidade de práticas de agricultura da família Antunes.

A trajetividade histórica na qual a comunidade esteve inserida ao longo do seu tempo de existência conferiu à paisagem da propriedade da família Antunes uma série de marcas, que estão enraizadas na materialidade do espaço e nas tensões intergeracionais. Um bom exemplo disso pode-se verificar, por exemplo, nas diferentes formas de praticar a agricultura existentes entre Paulo Antunes, morador de terceira geração da propriedade, e seus filhos. Paulo afirma que sua principal fonte de renda é a erva-mate, e assim foi desde sempre. Somada à renda da erva-mate há a arrecadação proveniente da comercialização de verduras, legumes e frutas orgânicas, oriundas de um sistema agroflorestal manejado por Paulo e Zília na área de vivência imediata da propriedade do casal, vendidas para o município, e consumidas como merenda escolar. Seus dois filhos, entretanto, tem como principal fonte de renda o tabaco e feijão, oriundos da agricultura intensiva e mecanizada.

O erval da família Antunes, manejado sobremaneira por Paulo, mas quando possível também por seus filhos, carrega sobreposições de temporalidades em sua disposição e organização interna, pois já abrigou, em seu interior, diversos tipos de manejos, como a prática de roçada por bois, ou mesmo a perceptível identificação de podas antigas e novas, conforme o discutido no segundo capítulo deste texto (p. 60-64).

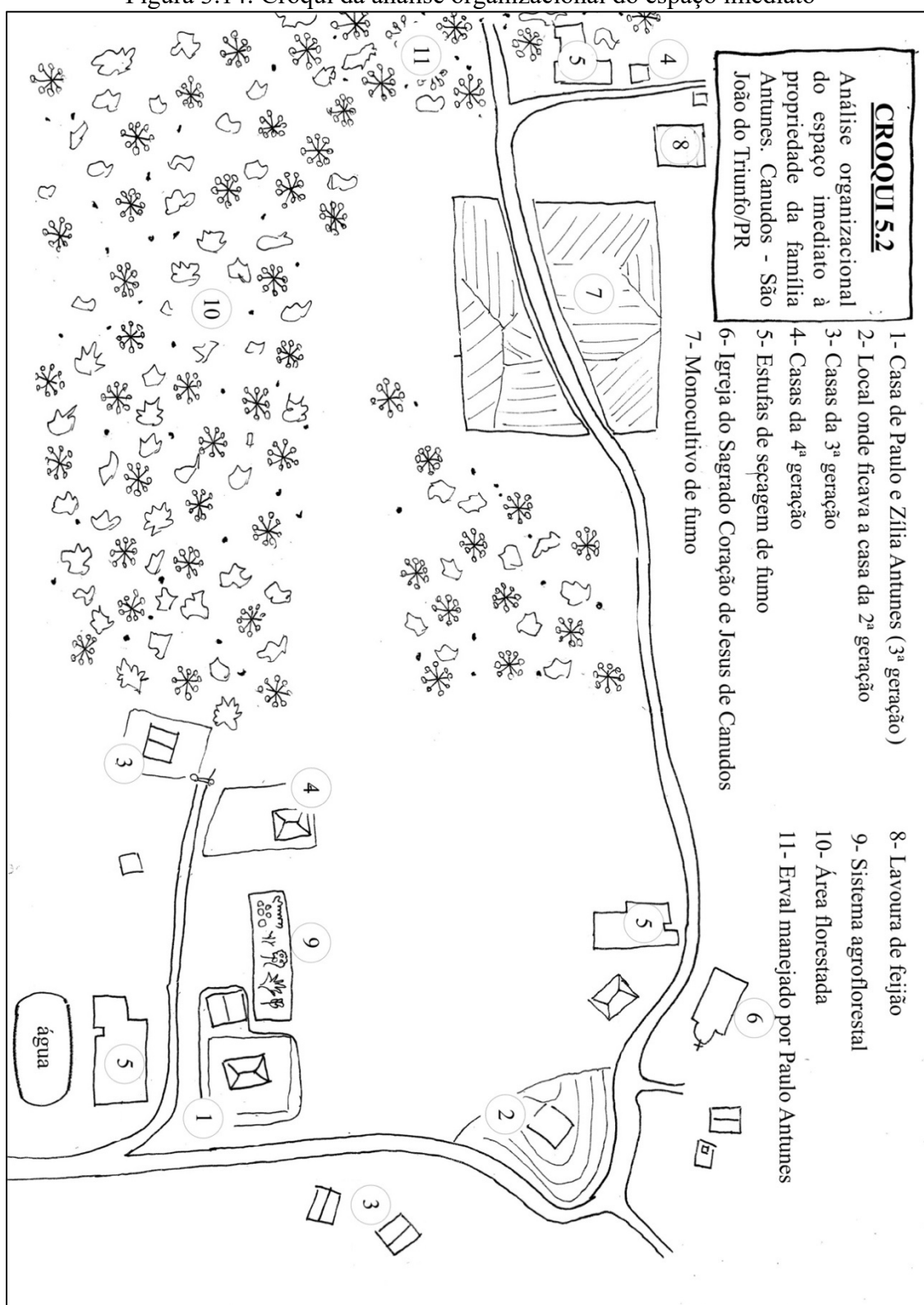
Os croquis que seguem (Figs. 3.13, 3.14 e 3.15) buscam representar, portanto, as formas da paisagem, assim como sua organização interna e contextualização de vizinhança, em que os traços de historicidade podem ser verificados e interpretados como fontes que aproximam os processos temporais e espaciais de transformação do espaço a partir das relações socioecológicas. Neles estão contidas informações históricas associadas à comunidade e à vivência cotidiana na propriedade da família Antunes, que, em um exercício de leitura da paisagem, relacionam espaço, tempo e experiência materializadas e significadas dentro de uma paisagem onde ocorre um sistema tradicional de produção de erva-mate.

Figura 3.13: Croqui da análise organizacional do espaço local



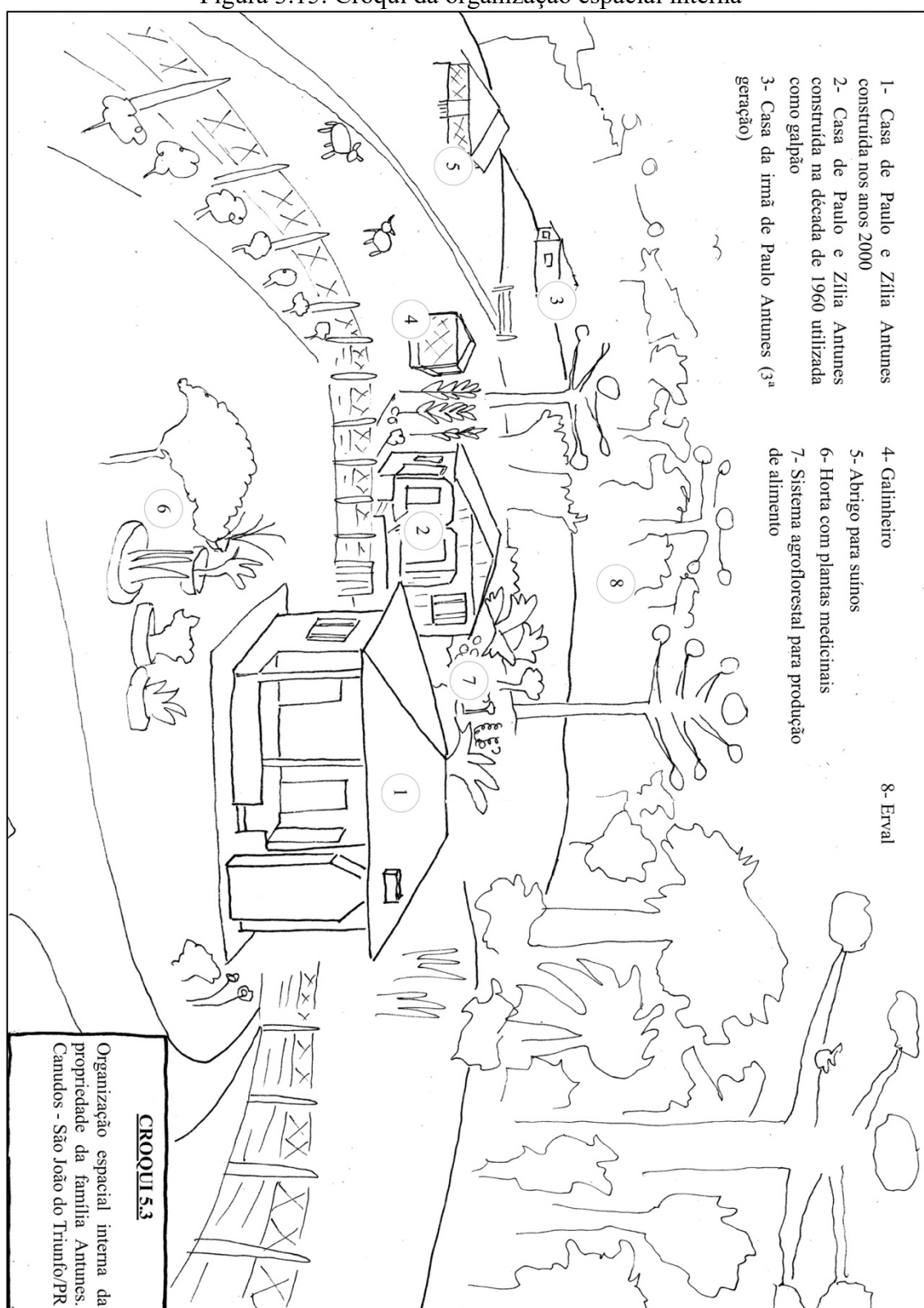
Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.14: Croqui da análise organizacional do espaço imediato



Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.15: Croqui da organização espacial interna



Fonte: O autor, 2020.

O croqui 5.1 (Fig. 3.13) traz à tona a organização espacial do uso e ocupação do solo no entorno da comunidade de Canudos. Neste croqui, pode-se observar a presença maciça de monocultivos de pinus existentes ao longo da estrada que dá acesso à propriedade da família Antunes. Esta estrada, um dos principais eixos de conexão entre comunidades rurais e o centro da cidade de São João do Triunfo – também permite a ligação com São Mateus do Sul, Fernandes Pinheiro e Teixeira Soares – tem seu acesso, a partir da PR-151 (Rodovia Prefeito Distéfano) indicado por grandes placas da empresa Swedish Match, que tem, no 13º quilômetro desta via de não asfaltada, a sede de uma de suas maiores propriedades de monocultivo de pinus, a fazenda Fiat Lux.

Além de ser o principal acesso à maior comunidade rural de São João do Triunfo, chamada Rio Baio, o que já confere um fluxo denso de circulação de automóveis na estrada, o fato da sede da empresa estar localizada nesta via chega a congestionar o trânsito por ali, com a presença de caminhões que carregam toras de pinus e mesmo a circulação de maquinário pesado. Isto infere, à paisagem em que a comunidade de Canudos se insere, uma hierarquia de grandezas e centralidades, e cujo centro é marcado pela presença dos grandes monocultivos de pinus – representados pelos pontos 3 – e pelas sedes da empresa, de onde saem caminhões carregados de toras e tábuas – representados pelo ponto 5. A segunda grandeza se dá na bifurcação e início da comunidade do Rio Baio, e a terceira grandeza relaciona-se à periférica comunidade de Canudos.

O mosaico paisagístico em que se insere a propriedade da família Antunes, portanto, apresenta uma pequena variedade de cultivos agrícolas, pois a maioria das propriedades às margens da estrada, incluso a maior propriedade do município⁵⁷, estão cobertas de árvores de pinus, enquanto pequenas e médias propriedades rurais alternam o cultivo entre fumo, feijão, soja e a presença de áreas florestadas que abrigam erva-mate. A propriedade da família está localizada logo na entrada da comunidade e a presença de área florestada em suas cercanias evidencia uma quebra com o ritmo quase monótono dos monocultivos.

O croqui 5.1, portanto, aponta para a característica produtiva local existente entre a comunidade Rio Baio e Canudos, que torna evidente o uso da terra voltado aos monocultivos agrícolas. Em contraposição, a partir da análise voltada à interpretação aproximada da propriedade da família Antunes, com o recorte proposto pelo croqui 5.2 (Fig. 3.14), a situação

⁵⁷ A fazenda Fiat Lux, segundo dado público disponibilizado pelo Serviço Florestal Brasileiro, mede 1313,8 hectares (1.300.000m²). Disponível em: <https://www.car.gov.br/publico/imoveis/index>. Código do imóvel: PR-4125100-CF578F06ABFA4FFF9D916758E7705216.

toma outra configuração. Como pode-se verificar, a maior parte da cobertura do solo nesta propriedade familiar se dá pela presença de área florestada, com importantes remanescentes de FOM, que, em uma boa porção, também abrigam a prática agrícola do manejo de erva-mate no sub-bosque. Entretanto, a composição paisagística da propriedade em questão não exclui a presença maciça na região, e também pressões para conversão de áreas de lavoura, dos monocultivos. Neste caso, fumo e feijão – representados pelos pontos 7 e 8 – demonstram as questões de embates intergeracionais que se manifestam na prática agrícola e ordenamento do espaço.

Porém, o que se faz claro no entorno da área de vivência imediata da propriedade da família Antunes é a variabilidade de usos da terra, praticados por Paulo e Zília Antunes, assim como os filhos do casal, cujas moradias espalham-se no entorno, a partir da casa do casal participante da pesquisa. No croqui em questão, pode-se identificar elementos relevantes de transformação da paisagem, tal como o tanque d'água – em que Paulo cria tilápias-do-Nilo (*Oreochromis niloticus*) –, os monocultivos acima mencionados e o estabelecimento, por exemplo, de marcos geossimbólicos em pontos específicos da paisagem, como a fundação da Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Canudos, erguida no ponto mais alto da comunidade.

Somados aos elementos de transformação e relacionados à historicidade da paisagem em questão, inserem-se também a grande presença de estufas de secagem de fumo dispersas na paisagem da comunidade. Dentro da propriedade de Paulo Antunes, existe uma estufa abandonada na década de 1990 – representada pelo ponto 5 do croqui 5.2 –. Outras transformações evidenciam-se sobrepostas em camadas na paisagem. As moradias da família Antunes, construídas a partir do segundo núcleo habitacional – representado pelo ponto 2 –, ou mesmo o sistema agroflorestal plantado por Paulo Antunes – ponto número 9 –, cujo manejo consiste em proporcionar uma variabilidade de plantas alimentícias a uma determinada área do terreno, são elementos passíveis de interpretação historiográfica a partir de sua configuração e posicionamento em relação à paisagem da propriedade e da comunidade.

O croqui 5.3 (Fig. 3.15), por sua vez, perspectiva a conferência de sentido dentro do espaço cotidiano de vivência da família Antunes. Em um ponto de observação próximo à altura da visão de caminhada, esta representação buscar pontuar detalhadamente, as formas de organização do espaço construído e transformado. O recorte da análise se propõe, neste croqui, a conduzir a interpretação organizacional da área de domínio da terceira geração da família Antunes, que avança do ponto 1 até o ponto 8, área em que se encontra volumoso remanescente

florestal, onde se dá a prática do manejo do erval, realizado na propriedade desde a sua fundação.

Conforme apontou Paulo Antunes, esta área da propriedade foi sendo progressivamente aberta paralelamente à exploração madeireira, sendo que a limpeza⁵⁸ da área se deu definitivamente na década de 1960, quando ele e alguns de seus irmãos passaram a construir suas moradias no terreno. Localizado imediatamente ao lado do núcleo familiar gerido pela segunda geração, o terreno em que se instalou Paulo Antunes sofreu uma série de modificações e adaptações a partir das interações socioecológicas ocorridas ali. A primeira casa construída no terreno é a casa representada pelo número 2. Feita em madeiras da FOM, ela deixou de ser utilizada nos anos 2000, sendo substituída pela casa cujo ponto é o número 1. Dentre as características arquitetônicas mantidas, a varanda frontal seguiu sendo o lugar de consumo do mate.

A gestão da propriedade da família Antunes, que tem na erva-mate sua principal fonte de renda, apresenta ainda elementos que demonstram a variabilidade de cultivos empregados: aves, suínos e bovinos, como criação animal e fonte de proteínas para a alimentação familiar, associam-se ao cultivo agroflorestal – brócolis, couve-flor, milho, cana, repolho, batata, tomate, melancia, banana, laranja, abobrinha, chuchu, feijão, etc. – e à horta com plantas medicinais. A propriedade apresenta, portanto, um elevado grau de autonomia, pois produz boa parte dos alimentos consumidos pela família.

Para Paulo Antunes, entretanto, nenhum destes alimentos é mais importante do que a erva-mate: “a hora que eu parar de tomar chimarrão⁵⁹ eu estou morto, perco toda a minha energia”. Paulo afirma que a continuidade que oferece empenhando seu trabalho no manejo do erval é uma necessidade compensadora, que confere significado à sua história de vida e oferece saúde em troca: “A erva-mate rejuvenesce, dá autoestima. A erva reage e, se você zelar por ela, ela é infinita. Ela se refaz novamente, e está jovem de novo. [...] a erva-mate moveu a história!” (ANTUNES, 2019).

Com suas origens estreitamente alinhadas ao processo de ocupação e exploração econômica da FOM, a propriedade da família Antunes testemunha e dá continuidade, através do conhecimento intergeracional depositado nas práticas de Paulo, sobremaneira perante o

⁵⁸ O conjunto de ações que configuram o que os colonos aludem à ‘limpeza’ de uma área consistem, basicamente, na derrubada de vegetação nativa, transformando áreas de cobertura florestal em campos ‘limpos’ para a instalação de cultivos agrícolas ou pecuários com características intensivas.

⁵⁹ A palavra ‘chimarrão’ é empregada também para fazer alusão ao mate e à cuia de mate, mas seu uso não é unânime na região.

erval, aos ensinamentos e forma de se relacionar com o ambiente herdadas de sua ascendência familiar indígena. A atenção aos detalhes e o sentimento de pertencimento à floresta são traços fortes que permeiam as falas de Paulo Antunes e se manifestam na estreita afinidade que tem com o erval, a erva-mate e a floresta em si. Mais adiante, ao longo da conclusão, iremos nos ater a este comportamento e pertencimento manifesto de Paulo ao discorrer sobre a identidade ambiental existente dentro dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

3.6. FAMÍLIA KOSLOSKI E SILVA, BARRA BONITA, SÃO JOÃO DO TRIUNFO/PR

A sexta e última atividade de campo realizada com a finalidade de levantamento de dados para a interpretação ocorreu ao longo de dois dias. Entre 26 e 27 de novembro de 2019, foram realizadas as entrevistas, assim como uma caminhada pela propriedade da família Kosloski e Silva, localizada na comunidade de Barra Bonita em São João do Triunfo. A propriedade, estabelecida no ano de 1945, está em sua terceira geração de manejo. Hoje vivem nela João Negir e Lucélia, moradores da segunda geração, e João Carlos e Alexandre, moradores da terceira geração e filhos do casal. A principal característica desta propriedade é que a família gere uma ervateira, cujo barbaquá, inaugurado em 2016, dá continuidade à produção de erva-mate familiar, iniciada há mais de 70 anos.

A propriedade foi fundada pelos pais de Lucélia, que eram filhos de imigrantes poloneses estabelecidos em colônias localizadas na região de São João do Triunfo. À época, a comunidade de Barra Bonita era uma área de expansão de atividades rurais e colonização, e a finalidade do estabelecimento de lotes era justamente a exploração de erva-mate, madeira e a abertura de áreas de lavoura para produção agrícola. Assim que se fixaram no lugar, os pais de Lucélia passaram a lidar com o manejo do sub-bosque da FOM, produzindo erva-mate cancheada – que era vendida para a cooperativa de São Mateus do Sul – e desenvolvendo atividades de cultivo de milho e feijão, além de plantas e criação animal para sustento próprio. Lucélia, que nasceu na propriedade na década de 1960, conta que a partir da década de 1970, seus pais passaram a plantar fumo, cultura que se multiplicou naquela época no município. Assim como na comunidade de Canudos, em Barra Bonita existe uma grande quantidade de estufas de secagem desta planta. Em praticamente todas as pequenas propriedades existe este tipo de construção que se veem ativas pela condição de saída de fumaça de suas respectivas chaminés.

João Negir, por sua vez, nasceu em outra comunidade, no município de São Mateus do Sul. A localidade, chamada Tesoura, tinha como principais características o envolvimento de pequenos agricultores familiares na produção de erva-mate e comercialização de madeira. A comunidade também está na área de influência do rio Iguaçu, portanto boa parte de sua produção de extrativismo era escoada de maneira fluvial. Nesta comunidade, João Negir aprendeu a lidar com erva-mate desde pequeno:

Meu pai me levava pro erval antes mesmo de eu ter força pra balançar uma foice pra cortar erva. [...] Lá onde a gente morava tinha malhador puxado por cavalo e tinha que colocar água todo dia no chão do barbaquá pra não subir pó e cair na erva. Meu pai foi um homem muito caprichoso. (SILVA, J. N., 2019).

João Negir e Lucélia viveram por quase vinte anos na cidade de São Mateus do Sul antes de decidirem morar com os pais dela na comunidade de Barra Bonita. Esta decisão se deu em decorrência de necessidades ocasionadas por um problema de saúde com o sogro de João. Portanto, no ano de 1989 o casal, com o recém nascido João Carlos, mudaram-se para a propriedade, instalando-se em uma casa construída próxima ao antigo barbaquá da propriedade. Para a construção da casa, que ainda compõe a paisagem da propriedade, foram utilizados, segundo João Negir, três pinheiros.

A partir do estabelecimento da segunda geração na propriedade, algumas mudanças foram promovidas, sobremaneira no que diz respeito ao cultivo de fumo, que foi substituído por feijão e milho orgânicos, além do desenvolvimento do cultivo de hortaliças, que passaram a incrementar a renda da família. “Houve um momento, antes da construção no novo barbaquá, que a gente tinha aqui vinte e duas espécies diferentes de hortaliça pra comercialização” (SILVA, J. N., 2019).

Foi também ao longo da década de 1990 que João Carlos passou a se relacionar com a erva-mate, guiado por seu pai e seu avô materno. Ao longo da visita ao antigo barbaquá da família, hoje desativado, João Carlos mostrou quais atividades desempenhava para ajudar no processo de cancheamento da erva-mate. Durante a primeira infância era ele o responsável por tocar o cavalo na hora da moagem da erva e, quando um pouco mais velho, sua responsabilidade era girar o tambor por onde a erva passava para ser sapecada, antes de entrar na sessão de secagem longa. Somadas a estas experiências estão também as lidas dentro do erval, com as podas e os adensamentos (SILVA, J. C., 2019).

A família Kosloski e Silva, ao longo de três gerações em interação com a FOM, tem desenvolvido atividades de agricultura, mas, principalmente, atividades ligadas ao manejo, cultivo e processamento da erva-mate sombreada. No ano de 2016, a partir do modelo funcional

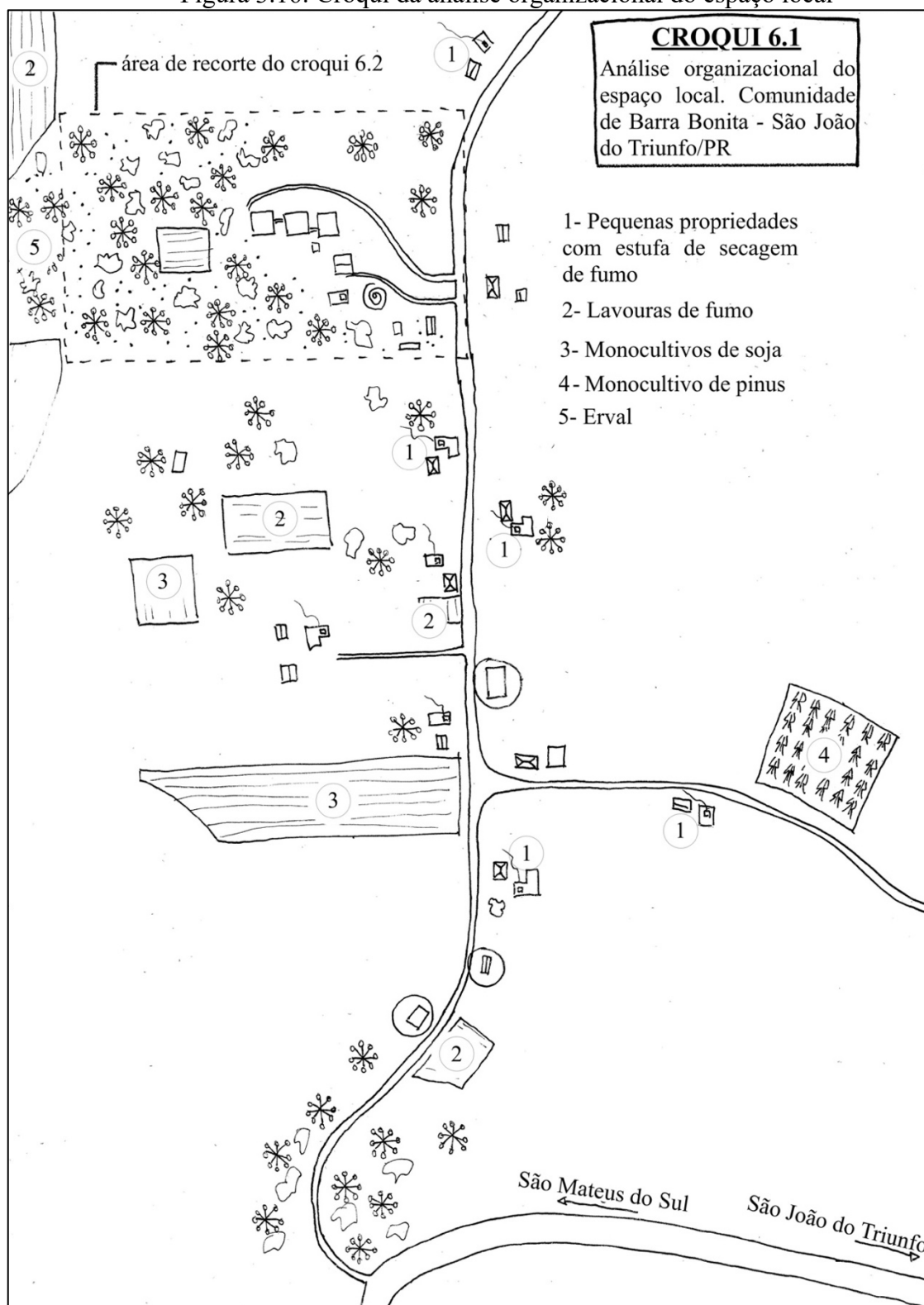
do antigo barbaquá construído pela primeira geração de moradores da propriedade, João Negir erigiu um novo barbaquá, totalmente adaptado às normas vigentes da vigilância sanitária, para que possa comercializar a erva-mate produzida por sua família. A partir disto, foi criada a erva-mate 5 Estrelas, uma das únicas produzidas no Brasil com selo de certificação orgânica⁶⁰. Toda a família trabalha na ervateira, que emprega outras três pessoas da comunidade de Barra Bonita.

A propriedade familiar em questão, portanto, acumula, em sua forma organizacional, traços que remetem a atitudes passadas e tomadas de decisão que se relacionam com as necessidades encontradas em cada momento histórico que atravessou. A proximidade e continuidade das práticas de manejo do erval conferem interessante e complexa amostragem interpretativa sobre a temporalidade e espacialidade resultantes das relações socioecológicas, sobremaneira em interação contínua com os processos envolvidos na gestão de um sistema tradicional de produção de erva-mate.

Assim, os croquis que seguem, conforme o desenvolvido nas análises de propriedades anteriores, buscam representar as formas organizacionais da paisagem da propriedade da família Kosloski e Silva e relacioná-las com suas origens estabelecidas na relação de interação com o ambiente da FOM. Buscam também contextualizar a propriedade em sua relação comunitária e de vizinhança, ao propor interpretar o mosaico paisagístico em que está inserida. Desta forma, seguem os croquis abaixo (Figs. 3.16, 3.14 e 3.18), complementados pelas interpretações e descrições apresentadas posteriormente às figuras.

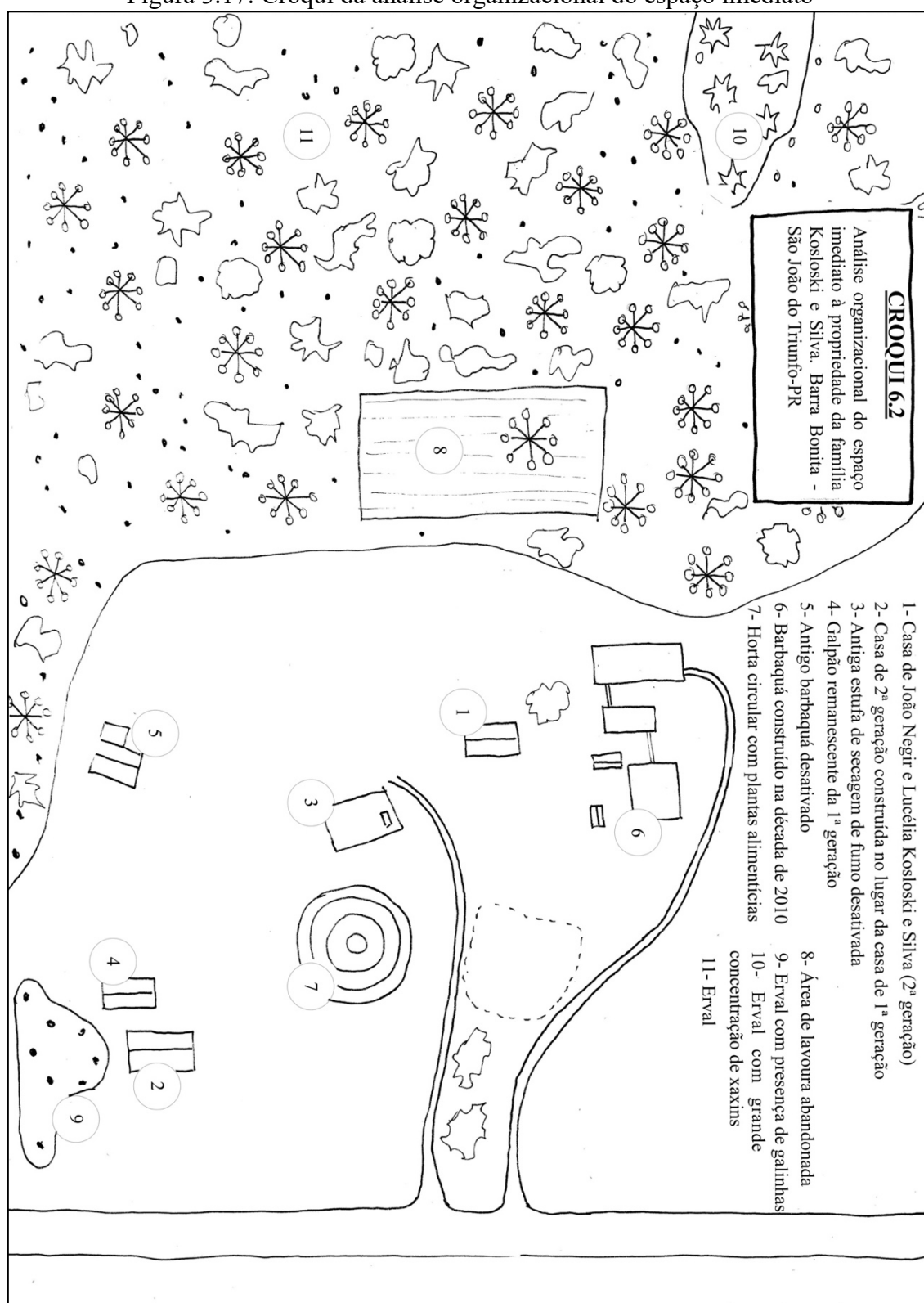
⁶⁰ Selo de certificação participativa concedida pela rede Ecovida.

Figura 3.16: Croqui da análise organizacional do espaço local



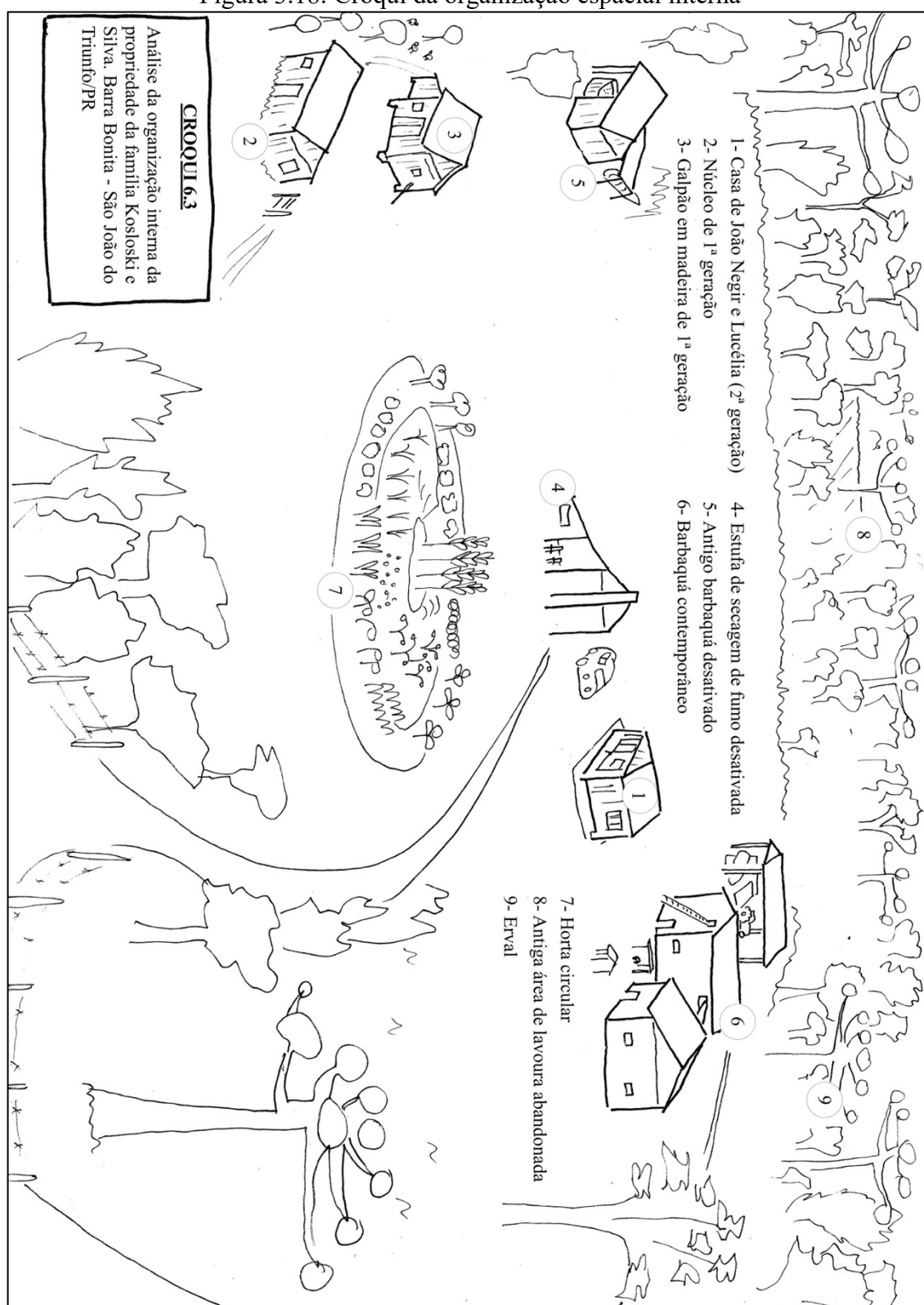
Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.17: Croqui da análise organizacional do espaço imediato



Fonte: O autor, 2020.

Figura 3.18: Croqui da organização espacial interna



Fonte: O autor, 2020.

O primeiro desenho (Fig. 3.16), mostra de que forma a paisagem da propriedade da família Kosloski e Silva está inserida dentro do contexto regional da comunidade de Barra Bonita e como ela estabelece relações de vizinhança com a diversidade de cultivos existente em seu entorno. Assim como na maioria das propriedades que margeiam a estrada, a propriedade da família Kosloski e Silva possui uma antiga estrutura utilizada com a finalidade de secar fumo, porém, diferentemente do seu contexto, a estufa encontra-se desativada, e hoje é utilizada como paiol.

Dentro da comunidade existem muitas pequenas propriedades cuja principal fonte de renda é o tabaco, desde os anos 1970. Segundo João Negir Silva (2019), o solo que recobre a comunidade da Barra Bonita, especificamente, é muito propício para o desenvolvimento desta planta. Porém, a excessiva utilização de insumos aplicados a esta cultura, degrada os corpos hídricos, o próprio solo e a saúde de quem planta⁶¹.

Embora a presença de culturas de fumo seja uma característica marcante na comunidade de Barra Bonita, ainda nela são verificáveis traços que revelam a adoção de outros tipos de cultivos agrícolas convencionais na região, como pequenas propriedades rurais com monocultivo de soja, ou mesmo a presença de monocultivos de pinus nas áreas maiores, geralmente situadas em propriedades mais próximas da comunidade do Rio Baio, conforme representam os pontos 3 e 4 no croqui. Este mosaico torna a presença de áreas florestadas mais escassa. Estas situam-se mais volumosamente em extensões com relevo mais acentuado.

A propriedade da família Kosloski e Silva é conhecida na comunidade pelo nome de ‘Ervateira 5 Estrelas’, e sua localização me foi apontada por dois moradores quando perguntados, o que demonstra que a propriedade tem relativa notoriedade pública na comunidade de Barra Bonita. No acesso à propriedade uma grande placa indica a direção do ‘Barbaquá’. A presença do erval também se manifesta nas proximidades da propriedade em questão, pois a área florestada torna-se mais densa que em outras faixas da estrada. Este fator é um importante ponto, pois relaciona-se à manutenção da biodiversidade associada a este tipo de prática agrícola, conforme discussão ao longo da sessão 1.3 deste texto (p.39).

De certa forma, a inserção da propriedade na comunidade de Barra Bonita permite a interpretação histórica das morfizações antrópicas da paisagem local. Se por um lado o contraponto maior na organização e característica do local se dá na oposição entre monocultivos e o erval, a maior parte territorial da região, sem dúvidas, revela uma adesão local muito dispar

⁶¹ O pai de Lucélia Kosloski Silva sofreu graves consequências de saúde em decorrência do uso de pesticidas na plantação de tabaco.

entre implantar monoculturas ou manter ervais ativos, assim como se revelou na maioria das comunidades em que os sistemas tradicionais de produção de erva-mate situam-se contemporaneamente.

O recorte proposto pelo croqui 6.2 (Fig. 3.17) busca englobar a área de vivência cotidiana da família Kosloski e Silva, dando destaque para as estruturas que compõem a funcionalidade e também a historicidade material da paisagem em questão. Apesar de a casa em que a primeira geração que ocupou a propriedade viveu não mais estar de pé, outros elementos, que compõe e manifestam em sua disposição as necessidades e os fatos oriundos das históricas interações socioecológicas com a FOM, continuam intactos e bem marcados na paisagem. Segundo João Negir, “o terreno era tudo mato” (SILVA, J. N., 2019), e quando os ditos pioneiros se fixaram na propriedade começaram a adaptar o espaço de acordo com suas necessidades, e isso incluiu edificar espaços.

Das construções remanescentes deste período, o antigo barbaquá – representado pelo ponto 5 – e o antigo paiol – ponto 4 –, estes oriundos da década de 1940, e a antiga estufa de secagem de fumo – ponto 3 –, esta construída na década de 1970, restam como testemunhas de interações imediatas. Mas não somente em construções se deposita a memória de uma paisagem. Antigas ações encontram-se passíveis de interpretação e leitura em outras partes da propriedade, como é o caso da clareira aberta para instalação de lavoura de milho, feijão e posteriormente fumo, que hoje encontra-se abandonada de cultivos, porém emprestada para vizinhos que ali colocam os bois para pastar – área representada pelo ponto 8.

Dentro do erval, conforme me mostrou João Carlos, alguns fragmentos paisagísticos internos remontam a ações praticadas por seu avô no passado. Como exemplo, me mostrou uma porção do erval com grande concentração de xaxins (*Dicksonia sellowiana*), planta que eram significadas por seu avô como delimitadoras do erval, ou mesmo uma porção em que seu avô plantou um erval a pleno-sol, atrás da casa em que vivia – respectivamente pontos 10 e 9.

Acrescidas às temporalidades marcadas pelo acúmulo de transformações e usos inferidos ao ambiente e ao espaço da propriedade, pode-se interpretar que a coesão da paisagem da família Kosloski e Silva se dá pela gestão do erval. A grande porção territorial da propriedade ocupada por esta floresta manejada ao longo de três gerações e as marcas construtivas na paisagem, mostram que a erva-mate ocupa um papel central na historicidade da propriedade da família Kosloski e Silva, com a construção de dois barbaquás, e a instalação de moradias próximas a estes lugares de processamento de erva-mate, estabelecendo, basicamente, dois núcleos de morada-barbaquá-paiol, conforme mostra o croqui 6.2.

Uma característica importante para a condução deste raciocínio é o fato de que, quando João Negir e Lucélia, junto com João Carlos, mudaram-se para a propriedade no final da década de 1980, construíram uma casa no local em que ficava a casa da primeira geração – representada no croqui 6.3 (Fig. 3.18) pelo ponto 2 –, transferindo para a casa em que moram hoje – representada no croqui 6.3 pelo ponto 1 – os fundadores da propriedade. Portanto, o que se configura hoje na propriedade são dois núcleos de moradia com proximidade ao barbaquá, em que a horta se posiciona como divisa. Apesar de ninguém habitar o espaço ocupado pelo núcleo antigo na data da realização da pesquisa, o espaço serve para receber estudantes e pesquisadores que, com frequência, hospedam-se na propriedade ao longo de jornadas de estudo.

O croqui 6.3 se propõe a representar a propriedade em um ângulo aproximado do da visão de campo, buscando estabelecer o sentido de profundidade e delimitação entre o núcleo habitacional da família Kosloski e Silva e o erval historicamente manejado por esta família. O exercício gráfico de representação da paisagem em questão ainda coloca em evidência as práticas agrícolas cotidianas, lideradas por Lucélia, no manejo de uma horta circular com uma grande abundância de vegetais em crescimento.

Neste desenho, percebe-se a construção do novo barbaquá de maneira detalhada, com três espaços especificamente projetados para as etapas de processamento da erva-mate. Aproximando-se do leitor, em ordem, temos: a entrada da erva-mate, o galpão de secagem da erva – no qual um túnel transmite o calor do fogo feito fora até a parte interna e por fim, o edifício que abriga os trituradores, separadores e embaladores do produto final. A necessidade da proximidade da casa da família com a estrutura se dá, sobremaneira, no processo de secagem longa da erva, realizada na construção do meio. Segundo João Carlos, seu pai, João Negir, em dias de secagem de erva, chega a passar a noite ao lado do fogo, na parte de fora da construção, para garantir que o processo seja executado de forma correta.

A disposição dos elementos construtivos e das formas de antropização que se manifestam em maior ou menos níveis em diferentes pontos da paisagem da propriedade familiar revelam nuances do acúmulo histórico de transformações tomadas em associação ao manejo da erva-mate sombreada, assim como de decisões tomadas dentro do contexto da agricultura familiar na região do vale do rio Iguaçu, ao longo dos últimos 80 anos. Esta propriedade, uma das seis em que o manejo do sub-bosque e as formas de expressão cultural relacionadas à cultura da erva-mate em sistemas tradicionais se manifestam até como forma de identidade, caracteriza-se por ser a única com um barbaquá ainda ativo. A partir da análise interpretativa desta amostragem discutida até aqui no capítulo terceiro, propomos os

encaminhamentos, tendo como fonte a historicidade e as interações socioecológicas com a FOM manifestas nas entrevistas com agricultores e a materialidade existente nestas propriedades.

CONCLUSÕES

As discussões abordadas ao longo do texto permitem-nos a condução do pensamento para algumas direções que apontam para a necessidade de reflexões acerca do passado dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate como subsídio para o envolvimento – este sim coletivo – em prol da construção de estratégias que proporcionem a manutenção e continuidade dos estilos de vida e práticas empregadas nestes sistemas agrícolas que interagem com a floresta viva. A erva-mate, ao longo do tempo, acabou ocupando um importante nicho de aliança com a proteção da floresta e da sobrevivência de culturas originárias que foram – e continuam sendo, em um processo permanente desde a expansão global do mercantilismo através dos projetos coloniais europeus, sobremaneira na América Latina – pressionadas ao limite de suas existências.

Nesta sessão, cuja finalidade é encaminhar objetivamente os pontos de articulação de ideias que germinaram ao longo dos diálogos e confluências ocorridas dentro da pesquisa, buscaremos, em um primeiro momento, revisar como a organização do texto e a condução da narrativa proposta, que seguiu também o roteiro de interpretação das paisagens, apresentou-se como condutor das conclusões que iremos apresentar adiante. Em uma segunda parte, discutiremos as conclusões referentes aos diálogos desenvolvidos ao longo do texto, para, no fim, encaminharmos possibilidades que visem conservar as práticas e estilos de vida oriundos das interações proporcionadas pelos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

Antes, porém, nos é necessário ressaltar que a pesquisa não se limita exclusivamente ao papel digital e aos dedos que teclam estas palavras, mas consiste – como foi nosso caso – em um envolvimento de vida, um processo constante de reflexão, de interações e amadurecimento. Esta é a razão do emprego da analogia referente à germinação de ideias, pois, assim como as pequeninas sementes da *Ilex paraguariensis* que, ao repousarem no solo da floresta, têm sua dormência quebrada e passam a se fortalecer como indivíduos em plena interação, a fertilidade e condições oferecidas pela relevante experiência da vivência e diálogo com as famílias erveiras e suas trajetórias de vida conduziram o processo de germinação das ideias dentro desta pesquisa. Ao longo do primeiro capítulo propusemos o estabelecimento do olhar para a floresta a partir de suas histórias, tanto na perspectiva do desenvolvimento ecológico ao longo das condições biológicas oferecidas pelos ciclos e eras geológicas da Terra, quanto na perspectiva das interações ocorridas com humanos a partir de poucos milênios atrás, quando a floresta passou a sofrer ações antrópicas. Dentro desta proposta, e em uma leitura temporal, aproximamos a

história da floresta à história das práticas humanas no ambiente da FOM, trazendo à tona o papel histórico da erva-mate como árvore provedora de folhas cujo processamento cultural, seguido da ingestão da infusão, promove a absorção de propriedades estimulantes ao sistema nervoso central humano. E, em sequência, apresentamos como a erva-mate esteve apropriada – ocupando um papel central – pelo projeto político do Estado do Paraná que, ao longo da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, atuou na condução do avanço do projeto de colonização do vale do rio Iguaçu, associando-se ao abrupto desmatamento da floresta e estabelecimento do domínio sobre populações indígenas e caboclas locais.

Foi no decorrer deste primeiro capítulo que também pudemos refletir acerca do processo de diálogo e troca de conhecimentos entre as populações locais e os imigrantes, conduzidos e fixados em pedaços recortados da floresta e estabelecidos legalmente como propriedades rurais, em que a cultura do manejo da erva-mate dentro do sub-bosque da FOM encontrou meios de continuidade. A partir desta construção contextual foi possível avançarmos em direção às práticas e dinâmicas sociais e ecológicas que deram início à conformação das paisagens que hoje abrigam os sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

O segundo capítulo, ao propor o enfoque à interpretação da paisagem como fonte historiográfica, procurou aproximar metodologias da Geografia Cultural, Antropologia e História Ambiental com a finalidade de conduzir o olhar analítico do espaço abrangido pelas propriedades rurais visitadas durante a pesquisa para certos pontos em comum existentes nestas propriedades que se relacionam às especificidades dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate. Buscou-se, a partir da interpretação da totalidade histórica e espacial concentradas nas propriedades, compreender de que forma as paisagens destes sistemas expressam-se como manifestações históricas da relação socioecológica mediada pela erva-mate dentro da FOM. Assim, o erval, com seus nuances de memórias, afetividades e temporalidades, somado à materialidade socioecológica com o conjunto composto por marcos construtivos e de ordenamento da paisagem das propriedades rurais, foram identificados como elementos intrínsecos às paisagens dos sistemas agrícolas em questão.

No decurso do terceiro capítulo, cada uma das seis propriedades visitadas em três diferentes municípios da região do vale do rio Iguaçu foi analisada detalhadamente. Suas contextualizações históricas, intergeracionalidades e formas de uso e significação do espaço e do ambiente orientaram a interpretação paisagística. A elaboração de croquis resultou das experiências tomadas nos trabalhos de campo da pesquisa e serviram como importantes ferramentas para a condução do olhar sobre a paisagem e suas camadas temporais que, a partir

de especificidades e pontos em comum, possibilitaram reflexões interpretativas sobre a relação histórica das famílias erveiras com a floresta.

Apesar de amostragem aplicada na pesquisa estar longe de representar uma maioria estatística no campo de ocorrência dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, o que limita a generalização característica das formas e processos históricos destes sistemas agrícolas, encontra seu valor no sentido da pluralidade de trajetórias de vida que se encontram dentro da cultura do manejo da erva-mate sombreada e abrigada pela floresta. Esta perspectiva permitiu não somente a interpretação dos processos de conformação das paisagens, mas também conduziu ao conhecimento sobre as profundas formas de se relacionar com a floresta e com a erva-mate.

A pesquisa, ao se propor como instrumento metodológico de análise interpretativa da materialidade do ordenamento espacial como fonte historiográfica, viabilizou, através de sua proposta e aplicação prática em campo – e, sobremaneira, a partir do diálogo com os agricultores e suas respectivas famílias –, a distinção de certos fenômenos que caracterizam e conferem identidade a estes sistemas. A relação historicamente desenvolvida com o meio, mediada pela vivência familiar e intergeracional com a floresta através da cultura da erva-mate, e permeada por inúmeras formas de conectividade e pertencimento conflui para o fortalecimento desta identidade. Tanto o afeto quanto a memória, em associação à significação da paisagem, consolidam-se como mecanismos a partir dos quais as paisagens se manifestam como resultados da interação socioecológica com a FOM.

Podemos concluir que a identidade ambiental existente dentro dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate consolida-se em um entrelaçamento da materialidade da paisagem e das sobreposições de nuances históricos e de memória que testemunham os processos que transpassaram a FOM ao longo de pouco mais da última centena de anos e continuam até o tempo presente. A política ocupacional promovida pelo Estado e pautada no incentivo ao desmatamento da floresta como fomento à economia extrativista que associou a madeira e a erva-mate a violências contra o meio é rigidamente estabelecida como matriz comum do processo histórico de estabelecimento destas propriedades. Porém, o que se revela, é que os ervais mantidos ao longo do tempo e das gerações por estas famílias representam essencial forma de resistência da FOM e lócus de continuidade dos conhecimentos envolvidos no manejo do sub-bosque desta floresta e de um estilo de vida de complexa interação com a floresta.

A pesquisa identificou nas paisagens das propriedades visitadas a existência de uma tensão entre conservar as práticas ditas tradicionais e a relação produtiva com a floresta, e, ao

mesmo tempo, a necessidade e dependência econômica que a maioria das famílias entrevistadas possui com sistemas de agricultura convencional. Esta tensão se materializa na paisagem ao colocar em oposição o erval – carregado de laços de afetividade e de conferência de sentido à vida das pessoas cujas trajetórias de vida se desenvolveram em vínculos com a floresta – e as lavouras – que em boa parte derivam do histórico processo de desmatamento da FOM. Tal fenômeno expõe a dualidade entre a afeição e vontade de dar continuidade na histórica relação com a floresta e a dependência da organização social e econômica do agronegócio, apoiada na engenharia da massificação e modificação genética.

Este fator é relevante no contexto dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate na região do vale do rio Iguaçu pois demonstra que, embora as afetividades confirmem identidade ambiental a esta forma de agricultura cuja historicidade é, definitivamente, relevante critério para a compreensão e reconhecimento de tal prática, existem influências que estimulam a desvinculação. Como resultado, muitas famílias que antes geriam ervais em suas propriedades, tem praticado a conversão produtiva total para sistemas de monocultivo de soja, de feijão, de milho, de pinus, eucalipto e fumo.

Inúmeras incertezas no que diz respeito à continuidade desta prática agrícola tradicional pressionam contemporaneamente os sistemas tradicionais. Associados ao avanço faminto do agronegócio encontram-se o êxodo rural de jovens e a especulação fundiária rural, que submete a riqueza biológica da terra ao valor de mercado, pautado nas expectativas de produtividade de safras cultivadas em sistemas industriais convencionais. Ainda, a ambição pela implementação de práticas que almejam a *commodificação* da erva-mate⁶², cuja industrialização do comportamento e do conhecimento propõe a redução da pluralidade a um só tipo de procedimento. Estes fatores somados resultam na alienação do trabalho agrícola e no estabelecimento de estratégias que buscam a descontinuidade e desarticulação de práticas agrícolas não convencionais à indústria. Este conjunto representa desafios a serem enfrentados pelos sistemas tradicionais em que a erva-mate é manejada no sub-bosque florestal.

A historicidade destes sistemas, portanto, em associação ao entendimento da identidade ambiental existente nos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, pode se prestar como subsídio para o desenvolvimento de ações pela manutenção deste patrimônio cultural e

⁶² Isto inclui a implementação de ervais compostos por erva-mate com modificação ou melhoramento genético e o manejo de ervais plantados com grande utilização de insumos que visam a produtividade de grandes quantidades de folhas de erva-mate, e não exatamente o manejo cuidadoso do sub-bosque ou do conhecimento tradicional oriundo das relações de interação das famílias com a floresta.

biológico. Pois, além de os ervais abrigarem os remanescentes florestais da região, os sistemas tradicionais de produção de erva-mate promovem segurança alimentar – ao apresentarem autonomia em sua produção de alimentos, chegando a produzir excedentes comercializáveis geralmente oriundos de boas práticas agrícolas –, conservam a agrobiodiversidade⁶³ – a partir do envolvimento e aplicação de conhecimentos tradicionais na produção de comida e manejo interativo com a fauna e flora regionais –, engajam jovens agricultores a dar continuidade intergeracional ao trabalho agrícola – fixando-os assim no meio rural – e mitigam os impactos sociais e ecológicos da agricultura industrial – ao preservar a oferta de serviços ecossistêmicos, histórias de vida, afetividades e memórias.

Sendo assim, esperamos que as discussões e os resultados alcançados na presente pesquisa possam somar aos projetos e cooperações que buscam estabelecer garantias para a continuidade da existência da FOM e do conhecimento milenar manifesto nas práticas culturais do manejo da erva-mate em sistemas tradicionais. O Observatório da Erva-mate – onde instituições de representação da agricultura familiar, de pesquisa e extensão dialogam no entorno da manutenção e proteção destes sistemas –, associado aos projetos de pesquisa em História Oral Ambiental das famílias erveiras – aplicadas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGH/UEPG) – e ao desenvolvimento de pesquisas e levantamento de informações realizados pela ONG Centro de Educação e Desenvolvimento dos Sistemas Tradicionais de Produção de Erva-mate (CEDErva) em suas parcerias podem encontrar nesta pesquisa formas de compreensão da conformação histórica e espacial dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate que viabilizem a condução de estratégias de coesão e fortalecimento das famílias envolvidas nas práticas agroecológicas mantidas nestes sistemas.

Ainda mencionamos aqui o desenvolvimento do projeto de reconhecimento dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate como Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial (SIPAM/GIAHS) pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), em que modelos resilientes, sustentáveis, enfocados localmente e socialmente justos encontram, através do reconhecimento internacional, fomentos para sua defesa, manutenção, desenvolvimento e divulgação, além de importante força persuasiva na

⁶³ No sentido amplo do conceito de abrigar os componentes da biodiversidade que tem relevância para a alimentação e agricultura. Isto inclui a diversidade de animais, plantas e microrganismos, sua variabilidade genética, diversidade humana, ecossistêmica e cultural. Para uma leitura mais detalhada sobre o tema recomendamos: MACHADO et. al, 2008.

agenda política e de tomada de decisões. Para tal objetivo, dentre os critérios avaliativos da FAO, faz-se necessário apresentar a trajetória histórica das paisagens e como elas resultam das formas de interação com o meio a partir do cultivo agrícola em questão. Acreditamos que este trabalho avançou nesta questão, acrescentando à discussão os traços de vinculação das famílias aos sistemas produtivos e à morfologia organizacional da paisagem constituída pelo histórico processo da interação socioecológica ocorrida na FOM, assegurado pelas erveiras em seu sub-bosque e pela continuidade da cultura híbrida experimentada pelos agricultores familiares derivada do conhecimento florestal estabelecido pelos povos originários.

FONTES

ANTUNES, P. S. **Entrevista Campo 05**. Entrevista concedida ao autor. São João do Triunfo: UEPG, 2019. Arquivo mp4. Entrevista realizada exclusivamente para esta pesquisa. Total de 49:17 de duração.

HUPALO, E. **Entrevista Campo 04**. Entrevista concedida ao autor. Antônio Olinto: UEPG, 2019. Arquivo mp4. Entrevista realizada exclusivamente para esta pesquisa. Total de 42:23 de duração.

OLIVA, R. H. **Entrevista Campo 01**. Entrevista concedida ao autor. São Mateus do Sul: UEPG, 2019. Arquivo mp4. Entrevista realizada exclusivamente para esta pesquisa. Total de 31:40 de duração.

OLIVA, E. **Entrevista Campo 01**. Entrevista concedida ao autor. São Mateus do Sul: UEPG, 2019. Arquivo mp4. Entrevista realizada exclusivamente para esta pesquisa. Total de 48:24 de duração.

OLIVA, J. **Entrevista Campo 02**. Entrevista concedida ao autor. Antônio Olinto: UEPG, 2019. Arquivo mp4. Entrevista realizada exclusivamente para esta pesquisa. Total de 41:21 de duração.

SILVA, J. N. de P. e. **Entrevista Campo 06**. Entrevista concedida ao autor. São João do Triunfo: UEPG, 2019. Arquivo mp4. Entrevista realizada exclusivamente para esta pesquisa. Total de 1:10:00 de duração.

SILVA, J. C. K. e. **Entrevista Campo 06**. Entrevista concedida ao autor. São João do Triunfo: UEPG, 2019. Arquivo mp4. Entrevista realizada exclusivamente para esta pesquisa. Total de 12:19 de duração.

SILVEIRA, B. X. **Entrevista Campo 03**. Entrevista concedida ao autor. São Mateus do Sul: UEPG, 2019. Arquivo mp4. Entrevista realizada exclusivamente para esta pesquisa. Total de 46:35 de duração.

REFERÊNCIAS

- ALKHATIB, A. Yerba maté and exercise performance. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, Indianapolis, v. 50, n.7, jul. 2018.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.
- ANJOS, L; BOÇON, R. Bird communities in natural forest patches in Southern Brazil. **Wilson Bulletin**, Ann Arbor, v.111, n.3, p. 397-414, set. 1999.
- ARRUDA, D. M. **Dinâmica da vegetação do último Máximo Glacial (21 ka) e Holoceno médio (6 ka)**: um modelo ecológico de nicho de biomas baseado em clima e solo. 2016. Tese (Doutorado em Botânica) – Departamento de Biologia Vegetal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.
- AZEVEDO, J. J. **Centenário de São Mateus do Sul**. São Mateus do Sul: APMA/Regional, 2008.
- BACH, A. M. **Vapores**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2006.
- BACILA, A. **O drama do mate**. Curitiba: Guaíra, 1946.
- BARRETTO, M. **El mate**: su historia y cultura. Buenos Aires: Del Sol, 2006.
- BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERQUE, A. **Vivre l'espace au Japon**. Paris: PUF, 1982.
- BERQUE, A. **Médiance**: de milieux en paysages. Montpellier: GIP Réclus, 1990.
- BERQUE, A. **Thinking Through Landscape**. New York: Routledge, 2013.
- BITENCOURT, A. L. V; KRAUSPENHAR, P. M. Possible prehistoric anthropogenic effect on *Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Kuntze expansion during the late Holocene. **Revista Brasileira de Paleontologia**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.109-116, jan./abr. 2006.
- BITTENCOURT, S; DALLA CORTE, A. P; SANQUETTA C. R. Estrutura da Comunidade de Pteridophyta em uma Floresta Ombrófila Mista, Sul do Paraná, Brasil. **Revista Silva Lusitana**, Lisboa, v.12, n. 2, p. 243 - 254, jun./dez. 2004.
- BITTENCOURT, S; MOURA-LEITE, J. C; MONTEIRO FILHO, E. L. A. Conhecimento popular de répteis em duas regiões de floresta ombrófila mista no estado do Paraná. **Anais do 3º Congresso Brasileiro de Herpetologia**. Belém: SBH/MPEG/UFPa, 2007.
- BONNEMAISON, J. Voyage autour du territoire. In: **Espace géographique**, n°4, V. 10, 1981. p. 249-262.

BONOMO, M; ANGRIZANI, R. C; APOLINAIRE, E; NOELLI, F. S. A models for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. **Quaternary International**, v. 356, p. 54-73, jan. 2015.

BORUSZENKO, O. A imigração Ucraniana no Paraná. **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. Porto Alegre: ANPUH, set. 1967. p. 424-439.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Resolução CONAMA nº 2 de 18 de março de 1994. Define formações vegetais primárias e estágios sucessionais de vegetação secundária, com finalidade de orientar os procedimentos de licenciamento de exploração da vegetação nativa no Paraná. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 mar. 1994. Disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=143>. Acesso em: 9 de julho de 2020.

BRASIL. Lei nº 11.428 de 22 de dezembro de 2006. Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, 22 de dezembro de 2006.

BROCARD, C. R; CÂNDIDO JÚNIOR, J. R. Persistência de mamíferos de médio e grande porte em fragmentos de floresta ombrófila mista no estado do Paraná, Brasil. **Árvore**, Viçosa, v. 36, n. 2, mar./abr. 2012.

BURG MAYER, G; ALVES, J; ROCHA-JR, J. C; HERNÁNDEZ, M. I. M. Diversidade beta em estrato vertical de comunidades de formigas de um fragmento de Floresta Ombrófila Mista no sul do Brasil. In: HAYATA, M. A; TEIXEIRA, L. N; SILVA, A. L. L; GIEHL, E. L. H. (orgs.). **Ecologia de Campo**: Ambientes Costeiros e Montanos. Florianópolis: PPG Ecologia UFSC, 2018. p. 350-362.

CABRAL, D. C. História e saliva, ou como a história ambiental nos reconduz ao mundo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 12, n. 3, p. 973-976, set./dez. 2017.

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF, 2004.

CARDOSO, J. A; WESTPHALEN, C. M. **Atlas histórico do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981.

CARVALHO, M. M. X. **O desmatamento das florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu**: uma história de riqueza madeireira e colonizações. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CARVALHO, M. M. X de. **Uma grande empresa em meio à floresta**: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970). 2010. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CASTELLA, P. R; BRITEZ, R. M. **A Floresta com Araucária no estado do Paraná**. Brasília: MMA, 2004.

CEDERVA. Centro de Educação e Desenvolvimento dos Sistemas Tradicionais de Erva-mate. **Fatos em imagens sobre a erva-mate**. Curitiba, 2017. Disponível em: <http://www.cederva.com/curiosidades.html>. Acesso em julho de 2020.

CHAIMSOHN, F. P; RADOMSKI, M. I. Sistemas tradicionais de erva-mate: características biofísicas, socioeconômicas e ambientais. **Anais Seminário erva-mate XXI: Modernização no cultivo e diversificação do uso da erva-mate**. Colombo: Embrapa Florestas, 2016. p. 30-33.

CHAIMSOHN, F. P; SOUZA, A. M. **Sistemas de produção tradicionais e agroflorestais de erva-mate no Centro-sul do Paraná e Norte catarinense**: contribuições para a construção do processo de Indicação Geográfica. Ponta Grossa: IAPAR, 2013.

CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro sul do PR. 1985. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrário), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

CHELMICKI, Z. **Imigrantes poloneses no Brasil de 1891**. Trad. Sofia Winklewski Dyminski. Brasília: Edições do Senado Federal, 2010.

CIURYCKI, W; MARCISZEWSKA, K. Vegetation of pine forests on former farmlands and in ancient forests in the Chojnów Forest District. **Forestry and Wood Technology**, n. 93, p. 37-43, 2016.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 4. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

CLAVAL, P. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Confinis**, Belo Horizonte, v. 17, 2013.

CODESUL. Conselho de Desenvolvimento do extremo sul. **Subdivisão de posse e uso da terra no Paraná**. Curitiba: IPARDES, 1976.

CONTE, C. E. **Diversidade de anfíbios da Floresta com Araucária**. 2010. Tese (Doutorado em Biologia) – Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto. 2010.

COOPER, J. Estimulantes e narcóticos. In: RIBEIRO, D. **Suma Etnológica Brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes/FINEP, 1986. p. 101-103.

CORDEIRO, J; RODERJAN, C. V; CURCIO, G. R. Espécies lenhosas de um remanescente de Floresta Ombrófila Mista na região Centro-Sul e análise florística entre áreas florestais no Paraná. **Ambiência**, Guarapuava, v. 9, n. 3, 2013.

CORRÊA FILHO, V. **Ervais do Brasil e ervateiros**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1957.

CORREA, M, P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, v. 3, 1984.

CORTESÃO, J. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

COSTA, O. R. G. **Ação empresarial do Barão do Serro Azul**. Curitiba: GRAFIPAR e Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981.

COSTA, S. G. **A erva-mate**. Curitiba: Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral e Scientia et Labor, 1989.

COUTINHO, A. L. C. **Estudo comparativo do crescimento inicial de plantas obtidas de pinhões de duas procedências e três variedades de pinheiro brasileiro**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Programa de Pós-graduação em Ecologia do Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CUNHA, M. C. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DOBRIZHOFFER, M. **An Account of the Abipones, an Equestrian People of Paraguay**. London, J. Murray, 1822.

DUTRA, T. L.; STRANZ, A. História das Araucariaceae: a contribuição dos fósseis para o entendimento das adaptações modernas da família no Hemisfério Sul, com vistas a seu manejo e conservação. *In*: RONCHI, L. H. (org.). **Tecnologia, Diagnóstico e Planejamento**, São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. p. 293-351.

DVORAK, A. K. **A Hidden Immigration: The Geography of Polish-Brazilian Cultural Identity**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia), Departamento de Geografia, Universidade da Califórnia, Los Angeles, 2013.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras. *In*: RIBEIRO, D. **Suma Etnológica Brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes/FINEP, 1986. p. 134-149.

ENGMANN, C; OLIVEIRA, R. R. História da paisagem e paisagens sem história: a presença humana na Floresta Atlântica do Sudeste Brasileiro. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 9-31, ago. 2011.

ENTLER, R. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios. *In*: SAMAIN, E. (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 133-152.

FERREIRA FILHO, J. C. **Cultura e preparo da erva-mate**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1945.

FOURNIER, P. Pour une histoire de l'aménagement des espaces ruraux. **Annales du Midi: revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale**, Toulouse, n. 272, p. 469-476, 2010.

FREIRE, P. C. V. **Mboroviré: a erva-mate no Paraguai colonial**. Dissertação (mestrado em História Social). Universidade Nacional de Brasília, 2011.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

FURLONG, G. **Cartografía Jesuítica del Río de la Plata**. Buenos Aires: Talleres S. A., Casa Jacobo Peuser Ltda., 1936.

GERHARDT, M. **História Ambiental da erva-mate**. 2013. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GERHARDT, M. Uma história ambiental da modernização da agricultura: o norte do Rio Grande do Sul. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 16, n.1, p. 166-180, 2016.

GERHARDT, M; NODARI, S. E. Patrimônio Ambiental, História e Biodiversidade. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**. v. 5, n. 3, p. 54-71, jul./dez. 2016.

GUBERT FILHO, F. A. Levantamento de Áreas de Relevante Interesse Ecológico no Estado do Paraná. **Anais do II Congresso Florestal do Paraná**, Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná, p. 136-160, 1988.

GUÉRIOS, P. R. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

HANISCH, A. L; NEGRELLE, R. B. R; BONATTO, R. A; NIMMO, E. R; LACERDA, A. E. B. Evaluating Sustainability in Traditional Silvopastoral Systems (caívas): Looking Beyond the Impact of Animals on Biodiversity. **Sustainability**, n. 11, 2019.

HAVERROTH, M. **Kaingang: um Estudo Etnobotânico do uso e a classificação das plantas na Área Indígena Xapecó (oeste de SC)**. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

HEINSFELD, A; TEDESCO, J. C. (orgs.). **Colonos, colônias & colonizadores: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil**. Erechim: Habilis, 2009.

HERTEL, R. J. G. Estudos sobre *Araucaria angustifolia*: Descrição morfológica do fruto e germinação. **Boletim do Instituto de História Natural e Botânica**, Curitiba, n. 4, p. 1-25, 1962.

HOEHNE, F. C. **Araucarilandia**. Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930. Ed. Fac-similada. Curitiba: J. A. S. Carneiro, 2014.

HUECK, K. Distribuição e habitat natural do pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*). **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo**, São Paulo, n.10, p.1-24, 1953.

HUECK, K. **Los bosques de Sudamérica**: ecología, composición e importancia económica. Eschborn: Sociedade alemã de cooperação técnica (GTZ), 1978.

INGOLD, T. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge, 2000.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INOUE, M. T; RODERJAN, C. V; KUNIYOSHI, Y. S. **Projeto Madeira do Paraná**. Curitiba: Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual técnico da vegetação brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa de distribuição regional de vegetação natural no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

JORGE, F. V. **A dinâmica pluvial do clima sub-tropical**: variabilidade e tendência no sul do Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

KAMINSKI, N; CARRANO, E. Avifauna da Serra do Cabral e áreas adjacentes. **Estudos de Biologia**, Curitiba, v. 28, n.64, p. 119-128, 2006.

KANDINSKY, W. **Curso da Bauhaus**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KERSTEN, R. de A; BORGIO, M. GALVÃO, F. Floresta Ombrófila Mista: aspectos fitogeográficos, ecológicos e métodos de estudo. *In*: EISENLOHR, P. V; FELFILLI, J. M; MELO, M. M. R. F; ANDRADE, L. A; MEIRA NETO, J. A. A. (Orgs.). **Fitossociologia no Brasil**: métodos e estudos de caso. 1. ed. Viçosa: Editora UFV, 2015. p. 156-182.

LACERDA, A. E. B; HANISCH, A. N; NIMMO, E. R. Leveraging Traditional Agroforestry Practices to Support Sustainable and Agrobiodiverse Landscapes in Southern Brazil. **Land**, n. 9, v. 6, 2020.

LACERDA, A. E. B. Conservation strategies for Araucaria Forests in Southern Brazil: assessing current and alternative approaches. **Biotropica**, v. 48, n 4, p. 537-544, 2016.

LACOSTE, Y. **De la Géopolitique aux Paysages**: dictionnaire de la géographie. Paris: Armand Colin, 2003.

LAROCCA JÚNIOR, J; LAROCCA, P. L; LIMA, C. A. **Casa eslavo-paranaense**: arquitetura de madeira dos colonos poloneses e ucranianos do sul do Paraná. 1. ed. Ponta Grossa: Larocca Associados S/S Ltda, 2008.

LASY PANSTWOWE. **Forests in Poland**. Varsóvia: Directorate-General of the State Forests, 2017.

LAUTERJUNG, M. B; BERNARDI, A. P; MONTAGNA, T; CANDIDO-RIBEIRO, R; COSTA, N. C. F; MANTOVANI, A; REIS, M. S. Phylogeography of Brazilian pine (*Araucaria angustifolia*): integrative evidence for pre-Columbian anthropogenic dispersal. **Tree Genetics & Genomes**, v. 14, n. 36, p 1-12, 2018.

LAVERDI, R; MASTRÁNGELO, M. (Orgs.). **Desde las profundidades de la Historia Oral**. Buenos Aires: Imago Mundi, 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

LEÃO, E. **O chá do Paraná ou herba matte do Brasil**. Curitiba: Livraria Mundial, 1931.

LOPES, N. O. E. **A indicação geográfica como forma de valorização da biodiversidade no Planalto Norte Catarinense**. 2011. Dissertação (mestrado em Agroecossistemas) – Programa de pós-graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LUCAS, E. M; MAROCCO, J. C. Anurofauna (Amphibia, Anura) em um remanescente de Floresta Ombrófila Mista no Estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. **Biota Neotrop.**, Campinas, v. 11, n. 1, jan./mar. 2011.

LUIZ, R. G; SILVA, M. C. da. Remanescentes de Floresta com araucária na região centro-sul do estado do Paraná e os sentidos de fronteira. **Expedições: Teoria da História & Historiografia**, Goiânia, v. 7, n. 2, 2016.

LUIZ, R. G. **Conservação da biodiversidade, cultivo e produção de erva-mate no município de São Mateus do Sul – PR**. 2017. Dissertação (mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

LUZ, M. **Carijos e barbaquás no Rio Grande do Sul**: resistência camponesa e conservação ambiental no âmbito da fabricação artesanal de erva-mate. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LYNCH, K. **L'image de la cité**. Paris: Dunod, 1999.

MAACK, R. Urwald und Savanne im Landschaftsbild des Staates Parana. **Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin**, v. 3, n. 4, p. 95-116, 1931.

MAACK, R. Notas preliminares sobre o clima, solos e vegetação do Estado do Paraná. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, Curitiba, v. 3, 1948.

- MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1981.
- MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. 3. ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. 4. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.
- MACHADO, A. T; SANTILLI, J; MAGALHÃES, R. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008.
- MAIA, A. G; BAUNAIN, A. M. O novo mapa da população rural brasileira. **Confin**s, Belo Horizonte, n. 25, 2015.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C; ALMEIDA, M. A; OMOTE, S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.
- MARANDOLA, H. L. Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. **Geograficidade**, Niterói, v.8, n.2, 2018. p. 140.
- MARQUES, A. C; REIS, M. S; DENARDIN, V. F. Yerba mate landscapes: forest use and socio-environmental conservation. **Ambiente e sociedade**, São Paulo, v. 22, 2019.
- MARQUES, A. C. **As paisagens do mate e a conservação socioambiental: um estudo junto aos agricultores familiares do planalto norte catarinense**. 2014. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Setor de Ciência Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- MARTINS, A. R. **Ilex-Mate: chá sul-americano**. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1926.
- MARTINS, A. R. **História do Paraná**. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense Plácido e Silva & Cia. Ltda, 1937.
- MARTINS, A. R. **Livro das árvores do Paraná**. 3. ed. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná, Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2005.
- MARTINS, W. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. São Paulo: TA Queiroz, 1989.
- MATTOS, A. G. **Caracterização das práticas de manejo e das populações de erva-mate (*Ilex paraguariensis* A. Sant. Hil) nativa em exploração no planalto norte catarinense**. 2011. Dissertação (Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- MAZUCHOWSKI, J. Z. **A cultura da erva-mate**. Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural, Curitiba: PDFI, 1991.

- MIRA, V. O; MOUGA, D. M. D. S. Diversidade de abelhas silvestres (Hymenoptera: Apoidea) em floresta ombrófila mista em Santa Catarina, Brasil. **Acta Biológica Catarinense**, Florianópolis, n. 7, v. 2, 2020.
- MIRANDA, N; CARVALHO, M. C. W de. **Paraná de madeira**. Curitiba: Gráfica Santa Maria, 2005.
- MIRANDA, N; URBAN, T. **Engenhos e barbaquás**. Curitiba: Posigraf, 1998.
- MONTEIRO, J. M. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MONTOYA, A. R. **Arte y Vocabulario de la lengua Guaraní**. Madrid: Juan Sánchez, 1640.
- MONTOYA, A. R. **Tesoro de la lengua Guaraní**. Madrid: Juan Sánchez, 1639.
- MONTOYA, A. R. **A conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.
- MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de Índio**. 2. ed. São Paulo: Callis, 2010.
- NEGRÃO, F. **Genealogia paranaense**. Curitiba: Imprensa paranaense, v. 3, 1928.
- NIMMO, E. R; NOGUEIRA, J. F. M. M. Sementes da discórdia: o plantio e comércio de erva-mate no contexto missionário e colonial na América Platina. In: FLECK, E. C. D; ROGGE, J. H. (Orgs.). **A ação global da Companhia de Jesus: Embaixada política e mediação cultural**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 376-404.
- NIMMO, E. R; NOGUEIRA, J. F. M. M. Creating hybrid scientific knowledge and practice: the Jesuit and Guaraní cultivation of yerba mate. **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies / Revue canadienne des études latino-américaines et caraïbes**, v. 3, n. 44, p. 347-367, 2019.
- NIMMO, E. R; CARVALHO, A.I; LAVERDI, R.; LACERDA, ANDRÉ E. B. Oral history and traditional ecological knowledge in social innovation and smallholder sovereignty: a case study of erva-mate in Southern Brazil. **Ecology and Society**, v. 25, p. 17-25, 2020.
- NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guaraní e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Rio Jacuí-RS**. 1993. Dissertação (mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, M. de. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1871-1914. **Estud. hist.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 218-237, jun. 2009.

OLIVEIRA, R. R. Mata Atlântica, paleoterritórios e história ambiental. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 11-23. jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, Y. M. M. de; ROTTA, E. Área de distribuição natural de erva-mate (*Ilex paraguariensis*). **Seminário sobre atualidades e perspectivas florestais**. Curitiba: EMBRAPA-CPNF, 1985.

OLIVER, P. **Built to meet needs**: cultural issues in Vernacular Architecture. Oxford: Elsevier LTDA, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 21 de fevereiro de 2020.

ORREDA, J. M. **Pequena história da erva mate**. Irati: Edipar, 1968.

PÁDUA, J. A; CARVALHO, A. I; LAVERDI, R. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: Entrevista com José Augusto Pádua. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 19, n. 2, p. 457-484, 2014.

PARANÁ. Secretaria Estadual de Meio Ambiente. **Mapa das formações fitogeográficas do estado do Paraná**. Curitiba: Instituto de Terras, Cartografia e Geociências, 2009. 1 mapa, arquivo PDF. Escala 1: 2.000.000.

PARANÁ. Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental. **Mapa de unidades hidrográficas do Paraná**: 2006. Curitiba: SEMA/SUDERHSA, 2006. 1 mapa, arquivo PDF. Escala 1:25.000.

PARELLADA, C. I. Revisão dos sítios arqueológicos com mais de seis mil anos BP no Paraná: discussões geoarqueológicas. **FUNDHAMentos**, v. 7, n. 7, p. 118-135, 2008.

PASTELLS, P. S. J. **Historia de la Compañía de Jesús em la Provincia del Paraguay**. Tomo VI. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912.

PEREIRA, A. D; BAZILIO, S; YOSHIOKA, M. H. Mamíferos de médio e grande porte em fragmentos de Floresta Ombrófila Mista, Sul do Brasil. **Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia**, n. 83, p. 133-139, 2018.

PERES, J. A. **Entre as matas de araucárias: cultura e história dos Xokleng em Santa Catarina (1850-1914)**. Recife: Editora UFPE, 2014.

PIRES, E. Z; DALBOSCO, E. Z; GONÇALVES, M. J; TONINI, R. C. G. Biodiversidade de basidiomicetos encontrados em um fragmento de Floresta Ombrófila Mista. **Ambiência**, Guarapuava, v. 10, n. 2, 2014.

PLOEG, J. D. van der. **Camponeses e a arte da agricultura**: um manifesto Chayanoviano. 1. ed. São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp; Editora UFRGS, 2016.

RADOMSKI, M. I; LACERDA, A. E. B; KELLERMANN, B. Sistemas agroflorestais: restauração ambiental e produção no âmbito da floresta Ombrófila Mista. **Documentos EMBRAPA Florestas**, Colombo, n. 276, 2014.

REITZ, R; KLEIN, R. M; REIS, A. **Projeto Madeira de Santa Catarina**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICETTI, J. **Padrões de diversidade de aranhas em floresta ombrófila mista**: variação sazonal, influências da estrutura de microhabitat e de estágios de sucessão florestal. Tese (Doutoramento em Ciências Biológicas). Programa de pós-graduação em Ciências Biológicas e Zoologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

RIESEMBERG, A. 90 anos de navegação à vapor do rio Iguaçu e Negro. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. v. 18, Curitiba, 1973. p.41- 65.

RITTER, C. D; LEMES, R; MORAIS, A. B. B. de; DAMBROS, C. S. Borboletas (Lepidoptera: Hesperioidea e Papilionoidea) de fragmentos de Floresta Ombrófila Mista, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biota Neotrop.**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 361-368, mar., 2011.

ROBINSON, M; DE SOUZA, J.G; MAEZUMI, S.Y; CÁRDENAS, M; PESSENDA, L; PRUFER, K; CORTELETTI, R; SCUNDERLICK, D; MAYLE, F. E; DE BLASIS, P; IRIARTE, J. Uncoupling human and climate drivers of late Holocene vegetation change in southern Brazil. **Scientific Reports**, v. 8, n. 7800, 2018.

RODERJAN, C. V; GALVÃO, F; KUNIYOSHI, Y. S; HATSCHBACH, G. G. As unidades fitogeográficas do estado do Paraná, Brasil. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, n. 24, p. 75-92, 2002.

RODRIGUES, J. B. **Mbaé Kaá**: Tapyiyetá enoyndaua. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

SAINT-HILAIRE, A. **História das plantas mais Notáveis do Brasil e do Paraguai**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

SÁNCHEZ, F; PEREIRA, G. F; GUERNIERI, M. S; WEIHERMANN, S. **Arquitetura em madeira**: uma tradição paranaense. Curitiba: Scientia et Labor, 1987.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, S. C; COSTA, S. K. Arquitetura vernacular ou popular brasileira: conceitos, aspectos construtivos e identidade cultural local. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 24, n. 35, jul./dez. 2017.

SAUER, S; BALESTRO, M. V. **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHERER-NETO, P; STRAUBE, F.C; CARRANO, E; URBEN FILHO, A. Lista das aves do Paraná. **Hori Cadernos Técnicos**, Curitiba, n. 2, 2011.

SCHNEIDER, D. **A construção de uma cultura técnica agropecuária no sul do Brasil: o caso da Colônia Ijuí**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SERRÃO, A. V; **Filosofia da paisagem**: Uma antologia. Lisboa: Vniversitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. **Inventario Florestal Nacional**: principais resultados: Paraná. Brasília, DF: MMA, 2018. (Série Relatórios Técnicos - IFN). Disponível em: <<http://www.florestal.gov.br/publicacoes>>. Acesso em: outubro de 2019.

SILVEIRA FILHO, J. **A acumulação do capital**: o caso da erva-mate no Paraná de 1820 a 1930. 1997. Dissertação (Mestrado em Economia) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, 1997.

TILLEY, C. Materiality in materials. **Archaeological Dialogues**, v. 14, n. 1, p. 16-20, 2007.

TREVISAN, E. **Quando a Província nasceu**: influência do ciclo ervateiro de Morretes e Porto de Cima. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1998.

URBAN, T. **O livro do Matte**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

VANALI, A. C. **A erva-mate e a política paranaense**: análise da legislação provincial para a economia ervateira (1854-1889). 1. ed. Curitiba: Instituto Memória Curitiba, 2013.

VÁSQUEZ, A; MOYNA, P. Studies on maté drinking. **Journal Ethnopharmacol**, v. 18, p. 267-72, 1986.

WACHOWICZ, R. C. A “Febre Brasileira” na imigração polonesa. Curitiba: Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná. v. 1, 1970. p. 29-58.

WACHOWICZ, R. C. **O camponês polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural Casa Romário Martins, 1981.

WACHOWICZ, R. C. **Universidade do mate**: história da UFPR. Curitiba: APUFPR, 1983.

WAIBEL, L. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

WALDSCHMIDT, A. M; MARCO JUNIOR, P; BARROS, E. G; CAMPOS, L. A. O. Análise genética de *Melipona quadrifasciata* (Hymenoptera: Apidae, Meliponinae) com marcadores RAPD. **Revista Brasileira de Biologia**. v. 69, n. 8, 2002.

WALLE, P. **Au Brésil, de l'Uruguay au rio São Francisco**. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 1910.

WEIMER, G. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

WEISS, A. **Augusto Weiss: fotografias do Estúdio Foto Progresso (1890-1970)**. Curitiba: Ed. Voar, 2017.

WESTPHALEN, C. M. Comércio exterior da Província do Paraná. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 127-151, 1985.

WORSTER, D. **Transformaciones de la Tierra**. Montevideo: Coscoroba, 2008.

YERBAÇAL, yerbazal, yerbatal, yerbajal, yerbal. In: ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Diccionario de americanismos**. Disponível em: <https://lema.rae.es/damer/?key=>. Acesso em junho de 2020.

ZAMPIER, A. C. **Avaliação dos níveis de nutrientes, cafeína e taninos após adubação mineral e orgânica, e sua relação com a produtividade na erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil.)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – RELATÓRIO DE ATIVIDADE DE CAMPO NÚMERO 001

(25°59'14.51"S 50°16'4.91"O 800 m.)

A primeira entrevista da série total de seis que serão realizadas ao longo da pesquisa de mestrado ocorreu entre os dias 21 e 22 de março de 2019 na comunidade de Aliança Velha, no município de São Mateus do Sul. Nesta atividade, foram dois entrevistados: Elpídio Oliva e a senhora Rosa Oliva.

Para acessar a propriedade onde hoje vive Elpídio Oliva, faz-se necessária a travessia da ponte do rio Iguaçu na cidade de São Mateus do Sul, acessando, após o trevo, a rodovia BR-476, sentido Lapa. Pouco se anda nesta estrada e logo ao lado direito, passando por uma cuia de mate gigante da ervateira Vier, entra-se à direita. A partir deste momento a estrada é de chão, e, seguindo os conselhos da Engenheira Agrônoma Maria Izabel Radomski, com a qual eu havia conversado uma semana antes da minha ida – e para a infeliz coincidência na semana de seu passamento – segui na estrada principal, escolhendo à esquerda toda vez que passara por bifurcações. Atravessando resquícios de floresta, grandes monoculturas, construções antigas, a comunidade de Cambará, para, enfim, chegar a uma caixa d'água e então virar à direita. Passando o monocultivo de pinus, ao iniciar a floresta do lado esquerdo da estrada, deveria ficar atento, pois na próxima entrada à direita já seria a casa de Elpídio Oliva.

Elpídio vive em um lugar interessante: toda sua história de vida concentra-se nesta paisagem. As memórias de sua família e seus antepassados, as práticas antigas, a infância. Tudo aconteceu aqui. Hoje Elpídio vive em uma casa ao lado da casa de sua mãe Rosa e da de um de seus irmãos.

A propriedade de Elpídio Oliva divide-se em algumas partes, somando o total de 10 alqueires, dos quais em 6 ele planta soja, em 2 milho e em 1 alqueire ele cultiva erva-mate, em um sistema tradicional e experimental.

Pontos relevantes para análise:

A propriedade onde hoje vive Elpídio Oliva estabeleceu-se na década de 1920, à época em que uma grande madeireira movimentava economicamente esta região. A madeireira Aliança, nos anos 1950, mudou-se para mais adiante, em direção ao município de Antônio Olinto, deixando para esta localidade a herança espacial, pois muitas famílias de imigrantes fixaram-se em seu entorno e até hoje ali ficaram, e também no nome: Aliança Velha.

Segundo Elpídio, aqui instalaram-se imigrantes poloneses e construíram um sistema de compartilhamento semelhante a um faxinal, onde os animais circulavam livremente. Colhia-se madeira e erva-mate, além do manejo de alguns animais, como porco, boi, cavalo e galinha. O pai de Elpídio era ferreiro, e especializado em construção de estruturas pra carroças, e também, por esta razão, lidava bem com comércio de cavalos, por isso Elpídio tem um certo conhecimento de montaria, etc. Mas não pratica hoje em dia, somente no passado (fotos mostradas por dona Rosa mostram cenas da família montando cavalos no lugar onde hoje é a casa do Elpídio e antes era um espaço com esta finalidade em frente à casa de dona Rosa e seu Cláudio).

A propriedade de Elpídio é caracterizada por uma sucessão de utilizações, sobretudo de forma intergeracional. O núcleo fundador, estabelecido pelo avô de Elpídio, cuja casa hoje encontra-se abandonada e praticamente nunca frequentada instalou-se nesta localidade dentro de um específico contexto de extrativismo, com a madeira e erva-mate sendo as principais fontes de renda. Lembramos ainda que o trabalho na lavoura era geralmente para consumo próprio, plantando-se ali feijão e milho. Hoje em dia Elpídio planta milho (OGM) e soja (OGM), além da erva-mate.

A prática percebida é que geralmente a mulher sai de seu lugar de origem para ir ao lugar onde vive o homem, e este é o ritual do casamento. Dona Rosa nasceu em Campo do Tenente no ano de 1931, e ali era comarca da Lapa. Mudou-se para esta localidade quando se casou. Seu pai, Pedro Hirtner, nasceu na Polônia e chegou no Brasil com cinco anos de idade, vindo de barco com seus pais e mais dois irmãos. Um dos irmãos foi roubado no dia da chegada no porto e nunca mais foi visto. Portanto, a matriz da propriedade era a casa do pai de Cláudio Oliva, quando se casaram, estabeleceram a casa desta segunda geração a uma determinada distância, e a terceira geração já está mais próxima da segunda, do que a segunda da primeira. Isto pode ser interpretado como uma influência urbana na vida do campo, pois a terceira geração estabeleceu-se 70 anos depois da primeira, no mesmo terreno. Isto nos leva a pensar em diversas transformações das práticas (chego mesmo a pensar na influência da televisão e também na vizinhança com outras propriedades, o espaço se reduziu, e ainda tem a irmã de Elpídio que tem problemas psiquiátricos e necessita de presença familiar próxima).

Apesar de seus terrenos de cultivo de erva-mate serem vizinhos, Elpídio e seu irmão Pedro possuem visões diferentes sobre a floresta, e cada um faz de um jeito. Elpídio não aplica veneno e valoriza a biodiversidade como estratégia para a manutenção do erval. Seu irmão Pedro aplica inseticida. Os dois vivem próximos, mas parece que não se comunicam muito.

Suas casas são parecidas e se organizam de forma semelhante, com o galpão de alvenaria na parte de trás, e estilo construtivo semelhante ao de Dona Rosa.

Nascido em 1974, Elpídio é o mais novo de oito irmãos e casou-se somente na década de 2000. Sua casa foi construída por suas próprias mãos, planejada de sua própria cabeça. Possui uma varanda que contorna a casa, uma cozinha com saída de chaminé, um quarto para o casal e mais dois quartos sendo um para cada filho; um banheiro no centro da casa com chuveiro e a sala com uma televisão. Pela noite e em dias de frio extremo, a cozinha é o espaço social da casa, mesmo para visitas. Já durante o dia e especialmente com pessoas externas, a varanda é o espaço de sociabilidade e de compartilhamento do mate.

Elpídio permitiu que eu dormisse em sua casa, pois um dos quartos estava vazio na noite do dia 21 para o 22, que era de uma quinta para sexta-feira e seu filho estava no colégio agrícola, voltaria somente na sexta depois do almoço. Assim, jantamos massa, carne e mandioca, mateamos por mais alguns minutos e retirei-me para tomar um banho e ir dormir. À noite observava pela janela um enorme pinheiro, que se fazia visível devido ao seu posicionamento contra a luz que a não tão próxima cidade de São Mateus refletia no céu, bem ao fundo. Aquela silhueta, somada à profundidade da história vivida por aquela floresta e narrada por Elpídio naquela tarde, fizera-me mergulhar em uma meditação imaginativa, não sabia se eu estava sonhando ou se passei a noite em claro.

Pontualmente às cinco e meia da manhã, barulhos, para além da fonte que faz uma pequena porção de água escoar a noite toda provocando um ruído aconchegante, acabaram por me despertar. Elpídio já me havia dito que não havia possibilidade de que ele se despertasse nem mais cedo, nem mais tarde. Seu relógio biológico é pontual como o sol, tem hora marcada para despertar. Saio do quarto e logo me deparo com meu anfitrião e sua esposa Sylvana preparando a mesa de café da manhã. Dou bom dia e sou convidado a me juntar a eles para assistir o jornal nacional da manhã mateando.

A primeira atividade do dia é alimentar as aves com milho e soltar os carneiros, que compartilham um espaço inicial atrás do galpão. Posteriormente os mamíferos são levados ao erval da frente da casa do Elpídio onde fazem a manutenção do crescimento de cipós no erval. Depois deste ritual cotidiano, voltamos para a casa e sentamo-nos à mesa, de volta à cozinha, comemos pão com doce de leite, margarina e tomamos café com leite. Tudo pronto para nossa saída para o erval.

O erval que fui conhecer é um tanto diferente do erval do dia anterior, mais recente, ele está implantado em uma floresta regenerada, com traços de práticas agrícolas realizadas em um

momento anterior. Elpídio me disse que esta área foi adquirida por ele e era uma antiga área de roça, extensivamente esgotada, abandonada. Nela ainda se veem marcas de fogo e de árvores derrubadas, mas vê-se também uma bela vegetação recuperada e um erval bastante adensado (a característica do adensamento de Elpídio é de 1 árvore por metro em linha de cinco pés por cinco pés).

Este adensamento também tem uma historicidade própria e é um exemplo de reversão sistemática de prática agrícola, as taquaras foram roçadas e a erva-mate plantada progressivamente, semelhante ao experimento da Embrapa Florestas em Caçador. Pode ser um marco para a paisagem regional.

Passamos a manhã toda analisando o erval, oportunidade na qual Elpídio, além de me mostrar a riqueza da floresta, me explicou sobre os insetos que se alimentam das estimulantes folhas de erva-mate, além dos parasitas e outros fatores que influenciam no crescimento e na saúde das plantas. Voltamos à casa de Elpídio, trajeto todo feito com o Jipinho, para o almoço.

Novamente uma alimentação muito saudável, com alimentos provenientes da horta que fica na parte de trás da casa, além de um saboroso frango, que possivelmente era um dos que alimentamos de manhã, que fora congelado há algum tempo atrás. Depois do almoço fui conhecer dona Rosa e escutar o que ela tinha para compartilhar comigo, além de ter sido muito gentil em me levar para conhecer sua casa, que foi verdadeiramente uma aula sobre como as formas e a organização experimentada por alguém durante a infância influencia na organização e planejamento na vida adulta. A casa de Elpídio era totalmente inspirada na casa de sua mãe, só que foi construída em tempos e com materiais diferentes.

A parte de trás da casa é onde se concentra a produção de alimento local, abóbora, alecrim, alface e demais plantas alimentícias existem ali. A casa de Dona Rosa também tem na varanda o seu centro de sociabilidade. Apesar de nossa conversa ter acontecido na casa de Elpídio, posteriormente fui levado a conhecer sua casa, que também está cercada por erva-mate muito antigas, assim como a casa de seu filho, meu anfitrião.

Interpretações fotográficas:

Figura 1: Zona de transição entre lavoura de soja e remanescente florestal.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 1) Ao direcionar-me à propriedade de Elpídio, atravessando vários fragmentos de paisagem, tipologias de práticas agrícolas e significações do espaço, deparei-me com esta cena e senti a necessidade de registrá-la. Esta fotografia representa um momento de transição, de fronteira e de atrito. Vê-se um sistema convencional de produção de soja ao lado de um sistema tradicional de produção de erva-mate.

A oposição entre os dois é evidente e um tanto chocante: sente-se na pele a diferença que estes dois sistemas proporcionam na circulação de ar e manutenção da umidade. O ar passa mais rápido pela soja, sem resistência em sua superfície, onde o solo está coberto por muitos organismos de um só indivíduo, todas estas plantas são clones, são uma só. Crescem no mesmo ritmo, consomem a mesma quantidade de água, maduram no mesmo dia. Já na floresta, onde a erva-mate é colhida no sub-bosque, cada indivíduo tem sua função, sua história dentro do bioma. Esta cena me remete ao contraponto máximo. O coletivo e o individual, em várias perspectivas.

Fica claro que os sistemas agroflorestais devem ser mais valorizados, divulgados, otimizados. Eles representam uma alternativa viável para um futuro com menos subtração, mais sustentável e com maior durabilidade ao longo do tempo.

Figura 2: Encaixe sem pregos dentro da oficina de Cláudio Oliva.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 2 :Antiga construção que abrigara uma oficina



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 2 e 3) As figuras acima representam algumas das práticas antigas aplicadas à paisagem dos contemporâneos tradicionais sistemas de produção de erva-mate. Esta construção, feita inteiramente em madeira, barro (telhas) e ferro (alguns pregos e dobradiças), foi utilizada pelo pai de Elpídio, senhor Cláudio Oliva, da segunda geração de habitantes fixos neste terreno, como seu espaço de trabalho paralelo à roça e ao erval. Aqui funcionava uma oficina de ferreiro, ofício que Cláudio praticava. Fazia peças para carroças, o que fez com que se relacionasse, ao longo da vida, com cavalos.

Esta construção é carregada de significados e memórias, não sendo mais utilizada como oficina, ela é hoje um memorial não formal da família Oliva. Aqui estão alguns brinquedos de crianças hoje adultas, pedaços de projetos antigos. Apesar de uma certa desorganização, tudo ali faz sentido. Inclusive a estrutura construtiva, como fez questão de me mostrar Elpídio, ao evidenciar-me a herança polonesa de construção sem a utilização de pregos, somente com encaixes.

Próximo a este local, que fica ao lado da casa de dona Rosa Oliva, como pode-se verificar no croqui, existia ainda um grande e antigo buraco no chão, que era utilizado como forno para secagem de erva-mate, de acordo com o que me relatou Elpídio.

Figura 4: alinhamento de jovens erveiras dentro de erval adensado por Elpídio.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 4) A imagem acima mostra um estilo bastante peculiar de prática agrícola desenvolvido por Elpídio, que é agricultor experimentador. Ele adensou o seu erval, mais próximo à sua casa, com linhas de erveiras que distam um metro uma de cada, em grupos de cinco por cinco, abrindo um corredor nestes espaços para circular durante o período de colheita das folhas. Para auxiliar na manutenção do crescimento de plantas no chão, Elpídio tem utilizado carneiros, que, segundo sua experiência, comem os cipós que sufocam as erveiras, porém compactam demais o solo, por ter a pata pequena e um peso relativamente grande.

Figura 5: Prática de implantação de erval em substituição à taquara.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 5) Um importante elemento da interação das práticas agrícolas com as condições da biodiversidade nativa, originando conhecimentos, práticas e modificações na paisagem é a presença dos imensos taquarais na região. A taquara é uma gramínea nativa cuja raiz tem um alto grau da dispersão por debaixo da terra, formando blocos maciços de raiz que impedem com que a vegetação se regenere. Ocorrendo geralmente em áreas que foram descampadas por atividades de agricultura extensiva abandonadas, a taquara tem um ciclo de vida de aproximadamente 30 anos, portanto, ao momento em que ela se fixa e se espalha em determinada área, dificultam-se tanto o processo de regeneração florestal quanto de implantação de alguma nova atividade agrícola.

Elpídio desenvolveu um método de corte do taquaral, que deve ocorrer na minguante de maio. Roçando as taquaras, Elpídio imediatamente planta mudas de erva-mate. Paralelamente, a partir de que o taquaral vai sendo aberto, o bando de sementes presente no solo faz com que outras espécies passem a crescer na determinada área. Assim, ao mesmo tempo em que avança sobre o taquaral, Elpídio vai consolidando um erval e uma floresta.

Figura 6: Elpídio nos cuidados com o erval.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 7: Eral em processo de estabelecimento, com jovens plantas ainda crescendo.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 6 e 7) Estas fotografias servem como testemunho de que o manejo do erval adensado é uma prática agrícola que requer cuidado, análise e compreensão das respostas que não somente as plantas de erva-mate vão dando, mas também as outras espécies. É um processo de interação múltipla entre espécies, onde o ser humano é somente mais um dos agentes que agem constantemente nas dinâmicas naturais. Esta é uma paisagem híbrida, pois a copada da floresta e sua distribuição deram-se a partir dos pássaros e da distribuição das sementes. Já o sub-bosque está organizado a partir da lógica humana. É uma obra de arte, uma construção histórica, interação sistêmica.

Figura 8: Atrás de sua casa Elpídio mantém um berçário de erva-mateiras.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 9: Abóboras e outras plantas alimentícias compõem o jardim da casa de Dona Rosa Oliva.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 8 e 9) A prática agrícola dentro de um sistema tradicional envolve, em várias vezes, o processo mesmo inicial da vida das plantas de erva-mate. Com uma conhecida e dificultosa germinação, as sementes de erva-mate coletadas por Elpídio em algumas matrizes que mantém em sua propriedade são processadas por um período de tempo de ao menos seis meses, passando por diferentes condições de solo, umidade, etc., até que germinem. O sistema torna-se sustentável a partir do momento em que as sementes provenientes de seu próprio ciclo, retornam ao ambiente em forma de jovens plantas, sem adicionar elementos externos, ou seja, não transfere matéria nem energia de um ciclo fechado para outro.

A germinação das sementes no que Elpídio chama de berçário ocorre ao lado de sua horta caseira, onde cultiva milho, alface, cenoura, tomate. Alimentos de consumo próprio, que requerem um cuidado cotidiano. Alimentos que ficam na parte de trás da casa também ocorrem na casa de Dona Rosa, como mostra a figura 9.

Figura 10: Marca de incêndio no tronco de uma antiga Imbuia.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 10) Conforme o representado nos croquis referentes à atividade de campo 001, verifica-se o fato de que Elpídio possui dois ervaais separados. Um fica logo em frente à sua casa e o outro fica a uma certa distância. Este segundo erval é o mais recente, onde Elpídio roça as taquaras. Ele comprou esta área por um preço relativamente barato, pois era uma área de floresta regenerada, que ficou abandonada por 42 anos. Antes, a área que ele adquiriu e onde se situa o seu erval, era uma área de intensa atividade agrícola, sendo uma roça antiga. Dentro da floresta encontramos inúmeros elementos que nos revelam suas características antigas, tais como camadas de carbono no solo (conforme a atividade de campo realizada em fevereiro de 2019 com a Maria Izabel) e estas árvores testemunhas de um incêndio. Esta é a historicidade da floresta regenerada, e que não deixa de ser relacionada à historicidade dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

APÊNDICE B – RELATÓRIO DE ATIVIDADE DE CAMPO NÚMERO 002

(25°58'16.56"S 50°13'40.95"O 859m.)

A segunda atividade de campo da pesquisa de mestrado foi realizada durante uma quinta-feira, dia 16 de maio de 2019, no município de Antônio Olinto, mais precisamente na comunidade de Três Poços. Lá, fui recebido por meus anfitriões Verônica Iavorski Oliva e Juliano Oliva. Juliano é o irmão mais velho de Elpídio Oliva, portanto, é filho de Dona Rosa e Senhor Cláudio Oliva. Meu contato com a família de Juliano se deu através do intermédio de Elpídio e da ajuda e disponibilidade de sua sobrinha, Jéssica Oliva, que inúmeras vezes me contatou para a realização deste campo. A propriedade de Juliano Oliva é bastante específica, pois possui características de relevo bastante próprias e a historicidade desta propriedade está muito relacionada à condição do relevo deste lugar.

Para chegar até a localidade, tendo em vista que nunca antes eu havia estado no município de Antônio Olinto e tampouco na comunidade acima citada, necessitei da ajuda de meu amigo Elpídio Oliva. Cheguei em sua casa pela manhã, algumas coisas ali já haviam mudado, principalmente relacionado à construção de uma parte nova entre o galpão e sua casa. Elpídio construíra uma churrasqueira e um forno de assar pão, me mostrou com satisfação os andamentos da obra, uma conquista de seu próprio trabalho.

Rapidamente esboçou-me um croqui para me auxiliar a chegar na casa de seu irmão, utilizando algumas referências para me orientar. Portões e lavouras de feijão, assim como um rancho, seriam elementos que eu deveria prestar atenção para não me perder no caminho. Elpídio decidiu, por experiência própria, que seria melhor ir me guiando na frente com sua moto, até um determinado ponto do trajeto, e assim, saímos rumo à casa de Juliano Oliva para realizar a segunda entrevista.

O dia anterior havia sido de chuva relativamente intensa, o que fez com que o caminho fosse um tanto quanto escorregadio, com alguns pontos perigosos para atolar. No início, causou-me um pouco de preocupação o fato de Elpídio estar andando de motocicleta em um terreno tão não-convidativo, mas sua habilidade ao conduzir e a naturalidade com que enfrentava adversidades dos diversos ambientes que cruzamos me fez perceber que aquela não era a primeira e provavelmente não seria a última vez que Elpídio se deslocava por aqueles caminhos em tal condição.

Ao longo do percurso que fizemos juntos, atravessamos paisagens com diversas formas organizacionais e históricas. Algumas partes me lembravam antigos faxinais, em processo avançado de desconfiguração, porém com práticas bastante estabelecidas: vacas soltas, pequenas casas de madeira concentradas no entorno da via de acesso, mata-burros na entrada e na saída. Atravessávamos aqueles lugares, repletos de história, como se fizéssemos uma visita instantânea a tempos que já não são mais o tempo presente.

No final da segunda propriedade que funcionava como uma comunidade, havia, ao lado de uma intensa queda d'água, que se fazia presente não visualmente, mas pela força de seu barulho, um portão de madeira. Ali me despedi de Elpídio, que voltaria para sua casa, e a partir de agora o croqui esboçado por ele, havia pouco tempo, me serviria de guia. Nosso aperto de mão foi amigável, a partir do portão, uma extensa subida com chão de lama me esperava.

Não foi necessário muito esforço e já percebia vários dos elementos desenhados por Elpídio ao meu redor, o que me confortou, pois dificilmente eu não encontraria o meu destino final. Após uma estrada bifurcada para a esquerda eu deveria me atentar, pois um portão estaria em seguida, do lado direito, posicionado em uma subida, ali era a entrada da propriedade de Juliano Oliva.

A entrada da propriedade de Juliano é bastante peculiar. Situada em uma subida íngreme, o portão é feito em alumínio, mas imita os tradicionais portões de madeira em seu formato e funcionalidade, sendo amarrado a uma estaca de madeira. O peso é leve, bem diferente dos pesados e complicados portões de madeira que encontramos ao longo do interior do Paraná. Na subida, escorreguei com o carro, mas nada que não fosse de factível solução.

Ao acessar um planalto, após a subida, já avistei a casa, várias construções, animais e um bambuzal, onde estacionei o carro. Logo ao sair já me deparei com meu anfitrião, que foi me receber e me cumprimentar. Juliano não lembra seu irmão mais novo de aparência, mas a forma de falar não há como negar o parentesco.

Fui recebido por Juliano e Verônica na varanda da casa onde vivem desde a primeira metade da década de 90. A casa, construída por Juliano, com suas próprias mãos, é uma clara referência à casa de sua mãe, Rosa Oliva, pois os pontos de entrada e sequência de ambientes de assemelha muito. Inclusive o esquema da varanda que acompanha dois lados da casa, o que acontece na casa de Elpídio também. Logo me ofereceram um mate e a entrevista acabou nascendo.

Pontos relevantes para análise:

Diferentemente da tradição de deslocamento da mulher para o lugar do homem, Juliano e Verônica representam um caso à parte nesta lógica. Verônica, que é ao menos uma década mais jovem que Juliano, era filha única, quando seu pai faleceu, ela ficou sozinha com sua mãe já idosa para tocar a propriedade. Foi nesta situação que se casou com Juliano, que saiu da Aliança Velha e se instalou nesta propriedade. Portanto, a história da propriedade está sobretudo ligada à história da família Iavorski.

Nascido no ano de 1961, Juliano Oliva mudou-se para a propriedade dos pais de Verônica na década de 1990, construindo sua nova casa em um local bem próximo da matriz fundadora, que é a casa dos pais de Verônica. Eles haviam chegado nesta localidade na década de 1940, estabelecendo roça e usufruindo da disponibilidade de madeira e comercialização de erva-mate. Assim como em outras propriedades, nesta também há um barbaquá inutilizado, herança de momentos passados.

Os pais de Verônica cultivavam um erval que ficava no entorno da casa, extraindo os galhos de erva mate deste erval com uma certa frequência de tempo. Posteriormente, Juliano decidiu adensar uma parte de floresta na parte mais baixa do terreno, próxima ao portão de alumínio. Este erval foi adensado recentemente e é uma importante fonte de renda para Juliano. Desta forma, existem dois ervais dentro da propriedade: o antigo, em ser, utilizado na primeira geração, é mais aberto e o gado pode circular embaixo. Está gradativamente morrendo, pois já são vistas erveiras secas nesta parte. Dividido por uma grade eletrificada, começa o segundo erval, este em um sistema agroflorestal denso, com boa variedade de biodiversidade. São duas historicidades paralelas que se encostam na paisagem, quase sobrepondo-se. São práticas provenientes de momentos diferentes.

O terreno é curiosamente dividido em três partes, quase iguais em tamanho, mas com funcionalidades diversas. A parte inicial é coberta pelos ervais, sendo o primeiro (sentido casa) o adensado e o segundo o erval mais antigo. A segunda parte da propriedade é um plano, onde se estabeleceram as construções, sendo situadas bastante próximas as casas das duas gerações, tanto por motivos de geografia quanto de questão histórica das pessoas que aqui viviam. A terceira parte, mais alta e menos íngreme que a primeira é a roça, a lavoura. Esta parte acumula práticas de agricultura há décadas, e hoje é abastecida por insumos.

Esta divisão fez com que as casas intergeracionais se aproximassem e que, conseqüentemente, seu formato fosse adaptado à condição de proximidade com outras construções, sendo mais comprida do que as construções de Elpídio e Pedro Oliva. No conjunto construtivo no qual vivem Verônica, Juliano e Jéssica, os edifícios são uns ligados aos outros por portas, então vai-se da varanda, entra-se na cozinha, na área de serviço com churrasqueira e forno de pão (assim como Elpídio), na garagem e por fim no galpão, onde estão guardadas as ferramentas necessárias para a vida na agricultura (tratores, arado, sementeira, etc.).

Já a parte construída antiga segue uma lógica semelhante, sendo a cozinha separada dos quartos e do banheiro, além da presença de um galpão que servira também como oficina para meios de transporte e um depósito de armazenamento de erva-mate. Os croquis darão conta de explicar esta forma organizativa do espaço nesta propriedade.

Basicamente, portanto, esta propriedade vem promovendo alterações no ambiente desde ao menos 70 anos, transformando a paisagem ativamente a partir de construções, adaptações de terreno, práticas de cultivo, etc. E sua configuração contemporânea é o resultado da interação de duas gerações sob o mesmo espaço, com diferentes recursos e necessidades. Vê-se isso claramente nas transformações da lavoura, na organização do espaço construído e no manejo do erval.

Análise fotográfica:

Figura 1: Elpídio guia nosso automóvel em direção ao ponto de despedida.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 1) Elpídio conhece muito bem a região e desvia com enorme habilidade os buracos e atoleiros da estrada. O que chama a atenção nesta fotografia é a reflexão acerca do meio de transporte e suas transformações ao longo do tempo. Em diversas fotografias antigas vemos agricultores colonos andando a cavalo, o principal meio de locomoção sem carga e individual nos períodos de formação desta paisagem. A carroça, por vezes movia a cavalos e por outra a boi, era uma forma de transporte de carga. Hoje em dia vê-se tratores, veículos e motocicletas fazendo a interconectividade das áreas rurais com a cidade, em uma relevante forma de aproximação de estilos de vida. O campo ficou mais perto da cidade e vice-versa, proporcionando novas trocas e conformação de diferentes práticas e perspectivas.

Ao passarmos pelas estradas do interior, assistimos diversas formas de organização do espaço da pequena propriedade rural. Nesta região em especial, vê-se a maciça presença de ervais adensados sempre próximos às casas, que na maioria das vezes tem traços de matriz polonesa, com a presença de varandas e ornamentos pontuais. Destacam-se os galpões construídos por descendentes de ucranianos na paisagem, pois geralmente são construídos em tijolos e possuem um formato bastante característico. No trajeto entre as duas propriedades pudemos observar uma destas construções.

Figura 2: A casa de Juliano e Verônica Oliva em perspectiva.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 3: A varanda foi novamente o espaço de sociabilidade, com o compartilhamento do mate.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 2 e 3) A casa de Juliano, como já mencionado acima, possui uma estrutura específica de organização. Como pode-se ver na segunda imagem, a casa é composta por uma sequência de construções que se conectam por dentro. Assim, cada parte possui uma finalidade e uma característica. Os espaços são equivalentes aos que vimos na propriedade de Elpídio, porém dispostos a partir da condição de relevo e da necessidade de proximidade com a habitação matriz do terreno. O detalhe no pórtico da construção habitacional, com uma estátua de São Jorge, me chamou bastante atenção.

Assim como na atividade de campo realizada em São Mateus, aqui também se vê a varanda como o centro social da casa. Existem ali dois bancos compridos de madeira e geralmente senta-se de frente um para o outro e toma-se o mate. A roda de mate não para até que se diga “obrigado”. O porongo na imagem acima é de estima de Juliano, já foi quebrado duas vezes por sua filha Jéssica, mas segue em plena atividade.

Figura 4: A biodiversidade do erval adensado de Juliano Oliva.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 4: Juliano observa seu erval atentamente.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 4 e 5) Juliano maneja, como dito anteriormente, dois estilos de erval em sua propriedade. Um já mais antigo e outro recentemente adensado. O conhecimento e a observação do crescimento e saúde das plantas é fundamental para que a colheita das folhas seja positiva para o agricultor. Nas imagens acima, vemos o erval adensado, com uma boa variedade de biodiversidade compartilhando o espaço florestal junto com a erva-mate.

Figura 6: Juliano mostra seu forno de carvão, construído com as próprias mãos.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 6) O carvão produzido e comercializado por ele é proveniente de madeiras dispensadas por proprietários ou empresas que, ao abrir a roça para a implantação de sistemas convencionais, se desfazem de tocos de madeira. Ele os seca, em um processo um tanto lento, para que o carvão possa se formar sem que se transforme em cinza. Desta forma, a presença de oxigênio é a menos desejada dentro do forno, que deve ser bem vedado e levar uma semana para que o carvão sai pronto. O carvão é depositado em sacos dentro de um casebre que fica no meio do erval de Juliano.

Figura 7: Vista panorâmica da propriedade. 5



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 7) A imagem acima representa uma visão onde pode-se observar, à distância, a forma organizacional da propriedade de Juliano Oliva. Vê-se, da esquerda para a direita, em sequência: o antigo barbaquá, o antigo depósito de milho e a sequência que compõe a casa (galpão, garagem, área de dispensa e casa). Esta última sequência construtiva data dos anos 1990, e está logo em frente do pequeno vilarejo matriz.

Figura 8: Juliano Oliva posa em frente ao antigo barbaquá.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 8) Esta imagem é bastante representativa, pois aqui apresentam-se o antigo centro da propriedade, o lugar de processamento de erva-mate, que hoje encontra-se desativado. Juliano, transformador ativo desta paisagem, posa ao lado do buraco onde antes era a entrada de fogo do carijo, etapa precedente ao processamento com trituração de erva-mate no barbaquá. A estrutura se situa em um caminho cuja saída é no centro da cidade de Antônio Olinto, então é plausível especular-se a relação entre a produção desta antiga estrutura e sua rede de comunicação e comércio com centros.

É um importante lugar de memória desta propriedade, e está intimamente relacionado a todas as construções presentes no plano de fundo. Do lado esquerdo, o antigo, porém ainda ativo curral de animais, onde ficam porcos, vacas, etc. Do lado direito e ao fundo, o galpão, que foi construído com tábuas de uma estrutura antiga, é produto de uma temporalidade dupla. Talvez uma resignificação de memória?

APÊNDICE C – RELATÓRIO DE ATIVIDADE DE CAMPO NÚMERO 003

(25°56'58.12"S 50°24'12.41"O 785m.)

A visita à propriedade de Belarmino Silveira ocorreu no dia 16 de outubro de 2019, uma quarta-feira. Saindo de Curitiba às 6:30 da manhã, eu e Eduardo Mendes – meu amigo pessoal e auxiliar administrativo da captação de imagens e som – chegamos à sede da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de São Mateus do Sul às 9:30, onde nos encontramos com Demerval “Zé Carioca” Farias, nosso guia local e quem nos levaria até a casa onde estaria Belarmino.

Chegamos, conforme o combinado, às 10:21 na casa de Belarmino, uma pequena casa onde ele dorme e vive enquanto está em São Mateus. Geralmente ele fica na Lapa, por razões históricas, sobretudo relacionadas à produção de erva-mate.

Belarmino nasceu em 1948, em Porto Ribeiro, às margens do rio Negro (hoje esta localidade faz parte de São Mateus do Sul, na divisa com Santa Catarina). Mas desde pequeno viveu na Lapa, pois seu pai fundara, em 1944, com seus irmãos, a indústria de erva-mate Legendária, que existiu até o ano de 2019. Porém, desde criança, Belarmino estava acostumado a frequentar a casa matriz da propriedade, pois ali viviam seus avós, que já na década de 40 haviam reformado esta casa principal.

No texto a seguir, iremos passar pontualmente sobre questões relevantes relacionadas à historicidade da propriedade de Belarmino, que é referência e testemunho da história dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate:

Pontos relevantes para análise:

A propriedade de Belarmino Silveira era muito maior do que ela é hoje, pois foi sendo progressivamente dividida por heranças. Seu avô, por exemplo, teve 10 filhos. Mas o fato é que esta propriedade foi concedida para uso pleno de seu tataravô, Francisco Portes, que foi um militar, aliado do Império, responsável por colonizar estas terras. Isso justifica a excelente posição, muito próxima e de costas para o rio Iguaçu, da casa matriz, que acredito poder ser da década de 1850, e que, conseqüentemente, já sofreu sucessivas transformações e reconfigurações em sua forma, mas não deixa de ser um importante elemento atrelado à História Ambiental da região.

A família Portes, fundadora desta propriedade e pioneira na região tem ascendentes na França, mas vieram de Portugal, e tornaram-se muito influentes na política regional pelas suas

proximidades com os governos e estruturas dominantes. Quando a concessão foi dada a Francisco Portes, ele se tornou o Coronel da região, juiz, delegado, fiador, colonizador, industrial, etc. No cemitério de São Miguel da Roseira existem vários Portes, além de diversos outros nomes de origem portuguesa, o que nos chamou a atenção, pois mostra que esta região específica da área de estudo não é tão marcada pela presença de poloneses e ucranianos, fato que discutiremos ainda neste relatório.

Os filhos do fundador (2ª geração) iniciaram uma madeireira na propriedade, e extraíam Imbuia, Pinheiro, Canela e todo o tipo de madeira, assim como promoviam a extração de erva-mate. As pessoas trabalhavam para eles, vivendo dentro de sua propriedade. Assim, imigrantes poloneses, caboclos e ucranianos chegaram a estabelecer moradia na propriedade e, portanto, a paisagem contemporânea desta antiga propriedade é repleta de estilos construtivos meio fundidos. A casa onde vive Belarmino é a antiga casa de um trabalhador da madeireira, que era de origem polonesa. A casa data, provavelmente, da década de 1940, e é cheia de detalhes tipicamente poloneses. Uma questão importante é a seguinte: a temporalidade do ambiente é o que ditava os comportamentos dos camponeses. A madeireira tinha atividade permanente, então as pessoas envolvidas nela trabalhavam sem parar, cortando árvores, transportando e processando as toras que eram transportadas até Porto Amazonas de barco, pelo Iguaçu, onde eram transferidas para o trem, levadas até suas mais variadas destinações – acredito que Curitiba, Paranaguá e Antonina.

Em setembro havia a roça de milho, então tinha que roçar carpir, etc. No final do verão, lá por fevereiro, acabava o trabalho na roça e iniciava a roçada do erval. De quatro em quatro anos, de forma seletiva – tirando o que não era de utilidade prática (Vassourão, Miguel Pintado).

À minha percepção, a floresta dentro da propriedade sobreviveu devido à erva-mate. Eles produziam a própria erva-mate que era processada na indústria Legendária, além de que a área antigamente florestada hoje é ocupada por gigantescas plantações de milho e soja, geralmente arrendadas por Belarmino para terceiros, e o pagamento dá-se proporcionalmente à safra. Mas a impressão que tenho é a seguinte: esta propriedade é bem antiga, com certeza é um exemplo de propriedade pioneira na região, de uma elite luso-brasileira. Na historicidade da propriedade, encontramos a exploração madeireira, da erva-mate e do gado. Encontramos também o estabelecimento de imigrantes de diferentes etnias ao longo dos processos da fazenda. Assim, diversas camadas se sobrepõem e vivem juntas. Eu acredito que podemos olhar para esse lugar como uma das origens dos sistemas tradicionais, pois provavelmente indígenas trabalhavam aqui antigamente, e assim o conhecimento foi sendo passado, de etnia pra etnia,

todos trabalhando juntos para conseguir viver. Trabalhavam para o grande chefe da região, portanto deviam ser bastante obedientes e disciplinados no trabalho. Pode ser que a coisa foi se expandindo desde ali, ou co-expandiu em diversos polos locais, confluindo-se no estabelecimento dos sistemas de produção de erva-mate sombreada. Belarmino afirma que existem muito mais de 100 mil pés de erva-mate em sua propriedade, e geralmente ocorrem em ser, mas ele tem dois adensamentos, um feito há 30 anos atrás, e um outro há oito anos.

É relevante levantar informações sobre o processo de estabelecimento não de colônias, mas de núcleos povoadores, pois São Miguel da Roseira parece isso. Ao observar o cemitério vemos sobrenomes de origem lusitana, tais como Ribeiro, Silvério, Martins. Todos nascidos na região no final do XIX e início do XX (1898, 1901...). A família Portes é a mais rica da região, ao menos pensando antigamente. Hoje em dia não deve ser mais.

Pontos em comum com outras propriedades:

- Temporalidade construtiva, assim como as outras, esta propriedade possui um abrigo matriz, porém de estilo construtivo diferente do tradicional polonês. Mas tem varanda. Lembra um pouco o estilo norte-americano, mas não tenho certeza nenhuma sobre a edificação;
- As gerações seguintes foram se estabelecendo a partir desta matriz, e a casa onde Belarmino habita hoje está em uma terceira linha (lembrando que ela é da década de 40 e o Belarmino viveu toda a vida na Lapa, fora desta propriedade). A casa sofreu alterações recentes (última década), adaptando-se às necessidades contemporâneas, como a inclusão de uma garagem, onde senta-se para conversar e matear;
- Possui estruturas de antigo barbaquá, assim como possui também uma estrutura de marcar gado. São mais distantes da casa habitacional, assim como ocorre na propriedade de Juliano Oliva, com as estruturas funcionais da propriedade (galpão, etc.). Então havia a madeireira, hoje inexistente, a serraria, também inexistente, mas é cheio de galpões e estruturas de armazenamento, etc.
- A floresta é repleta de historicidade: assim como o pinheiro machucado de Juliano Oliva ou a Floresta regenerada de Elpídio (fotografia da Imbuia queimada), a Imbuia gigantesca de Belarmino existe graças ao seu formato inadequado para a produção de tábuas de madeira ou de dormentes para o trilho do trem.

Interpretações fotográficas:

Figura 1: A casa hoje habitada por Belarmino Silveira.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 2: Detalhes da varanda da habitação construída na década de 1940.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 1 e 2) A casa onde hoje vive Belarmino, não permanentemente, mas sim de forma temporária e paralela com sua vida na Lapa, possui traços híbridos. Vários detalhes em estilo polonês, como a varanda e os *lambrequins*, além do tradicional feixe para barrar vento instalado nas juntas das tábuas que são feitas de pinheiro. A casa foi construída, supostamente, na década de 1940, tendo sofrido uma reforma na última década, quando uma garagem foi inserida na parte de trás da casa, descaracterizando sua configuração original. Foi construída por um trabalhador da madeireira, de origem polonesa, que viveu nesta casa por um período de tempo desconhecido.

Diferentemente das outras propriedades até aqui visitadas, a propriedade de Belarmino é muito grande, e acaba que os núcleos habitacionais nem se comunicam, então não há exatamente uma centralidade em sua propriedade, apesar de que podemos partir de sua casa como referência para as outras, pois é a mais bem conservada e que concentra a história local, com os mapas, retratos e conhecimentos.

Figura 6: Galpão da propriedade construído em estilo semelhante a outras propriedades da região.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 3) Esta imagem representa mais um marco histórico da agricultura na região. Semelhantemente às outras propriedades até aqui visitadas, o galpão exerce uma função logística e organizacional fundamental ao longo do tempo dentro das propriedades dos sistemas

tradicionais de produção de erva-mate: é o centro funcional da atividade agrícola, pois aqui estão as ferramentas de trabalho (tratores, plantadeiras, colheitadeiras, motosserra, sementes, adubo). E este exemplar é interessante, pois sua base é de tronco de madeira, assim como na propriedade de Juliano Oliva. Segundo Belarmino e Zé, as estruturas mais antigas ainda possuem os pés de madeira, e não de alvenaria. O formato me chamou a atenção por ser semelhante ao de Juliano.

Figura 4: No cemitério de São Miguel, jazigo de João Ribeiro Portes.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 4) O jazigo de João Ribeiro Portes me chamou a atenção por alguns motivos: 1876 foi o ano em que ele nasceu, com certeza já nesta localidade, ou ao menos na antiga jurisdição da Lapa, que ia exatamente até São Miguel da Roseira (Roseira era a propriedade da família Portes). Família Ribeiro, do Porto Ribeiro? As alianças políticas e familiares das práticas coloniais se repetem da capital ao interior. Preciso estudar o processo de ocupação político da região para entender quem eram os Portes e quem eram os Ribeiros. Ribeiro é um sobrenome antigo em Curitiba, pode ser que tenha relação com este.

Figura 7: Gado junto com floresta, detalhe para as orelhas dos animais.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 5) O gado e o erval, uma longa história de adaptabilidade e coexistência. Com ciclos de comércio e troca paralelos, uma propriedade rural é apta a cultivar estes dois tipos de alimento. O boi roça o erval e diminui para menos da metade a necessidade de aplicação de trabalho humano nesta prática. Já escutei falarem sobre o sabor que o boi transmite às folhas de erva-mate, mas o Belarmino não falou nada sobre isso.

O detalhe apontado aqui, para além do reconhecimento que os bois fazem ao ser humano, sempre notando sua presença e reconhecendo comandos, Belarmino mencionou a historicidade presente na forma de marcar os animais: a orelha esquerda lisa e a direita com duas marcas na parte de baixo, como pode-se verificar na imagem. Esta prática remonta aos sistemas de faxinais, que foram progressivamente se extinguindo, mas que encontram sobrevivência e historicidade em detalhes como este.

Figura 6: Estrutura de antigo barbaquá



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 6) A estrutura construtiva do antigo barbaquá é um testemunho do processo histórico de estabelecimento e funcionamento de um Sistema produtivo antigo. Segundo Belarmino, todas as propriedades antigas, por menor que fossem, tinham uma estrutura de processamento de erva-mate, pois a unidade comercial era a erva cancheada, ou seja, a erva que já passara pelo processo de sapeco, secagem e peneira. Esta erva era comprada por comerciantes que tinham docas nos portos fluviais, e geralmente tinham acordo com empresas maiores de Curitiba, etc.

A erva-mate produzida nestas pequenas propriedades ia de barco até Porto Amazonas, e de lá seguia para Curitiba para ser classificada e depois exportada. A que era de Mafra, Canoinhas, etc. era enviada diretamente a Paranaguá e Antonina (vide exemplo da Meirelles).

A erva-mate representava para o pequeno agricultor uma renda garantida, e que geralmente vinha no final do ano. Já ouvi dizer que muitos barbaquás pegavam fogo. Acredito.

Figura 7: Peneira para separar erva-mate moída. Tábuas em Imbuia.⁸



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 7) A peneira que separava a erva-mate dentro da estrutura do barbaquá pode ser interpretada a partir da história dos objetos e das florestas. Ela era uma estrutura essencial para o funcionamento do barbaquá. Feita de tábua de Imbuia, com uma durabilidade incrível, estas grades da peneira representam uma interação bastante específica entre necessidade e oferta do meio, transformada a partir do trabalho e da técnica. Este é um interessante objeto histórico. Erva-mate, Imbuia, adaptação.

Figura 8: Casa matriz da propriedade. Em estilo ainda desconhecido, foi construída na década de 1860, reformada na década de 1940.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 9 Em perspectiva lateral, com destaque para a varanda e o segundo andar com duas amplas janelas.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 8 e 9) A casa matriz da propriedade é de relevante valor histórico para a região do médio rio Iguaçu, pois de fato representa o estabelecimento de uma nova dinâmica para este espaço. Ela se situa há aproximados 200 metros do Rio Iguaçu, e foi exatamente neste ponto onde o Major Francisco Portes estabeleceu sua casa, após ter recebido a concessão de terras do governo Imperial entre 1840-1850 (não se sabe exatamente). Nesta casa, em 1894, durante a Revolução Federalista, o esquadrão polaco degolou alguém da família do Belarmino.

Nascido em Porto Ribeiro, às margens do rio Negro no ano de 1943, Belarmino desde criança frequentava esta casa, que foi reformada em sua infância pelo seu avô, também chamado Chico Portes.

Não consigo interpretar o estilo arquitetônico da casa, mas ela me lembra casas rurais estadunidenses, no que chamam de estilo crioulo. Acredito que ela seja um eclético, com presença de vários elementos. Mas a varanda e a organização da disposição de elementos arquitetônicos são bastante interessantes.

Figura 10: A alta adaptabilidade da erva-mate, nesta foto, nascendo a partir da deterioração de um tronco de Imbuia.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 11: Erval adensado há 8 anos.

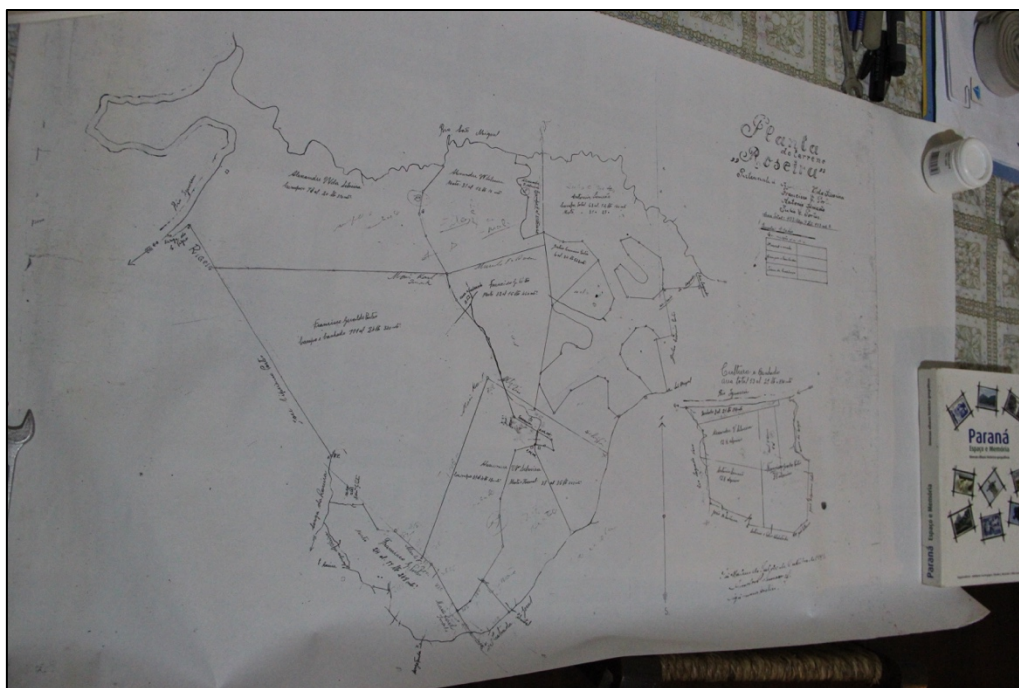


Fonte: O autor, 2019.

Figs. 10 e 11) O sistema produtivo de erva-mate mantido por Belarmino possui uma longa história, pois é resultado de uma continuidade de práticas de manejo e cultivo de erva-mate aplicados por sua família desde o século XIX. Contemporaneamente, podemos observar que a erva-mate de seu cultivo é de um sistema agroflorestal, bastante antigo. Este é um exemplo perfeito de um sistema tradicional de produção de erva-mate.

Interação com diversas espécies e com cicatrizes da floresta, como as Imbuías que tombaram e hoje servem de berçário para jovens plantas de erva-mate, como mostra a figura 10.

Figura 12: Planta da propriedade Roseira, desenhada no ano de 1949.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 12) A planta da sede da propriedade Roseira, feita em 1949, serve para uma posterior análise, se necessário, da dinâmica funcional do sistema produtivo de Belarmino. Para a realização dos croquis, essa peça será fundamental.

APÊNDICE D – RELATÓRIO DE ATIVIDADE DE CAMPO NÚMERO 004

(25°56'10.01"S 50°08'3.45"O 851m.)

A quarta atividade de campo da pesquisa realizou-se ao longo da manhã do dia 11 de novembro de 2019. Saindo de Curitiba às 6 horas da manhã, o objetivo era encontrar-me com o senhor Esequiel Hupalo às 9:30 em sua propriedade. Antes de relatar a visita e as percepções obtidas nesta interessante atividade, sinto a necessidade de situar como se estabeleceu o processo de contato com o senhor Esequiel, o único descendente de ucranianos visitado nas atividades de pesquisa deste mestrado.

Com a finalidade de aplicar entrevistas em sistemas produtivos de erva-mate com variadas características e temporalidades, a necessidade de se encontrar um descendente de imigrantes ucranianos para fins de análise comparativa da organização cultural da paisagem da propriedade rural, entrei em contato com o irmão de uma antiga colega de trabalho, Beto Carpen, irmão de Vera Carpen, que é morador do município de Antônio Olinto, região de alta concentração de descendentes de imigrantes ucranianos por uma série de fatores históricos mais detalhadamente descritos na dissertação. Beto recomendou-me o contato com o historiador do município, o senhor Homero Schwarcz, que por sua vez recomendou-me o contato com Régines Gassner, técnico extensionista da EMATER no município, por seu conhecimento prático nas propriedades rurais de Antônio Olinto. Régines e a equipe da EMATER composta por outros dois funcionários (Sérgio e Laura), indicaram-me, após uma conversa explicativa, o agricultor Esequiel Hupalo, morador da localidade Campina de Cima, ou Espigão do Carijo.

Tendo em conta a trajetória de nosso encontro como o contexto para a realização desta entrevista, releva-se ainda, como introdução à leitura deste relatoria, o fato de que o sistema produtivo de erva-mate da propriedade de Esequiel esgotou-se, e, por falta de manejo e conhecimento das dinâmicas da árvore de erva-mate, os ervais que abundavam uma larga produção até o final dos anos 1990 secaram, e Esequiel teve de iniciar outras atividades econômicas. Hoje, suas principais fontes de renda distribuem-se da seguinte maneira: soja, melancia e trabalhos como pedreiro.

Esequiel vive em uma casa construída por ele mesmo, junto com sua esposa Salete. Sua filha mais velha vive e trabalha em São Mateus do Sul e a mais nova estuda em turno integral no Colégio Agrícola da Lapa, em regime semelhante ao do filho mais velho de Elpídio, voltando para casa às sextas-feiras. A propriedade em que vivem hoje é herança dos avós de Esequiel, que foram dos pioneiros nesta região, na década de 1940.

Para chegar até a propriedade não houve grande dificuldade, pois, interessantemente, todas as pessoas para as quais eu pedi informações ao longo do caminho, desde a primeira entrada na estrada de chão saindo da BR-476, conheciam pessoalmente o senhor Esequiel. Assim, as coordenadas para encontrar o caminho de sua casa foram sempre muito precisas.

Pontos relevantes para análise:

Esequiel nasceu no ano de 1969, filho de Carolina e Antônio. Ao todo, são 9 irmãos, sendo 5 homens e 4 mulheres. A maioria deles ainda vive na região da Campina de Cima, sendo que cada um dos que ainda vivem nesta localidade especializou-se em um tipo de cultivo diferente: kiwi, morango, maçã, melancia e tabaco.

A propriedade onde vivem hoje é o resultado de um acúmulo histórico que se desenvolve desde 1945, quando seus avós, filhos de imigrantes ucranianos estabelecidos no município de Cruz Machado e que decidiram mudar-se para a região de Antônio Olinto em 1945. Quando chegaram ao local, estabeleceram-se em comunidade com 20 famílias que misturava descendentes de imigrantes poloneses e ucranianos. À época, a vegetação florestal dominava a paisagem, e Esequiel conta que seus avós estabeleceram casa às margens do rio que cruza a comunidade de Campina, e utilizavam a água para banhar-se com gamelas (assim como a família de Verônica, campo 002). A composição da habitação destes pioneiros era estabelecida em ambientes separados: banheiro, cozinha e quartos, galpão.

O adensamento populacional da localidade foi ocorrendo de forma progressiva, através do estabelecimento de novas gerações, que foram expandindo a comunidade, fato que se percebe ao atravessar a Campina de Cima, onde observamos algumas dezenas de casas espalhadas, construídas em diferentes materiais: veem-se casa de madeira e de alvenaria, assim como estruturas funcionais das propriedades construídas em diferentes materiais.

Antigamente, na década de 1940 e até início dos anos 1980 (conforme alcança a memória de Esequiel, além da continuidade que ele dá às narrativas de sua mãe, falecida em 2009), a vida na comunidade era baseada em mútua ajuda, cada um empenhava um papel relevante no grupo. Esequiel lembra dos mutirões para a limpeza do feijão e também fala do trabalho coletivo aplicado na abertura e manutenção de estradas e caminhos de acesso da localidade, por exemplo. A especificidade e estilo de vida de cada família também desempenhava uma relevância fundamental para a sustentabilidade da comunidade: a produção de cada um era objeto de troca dentro da comunidade. Carne de porco, galinha, madeira, feijão,

gado, cavalo, erva-mate, milho, trigo, centeio, carpinteiro, ferreiro, etc. Toda e qualquer variedade de estilos de vida e produção se complementavam, pois a necessidade de uma família ou de um lar era suprida pelo que sobrava em outro e vice-versa. Esequiel lembra que sua mãe contava que na década de 1960 trocavam-se vacas por terrenos para cultivo.

O trabalho nos ervais era parte relevante da autonomia econômica da família Hupalo. A coleta de erva-mate era feita nos ervais nativos existentes dentro da propriedade de seu pai (eram 17 alqueires). Dividia-se o terreno da floresta em quatro partes, visando o estabelecimento de um rodízio de regeneração das ervaíras para um período de quatro anos. Assim, a cada ano, uma parte era desbastada, sempre com os devidos cuidados da poda. Dentro da floresta fazia-se o sapeco das folhas, colocadas em feixes amarrados com taquara (de aproximadamente 40 quilos cada) e transportados pela família até as proximidades da casa, onde tinham um barbaquá no qual a erva-mate era processada e depois estocada, até que um caminhão passasse para comprar a erva. O caminhão era de um comprador que tinha um depósito e vendia a erva-mate para a empresa Leão Júnior. Esequiel se recorda de receber brindes da Matte Leão todo final de ano.

O processamento da erva-mate no barbaquá da família Hupalo era coletivo, ficavam os irmãos revezando o acompanhamento da queima da madeira para a secagem da erva, ficavam tocando violão e fazendo bagunça noite adentro, conforme lembrou Esequiel em suas memórias.

Além da comercialização de erva-mate, Esequiel afirma, através da memória de sua mãe, que a comercialização de mel (espremido de maneira bastante rudimentar, segundo ele próprio) era bastante relevante para sua família, somada também à comercialização de madeira para as madeireiras locais. O madeireiro ia na floresta e fazia suas encomendas. As árvores eram marcadas e então juntavam-se peões que iam derrubá-las, e isso era bastante significativo economicamente para a família.

O trabalho na roça era mais para o consumo próprio e para as trocas comunitárias. Seu pai cultivava milho crioulo e feijão também crioulo, de tipos que não são mais encontrados hoje em dia.

Um ponto bastante interessante, levantado ao visitarmos a antiga estrutura do barbaquá da família Hupalo foi pensarmos sobre a quantidade de madeira consumida pela atividade do ferreiro, que era o responsável por boa parte da produção de ferramentas e da construção das estruturas para os inúmeros barbaquás e carroças da região. Esequiel afirmou que a atividade de ferraria consumia exclusivamente nó de pinho, pois esta madeira tem a característica de

manter brasa em alta temperatura por longo tempo (isso me fez pensar sobre a atividade de ferreiro do pai de Elpídio – campo 001).

Hupalo afirmou que a produção de erva-mate em sua propriedade durou até meados dos anos 1990, quando grande parte dos ervais começou a secar e as árvores foram pouco a pouco morrendo. A falta de conhecimento de técnicas de manejo da planta e o uso insustentável da oferta ambiental fez com que esta atividade fosse encerrada forçosamente. Aparentemente Esequiel não se agrada com esta condição, até mesmo está desenvolvendo o cultivo de erva-mate em uma área florestada de sua propriedade, onde plantou 120 pés de erva-mate.

Se analisarmos a temporalidade e a prática de manejo nos ervais nativos realizados na propriedade da família Hupalo, foram ao menos 50 anos de podas acumuladas, que, no rodízio de 4 anos equivale ao menos 12 podas por planta. Sem técnica de adensamento ou planejamento para a continuidade da prática, as erveiras (que podem viver entre 80 e 120 anos) não sobreviveram. Esequiel possui diversos pés de erva-mate espalhados na área de vivência cotidiana de sua propriedade. Ele parou de podá-los para ver se produzem sementes para que ele possa cultivar suas próprias mudas no futuro.

Atravessando as comunidades rurais de Antônio Olinto me fez perceber que a mecanização do campo e as estratégias das grandes empresas em estabelecer monoculturas com contrato de compra da produção do agricultor fez com que houvesse uma grande transição produtiva neste município. Historicamente relacionado à expansão da economia extrativista paranaense do final do século XIX e início do XX, acredito que as características de práticas agrícolas do município foram afetadas pelos domínios políticos e econômicos de uma certa elite proveniente da Lapa, que impôs algumas lógicas a este município. Perceptivelmente Antônio Olinto está muito mais próximo da Lapa do que de São Mateus do Sul. O fato que chamou minha atenção é que grande parte da erva-mate comercializada nos mercados de Antônio Olinto são provenientes de São Mateus do Sul.

Assim como Juliano Oliva, da comunidade de Três Poços deste mesmo município, Esequiel chama a cidade de vila, fato que também merece atenção, pois as relações históricas e significações do espaço também se dão no vocabulário e suas aplicações e sentidos.

Pontos em comum com outras propriedades:

Alguns interessantes pontos específicos desta propriedade se cruzam com a trajetória histórica de outras propriedades visitadas ao longo da pesquisa. O primeiro ponto a ser

mencionado é a centralidade da casa matriz do terreno, que passa a ser utilizado como referência para o desenvolvimento de todas as outras habitações e conduz a orientação e organização da paisagem da propriedade. Neste caso, há a memória histórica da instalação de duas matrizes (uma materna e outra paterna). A fragmentação da propriedade inicial deu-se por razões de herança, mas ainda hoje a propriedade insere-se dentro de um sistema comunitário, mesmo considerando suas divisões internas (irmãos, primos, tios).

Os relatos sobre a sustentabilidade comunitária a partir de trocas de produtos e de mão-de-obra específica se junta um pouco com os relatos da divisão do trabalho colocado por Belarmino, sobremaneira quando relatava sobre o trabalho da madeireira e os trabalhos aplicados na roça/lavoura.

Além de uma semelhança formal devido a condições de relevo com a propriedade de Juliano Oliva, a época e as práticas aplicadas no terreno são semelhantes às narradas por Verônica Oliva, tais como a construção do abrigo ser feita em partes separadas, a roça fica na parte mais alta, enquanto o erval fica na parte mais baixa e o barbaquá em um terreno relativamente limpo. Juntando-se à narrativa de Juliano, que afirma que as erveiras manejadas pelo seu sogro estão todas morrendo e em boa parte já morreram, e isso evidencia-se ao caminhar pela propriedade. A falta de manejo da geração anterior é compensada pelo adensamento praticado por Juliano. No caso de Esequiel o manejo ainda não é feito, mas existe vontade para tanto.

Relacionado à historicidade da propriedade de Elpídio (assim como a de Belarmino), podemos citar a presença das madeireiras na região e também é curioso o fato de mencionar-se a presença e necessidade das atividades de ferreiro, pois o pai de Elpídio lidava com este tipo de atividade. Era uma função extremamente essencial na comunidade, pois estava associada às práticas produtivas de extração de madeira e de erva-mate (sobretudo para o processamento).

A prática de colheita de erva-mate em ser, nos ervais, é o ponto comum em todas estas propriedades, porém neste caso, como não houve um manejo correto e possivelmente a influência das práticas de mecanização e monocultivo da Lapa (mera especulação), o mantimento desta prática não foi promovido nesta propriedade.

A presença do barbaquá também é ponto comum em todas as propriedades. Mas aqui com certeza não é um sistema tradicional de produção de erva-mate, pois não existia prática agrícola, somente extração das folhas em sua ocorrência natural, até o ponto do fim de ciclo de vida das plantas. A presença da criação de animais na parte do sub-bosque, além do não plantio ou cuidado com as plantas podem ter favorecido este fenômeno.

Diferentemente das outras propriedades, aqui não se cultivou mudas de erva-mate nem experimentações de rebrota ou rebaixamento.

Assim como Juliano, Elpídio e Belarmino (o único não-agricultor), a produção de soja é a principal fonte de renda. No caso de Esequiel, ainda há a produção de feijão e melancia. Possivelmente a propriedade de Esequiel é a menor visitada até aqui, seguida da propriedade de Juliano. Belarmino tem a maior, inquestionavelmente, até por razões históricas.

Análise fotográfica:

Figura 10 A casa onde vivem Esequiel e sua esposa Salete desde 1998.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 1) A casa em que hoje vive Esequiel e Salete foi construída pelo próprio Esequiel, no ano de 1998, quando se casaram. A casa é localizada exatamente onde antigamente era a casa dos avós paternos de Esequiel, em um ponto privilegiado do terreno, pois situa-se em uma porção alta, com vista para o vale, para o barbaquá e para a atual plantação de feijão. O detalhe decorativo na parte da frente da casa foi decisão de Esequiel quando ocorreu a necessidade de ampliar a casa, instalando a cozinha (parte com a janela e sem varanda ao lado esquerdo na imagem acima), fazendo com que o telhado passasse de duas águas para quatro águas, o que fez com que a altura do telhado em relação à casa fosse muito alto. Assim, Esequiel adaptou ripas do piso de Imbuia e instalou estes detalhes semelhantes a *lambrequins*.

A casa é basicamente construída com tábuas de Pinheiro e Imbuia, processadas por uma madeireira de São Mateus do Sul, porém provenientes da propriedade de Esequiel. Sua casa é dividida em: varanda frontal, varanda traseira com churrasqueira e garagem, sala, cozinha, banheiro, dois quartos.

Figura 11 A horta próxima à cozinha é uma prática comum nas paisagens rurais.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 2) A horta, como vimos em diferentes propriedades com a exceção da de Belarmino, pelo fato dele não viver na localidade, situa-se próxima à cozinha e é carregada de diversidade de alimentos. Neste caso via-se: tomate, pimentão, couve, espinafre, repolho, cenoura, beterraba, cebola, temperos, abobrinha. Além de uma boa variedade de flores que atraem os insetos, evitando que ataquem a comida de consumo humano. A horta é cuidada por Salete.

Figura 12 Esequiel mostra o antigo barbaquá e a entrada de fogo para a secagem da erva-mate.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 3) Esequiel mostra a entrada de fogo para a secagem de erva-mate no antigo barbaquá de sua família. Segundo ele próprio, boa parte de sua vida foi passada nesta localidade, cuidando do fogo e da lida com o processamento da erva-mate coletada nos ervais nativos da propriedade de seus avós e depois pais. Havia um espaço para a estocagem de erva-mate, que era recolhida de tempos em tempos por um caminhão que fazia o comércio direto com empresas maiores de Curitiba. A estrutura do barbaquá como encontra-se hoje é dos anos 1960, e boa parte das tábuas usadas em suas paredes não são serradas e sim lascadas, resultado de uma técnica mais antiga, quando só se utilizava o machado para a produção de tábuas.

Figura 4: O triturador do hoje desativado barbaquá leva a reflexões sobre consumo de energia e trabalho.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 4) O aposentado triturador de erva-mate, peça fundamental para o funcionamento do barbaquá, é composto por dois tipos diferentes de madeira: seu corpo é de Imbuia e seus dentes de Pinheiro. Os encaixes feitos em ferro fundido de maneira nitidamente não-industrial (diferente de ferramentas como plantadeira, que eram provenientes de indústrias provavelmente paulistas) nos conduziram à reflexão acerca da divisão do trabalho comunitário e regional. Um ferreiro especializado em montagem de estruturas para barbaquá devia atuar na região, pois existiam muitas estruturas semelhantes a esta na localidade. As juntas, os feixes, as estruturas, todas visivelmente marteladas e soldadas de forma manual. Segundo Esequiel, os ferreiros utilizavam exclusivamente nós de pinho para uma brasa mais quente e duradoura, o que proporcionava as condições ideais para a fundição. Provavelmente o ferreiro, figura essencial na formação dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, era integrante do sistema comunitário de trocas por serviços.

Figura 5: O galpão da propriedade de Esequiel construído com tábuas de antiga casa.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 5) Construído a partir das tábuas da antiga casa de seus avós paternos, o galpão da propriedade de Esequiel, estrutura presente em todas as outras propriedades visitadas até aqui, abriga os instrumentos de trabalho como roçadeira, motosserra, separador de grãos, trator, adubo, além de armazenar fontes de energia, como lenha e combustível para o carro e a moto, que também está no galpão. Ao lado do galpão há uma estrutura que abriga alguns animais para consumo, como galinhas e porcos. Um cavalo recentemente comprado por Esequiel também entra com frequência no galpão, mas sua área de circulação é no terreno imediato no entorno da casa. Assim como o espaço ao lado da casa de Rosa Oliva e o espaço atrás da casa de Juliano, estes espaços de depósito também guardam alguns objetos antigos, como partes de carroças, por exemplo.

Figura 6: Plantio de melancia intercalado com soja e feijão na parte alta do terreno.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 6) Na fotografia acima vemos o plantio de melancia (central), feijão (parte esquerda, mais baixa) e soja (parte direita, superior) que fornecem boa parte da renda da família Hupalo contemporaneamente. Esta é uma área de lavoura já antiga, existente no terreno desde que ele era propriedade de sua tia, portanto Esequiel acredita que esta porção do terreno pode ter sido aberta mesmo pelos seus avós paternos, para plantio de trigo e centeio. Assim como na propriedade de Juliano Oliva, esta lavoura situa-se na parte mais alta da propriedade, atrás da casa, isolada por uma pequena área florestada. Inclusive o limite da plantação, assim como no caso de Juliano, dá-se na Reserva Legal averbada em matrícula e em uma APP de corpo hídrico. Apesar de ser um cultivo não muito convencional, a melancia produzida por Esequiel necessita da aplicação de inseticida em um estágio de formação da fruta.

Figura 7: A casa dos avós maternos de Esequiel foi remontada por ele em outro lugar.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 7) Esta casa é a construção mais antiga ainda em pé na comunidade familiar dos Hupalo. Mesmo não estando oficialmente dentro do terreno de propriedade de Esequiel, esta casa faz parte da trajetória histórica da localidade e é testemunha de diversos momentos atravessados pela paisagem na qual ela se insere. A casa é dos avós maternos de Esequiel, e se situava à beira do rio, em uma condição pioneira na região. Ela foi totalmente desmontada por Esequiel quando ele tinha 18 anos (1986) e foi reconstruída por ele próprio nesta localidade, mais próxima do núcleo habitacional da segunda geração. A casa da irmã de Esequiel, produtora de maçãs é ao lado desta casa, porém já é construída em alvenaria. O detalhe principal da casa dá-se para o telhado, que está adaptado às condições de neve herdadas de um ambiente diferente do de onde foi construída, conforme nos narrou Esequiel.

Figura 8: Área florestada da propriedade de Esequiel Hupalo onde seu pai criara porcos.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 9: A erva-mate busca renascer na propriedade de Esequiel Hupalo.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 8 e 9) As imagens acima representam a condição de transformação e acúmulo histórico de camadas na paisagem da propriedade da família Hupalo, nesta amostragem situada dentro da propriedade de Esequiel. A figura acima mostra uma área onde antigamente coletava-se

erva-mate. O pai de Esequiel criava porco no sub-bosque e a poda da erva-mate nesta localidade era feita já pelo avô de Esequiel, portanto duas gerações inteiras extraíam folhas de erva-mate desta porção florestada. Esequiel afirma que as ervaíras secaram e hoje visualizam-se raros e isolados indivíduos nesta porção, como mostra a figura.

Desde os anos 1990 a erva-mate deixou de ser uma produção na propriedade de Esequiel e hoje em dia, aparentemente arrependido ou com um sentimento de culpabilidade sobre o fim da produção de erva-mate, Esequiel busca alternativas para tentar fazer com que este cultivo volte a ser de relevância e se torne uma fonte de renda alternativa em sua propriedade.

No início do ano, Esequiel plantou 120 pés de erva-mate neste sub-bosque, dentre os quais 15 morreram. A impressão é que a vontade de fazer renascer a erva-mate na propriedade é, de certa forma, um compromisso com seus ancestrais e com sua própria história. A propriedade não pode ser caracterizada como uma propriedade de ocorrência contemporânea de sistemas tradicionais de produção de erva-mate, mas a sua história está, indelevelmente, relacionada ao desenvolvimento deste tipo de sistema produtivo e de prática agrícola, pois a partir de condições nos ervais e de economia local, os sistemas produtivos foram se adaptando, manejando as florestas, desenvolvendo técnicas para sua continuação. Dentro desta propriedade podemos ver diversos fatores históricos que culminaram para sua história específica, mas que se articulam com a história de outras propriedades, incluso as que produzem erva-mate em sistemas tradicionais de produção.

APÊNDICE E – RELATÓRIO DE ATIVIDADE DE CAMPO NÚMERO 005

(25°36'59.04"S 50°22'33.82"O 841m.)

A quinta atividade de campo da pesquisa foi realizada na propriedade do Sr. Paulo Antunes, importante liderança política regional, militante de causas da ecologia e da solidariedade comunitária. Paulo Antunes é agricultor e vive na comunidade de Canudos, no município de São João do Triunfo. Seus avós foram fundadores desta comunidade, que se caracterizava pela hospitalidade em receber novos membros, geralmente provenientes de dificuldades encontradas em outras regiões. Assim, a comunidade de Canudos não é composta exclusivamente de uma ou outra ascendência geográfica, mas sim por moradores de diversas etnias e regiões. Hoje ali vivem 62 famílias.

A visita à propriedade de Paulo Antunes ocorreu na terça-feira, dia 26 de novembro de 2019, a partir das 8:50 da manhã, horário em que parei em frente à sua simpática casa para pedir informação sobre onde a mesma se localizava.

Minha jornada em direção ao encontro com o Sr. Paulo iniciou-se há algum tempo atrás, mais precisamente no final do mês de julho de 2018, quando nos encontramos em uma atividade organizada pelo PET de História da UEPG, oportunidade em que nos conhecemos pessoalmente e combinamos de um dia nos sentarmos para conversar com mais calma, e quiçá degustar um mate juntos. Apesar de alguns outros encontros acontecidos ao acaso e outros nem tanto, a conversa com Paulo Antunes levou um ano e quatro meses para efetivamente acontecer, mas tanto eu quanto ele já sabíamos que esta hora chegaria.

Às cinco e vinte da manhã o despertador tocou, em um impulso levantei-me. As malas já estavam prontas, tudo preparado para o que fosse acontecer: gravador, câmera, capa de chuva, botas, casaco, chapéu, cadernos de anotações e o mais importante: cabeça preparada e disposição para descobrir mais um novo mundo que existe dentro deste em que acontece as nossas vidas. Após os acertos dos últimos detalhes antes da partida rumo ao São João do Triunfo, saio de casa às seis e quinze. Atravesso a cidade de Curitiba ainda sem os sinais intensos de seu stress cotidiano, poucos carros transitam pelas ruas da capital e em poucos instantes já estou na estrada.

O caminho entre Curitiba e São João do Triunfo, diferentemente dos grandes obstáculos que dificultavam a conexão entre estas duas localidades ao longo do período histórico da formação dos próprios sistemas tradicionais de produção de erva-mate, é hoje plenamente

fazível em duas horas dentro de um carro. Para isso, é necessário a ida até Palmeira (via BR-277) e depois o acesso à rodovia Prefeito João Batista Distéfano (PR-151). O trajeto entre Palmeira e São João do Triunfo é cheio de informações históricas interessantes, pois ali atravessamos diversas localidades estabelecidas às margens do Rio Iguaçu, durante o período em que este rio foi o principal meio de comunicação entre a porção sudeste e centro-sul do interior do estado com a capital e o litoral do estado, justamente o circuito cursado pela erva-mate e pela madeira extraída nas florestas às margens deste importante rio.

São João do Triunfo está cercada por grandes pinheirais e a fundação da cidade está situada em uma parte relativamente alta em comparação ao nível da estrada. Na rotunda de acesso à cidade, peguei à esquerda e subi a rua, estacionei o carro em frente à igreja e busquei me informar sobre a localidade de Canudos, onde me esperava Sr. Paulo. A comunidade de Canudos tem seu acesso mais adiante da entrada da cidade, e a referência dada para encontrar o caminho até lá é a entrada da Fazenda Fiat Lux da empresa sueca Swedish Match – que depois se revelou como de relevância histórica para a localidade de Canudos –. A estrada de chão logo aparece ao lado direito, e uma grande placa azul desta empresa indica a direção e a distância de 13 quilômetros. O caminho se cruza com o da comunidade Rio Baio, a maior comunidade rural de São João do Triunfo, e por isso a estrada de chão é bastante movimentada, sobretudo por veículos da empresa proprietária da fazenda. Atravesso a distância necessária até chegar aos portões da empresa, onde avisos sobre normas de comportamento e proibições de entrada e uso daquelas terras escurecidas pela presença de um mar de árvores de *Pinus* todos com a mesma altura.

A partir deste ponto, eu deveria seguir adiante, até que alguma casa ou alguém fosse encontrado para que eu pedisse informação, e não demorou para que, após uma grande subida, cheia de curvas contornando uma densa área florestada, já em uma área plana, eu avistasse um casebre, feito de madeira, onde dois homens estavam sentados na frente: “- bom dia, estou procurando a casa do Sr. Paulo Antunes!” repetindo o nome o homem vira os olhos para cima, como se buscasse uma informação armazenada em algum lugar dentro de sua memória e me aponta “– a primeira à esquerda, e já chega lá, é pertinho.”. Agradeço aliviado por não estar perdido e contente sigo a minha busca, entrando no local indicado, até a hora que começo a ver uma concentração de casas, em ambos os lados da estrada, algumas mais no alto, outras mais embaixo, galpões de secagem de fumo e carros estacionados. Em uma curva olho para o lado esquerdo e vejo uma mulher na varanda, em uma casa lá no alto. Paro o carro e desço, vou perguntar para ela se conhece Sr. Paulo Antunes. Subo uma escada, da altura do chão da estrada

não se tem mais contato visual com a casa e nem com a mulher. Ao chegar no portão da casa não vejo ninguém e me preparo para bater palmas. Neste segundo, surge de dentro da casa um rosto conhecido, que olha para mim e sorri: “– João!”. São 8:50 da manhã, e aqui começa a visita à propriedade de Paulo Santos Antunes.

Sentamo-nos à varanda, onde Sr. Paulo e sua esposa Zília me explicaram sobre seu recente envolvimento com a produção de bioenergia e com terapias naturais. Eles cultivam um jardim de plantas medicinais no entorno da casa, e ali encontra-se talvez a maior variedade de plantas medicinais e conhecimento de uso que eu já vivenciei. O casal conhece muitos usos e até mesmo dosagem de plantas e frequência de uso que um enfermo deve utilizar. Anexo à varanda há o que Paulo chamou de farmácia, é um pequeno espaço onde as plantas ficam secando, cada uma em seu correto procedimento. O tratamento com chás e geoterapia, uma prática de tratamento que se utiliza da energia da terra e argila também foram assuntos percorridos durante o primeiro ato de nossa prosa, que durou até enquanto durou o sono de Gabriel, o neto do casal, que com dois anos de idade, passava o dia na casa dos avós enquanto seus pais trabalhavam na colheita da safra do fumo.

Assim que o garoto desperta a cena logo muda, pois Zília passa a ficar dentro de casa, cuidando da criança, que adora comer melancia às bocadas, andando pela casa com um enorme pedaço na mão, que pinga no chão, em sua camiseta e deixa seu rosto levemente rosado pelo contato com as incontáveis fatias daquela fruta que come. Enquanto isso, lá fora, ainda na varanda, eu e Paulo conversamos sobre a pesquisa e decidimos que aquela hora, por volta das 10 da manhã, era um horário propício para que eu fosse conhecer o erval, manejado por ele, manejado por seu pai, e provavelmente por seu avô. A erva-mate estivera sempre presente na vida de Paulo, desde as lembranças mais antigas de sua memória.

O erval fica situado em uma parte mais longe do centro da comunidade, e para chegarmos lá o mais recomendável é a ida com o carro. O trajeto nos revela alguns traços interessantes desta pequena comunidade de Canudos: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus – fundada por um dos avós de Paulo –; a presença de uma grande quantidade de estufas de secagem de fumo; galpões com tratores estacionados, indicando que aquelas pessoas possuem lavoura em alguma parte daquela localidade; casas com a entrada praticamente dentro da rua principal que atravessamos, sempre subindo, em direção à casa de seu filho mais velho, distante do centro da comunidade, perto da mata.

Ao chegar no ponto de onde partiríamos, me deparo com uma grande estrutura de secagem de fumo e um enorme galpão onde tratores e colheitadeiras estão parados. Estes

instrumentos de trabalho pertencem a um de seus filhos, que possui lavoura de fumo, de feijão, de milho e de soja. Logo atrás deste grande galpão, depois de uma pilha gigantesca de lenha de Bracatinga e Eucalipto, armazenada para promover energia suficiente para secar uma safra toda de tabaco, uma densa floresta surge, e, pouco a pouco, mesmo que sem perceber, vamos caminhando e de repente já estamos imersos dentro dela.

O erval de Paulo Antunes é uma floresta, rica em biodiversidade e em paisagens internas. Não leva muito tempo e já não vemos nem escutamos mais sinais da presença humana, o que vemos é uma floresta cujo sub-bosque é incrível e densamente povoado por pés de erva-mate, que foram, ao longo do tempo, nascendo e ocupando a parte de baixo da floresta, e por isso é possível vermos erva-mate de diferentes idades, testemunhas de diferentes momentos históricos.

O primeiro detalhe que Paulo faz questão de me mostrar é a folha da árvore de erva-mate: “– A folha é dividida em três camadas, a parte do meio retém bastante água, e é tirando as camadas que protegem que você libera as propriedades da erva.”. Todas as nossas observações seguintes estariam, de alguma forma, ligadas a este fato. Paulo possui uma interpretação única do que o erval representa e de como manejar um erval. Para ele, a manutenção da saúde, como mencionou quando estivemos juntos sentados na varanda de sua casa, é o que garante a qualidade de vida, e não o tratamento da doença, e esta opinião é, seguramente, inspirada em suas observações e experiências dentro da floresta que abriga o erval.

Cada detalhe dentro deste complexo sistema de trocas de energia e nutrição e a cooperação entre os variados indivíduos é fundamental para a manutenção da saúde da própria floresta, pois ela é viva. Desde o sombreamento feito por um Cedro até a distribuição de líquens ao longo do caule da erva-mate e a biodiversidade abrigada pelo corredor de circulação que os líquens criam fazem parte do equilíbrio da floresta. O manejo de Paulo, ou ao menos a forma como ele relata o manejo, é em grande parte proporcionado por uma interação entre os diversos atores que atuam no erval: seres humanos, pássaros, insetos e fungos. Cada um tem uma atuação pontual no manejo.

Os pássaros, por exemplo, se alimentam dos frutos das árvores de erva-mate mais altas, chamadas de matrizes, cuja copa está próxima à de outras árvores, como a do Pinheiro, local onde os pássaros pousam para comer. Pousados no galho do Pinheiro, digerem o fruto e defecam as sementes da erva-mate, que brotam em meio à serapilheira e vão, lentamente, se fixando ao solo e dando continuidade à vida do erval. Além de se alimentarem dos frutos e

dissiparem as sementes, os pássaros se alimentam de insetos que comem as folhas da erva-mate, que geralmente são malvistas por agricultores que aplicam técnicas de agricultura convencional em sistemas de produção de erva-mate. “– A erva-mate é da floresta, e eles são a floresta, então as folhas da erva-mate são deles.”, comenta Paulo, que afirma nunca ter plantado uma erva-sequeira dentre todas aquelas que saltam diante de nossos olhos.

Além de relatar a importância e a função de cada uma das plantas e animais que compartilham seu espaço e interagem com a erva-mate e as outras icônicas árvores que compõem a Floresta Ombrófila Mista, meu anfitrião relata alguns dos conhecimentos e práticas que o ser humano aplica na manutenção do erval. “– a erva-mate tem um enorme poder de regeneração.”, e mostra um caso específico de uma erva-sequeira que já se encontrava em um estágio avançado de senilidade e, através do manejo humano, encontrou continuidade em sua vida, rebrotando em uma parte do tronco ainda com saúde.

Paulo ainda me mostra, mesmo que à distância, uma grande reserva de floresta que mantém intocada. Ele conhece os mínimos detalhes desta porção, ali ele encontra muitos remédios naturais, além de uma terra perfeita para tratamentos de geoterapia “– é um lugar sagrado.” O silêncio proveniente deste lugar, que fica em um vale, é realmente uma sensação que me remete, por um breve instante, à ancestralidade de um lugar que não existe mais.

Lentamente, nossa caminhada nos vai fazendo retornar ao mundo convencional, onde a lógica é imposta em descompasso à lógica cíclica da natureza, onde tudo se adapta e colabora com o próximo. “– A lógica natural é a verdade”, esclarece meu anfitrião Paulo. Saímos do erval, e, de volta ao lugar onde havíamos começado a caminhada encontramos Eder, o filho mais novo de Paulo. Carregando com uma mistura química diluída em água um tanque de 850 litros, com inúmeras saídas de mangueira como um grande pente, anexado a um trator, indignava-se com as imposições que as grandes corporações internacionais aplicam à vida do agricultor, tirando-lhe a liberdade apropriando-se de seu trabalho. O único meio do agricultor é o seu próprio trabalho, e as corporações tomam isso como seu, através de contratos de produtividade e venda de safra, o que requer dedicação total ao cultivo de grãos específicos, elaborados em laboratórios.

Esta foi a primeira vez que vi com meus próprios olhos e toquei com minhas próprias mãos um galão de veneno, utilizado para a manutenção do cultivo de feijão. Um galão com 5 litros, comprado em uma cooperativa, com o preço mais baixo que o de uma loja, custa R\$ 970 e ainda necessita de outros implementos para fazer efeito, o que dá um total de quase R\$ 3 mil.

Uma parte do coquetel aplicado às finadas florestas é produzido na Índia por uma empresa suíça, enquanto outra parte é produzido na China por uma empresa francesa.

A agricultura convencional possui um alto custo operacional, o pequeno agricultor endivida-se e acaba tendo que oferecer o seu trabalho para cumprir seus compromissos com o banco, com a cooperativa e com a empresa que modifica geneticamente sementes e desenvolve produtos químicos que atacam outros seres que não suas sementes. Segundo Paulo, seu filho ainda não percebeu a erva, mas mais cedo ou mais tarde, ele receberá o chamado e sua vida irá mudar. Não sei se Paulo acredita nisso mesmo, ou o que disse representa um anseio pessoal. A conversa com pai e filho juntos foi muito interessante e provocativa, pois expôs das tensões mais salientes da condição histórica do tempo presente para a agricultura, segurança alimentar e para a continuidade dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

De volta à casa de Paulo, sentamo-nos à varanda, novamente nos mesmos postos. Paulo de frente para mim, e eu enquadrado pelo recorte da estrutura da varanda, com uma bela vista ao fundo, onde o relevo pode ser observado com um simples olhar, devido à posição mais alta em que a casa foi construída. O horário era bem próximo ao meio-dia e decidimos que aquele momento era o ideal para que gravássemos a entrevista, já que estaríamos nos referindo à história de uma prática que agora já era conhecida pelos dois participantes da conversa.

A entrevista com Paulo durou cerca de 50 minutos e foi permeada por manobras que o avô aplicava para conter o entusiasmo de seu neto, contente pela não tão frequente presença do avô em casa durante uma manhã. Somadas às manobras executadas por Paulo, juntaram-se as manobras com o tico-tico, um triciclo de plástico que Gabriel conduzia quando suas mãos não estavam carregando um pedaço de melancia ou abraçando o seu avô Paulo. Os detalhes da conversa estão descritos na sessão de análise do áudio da entrevista, presente mais adiante neste relatório de campo.

O almoço, feito pela Sr.^a Zília enquanto eu, Paulo e Gabriel estávamos na varanda, era composto de uma boa variedade de alimentos e fontes nutricionais: salada de repolho, tomate, ovo cozido em conserva, arroz, feijão e carne de porco. Todos os alimentos servidos à mesa, com exceção do arroz, foram produzidos na horta da casa, assim como o porco e os ovos, criados na porção de trás da casa. A sobremesa foi melancia, para a alegria de Gabriel. A melancia também era proveniente de um sistema agroflorestal que Paulo Antunes mantém há mais de 20 anos, e que produz alimento orgânico também para a merenda escolar municipal.

A prosa depois do almoço, para fazer a digestão, aconteceu dentro da casa, no entrono da mesa da cozinha, onde existem dois sofás estrategicamente posicionados para proporcionar

exatamente esta situação. Conversávamos sobretudo sobre erva-mate, em meio a usuais tragadas de tabaco enrolado em palha de milho dadas pelo Sr. Paulo. Após alguns minutos de descanso e conversa leve, fui levado para conhecer a propriedade em si, a antiga casa de Paulo e Zília, assim como o criadouro de porcos, de galinhas, os tanques de tilápia e o seu antigo sistema agroflorestal, onde cultivava brócolis, couve-flor, milho, cana, repolho, batata, tomate, melancia, banana, laranja, abobrinha, chuchu, feijão e diversas outras variedades de alimentos.

O sol agora brilhava e a tarde havia ficado um tanto quente, assim, voltamos à varanda, novamente nas mesmas posições, desta vez para encaminharmos a nossa despedida que, inevitavelmente, haveria de ocorrer em breve, pois eu ainda seguiria até a cidade de São João para depois ir até a comunidade da Barra Bonita, onde outros anfitriões me aguardavam para que eu passasse a noite. Depois de mais alguma conversa e elaboração de planos para que nos encontremos com mais frequência, havia chegado a hora de me despedir do Sr. Paulo, Sr.^a Zília e Gabriel.

A forma com que Paulo dá continuidade às atitudes e formas de ver o mundo inspiradas em seus longevos antepassados (seu avô viveu até os 118 anos, seu pai até os 105) são fonte de verdadeira inspiração, e as interpretações sobre a floresta e a erva-mate na perspectiva sistêmica e ao contrário de egoísta, revelam e nos fazem refrescar o pensamento sobre o verdadeiro sentido de se realizar uma pesquisa que busca identificar e reconhecer os traços da historicidade da relação do ser humano com o ambiente como estratégias para o reconhecimento e manutenção da saúde destes sistemas produtivos tão únicos e ricos. É muito gratificante e revigorante. A erva-mate traz esperança.

Me despeço de meus amigos, entro no carro e refaço o trajeto, agora ao contrário, rumo à cidade. Agora consigo prestar mais atenção aos detalhes da paisagem. Vejo vários outros ervaís no caminho, e grandes pinheiros. Além de cruzar meu caminho com inúmeros pássaros que neste horário já estavam planejando o retorno ao lar. Ao chegar na estrada asfaltada, considero que minha visita a Paulo Antunes havia definitivamente terminado, pois logo mais, outra imersão me aguardava.

Pontos relevantes para análise (especificidades):

Paulo mencionou que a erva-mate é sua principal fonte de renda, que é também incrementada com a venda de vegetais orgânicos no programa municipal da merenda escolar. Portanto, a atividade agrícola de manejo da erva-mate e a rotatividade da poda para a continuidade de sua produção é relevante para a subsistência de sua família.

Antigamente havia um barbaquá na propriedade, mas hoje em dia ele foi desmontado e não há mais resquícios de sua existência para além da memória e o lugar onde ele ficava. Hoje em dia Paulo vende as folhas cruas para uma ervateira não fixa, que pode variar conforme quem oferecer o melhor preço, e lamenta o fato de uma erva-mate com grande qualidade ser misturada com ervas cultivadas de forma convencional.

Ao que tudo indica, a propriedade se estabeleceu junto com a comunidade de Canudos. Várias pessoas provenientes de uma exclusão periférica se juntaram e formaram a comunidade. Antigamente os animais eram criados soltos e trabalhos que exigiam esforço coletivo eram feitos em mutirões, onde se levava uma cachaça e viola, cantavam-se canções sobre o trabalho e o respeito. Paulo ainda detém o conhecimento de algumas destas canções tradicionais. Tais atividades consistiam na poda do erval, na abertura de estradas e caminhos.

A comunidade foi fundada, aparentemente, na década de 1920, e conforme relatou Paulo, era mato e a paisagem foi progressivamente sendo antropicamente transformada e adaptada de acordo com as necessidades dos grupos humanos que decidiram se instalar na localidade. A erva-mate e a produção de milho e feijão, além de animais, foi se tornando a essência econômica, e a troca de produtos era a forma de variar a entrada de alimento e ferramentas em casa. O pai de Paulo tinha uma bodega, que era um tipo de mercado. Ele recebia produtos dos agricultores locais e levava para fora da comunidade trocar. Trazia ferramentas, tecido, calçados. O trajeto era feito em carroça, a mesma carroça que era utilizada para transportar os feixes de erva-mate de dentro da floresta à época da colheita. Paulo disse que geralmente seis cavalos puxavam o carro que ia carregado de folhas de erva-mate envoltas por caixas improvisadas feitas com fibras de taquara dentro do mato.

Diferentemente da comunidade onde vive Esequiel Hupalo, onde ucranianos fundaram e desenvolveram um grupo que sobreviveu coletivamente, Paulo Antunes relata que a comunidade de Canudos era composta por diferentes pessoas, de diferentes origens. Seus avós, fundadores da comunidade, eram provenientes de Curitiba e dos campos de Guarapuava. Um deles era tropeiro e casou-se com uma indígena, que o acompanhou na fundação da comunidade de Canudos. Paulo disse que muito do seu conhecimento sobre as plantas e seus benefícios foi transmitido por este avô, que conheceu muito na prática, além de ter absorvido conhecimentos tradicionais indígenas em seu convívio matrimonial. Em Curitiba existia a cidade, e nesta década a mão de obra industrial era o que mais empregava trabalhadores, sobretudo na produção de barricas, fundições e processamento de erva-mate em engenhos. Guarapuava, desde seu estabelecimento, foi governada por uma elite fazendeira, e o trabalho provavelmente se limitava

ao cuidado das propriedades da elite. Este contexto conduz à interpretação da criação e estabelecimento da comunidade de Canudos a partir de pessoas que se retiraram da periferia para estabelecer uma vida autônoma e de liberdade de trabalho.

Durante a década de 1950 a fazenda que hoje pertence à empresa sueca era propriedade, conforme afirma Paulo Antunes, de Vitor Geisel, que era irmão do futuro presidente-militar do Brasil, o General Ernesto Geisel. Segundo Paulo, seu pai era funcionário desta fazenda e trabalhava ali com capataz e administrador da propriedade. Ali extraía-se madeira e erva-mate. Vitor Geisel vinha para a propriedade a cada três anos fazer o pagamento do pai de Paulo e demais trabalhadores. Ao mesmo tempo, seu pai mantinha o mercado funcionando na comunidade de Canudos. Quando a fazenda mudou de proprietário e decidiu-se pelo estabelecimento do cultivo de pinus, o pai de Paulo decidiu mudar-se definitivamente para Canudos, para cuidar de seu pai (avô de Paulo) e do mercado, além de poder trabalhar no erval. Paulo chegou a nascer na fazenda Fiat Lux, em 1961.

Paulo disse que a cultura do mate é comum em todas as casas da comunidade. Neste e no último campo, em Antônio Olinto, a propriedade está bastante relacionada à comunidade, é quase que uma subdivisão do coletivo, uma amostra de como se organiza a vida pessoal de integrantes de um grupo comunitário, com adaptações pessoais e familiares. Mas de maneira interpretativa, nota-se a conexão com a comunidade, que geralmente no entrono do núcleo pessoal, é imediatamente rodeado por familiares. No caso de Paulo Antunes, na frente de sua casa tem seu irmão, na parte de trás tem sua irmã, na parte mais acima tem um dos filhos, e na entrada do erval outro filho. A filha de Paulo Antunes vive em outra comunidade, chamada Água Branca.

Pontos em comum com outras propriedades:

Semelhante ao que verificamos na propriedade de Esequiel Hupalo e também na de Elpídio Oliva, o surgimento da propriedade está inserido em um contexto de fundação de comunidade, aproximadamente na década de 1920. Os terrenos vão se dividindo conforme a distribuição entre os herdeiros. Próximos a Paulo vivem alguns de seus irmãos e também uma irmã, e sua propriedade é, em partes, herdada, e outra parte adquirida, às vezes até de outros irmãos.

A presença de uma fazenda que absorvia mão de obra local me remeteu também à propriedade de Belarmino, que era, de fato, uma destas fazendas centrais no sistema de ocupação do território e estabelecimento de períodos de intensa atividade extrativista. Paulo

nasceu dentro de uma grande fazenda, onde vivia toda a sua família. As casas existentes na propriedade de Belarmino, inclusive a casa onde ele vive dentro da Roseira, eram casas de pessoas que trabalhavam na madeireira, nos ervais e nas lavouras. Acredito que a família de Paulo fosse um equivalente local deste mesmo sistema. Existia a comunidade de Canudos próxima, onde viviam os avós de Paulo, e seu pai vivia dentro da fazenda, como trabalhador, e ali fez sua família.

Assim como em todas as propriedades com a exceção de Belarmino (justamente por não viver oficialmente no lugar que visitamos), a horta para o consumo de alimentos locais fica no entorno da casa, e seu Paulo possui outro cultivo em paralelo ao da erva-mate, mas no seu caso é de alimentos orgânicos em sistema agroflorestal para o programa de merenda escolar municipal. Isso o diferencia de Elpídio, Juliano, Belarmino e Esequiel, que possuem lavouras de soja e milho. Porém se aproxima da propriedade de João Negir, onde a erva-mate é definitivamente a produção mais rentável. Em compensação, os filhos de Paulo têm cultivos agrícolas convencionais, como feijão e fumo.

A historicidade da propriedade pode ser interpretada a partir das construções, que são como condutores para a análise da transformação da paisagem ao longo das necessidades de cada época. A casa dos avós de Paulo já não existe mais, porém várias estruturas revelam a ordem e os traços relacionais dos momentos históricos das práticas agrícolas com o passar do tempo. Assim como em todas as propriedades visitadas, a propriedade de Paulo (não especificamente dentro do terreno legalmente seu, mas dentro do sistema comunitário em que sua propriedade se integra, com origens familiares) possui um antigo barbaquá, que era o centro de processamento da erva-mate coletada nos ervais das imediações.

O erval também revela camadas de historicidade, com erveiras nitidamente carregadas de traços de podas passadas, e por muitas vezes bastante antigas, porém ainda bastante vivas. A presença de antigos tocos de Imbuia revela traços de outras atividades extrativistas ou de coleta de ofertas ambientais, como é o caso da madeira, importante aliada para o desenvolvimento humano nas condições naturais oferecidas por este específico nicho. As temperaturas baixas do inverno, a necessidade de abrigo para pessoas, animais e alimento, foram sempre supridas pela proteção e estabilidade que as madeiras do Pinheiro e da Imbuia proporcionaram ao longo da história.

Diferentemente do erval de Elpídio, do erval inferior de Juliano e de algumas partes do erval de João Negir, e semelhante ao erval de Belarmino, Paulo não adensa o sub-bosque da floresta, deixando com que o surgimento de novos pés de erva-mate seja feito por encargo das

próprias dinâmicas de cruzamento e brotamento dentro da floresta. E isso se difere sobremaneira do erval de Esequiel, que, por tratamento indevido, acabou morrendo.

A história familiar de Paulo, assim como a de todos os entrevistados, passa pelos ervais, pelas podas das folhas da erva-mate, pelo sapeco da erva, pelos feixes de taquara no meio do mato, pelos barbaquás, pelo malhador, pelas peneiras, pela estocagem de erva e pela cuia do mate. O transporte da erva para algum lugar nem sempre tão conhecido é também um denominador comum nas memórias. Paulo lembra-se muito dos momentos compartilhados em família e em comunidade ligados à erva-mate. Manter um erval em pé é manter a própria história viva.

Análise fotográfica:

Figura 1: Sr. Paulo Antunes em frente à sua casa.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 13 apesar da mudança para a casa da frente, a horta continuou sendo mantida em volta da casa antiga. Aqui vemos uma boa variedade de alimentos.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 3: a casa do irmão de Paulo Antunes.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 1, 2 e 3) As imagens acima representam o estilo construtivo aplicado à vivência doméstica na comunidade de Canudos. Na figura 1 vemos o Sr. Paulo Antunes posando em frente à sua

casa, construída em alvenaria nos anos 2000. Antes de se mudarem para esta casa, ele e a Sra. Zília viviam com os três filhos (dois homens e uma mulher) em uma casa construída em madeira, localizada logo atrás da casa em alvenaria. A antiga casa do casal teve seu uso substituído, deixando de ser moradia, tornando-se uma estrutura organizacional na propriedade: a sala é utilizada como galpão, onde alguns instrumentos de trabalho ficam dispostos. Os quartos agora são utilizados como depósito de grãos, como milho.

Ao lado da antiga casa onde viviam encontra-se a horta, que produziu os alimentos que comemos durante o almoço, conforme mostra a figura 2. Situada logo em frente à antiga cozinha, a horta é gerida pelos cuidados da Sra. Zília, quem prepara os alimentos para o consumo também. No lugar do espaço que supostamente seria ocupado pela presença de uma horta na casa nova, Zília e Paulo mantém uma farmacopeia, com plantas medicinais de diversas qualidades, que fica localizada logo em frente à casa nova. Isso nos leva também a interpretar analogias relacionadas às novas demandas de utilizações do espaço. A horta manteve-se em um lugar original e no seu suposto novo nicho instalou-se outra estrutura, com características semelhantes, adaptadas às necessidades contemporâneas.

A terceira fotografia busca evidenciar que as mudanças de estrutura funcional e readaptação, assim como a reorganização da paisagem, são práticas comuns na comunidade de Canudos, repetindo-se na família do irmão de Paulo, ao transferir a casa da antiga estrutura de madeira para uma construção que necessita menos manutenção e apresenta maior estabilidade. Este fator pode indicar uma capacidade de adaptação e resiliência, fenômeno também percebido não só nos sistemas de produção, com adaptações às demandas contemporâneas associadas às práticas tradicionais, mas também se percebe nas erveiras com sua resposta sempre em favor da continuidade, como veremos em análises fotográficas adiante.

Figura 4: estufa de secagem de fumo do filho mais novo de Paulo Antunes.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 4) A estufa de fumo do filho mais novo de Paulo fica localizada em uma parte mais isolada da comunidade, próxima à entrada do erval que Paulo maneja. São João do Triunfo é repleto de estufas de fumo em diversas pequenas propriedades, e pode-se pensar que o nicho ocupado por barbaquás na secagem de erva-mate há algumas décadas atrás, é hoje ocupado por este tipo de estrutura. O fumo fica dentro destas estruturas passando por um processo de secagem antes de ser vendido para as empresas que processam este produto. Nesta região do vale do rio Iguaçu existem grandes companhias internacionais que compram fumo dos agricultores, dentre elas existe a Souza Cruz e a Japan Tobacco International (JTI).

O calor da estufa é proporcionado pela queima de madeiras como o exótico Eucalipto e a nativa Bracatinga. Para tanto, enormes pilhas de lenha destas madeiras estão situadas no entorno da construção. Além de funcionar como estufa de fumo, esta estrutura construtiva abriga uma espécie de galpão, onde a manutenção de tratores e a manipulação de alguns pesticidas agrícolas para o cultivo convencional de feijão ocorre.

Figura 5: toco de Imbuia dentro do erval é testemunha de momento e demandas do seu próprio passado.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 5) Existem diversos elementos que podem ser analisados a partir de uma perspectiva historiográfica, considerando o acúmulo de práticas e a forma como o resultado destas ações tomadas em diferentes tempos históricos ocorre e distribui-se na paisagem das propriedades de produção de erva-mate em sistemas tradicionais de produção. Em diferentes áreas dos ervais ou mesmo da organização interna de uma propriedade encontram-se vestígios de antigas práticas que se materializaram em determinados lugares, como é o exemplo da figura acima: um toco de uma Imbuia cortada convida à reflexão e permite pensarmos acerca da configuração e das práticas aplicadas a este específico lugar no momento em que a decisão de seu corte, permeada por necessidades de aplicação do trabalho para a realização de tal ação, ocorreu.

As tábuas da madeira da Imbuia eram geralmente aplicadas em vários tipos de construção, como em algumas partes pontuais do barbaquá: o corpo do malhador, a peneira; além de outras aplicabilidades como na fundação de casas, por exemplo. A madeira da Imbuia é bastante pesada e densa, resistente a impactos constantes, por isso seu emprego associado a ações ativas. Provavelmente as tábuas desta árvore ainda são utilizadas em alguma construção na comunidade de Canudos, na propriedade de algum familiar de Paulo, ou mesmo em sua propriedade.

Por não ser uma Imbuia muito grande e seu corte apresentar evidências de corte por machado, podemos acreditar que esta árvore teve um uso dentro da propriedade, provavelmente não tendo sido vendida para madeireiras ou serrarias locais.

Figura 14 o cuidado com o erval é minucioso e se dá nos pequenos detalhes.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 7: Sr. Paulo Antunes mantém um meliponário dentro do erval.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 15: a jovem erveira é protegida pela sombra da mãe, chamada de erveira matriz, que é mãe de inúmeras pequenas ervas-mate.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 6, 7 e 8) As figuras acima ilustram as diferentes perspectivas e escalas de manejo que ocorrem dentro de um erval em sistema sombreado, onde a erva-mate cresce em seu nicho ecológico natural protegida dentro do sub-bosque da Floresta Ombrófila Mista. Nesta específica sequência de imagens podemos contatar três agentes ativos de manutenção e continuidade da existência da floresta: o manejo humano (Fig. 6), feito pelas mãos do Sr. Paulo, aplicando conhecimento tradicional, passado intergeracionalmente, aliado ao conhecimento empírico adquirido ao longo da experiência no erval; o manejo realizado por insetos (Fig. 7), com o exemplo das abelhas, que atuam ativamente na diversificação genética e polinização de inúmeras espécies entre as quais inclui-se a erva mate; o manejo proporcionado pelas aves, que, ao ingerir os frutos das erveiras polinizadas pelos insetos, geralmente árvores mais altas que não recebem o manejo humano, pousadas em galhos no nível mais alto da floresta, defecam e desta distribuição de sementes, novos pés de erva-mate vão nascendo na floresta (Fig. 8).

Estas diferentes escalas, somadas a tantas outras que, por vezes, escapam até mesmo da capacidade de visualização humana, atuam em consonância no manejo e na continuidade do erval. Para isso, Sr. Paulo observa atentamente e toma como aprendizado as práticas aplicadas ao manejo da erva-mate, no caso da imagem em que manuseia e retira em uma determinada proporção os parasitas que vivem no tronco da erva. É necessário que uma quantidade de parasita continue no tronco para que o corredor de circulação de pequenos animais que passam por ali continue a existir, e que as trocas que eles realizam com o ambiente continuem atuando em favor do manejo do erval e consequentemente da floresta.

O apiário mantido por Paulo e localizado na área de fronteira entre o erval e a área de floresta virgem que mantém em sua propriedade, além de produzir algumas variedades de mel, própolis, cera e geleia real, proporciona o manejo da biodiversidade com o cruzamento genético ocasionado pela polinização quando vão em busca de alimento para a colmeia. Os pássaros, por sua vez, além de dissipar sementes, se alimenta de insetos parasitas da erva-mate, portanto, como defende Sr. Paulo, não há a necessidade de se adicionar nenhum elemento externo à floresta, pois tudo se processa e se transforma ali dentro.

APÊNDICE F – RELATÓRIO DA ATIVIDADE DE CAMPO NÚMERO 006

(25°42'13.0"S 50°24'19.5"O 839m.)

A sexta e última atividade de campo programada para a amostragem da pesquisa de mestrado ocorreu na propriedade de João Negir de Paula e Silva, localizada na comunidade da Barra Bonita, no município de São João do Triunfo. João Negir vive nesta propriedade junto com Lucélia, sua esposa, e seus dois filhos, João Carlos e Alexandre desde 1990. João Negir é proprietário da ervateira Kosloski e Silva, que é uma das poucas ervateiras do Brasil que possui o selo de certificação participativa de erva-mate orgânica. Ele também é o idealizador de uma relevante tecnologia que adaptou o antigo estilo produtivo de erva-mate processada em barbaquás para a escala e, sobretudo, para as demandas do processamento industrial contemporâneo.

A primeira vez que tive contato com o Sr. João Negir e seu filho João Carlos foi durante a realização de um seminário sobre sistemas tradicionais de produção de erva-mate, ocorrido em Curitiba, em março de 2018. Na ocasião, tivemos a oportunidade de conversar sobre produção de erva-mate e erva-mate matrizes. Desde o primeiro contato com a família eu me senti muito interessado em conhecer a propriedade, que, através da narrativa, parecia cheia de curiosidades e detalhes específicos os quais eu não conseguia nem imaginar. Passaram-se três meses e a oportunidade de fazer uma breve visita ao lugar surgiu, à ocasião de um evento organizado pelo PET de História da UEPG. Porém, por inúmeras condições que se somaram naquele momento, não tivemos a oportunidade de conhecer de forma mais detalhada o erval, mas a introdução ao sistema de processamento, instalado em uma estrutura muito grande e proporcionalmente funcional foi algo inesperado e bastante atrativo. Na ocasião afirmei para João Negir e João Carlos que, assim que eu conseguisse encontrar outra oportunidade voltaria para conhecer aquele lugar.

Era final do dia e a luz do sol já havia perdido sua intensidade. Cansado, chego novamente na cidade de São João do Triunfo, voltando da visita à propriedade de Paulo Antunes. Estaciono o carro em frente à Paróquia de São João Batista, situada no ponto mais alto, com certeza é a igreja matriz do município. Desço do carro eu vou até um mercadinho que fica logo na esquina, estou buscando pilhas para o gravador, que acabara de registrar uma conversa na varanda de uma casa na comunidade de Canudos, e precisava ser recarregado. Na mesma prateleira que as pilhas estão dispostas embalagens de diferentes fumos e maços de

papel com 10 folhas secas de milho, um kit perfeito para fazer cigarros de palha. Mesmo sem ser fumante, considereí aqueles produtos na prateleira representantes simbólicos das práticas culturais de São João, pois desde que cheguei na casa de Paulo Antunes, ele foi, pouco a pouco, consumindo um cigarro de palha preparado por ele mesmo, na minha frente. Aquilo havia me chamado a atenção. Do mercado levei pilhas, uma garrafa d'água, um maço de folha de milho seca e uma embalagem de fumo. Acabaram sendo uma boa lembrança entregue para um amigo consumidor de tabaco.

Atravesso a rua e paro na tradicional sorveteria da cidade, um sorvete feito em casa, de coco queimado, me satisfaz enquanto recupero as energias para, enfim, ir ao encontro de João Negir, que já me aguardava em sua casa. Havíamos combinado que eu passaria a noite por lá e no dia seguinte sairia para conhecer o erval. Estou pronto para a última ida da pesquisa. A entrada para a comunidade de Barra Bonita se dá indo em direção a São Mateus do Sul, após uma acentuada curva para a esquerda, entra-se à direita, em um acesso para a estrada de chão. Diferentemente de minha recente experiência na comunidade de Canudos, quando se levou muito tempo para encontrar casas no caminho, a estrada para a Barra Bonita passa pelo Rio Baio, a maior comunidade rural do município, e, ao longo de toda a estrada vejo com frequência carros, motos, bicicletas e diversas propriedades. Praticamente todas elas têm ao lado das casas uma estufa de secagem de tabaco. Mercados também surgem com uma certa regularidade, armazenando em suas prateleiras pequenas utilidades, alimentos e bebidas. Bares e igrejas também apareciam com certa regularidade.

Após alguns quilômetros atravessando esta estrada, passando por comunidades que concentram um bastante específico estilo de vida, meu destino, apontado pelo aplicativo de orientação, encontra-se à esquerda. Entro pela segunda entrada da propriedade, apontada como uma simpática vizinha que me prestou auxílio como a entrada do barbaquá. Minha memória naquela entrada era viva, decidi meu acesso por ela. Assim que meu movimento é percebido, logo João Carlos aparece para me receber. Pego minhas coisas e me dirijo à casa, onde revejo João Negir, em pé e disposto, depois de um longo período de debilidade física por conta de uma grave pneumonia. Vê-lo me deixou contente. Ali na cozinha estava também Lucélia, que entusiasmada me cumprimentava. Senti que minha visita ocorria em boa hora e fui logo abraçado como um familiar ou mesmo um amigo de longa data.

Ao longo daquela noite, que acabara de chegar, passamos o tempo conversando sobre a natureza, a saúde, a erva-mate – que era compartilhada entre nós ali na mesa da cozinha – e diversos outros assuntos que enchiam a nossa roda de energia e aprendizado. A conversa fluía

com muita naturalidade e os assuntos vinham aparecendo, como que encontrando nossas afinidades em comum. Antes do jantar, que ia sendo ao fundo preparado por Lucélia, fui tomar um banho. Comemos arroz, feijão, carne ao molho e uma generosa salada, que era servida à mesa, enquanto os pratos quentes ficavam sob o calor do fogão.

Antes do sono começar a abater o ânimo de nossas conversas, sentei-me à varanda com João Carlos e por ali ficamos discutindo sobre o infinito conhecimento que podemos encontrar nos ervais, até que uma forte e intensa chuva começou a cair, pegando-nos desavisados. O barulho e a intensidade com que a chuva caía aliaram-se perfeitamente ao momento de encerrarmos aquele longo e proveitoso dia com um descanso ao som da água batendo nas plantas e no chão, a vibração dos relâmpagos ao fundo e à intensa meditação que os insetos promovem em seus cânticos noturnos. Já dentro do meu quarto, no aconchego de uma casa feita de madeira, senti-me abraçado pela natureza, e fui, pouco a pouco, conduzido ao encontro de Morfeu.

Eram dez para as sete da manhã, a chuva ainda caía lá fora, abro a minha janela. O ar estava bem limpo e a sensação de respirar fundo foi muito satisfatória. Estamos ao lado de um grande erval que preserva uma incrível variedade de formas de vida e essa sensação permeia a noção de estar neste lugar. Ao escutar os primeiros barulhos do piso de madeira estalando com o movimento de pessoas e a agitação na cozinha, saio do meu quarto e ali a Sra. Lucélia preparava o café da manhã. João Carlos já estava lidando com a criação no lado de fora, embaixo da chuva que caía, enquanto João Negir despertava. Em alguns minutos todos nós nos reuníamos em volta da mesma mesa de ontem e discutíamos a ordem de acontecimento do que deveria ocorrer ao longo do dia. Depois do último gole no café com leite, convido João Negir para a gravação de uma entrevista. Ele vai até seu quarto, troca de roupa e juntos nos sentamos em uma sala que separa meu quarto da cozinha, encostamos a porta e ali ficamos por mais de uma hora conversando. Os assuntos discutidos ali estão presentes mais adiante neste relatório de campo.

Após a conversa com João Negir, que teve ainda uma participação muito importante e enriquecedora da Sra. Lucélia, João Carlos teve de levar um dos gatos do sítio que estava adoecido até o consultório de uma colega de profissão sua, na cidade de São Mateus do Sul. Aproveitei a oportunidade e me juntei a ele para entender melhor qual a distância até São Mateus e qual o grau de dependência das ofertas de prestação de serviço os habitantes da porção rural do município de São João possuem em relação à cidade de São Mateus. Pouco antes de nossa entrada naquela cidade a chuva cessou.

Voltando da cidade de São Mateus, já próximo ao meio-dia, João Carlos perguntou-me se gostaria de conhecer a igreja polonesa da comunidade de Água Branca, localidade de nascimento de seu avô materno. Na igreja experienciamos um bom momento de contemplação arquitetônica e de reflexão acerca da grande habilidade de resiliência e transformação da paisagem que os imigrantes tinham. A igreja é, de fato, muito bonita, e é tombada pelo patrimônio estadual, merecidamente. As pinturas internas são originais de 1923 e remetem a temáticas do catolicismo polonês.

Ao chegar novamente na casa da família Kosloski e Silva, um almoço recém preparado aguardava nosso retorno: arroz vermelho, feijão preto, carne moída ensopada, bolinho de espinafre, salada de abobrinha, tomates. Diversas fontes de nutrientes prestes a abastecer nossas necessidades para a caminhada no erval que aconteceria logo após o almoço. Ainda para finalizar a refeição, um bolo de laranja com cobertura de chocolate acabara de sair do forno e foi servido ainda quente. Eu e João Carlos estávamos agora mais preparados do que nunca para a introspecção dentro do erval que é mantido desde a época de seu avô.

Chapéu na cabeça, casaco amarrado da cintura e um facão na mão. Assim se preparou João, e me sugeriu que fizesse o mesmo. No lugar do facão peguei a câmera para registrar imagens dos detalhes deste lugar que prometia ser uma grande descoberta: Nossa caminhada se inicia com o primeiro sinal de boas vindas e demonstração de adaptabilidade que existe nas formas de vida que se abrigam dentro de um sistema tradicional de produção de erva-mate: abelhas nativas que se instalam dentro de uma fenda e fazem de um pequeno pedaço de uma árvore – que também é um pequeno pedaço da floresta – o lar ideal para o estabelecimento de sua sociedade complexamente organizada e funcional. Grandes ensinamentos apenas começavam a surgir.

A quantidade de pés de erva-mate presentes no sub-bosque desta floresta é realmente algo admirável, e torna-se ainda mais impressionante quando descobrimos que aquelas árvores, assim como no erval de Paulo Antunes, nasceram por causas naturais naquela localidade. A biodiversidade que rodeia esta concentração de erva-mate também é outro fator que nos salta aos olhos: a vegetação aqui é muito densa e esta primeira parte pela qual atravessamos ainda não foi roçada para que houvesse espaço para os movimentos humanos necessários para a realização da poda. Na verdade, a distribuição das áreas roçadas se dá em conformidade com a área de onde as erva-mates serão podadas. Portanto, erva-mates que foram podadas a menos de quatro anos permanecem crescendo em um ambiente em estado praticamente inalterado, com a menor interferência humana possível. Esta é uma decisão de prática de manejo tomada por João Negir

e mantida por João Carlos, que recentemente realizou sua primeira safra como o provedor do manejo, no lugar de seu pai.

Dentro do erval manejado pela família Kosloski e Silva existe uma boa variedade de distribuição de paisagens interiores. Existem alguns momentos em que as folhas das erveiras são maiores, em outros momentos são mais arredondadas. Em algumas partes há uma concentração maior de erveiras, em outras situações Xaxins aparecem em grande quantidade, carregando em si uma amostra adensada de vida, agarrada em seus permeáveis troncos. João Carlos me diz que estes Xaxins eram usados como cerca quando a propriedade era gerida pelo seu avô, e que em algumas partes daquele pedaço específico do erval, seu pai, sua mãe, seu irmão e ele plantaram árvores para recuperar lugares que tinham servido de espaço para caminhada de animais. Porções da floresta que aguçam lembranças de ações ou lugares que se transformaram apareceriam mais vezes ainda nesta jornada.

João Carlos me leva para conhecer um pequeno riacho que atravessa o erval. Relata que ali, durante a sua infância e adolescência, ele e seus amigos costumavam pescar e a água era translúcida. A nascente deste corpo hídrico está situada onde hoje há uma plantação de fumo, mantida por um vizinho. A água é turba e não se encontram mais peixes por aqui. Isso comprova o que João Negir me falara pela manhã.

Nossos passos continuam a atravessar a floresta e, paralelamente, diversos animais seguem com suas práticas cotidianas ao nosso redor. Vemos diferentes tipos de pássaros que voam por entre as árvores e conversam entre si, nos mais variados tons e formas de se expressar. Pequenos insetos também emitem seus comunicados, enquanto o cachorro bege nos acompanha, desde a hora em que saímos. Chegamos até o fim da propriedade, na divisa com os cultivos da agricultura convencional. Dói imaginar que aquelas amplas áreas, hoje cobertas com um ou às vezes dois tipos de plantas, já foram inteiramente ocupadas pela floresta. Mais uma vez me lembro do que João Negir me contou naquela manhã, e infelizmente isso faz parte da história. Talvez os erros do presente possam servir como exemplo para um futuro mais assertivo.

Aquele era o ponto mais alto da propriedade, e a partir daí passamos a descer por uma estrada principal da propriedade, que vai cruzando os ervais e é por onde passa o trator quando da ocasião do carregamento de folhas cruas de erva-mate na época da colheita. A partir de agora entramos em mais um novo ambiente: de um lado da estrada observamos um erval recém colhido, do outro lado um erval em regeneração, no mesmo estilo do erval que passamos na parte de baixo, onde a vegetação em volta das erveiras é alta e a floresta fica bastante escura

por dentro. Decidimos entrar na parte podada para observar. A poda havia sido feita por pessoas de fora, que são contratadas para ajudar na colheita e por vezes algumas podas incorretas acontecem, e isso pudemos verificar ao analisar mais detalhadamente as quebras de galhos dentro de uma parte do erval.

O trajeto e a prosa seguiram adiante pela descida, e ao longo do caminho de volta nos deparamos com árvores de folhas muito saudáveis, que chegavam mesmo a reluzir com a iluminação de céu refletindo a radiação, batendo nas verdes superfícies umedecidas pela chuva que caíra ao longo de toda a noite e durante boa parte da manhã. Uma destas ervaíras estava ao lado de um jovem Pinheiro, posso acreditar que suas folhas foram das mais bonitas e chamativas que vi durante todos estes campos, com um verde seco e radiante, folhas enormes e muito simétricas. Aquela árvore marcou minha visita.

Pouco a pouco, passo a passo, fomos nos aproximando de volta ao núcleo habitacional da propriedade, onde se concentram as construções e se cruzam histórias de vida. João Carlos me levou para conhecer as antigas estruturas do barbaquá de seu avô que chegou a ser usado por seu pai, onde João Carlos guarda muitas memórias de sua infância: era ele o responsável por tocar o cavalo na hora da moagem da erva e também, quando um pouco mais velho, por girar o tambor por onde a erva passava para ser sapecada, antes de entrar na sessão de secagem longa. O barbaquá está desativado há pelo menos seis anos e sua estrutura já começou a sofrer processos de deterioração, pois toda sua estrutura é construída em tábuas e galhos de Pinheiro e Imbuia. Neste espaço a família anseia em construir um pequeno museu com peças históricas das práticas agrícolas associadas aos ervais nativos.

O tempo havia passado voando como um pássaro e a noite ameaçava chegar não muito distantemente, e ainda fui com João Carlos conhecer as instalações antigas da casa em que morou junto com seus pais quando se mudaram para este terreno. A casa fica ao lado do paiol do avô, e é cercada por um pequeno erval, este plantado, de onde ainda extraem folhas de erva-mate para o processamento no barbaquá da ervaíra Kosloski e Silva, que foi a minha última parada da visita. Entender como a erva-mate passa do seu estado vegetal, abrigada por dentre as árvores e outras formas de vida dentro do erval e torna-se, através de muito conhecimento prático e tradição familiar, um produto dentro de uma embalagem, comercializado em diversas localidades do país.

A erva-mate é resiliente e tem um alto poder de adaptabilidade e dispersão. As analogias aplicadas à continuidade das práticas familiares e a expansão que promovem ao consumo da

erva-mate, buscando valorizar a singularidade da espécie, é uma das grandes virtudes e pode ser considerado um legado da família Kosloski e Silva.

Retornamos à casa e me despeço de meus anfitriões, que tão bem me abrigaram neste lugar histórico. O sol já se põe e estou na estrada, rumo à capital do estado, refazendo o trajeto da erva-mate que escoava nesta direção, caminhando à eternidade. A erva-mate é infinita, fazendo minhas as palavras de Paulo Antunes.

Pontos relevantes para análise:

Estabelecida na década de 1940, a propriedade de João Negir está em sua terceira geração de acúmulos de manejo e transformação da paisagem. O erval sempre esteve presente, por vezes não exatamente nas dimensões que vemos ou nesta mesma distribuição, pois em certos pontos da propriedade existem adensamentos/plantios ou por vezes visualizamos traços de práticas agrícolas hoje abandonadas, como a clareira onde o sogro de João Negir e o próprio João Negir cultivaram milho e feijão, onde João Carlos pretende cultivar 120 pés de tabaco orgânico, ainda inexistente na região de São João do Triunfo. Conforme apontado por João Carlos, seu avô possuía alguns animais e seus vizinhos também utilizavam o terreno para deixar animais soltos e isso danificou certas partes do solo, limitando em certa proporção a regeneração florestal.

Além de sua história específica, que transita por um movimento pendular de rural-urbano-rural em sua consolidação como área de manejo ativo, a partir do estabelecimento definitivo de João Negir e Lucélia em 1989 neste lugar, a propriedade se organiza de uma maneira bastante peculiar: a condição de relevo e a relação de proximidade com a estrada (e a vida comunitária no momento de fundação do sítio – os pais da mãe de Lucélia viviam próximos), fez com que o terreno fosse organizado com as casas e construções estabelecidas no primeiro plano do solo, com relevo suave, e, conforme o mesmo progressivamente se acentua, o erval vai se espalhando, tomando diferentes formas dentro da área florestada.

Outro fator interessante é a transferência de aplicação de conhecimento regional. João Negir se criou em outro município, também em uma comunidade rural chamada Tesoura, mais antiga do que a comunidade de Barra Bonita, pois estava mais próxima do rio Iguaçu, condutor do estabelecimento de colônias e comunidades na região. João Negir aprendeu a lidar com o erval desde criança, acompanhando seu pai no manejo, na colheita e no processamento da erva-

mate. Somado ao conhecimento de seu sogro, que aplicava manejo em sua propriedade, João Negir trouxe de São Mateus do Sul certos tipos de práticas e aplicou à lida no erval em São João do Triunfo.

O ponto alto da propriedade é, sem dúvidas, a criação/adaptação de um novo estilo de barbaquá, que se utiliza da mesma lógica funcional do barbaquá antigo, construído na década de 1940 e que sofreu alterações pontuais em sua estrutura até a década de 2000, para processar uma quantidade relativamente grande de erva-mate – em escala de pequena indústria – atendendo às normas e padrões estabelecidos por acordos e determinações da vigilância sanitária. Estes acordos, quando entraram em vigor a partir da década de 1980, impossibilitou que muitos pequenos produtores de erva-mate comercializassem oficialmente seu produto. A tecnologia de João Negir, implementada em 2016, com a inauguração oficial da estrutura de seu barbaquá industrial de pequena escala, representa também uma analogia à resiliência e adaptabilidade da erva-mate dentro de sistemas tradicionais de produção.

A terceira geração da propriedade, João Carlos e seu irmão Alexandre, também são responsáveis pela abertura e divulgação dos sistemas tradicionais e as práticas aplicadas nos ervais que transformam a erva-mate produzida nesta propriedade em uma das mais reconhecidas no mercado de produtos orgânicos, ao menos em escala regional. Eles gerem uma página na internet em que divulgam práticas de manejo e processamento e atingem cerca de 10 mil pessoas por ação publicada. Além de estarem desenvolvendo um estilo de comércio de erva-mate ainda não experimentado por práticas anteriores. Portanto, podemos afirmar que a propriedade de João Negir concentra uma série de ações pioneiras que promovem a continuidade de práticas de agricultura e aplicação de conhecimentos tradicionais.

O retorno ao meio rural, a consequente negação à aplicação de insumos químicos, a produção de alimentos e hortaliças orgânicas, o encerramento do funcionamento da estufa de fumo, a criação de um barbaquá industrial, o desenvolvimento de uma horta circular, a dedicação plena ao manejo do erval, a criação de uma ervateira, a inovação na divulgação e comercialização. Todas estas atitudes revelam que as práticas aplicadas nesta propriedade se enquadram em um patamar de transformação concentrado. Ainda resta entender qual a motivação da saída do pai da Sra. Lucélia da comunidade de Água Branca, de tradição polonesa, onde geralmente a mulher sai do seu lugar para se juntar ao homem. Neste caso vemos um movimento não usual, talvez também outra inovação.

Pontos em comum com outras propriedades:

Todas as propriedades visitadas ao longo da pesquisa possuíam estruturas de processamento de erva-mate, utilizadas por gerações que habitaram o local em momentos anteriores, e no caso da propriedade de João Negir, isto também se aplica. A diferença é que foi construída uma nova estrutura, enquanto a antiga se desfaz por falta de utilização, como vimos na propriedade de Belarmino, Esequiel e Juliano. Nas propriedades de Paulo Antunes e Elpídio as estruturas de barbaquá foram desmontadas e inexistem no tempo presente.

A condição de relevo da propriedade de João Negir assemelha-se à das propriedades de Esequiel e Juliano, porém a parte de trás da casa daquela, ao contrário destas, é onde está localizado o erval, que é, em realidade, a principal fonte de renda da família de João Negir. Nos casos de Esequiel e Juliano, as lavouras, instaladas atrás da casa, em um relevo que se inclina progressivamente, são as principais fontes de renda.

Cada propriedade mantém um estilo de manejo próprio, que vai ao encontro do que cada agricultor pensa sobre o erval e sobre a natureza. O estilo de manejo aplicado na propriedade de João Negir se aproxima da observação cautelosa de Elpídio e Paulo Antunes, mas também permeia as práticas de deixar a floresta se desenvolver sem muitas interferências como faz Belarmino. As áreas onde ocorreram adensamentos também podem estar em paralelo com as práticas de Juliano e Elpídio. A particularidade de cada forma de gerir a floresta, com diferentes níveis de interferência, compõe a riqueza dos sistemas tradicionais de produção. Mesmo o anseio pelo ressurgimento, como é o caso de Esequiel, com um manejo inicial, mas esperançoso, representa uma riqueza afetiva à erva-mate sombreada, ao carijo, ao barbaquá, à floresta.

Mesmo o ato de deixar, propositalmente, uma floresta em pé para produzir erva-mate sombreada pode ser interpretado como uma interferência, neste caso positiva.

A propriedade de João Negir tem a sua historicidade organizacional. Um lugar onde foi feita a primeira instalação, também chamado de estabelecimento matriz, e, conforme a propriedade foi encontrando necessidade, sua estrutura foi se reorganizando e se adaptando. É curioso que, assim como Paulo Antunes, há na propriedade dois lugares de experiência do núcleo familiar, que foi transferido ao longo do tempo. A casa antiga de João Negir continua em pé, mas encontrou outra funcionalidade, assim como a de Paulo, que hoje é utilizada como galpão. Outras propriedades possuem o mesmo esquema de matriz e construções mais novas, mas em nenhuma delas isso aconteceu na mesma geração. Todas as novas construções estão

relacionadas às novas gerações, como no caso de Elpídio, Juliano e Esequiel. O caso mais específico é o de Belarmino, que não se enquadra na lógica de continuidade de moradia, pois não vive em sua propriedade de São Mateus do Sul.

O ponto em comum verificado em todas as propriedades é o afeto e as lembranças que todos os agricultores cultivam pelo ato de processar a erva-mate. Lembranças que remontam à família e ao trabalho em conjunto, roçando o erval, abrindo espaço para a poda das erveiras, que tinha época certa para acontecer durante o inverno. O sapeco no meio do mato, a elaboração de feixes, sempre com aproximadamente 40 quilos, mas podendo chegar a mais de 100 quilos em certas narrativas. O transporte dentro das matas até o barbaquá. As memórias no barbaquá em si, quando a comunidade se encontrava, tocava violão e gaita, virando a noite observando e mantendo a entrada de calor para a secagem da erva, o cavalo movendo o malhador. Todas estas memórias são muito vivas na mente dos agricultores entrevistados na pesquisa. Parece que o afeto à memória e força de continuidade da erva-mate é algo que pode ser interpretado como um denominador comum nos sistemas visitados.

Análise fotográfica:

Figura 1: o antigo paiol, construído na década de 1940, é testemunha de transformações na paisagem.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 16: a primeira casa onde viveu a família Kosloski e Silva.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 1 e 2) Provenientes de diferentes temporalidades de práticas aplicadas à paisagem da propriedade, o antigo paiol e a primeira casa onde a família Kosloski e Silva se instalou se encontram como remanescentes de estilos de vida que passaram por esta propriedade. Ambas as estruturas são construídas em madeira de pinheiro: a primeira foi estabelecida na primeira geração de ocupação do terreno, pelo pai da Sra. Lucélia, na década de 1940 – provavelmente em 1945 – ano em que se instalou na propriedade e passou a transformar ativamente a paisagem com práticas de cultivo de milho, feijão e erva-mate. Conforme Lucélia relatou na entrevista, esta estrutura era utilizada como paiol para armazenamento da produção agrícola da propriedade de seu pai. Ali ficavam armazenados milho e a erva-mate que já havia sido processada no barbaquá. Apesar de a casa matriz da propriedade não mais existir, o estado de conservação do paiol revela a qualidade do trabalho aplicado no processamento e construção das estruturas funcionais da propriedade rural antiga.

Já a casa da família Kosloski e Silva, hoje sem um uso estabelecido e com seus dias contados – João Carlos e João Negir me disseram que o seu desmanche está nos planos próximos – foi construída na segunda geração de uso e acúmulo de transformações da paisagem na propriedade. Ao seu redor há o espaço de uma antiga horta e um pequeno erval. Nas imediações de sua área encontra-se o paiol, o barbaquá e um local onde criavam-se aves, não mais utilizado, pois agora as galinhas crescem soltas em um espaço atrás desta casa. João Carlos

lembrou de como era a casa por dentro quando visitamos suas instalações. A casa não é mais habitada pela família desde janeiro de 2001 e vem tendo um uso variado, abrigando trabalhadores externos, estagiários do colégio agrícola, pesquisadores ao longo das duas últimas décadas.

Figura 3: porção do erval podado há cerca de dois anos.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 4: erval próximo ao tempo de roçada para poda.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 3 e 4) Dentro do erval encontram-se diferentes configurações e estágios de manejo que variam conforme a época da realização da poda. Como o barbaquá está em constante produção e processamento de erva-mate, a cada safra, geralmente no inverno, uma parte do erval sofre poda. Por esta razão verificam-se diferentes estágios de manejo aplicados à floresta ao longo da propriedade de João Negir. Nas figuras acima vemos porções do erval podado há cerca de dois anos, com as erveiras em regeneração (Fig. 3) e um erval que receberá poda na próxima safra, com vegetação muito mais densa e erveiras com folhas bastante maduras e até mais escuras (Fig. 4).

Para além das variedades de estágios de manejo, dentro do erval a diversidade de configurações também se dá na concentração de distribuição de determinadas espécies em associação à erva-mate, assim como as formas de folhas de erveiras em certos lugares. Isso faz com que cada parte do erval tenha uma característica específica e produza, de acordo com João Carlos, tipos específicos de erva-mate. Algumas se diferenciam por seu peso, por seu sabor, textura, coloração, etc.

Figura 17 poda feita de maneira errada.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 5) esta ervaifei sofreu uma poda errada, seus galhos foram retirados com as mãos, tendo seus galhos quebrados e torcidos quando não se quebravam com facilidade. Esta prática se concentrou em uma área do último erval podado, na parte superior da propriedade. Uma equipe de pessoas de fora da propriedade foi contratada para realizar a ação. Este tipo de prática não é comum nos sistemas tradicionais de produção de erva-mate e é um tanto agressivo para a planta, que encontra dificuldades na regeneração em condições como esta. João Carlos, ao verificar este acontecimento, ficou chateado e afirmou que teria que consertar a poda, aplicando outras podas na mesma árvore.

Ver este estilo de poda manual, com quebra de galhos, me remeteu, primeiramente, aos relatos do Padre Montoya narrando sobre as incursões dos Guaranis na cata de ervais, onde ficavam dias coletando galhos e se alimentando de animais silvestres. Me remeteu também a momentos mais recentes da história da erva-mate no Paraná, conforme Temístocles Linhares comenta sobre as práticas de maus tratos aos ervais, com podas equivocadas, fora de época e agressivas às árvores que motivaram a criação de órgãos de apoio e divulgação de práticas mais sustentáveis de lidar com os ervais, que estavam ameaçados por práticas inconsequentes na coleta de folhas de erva-mate.

Figura 6: erveira saudável, com folhas brilhosas.



Fonte: O autor, 2019.

Figura7: condução de crescimento também consiste em manejo do erval.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 6 e 7) as fotografias acima representam o resultado de práticas de manejo do crescimento e condução das ervaes dentro do erval da família Kosloski e Silva. Uma erva com folhas

saudáveis e maduras (Fig. 6) aguarda a próxima poda para tornar-se um alimento de qualidade após seu processamento. Esta é a erva relatada acima, com as folhas mais bonitas já vistas. Sua cor e a forma como saltava em direção ao caminho chamavam a atenção mais que as outras árvores. Sua associação quase que imediata a um Pinheiro também conota uma identidade muito forte para esta árvore específica.

A erva envergada (Fig. 7), é resultado de um longo processo de experimentação desenvolvido por João Negir e João Carlos. A técnica consiste em conduzir a erva a uma inclinação suficiente para que seu cume consiga ser enterrado no chão. Feito isso, a erva lança raízes no solo a partir de seu topo, fixando-se em dois pontos. Quando esta etapa está concluída, pequenas cicatrizes são feitas em seu tronco, e a partir destas cicatrizes brotam novos galhos. Uma erva com este formato torna sua poda mais concentrada e facilitada, pois seus galhos, crescendo para cima, ficam na altura e no ângulo ideais para o alcance da foice ou facão.

Figura 8: João Carlos mostra as monoculturas vizinhas ao erval de sua família.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 8) a propriedade da família Kosloski e Silva está rodeada por monoculturas de tabaco e soja. As linhas de escoamento das propriedades vizinhas geralmente se direcionam para os corpos hídricos, ao invés de serem desenhadas paralelamente a estes para a redução da perda de solo e de assoreamento. Isto faz com que os riachos dentro do erval manejado por João

Carlos e seu pai sofrem alterações como as relatadas em sessão anterior neste mesmo relatório de campo.

O cultivo de fumo em São João do Triunfo teve início na década de 1950 e hoje se espalha ao longo de boa parte das propriedades rurais do município. Este cultivo, assim como outros cultivos de agricultura convencional, necessita de diversos insumos externos para sua manutenção, tais como pesticidas, herbicidas e fertilizantes. A pulverização destes produtos espalha substâncias no ar, porém o erval de João Negir utiliza-se de barreiras naturais de proteção, acrescidos de um distanciamento das erveiras em relação às possíveis áreas de contato com estes elementos flutuantes, o que garante que a erva-mate dentro desta propriedade mantenha características naturais, não influenciadas por fatores externos. Esta imagem representa um constante conflito que desgasta a força pela continuidade e manutenção de sistemas tradicionais de produção de erva-mate.

Figura 18: Sra. Lucélia caminha em direção à horta circular ao pôr do sol.



Fonte: O autor, 2019.

Fig. 9) Sra. Lucélia se prepara para coletar legumes e vegetais para o preparo do jantar, pouco antes do fim do dia. A horta em formato circular possui grande variedade de alimentos e é situada em uma área plana próxima à casa onde vivem. Antes de ser utilizada como horta para consumo familiar, esta parte do terreno foi usada por João Negir como espaço para a produção de hortaliças na década de 2000. Período em que a estufa de secagem de fumo, construção em

tijolos, no plano de trás da imagem, ainda era utilizada. Hoje em dia a construção serve como galpão para armazenamento de ferramentas de trabalho e também é utilizada por João Carlos para estocagem de alguns objetos que utiliza em sua atuação profissional como médico veterinário.

Figura 10: local de secagem longa da erva-mate no antigo barbaquá.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 11: o malhador é um ícone dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 10 e 11) o antigo barbaquá foi construído na década de 1940, sendo utilizado até a década de 2010. Sua estrutura conta com todas as etapas necessárias para o processamento da erva-mate que era coletada na propriedade da família: secador, por onde a erva-mate verde atravessava um comprido cone metálico e ficava exposta a labaredas que, em um curto tempo, sapecavam a erva. Após esta etapa a erva-mate já sapecada era colocada em uma estrutura elevada e vasada por baixo (Fig. 10), onde passava a noite recebendo um intenso calor proveniente de uma entrada de fogo que ficava em um lugar fora do barbaquá. A etapa seguinte a este processo consistia na trituração da erva, que era inicialmente feita por um cavalo que, andando em círculos com uma estrutura encaixada em seu lombo, fazia com que o malhador (Fig. 11), cujo corpo é feito em Imbuia e os dentes em Pinheiro, girasse e triturasse a erva-mate já seca. Conforme a granulometria da erva-mate moída fosse atingindo o tamanho desejado, ela caía para um andar inferior, de onde era retirada para ser armazenada no paiol (Fig. 1).

Todo construído em madeira, este espaço concentra experiências de vida e memórias dos que conviveram e trabalharam em uma estrutura como esta. É neste lugar que a família Kosloski e Silva pretende construir um pequeno museu sobre a história da erva-mate e da agricultura da região.

Figura 12: parte da estrutura do barbaquá industrial idealizado por João Negir.



Fonte: O autor, 2019.

Figura 13: pacotes de erva-mate enfileirados em processo de finalização da colagem da embalagem.



Fonte: O autor, 2019.

Figs. 12 e 13) o novo barbaquá, inaugurado no ano de 2016, aumentou a capacidade e também adaptou às normas sanitárias a produção de erva-mate processada na propriedade da família

Kosloski e Silva. Equivalente à antiga etapa de secagem longa (Fig. 10), vemos a entrada da erva-mate recém sapecada na grande estrutura do forno de secagem longa que funciona a partir da mesma lógica (Fig. 12). Uma esteira conduz a erva-mate que passa pela secagem rápida, exposta a calor mais intenso e curto, e deposita em um andar mais alto, onde a erva-mate é espalhada. Uma entrada de calor no centro do edifício, ligada por um duto subterrâneo a um forno movido a lenha instalado na parte de fora do edifício. Ali a erva-mate fica uma noite toda exposta ao calor, encontrando seu ponto ideal de secagem para ser moída posteriormente.

Dentro do terceiro e último edifício do barbaquá a erva-mate é triturada em proporção geralmente adaptada ao gosto do mercado para onde será enviada. João Carlos afirma que no litoral do Paraná, por exemplo, as pessoas só consomem erva-mate um pouco mais grossa. Em algumas outras localidades, como no centro-sul do estado, a preferência é por erva-mate fina. Para encontrar o ponto ideal de moagem da erva-mate, é necessário saber o tempo de exposição da erva-mate dentro do triturador, que também é uma estrutura antiga, feita em madeira, proveniente da antiga cooperativa de São Mateus do Sul.

Todo o conhecimento e cuidado aplicado no manejo do erval, na poda das ervaíras e no processamento da erva-mate resultam em um produto de alta qualidade e com grande valor final agregado. A ervateira Kosloski e Silva produz a erva-mate Barra Bonita e a erva-mate 5 Estrelas (Fig. 13), que tem 9 misturas texturas de moagens, comercializada para o Brasil todo, através do comércio eletrônico.

ANEXOS

ANEXO A – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE ELPÍDIO OLIVA



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

(Imagem, Voz, Nome e Dados Biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) (localizado no Campus Uvaranas, na Rua General Carlos Cavalcanti, 4748, CEP 84030-900 Ponta Grossa/PR) e sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica, Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Mateus do Sul, 21 de MARÇO de 2019

Elpidio Oliva
Assinatura

Nome:	ELPIDIO OLIVA
Endereço:	POV ALIANÇA VELHA- ALIANÇA VELHA
Cidade:	SÃO MATEUS DO SUL
RG Nº:	5.981.617-9
CPF Nº:	837.170.219-15
Telefone para contato:	

ANEXO B – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE ROSA OLIVA



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

(Imagem, Voz, Nome e Dados Biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) (localizado no Campus Uvaranas, na Rua General Carlos Cavalcanti, 4748, CEP 84030-900 Ponta Grossa/PR) e sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica, Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Mateus do Sul, 22 de MARÇO de 2019

Rosa Oliva
Assinatura

Nome:	ROSA OLIVA
Endereço:	POV ALIANÇA VELHA - ALIANÇA VELHA
Cidade:	SÃO MATEUS DO SUL
RG Nº:	5.112.740-4
CPF Nº:	682.207.109-34
Telefone para contato:	

ANEXO C – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE JULIANO OLIVA



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

(Imagem, Voz, Nome e Dados Biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) (localizado no Campus Uvaranas, na Rua General Carlos Cavalcanti, 4748, CEP 84030-900 Ponta Grossa/PR) e sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica, Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Antônio Olinto, 16 de MAIO de 2019

Juliano Oliva
Assinatura

Nome:	JULIANO OLIVA
Endereço:	3 POÇOS
Cidade:	ANTÔNIO OLINTO
RG Nº:	3.911.671-5
CPF Nº:	572.726.039-68
Telefone para contato:	JÉSSICA OLIVA:

ANEXO D – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE VORÔNICA IAVORSKI OLIVA



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

(Imagem, Voz, Nome e Dados Biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) (localizado no Campus Uvaranas, na Rua General Carlos Cavalcanti, 4748, CEP 84030-900 Ponta Grossa/PR) e sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica, Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Antônio Olinto, 16 de Maio de 2019

Verônica Iavorski Oliva
Assinatura

Nome:	VERÔNICA IAVORSKI OLIVA
Endereço:	3 POÇOS
Cidade:	ANTÔNIO OLINTO
RG Nº:	6.530.455-4
CPF Nº:	759.443.839-68
Telefone para contato:	(42) 98846-5067

ANEXO F – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE BELARMINO J. X. SILVEIRA



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

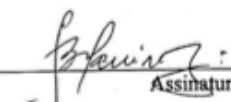
(Imagem, voz, nome, dados biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e sejam essas destinadas à divulgação ao público geral e/ou para a formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (internet, banco de dados informatizado e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**), sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Mateus do Sul, 16 de OUTUBRO de 2019 .


Assinatura

Nome: **BELARMINO J. X. SILVEIRA**

Endereço: **SÃO MIGUEL DA ROSA**

RG: **436.497**

CPF: **109.932.154-9**

Telefone para contato: **042-98803-8235**

ANEXO G – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE ESEQUIEL HUPALO



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

(Imagem, voz, nome, dados biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e sejam essas destinadas à divulgação ao público geral e/ou para a formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (internet, banco de dados informatizado e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**), sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro, e assino a presente autorização.

Antônio Olinto, 11 de NOVEMBRO de 2019.

Esequiel Hupalo
Assinatura

Nome: ESEQUIEL HUPALO

Endereço: ESPÍRITO DOS CARLOS - ANTÔNIO OLINTO

RG: 5.968.926-6

CPF: 636.073.109-63 (08/05/1969)

Telefone para contato:

ANEXO H – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE PAULO SANTOS ANTUNES



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

(Imagem, voz, nome, dados biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e sejam essas destinadas à divulgação ao público geral e/ou para a formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (internet, banco de dados informatizado e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**), sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro, e assino a presente autorização.

São João do Triunfo, 26 de novembro de 2019.

Paulo Santos Antunes
Assinatura

Nome: PAULO SANTOS ANTUNES 11/02/61

Endereço: COMUNIDADE CANUDOS

RG: 4.563.768-9

CPF: 471.144.109-30

Telefone para contato:

ANEXO I – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE JOÃO NEGIR DE PAULA E SILVA



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

(Imagem, voz, nome, dados biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e sejam essas destinadas à divulgação ao público geral e/ou para a formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (internet, banco de dados informatizado e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**), sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro, e assino a presente autorização.

São João do Triunfo, 27 de novembro de 2019.


Assinatura

Nome: JOÃO NEGIR DE PAULA E SILVA (15/04/1958)

Endereço: ELMATEIRAS ROSLOSKI E SILVA - BARRA BONITA

RG: 1.911.890

CPF: 348.322.209-00

Telefone para contato:

ANEXO J – DOCUMENTAÇÃO SOBRE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS DE LUCÉLIA KOSLOSKI E SILVA



AUTORIZAÇÃO DE USO EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

(Imagem, voz, nome, dados biográficos)

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a **João Francisco Miró Medeiros Nogueira**, RG 8.503.158-9, CPF 062.372.659-96, além de todo e qualquer material tais como fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica e divulgação científica** que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Departamento de História (DEHIS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e sejam essas destinadas à divulgação ao público geral e/ou para a formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, dissertações, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (internet, banco de dados informatizado e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**), sem qualquer ônus aos pesquisadores do DEHIS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural e/ou socioambiental voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro, e assino a presente autorização.

João do Trunfo
São Mateus do Sul,

de

de

.

Lucélia Kosloski e Silva

Assinatura

Nome: *LUCÉLIA KOSLOSKI E SILVA*

(28/07/1960)

Endereço:

RG: *3.448.399-0*

CPF: *442.846.919-53*

Telefone para contato: